

2024

PESQUISA EM SAÚDE E MEIO AMBIENTE

uma perspectiva em atenção primária de saúde

Volume 4

Série: Iniciação Científica.

Organizadores:

Maria Raimunda Chagas Silva

Cristina Maria Douat Loyola

Darlan Ferreira da Silva

Fabricio Brito Silva

Flor de Maria Araújo Mendonça Silva

Janaína Maiana Abreu Barbosa

Marcela Lobão de Oliveira

Marcia Rodrigues Veras Batista

Maria Raimunda Chagas Silva
Cristina Maria Douat Loyola
Darlan Ferreira da Silva
Fabricio Brito Silva
Flor de Maria Araújo Mendonça Silva
Janaína Maiana Abreu Barbosa
Marcela Lobão de Oliveira
Marcia Rodrigues Veras Batista
(Organizadores)

PESQUISA EM SAÚDE E MEIO AMBIENTE

UMA PERSPECTIVA EM ATENÇÃO PRIMÁRIA DE SAÚDE

Série Iniciação Científica. Volume 4

Editora Pascal
2024

Editor Chefe: Prof. Dr. Patrício Moreira de Araújo Filho

Edição e Diagramação: Dr. Eduardo Mendonça Pinheiro

Edição de Arte: Marcos Clyver dos Santos Oliveira

Bibliotecária: Rayssa Cristhália Viana da Silva – CRB-13/904

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Dr. Glauber Túlio Fonseca Coelho

Dr^a Samantha Ariadne Alves de Freitas

Dr^a Gerbeli de Mattos Salgado Mochel

Dr. Aruanã Joaquim Matheus Costa Rodrigues Pinheiro

Dr. Elmo de Sena Ferreira Junior

Dr^a Camila Pinheiro Nobre

Dr^a Priscila Xavier de Araújo

Dr^a Anna Christina Sanazario de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S587c

Coletânea Pesquisa em saúde e meio ambiente: uma perspectiva em atenção primária de saúde / Maria Raimunda Chagas Silva *et al.* (Orgs.). — São Luís: Editora Pascal, 2024.

226 f. : il.: (Pesquisa em saúde e meio ambiente; v. 4)

Formato: PDF

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-6068-073-9

D.O.I.: 10.29327/5411221

1. Atenção Primária a Saúde. 2. Serviço Único de Saúde. 3. Meio Ambiente. 4. Qualidade de vida. II. Silva, Maria Raimunda Chagas. II. Loyola, Cristina Maria Douat. III. Silva, Darlan Ferreira Da. IV. Silva, Fabricio Brito. V. Silva, Flor De Maria Araújo Mendonça. VI. Barbosa, Janaína Maiana Abreu. VII. Oliveira, Marcela Lobão De. VIII. Batista, Marcia Rodrigues Veras. IX. Título.

CDU: 614.39+502.2

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2024

www.editorapascal.com.br



UNIVERSIDADE CEUMA

REITORA

Ma. Cristina Nitz da Cruz

PRÓ-REITORA DE PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO

Ma. Fabiana Mendes Lobato

PRÓ-REITOR DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Prof. Dr. Luís Claudio Nascimento da Silva

COORDENADOR DO CURSO DE MEDICINA – Campus Renascença

Prof. Dr. José Márcio Soares Leite

APRESENTAÇÃO

Este livro Pesquisa em saúde e meio ambiente: uma perspectiva em atenção primária de saúde, visa atender à publicação de pesquisas desenvolvidas pelos estudantes de Medicina da Universidade CEUMA, como resultado do aprendizado teórico-prático adquirido no eixo temático “Iniciação Científica”, em ação articulada com o eixo temático Integração Ensino Serviço, Comunidade e Gestão, que compõem a Matriz Curricular do Curso de Medicina. Para sua elaboração, participaram docentes vinculados aos dois eixos temáticos orientando os estudantes de Medicina do 8º período, que atuaram na atenção primária de saúde, ampliando as suas competências com descrição do trabalho de forma clara e objetiva.

Seu principal objetivo é demonstrar que o estudante de Medicina que participa do atendimento na atenção primária pode relatar experiências no trabalho com a comunidade que o preparam para a sua carreira profissional. A integração entre o estudante e os profissionais da equipe gera a obtenção do conhecimento no âmbito educacional e permite mostrar que sob os aspectos cognitivo e emocional é possível estabelecer um nível de confiança que promova um diagnóstico racional com base nas informações coletadas sobre os indivíduos assistidos da comunidade.

Os capítulos que compõem este livro envolvem assuntos diversos do ponto de vista dos condicionantes e determinantes do processo saúde-doença na atenção primária, partindo de situações do cotidiano que estimulam o discente à busca de informações voltadas para solução e enfrentamento de problemas do processo saúde-doença, permitindo efetivamente a busca contínua do conhecimento.

Desta forma, autores, organizadores e a Universidade CEUMA, sentem-se honrados de participar desta obra que evidencia a percepção do estudante do Curso de Medicina sobre os pacientes atendidos na comunidade em seu contexto social, permitindo também o desenvolvimento de um atendimento humanizado, fundamental na formação do futuro médico.

Este livro apresenta temas de cunho científico relacionados ao atendimento na atenção primária, com situações que relatam a experiência dos autores junto ao curso de Medicina da Universidade CEUMA, evidenciando a importância da integralidade do cuidado e a percepção do futuro médico das necessidades de saúde da população.

Prof^a. Me. Suzane Katy Rocha Oliveira

ORGANIZADORAS

Maria Raimunda Chagas Silva

Possui graduação em Química Industrial pela Universidade Federal do Maranhão (1999), Formação pedagógica, Licenciatura em Química pela Instituto de Ensino Superior Franciscano (2017), Especialização Educação Ambiental e Recursos Hídrico pela EESC-CRHEA/USP (2001) mestrado em Química (Química Analítica) pela Universidade de São Paulo (2002) e doutorado em Química Analítica pelo Instituto de Química de São Carlos (2006). Works Mission- Pós- Doutorado: Projeto Desenvolvido no Departamento de Solo Qualitativo, Wageningen University Holanda (2010). Desenvolve de Projeto de Pesquisa e atualmente consultora ADHOC na FAPEMA e CNPQ e Avaliadora da revista CERES e Revista Ciências Exatas e Naturais e RENEFARA. Atualmente é Professora e Pesquisadora (Mestrado Meio Ambiente da Universidade Ceuma) e os Cursos de Engenharia Ambiental e Cível Produção, Farmácia, Nutrição, Biomedicina. Medicina (linha de pesquisa: gestão ambiental e Política e Saúde e Meio Ambiente) . Tem experiência na área de Química, com ênfase em Análise de Metais - Traços e Química Ambiental e identificação microbiológicas e parasitas em areia e água na zona costeiras, atuando principalmente nos seguintes temas: Água potável, águas subterrâneas, microbiologia do solo e água , efluente , alimentos, bromatologia, resíduos sólidos e sedimentos, herbicidas , solo, educação ambiental e bacias hidrográficas.

Cristina Maria Douat Loyola

Graduação em Enfermagem e Obstetrícia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ (1978), Mestrado em Ciências Sociais com área de concentração em Ciência Política no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - IFCS da UFRJ (1984) e Doutorado em Saúde Coletiva no Instituto de Medicina Social - IMS da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ (1996), Pós-doutorado no Center for Addiction and Mental Health - CAMH da Universidade de Toronto-Canadá. Experiência na área de enfermagem, saúde coletiva, políticas públicas e saúde mental. Professora titular aposentada da UFRJ (1979 a 2012); Diretora de Enfermagem do Instituto de Psiquiatria - IPUB/UFRJ (1994 a 2001); Coordenadora do Projeto de Extensão da UFRJ com o governo do Estado do Maranhão, Projeto Viva a Vida (2001 a 2003); Coordenadora Estadual de Saúde Mental da Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, na intervenção da Casa de Saúde Eiras Paracambi e do Instituto de Psiquiatria Teixeira Brandão (2004); Coordenadora do Projeto de Extensão Universitária "Hesfa no Vale do Jequitinhonha" - UFRJ/CPCD-MG; Diretora do Hospital Escola São Francisco de Assis da UFRJ (2005-2008) e coordenadora do Laboratório de Projetos e Pesquisa em Psiquiatria e Saúde Mental - LAPPEPSM/UFRJ; Consultora da Coordenação de Saúde Mental - DAB/SAS/MS Consultora ad hoc da CAPES para demanda internacional (2005 a 2018); Secretária Adjunta de Ações Básicas de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde - MA (2009 a 2014); Consultora ad-hoc da Fundação de Amparo à Pesquisa do Maranhão; Coordenadora Geral do Projeto Cuidando do Futuro: redução da Mortalidade Infantil em 10% em 17 municípios do Maranhão através de tecnologias sociais inovadoras que impactam os determinantes sociais em saúde (2009 a 2013); Coordenadora no foco Saúde, do Projeto nos Trilhos do Desenvolvimento parceria - CPCD/VALE transformando municípios do MA em cidades sustentáveis; Coordenadora Projeto Cuidando do Futuro recurso FIA/VALE em duas Comunidades Quilombolas (Santa Rosa e Santa Joana) com foco nos determinantes sociais de saúde; Coordenadora do Curso de Mestrado Profissional em Gestão de Programas e Serviços de Saúde da Universidade Ceuma ? UniCeuma (2013 a 2014). É professora perma-

nente do mestrado profissional em Gestão de Programas e Serviços de Saúde da UniCeuma (2012 - atual); Professora colaboradora do mestrado em Saúde Mental do Instituto de Psiquiatria - IPUB /UFRJ (2015 - atual); Recebeu os Prêmios: Gente que Faz/OPAS-2006, European Network of Living Lab/ENOLL (BRUXELAS 2012) com o projeto Caring for the future; Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (2012) e o Globalização e Ciência: Intercâmbio de Tecnologias para o Desenvolvimento Humano no Maranhão (2013/FAPEMA); Consultora de Saúde do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento - CPCD (2020 a 2021); Consultora em saúde para o Projeto “Nos Trilhos do Desenvolvimento” coordenado pelo CPCD e parceria com a Cia Vale e do Projeto Cuidadoras Leigas da Fundação Vale e CPCD; Título de Professora Emérita da UFRJ (2022).

Darlan Ferreira da Silva

Doutor em Química Analítica pela Universidade de São Paulo - IQSC/USP (2016). Mestre em Química Analítica pela Universidade Federal do Maranhão UFMA (2010). Graduado em Licenciatura em Química pela Universidade Estadual do Maranhão - UEMA (2008). Durante o mestrado desenvolveu pesquisa na área de Química Analítica, estudando a contaminação por inseticidas organofosforados em grãos de arroz por meio de técnicas cromatográficas (HS-SPME-GC/MS) na Universidade Federal do Maranhão e eletroanalíticas empregando biossensores amperométricos na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (IQ/UNESP). Durante o doutorado adquiriu experiência na área química analítica ambiental, atuando nos seguintes temas: contaminação de solos, poluentes orgânicos persistentes (POPs, PCBs), métodos de extração em fase sólida (SPE, SPME), extração assistida por micro-ondas (MAE), cromatografia líquida de alta eficiência (HPLC), cromatografia gasosa (GC/MS), bioerbicidas, otimização de métodos (RSM). Tem experiência no Sistema de Gestão de Laboratório (NBR ISO/IEC 17025 e Boas Práticas de Laboratório) e no Sistema de Gestão Ambiental (NBR ISO 14001). Atualmente, trabalha com análise de fitoativos em resíduos orgânicos; bioadsorvente; análise de parâmetros físico-químicos de água, solo e sedimento; Processos Oxidativos Avançados (POA) utilizando análise estatística multivariada.

Fabício Brito Silva

Doutor em Sensoriamento Remoto (INPE/2013) onde atuou em modelagem ambiental na Amazônia, professor titular na Universidade CEUMA, onde atua nos cursos de graduação em Medicina, Engenharia da Computação e Arquitetura. Participou da elaboração e fundação do Mestrado em Meio Ambiente, o qual coordenou no período de 2006 a 2020 e em seguida atuou como Pró Reitor de Pós Graduação, Pesquisa e Extensão (2020 a 2022). Lidera o grupo de pesquisas Geotecnologias no Estudo dos Ecossistemas Maranhenses e orienta dissertações de mestrado e publicações na área de modelagem ambiental, com ênfase nos impactos ambientais e das mudanças climáticas na saúde humana. Atualmente é acadêmico do curso de Psicologia na Universidade CEUMA, onde desenvolve pesquisas na área de neurociências, investigando o impacto do ambiente na plasticidade cerebral, na gestão de conflitos e na tomada de decisões.

Flor de Maria Araújo Mendonça Silva

Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Senso em Meio Ambiente da Universidade CEUMA na Linha de Pesquisa Saúde e Meio-Ambiente. Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Maranhão; Mestre em Saúde Materno Infantil pela Universidade Federal do Maranhão; Graduada em Psicologia pela Universidade - Brasília - DF. Docente da Universidade CEUMA nos cursos de Psicologia, Medicina; Professora Permanente do Mestrado em Gestão de Programas e Serviços de Saúde da Universidade

CEUMA; Consultora ad hoc FAPEMA/MA. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Gestão em Saúde (NEGESA/UNICEUMA); Pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Saúde Coletiva do Maranhão; Pesquisadora e Líder do Grupo de Pesquisa em Saúde Coletiva e Políticas Públicas (PEPOP/UNICEUMA).

Janaína Maiana Abreu Barbosa

Nutricionista. Doutora em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestre em Saúde Coletiva pelo Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Especialista em Saúde da Família pela Universidade Estácio de Sá e em Nutrição Clínica com ênfase em Terapia Nutricional pelo GANEP. Professora Adjunta Nível I do Curso de Nutrição da Faculdade Santa Terezinha ? CEST. Docente do Curso de Nutrição e de Medicina da Universidade CEUMA. Líder do grupo de Pesquisas Integradas em Saúde Coletiva - Universidade CEUMA/CNPq. Membro do Grupo de Pesquisa em Alimentação e Nutrição - Universidade CEUMA/CNPq. Tem experiência nos temas: Doenças Cardiovasculares, Depressão, Ansiedade, Consumo de Açúcar de Adição e Segurança Alimentar e Nutricional.

Marcela Lobão de Oliveira

Doutoranda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Maranhão. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão. Pós-Graduação em Psicologia Hospitalar, Saúde Mental e Saúde do Idoso. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Maranhão. Tem experiência na área de Psicologia, com ênfase em Psicologia da Saúde, Psicologia Hospitalar e Social. Desenvolve pesquisa na área da Gerontologia e Saúde Coletiva. Atua como docente da Universidade CEUMA nos cursos de Psicologia e Medicina. É membro do NDE e Colegiado do Curso de Psicologia da Universidade CEUMA. Atuou como docente de cursos de Pós-Graduação no UNICEUMA, Faculdade Gianna Berretta e da Faculdade Laboro. Atuou como docente do Instituto Florence de Ensino Superior nos Cursos de graduação da área da saúde e do Curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras de São Luís. Atuou como Coordenadora Adjunta do Curso de Psicologia da Faculdade Pitágoras. Foi membro do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital São Domingos. Foi membro da Sociedade Brasileira de Gerontologia e do Comitê de Ética do Conselho Regional de Psicologia do Maranhão (Regional 22).

Marcia Rodrigues Veras Batista

Mestre em Gestão de Programas e Serviço de Saúde ;Graduada em Enfermagem pela Universidade Ceuma (2006). Atualmente é professora titular da Universidade Ceuma. Tem experiência na área de conhecimento no curso de Medicina em Saúde da Família e Simulação Realística e no curso de Enfermagem em UTI Adulto. Experiência hospitalar em UTI neonatal, pediátrica e adulto e em Atenção Primária em Saúde.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 117

ASSOCIAÇÃO ENTRE SAÚDE MENTAL E DOENÇAS AUTOIMUNES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Camila Mesquita Lima

Ana Luiza da Veiga Albino

Israel Rabelo Batalha de Sena

Emanuela Martins Bezerra

Huan Lin Ffa

Jorge Carlos Pittas Reinbold Neto

Letícia Arruda Vasconcelos

Shen Bruna Pagung Costa

Ana Clara Queiroga Estrela Barros

Beatriz Moreira Lima Abas

Marcia Rodrigues Veras Batista

Flor de Maria Araújo Mendonça Silva

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-1](https://doi.org/10.29327/5411221.1-1)

CAPÍTULO 2.....27

INFLUÊNCIA DO PERFIL DIETÉTICO NA ANEMIA FERROPRIVA EM GESTANTES

Ana Letícia De Souza e Souza

Assíria De Araújo Chaves Correia

Elane Tavares Costa De Oliveira

Gabriel Pereira De Sousa

Ingrid Oliveira da Costa

Isabela de Lacerda Lima

Lemuel Kalil da Silva Viera

Giovanna Silva Elias Ericeira

Romero Henrique Carvalho Bertrand Filho

Enzo Derick Guterres Oliveira

Gilberto Assunção Costa Júnior

Adriana Sousa Rêgo

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-2](https://doi.org/10.29327/5411221.1-2)

CAPÍTULO 3.....38

DOENÇAS INTESTINAIS COMO FATOR POTENCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO DE DOENÇAS NEURODEGENERATIVAS

Isabela Feitosa Andrade

Juliana Lacerda Melo

Kamila Santos De Oliveira Sousa

Maria Clara Pinheiro Araújo
Paula Fernanda Buhatem De Sousa
Renata Moreira Lima Leite Leal
Alessandra Porto de Macedo Costa
Fabrício Brito Silva

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-3](https://doi.org/10.29327/5411221.1-3)

CAPÍTULO 4.....47

CONHECIMENTO E PRÁTICA DO USO DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS POR ADOLESCENTES DE SÃO LUÍS – MA

Andressa Silva De Carvalho Barreto
Camila Coelho Chaves Gaspar
Fábio Henrique Dias De Macedo Filho
Isabela Maria Mesquita Moreira
Kaline Dos Santos Kishishita Castro
Manoel Pedro Batista Cutrim
Yasmin Gama Machado Fernandes Ribeiro
Claudia Zeneida Gomes Parente Alves Lima
Bruno Mileno Magalhães de Carvalho
Maria Raimunda Chagas Silva

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-4](https://doi.org/10.29327/5411221.1-4)

CAPÍTULO 5.....59

HANSENÍASE NA TERCEIRA IDADE: UMA ABORDAGEM NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

Giulia Germano de Azevedo Silva
Bianca Regina Martins Nunes Araújo
João Victor Carvalho Duarte
Luciana Cutrim Paiva
Marisa de Sá Freitas
Priscila Gomes Silva Serpa
Carlos Eduardo de Araújo Carvalho
Nicole Tifane Sampaio Soares
Ana Clara Nogueira dos Santos Vasconcelos Coutinho
Dalciney Máximo Diniz
Wellyson da Cunha Araújo Firmo
Flor de Maria Araújo Mendonça Silva

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-5](https://doi.org/10.29327/5411221.1-5)

CAPÍTULO 6.....69

IMPACTO DA COVID-19 NOS CASOS DE HIPERTENSÃO ARTERIAL SISTÊMICA NO BRASIL ENTRE OS ANOS DE 2018 E 2021

André Ricardo Dias Miranda

Antônio Carlos Teles Rabelo Neto

Brenda da Silva Lima

Cleidson de Moraes Silva

Evelyn Kelly de Souza Amaral

Enzo Lobato Ramalho Do Espírito Santo

Augusto Hipolito Chagas Freato

Washington Kleber Rodrigues Lima

Fabício Brito Silva

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-6](https://doi.org/10.29327/5411221.1-6)

CAPÍTULO 7.....81

A IATROGENIA NA POLIFARMÁCIA EM IDOSOS

Ana Clara de Almeida Mendes

Augusto Hipolito Chagas Freato

Cibele Correa Mendes

Emanuely Gomes de Pádua Sá

Leonardo Menegussi Machado

Sahda Elouf Simão

Valdemiro Freitas Neto

Lucas Frota Beckman

Raquel Araujo de Carvalho

Rosângela Rodrigues Alencar

Silvia Raimunda Costa Leite

Maria Raimunda Chagas Silva

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-7](https://doi.org/10.29327/5411221.1-7)

CAPÍTULO 891

SINTOMAS DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM LACTANTES ATENDIDAS EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE: PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS

Adriel Macedo Nascimento

Giovanna Christine Oliveira Ferreira

Leandra Campos Silva

João Victor Diniz Pinheiro

Juliana Lobato Miranda Pereira

Paulo Ferreira de Sousa Júnior

Letícia Webá Couto Rocha

Daniel Araújo Costa Lima

Isabella Aragão Pacheco
Yuri Alfredo Araújo Mendonça Silva
Livia Moreira Abas
Flor de Maria Araújo Mendonça Silva

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-8](https://doi.org/10.29327/5411221.1-8)

CAPÍTULO 9.....102

DERMATITE ATÓPICA EM CRIANÇAS

Letícia Arruda Vasconcelos
Lincoln Alexandre de Lima Sobrinho
Lucas Arruda Macedo Coelho
Mateus de Jesus Garros Abreu
Maurício Luís Dall ´agnol
Tereza Cristina Barbosa Ribeiro do Vale
Victória Régis Lustosa Aragão
Paula de Lourdes Lauande Oliveira
Marcela Lobão de Oliveira
Cristina Maria Douat Loyola

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-9](https://doi.org/10.29327/5411221.1-9)

CAPÍTULO 10.....109

HIPERTENSÃO ARTERIAL EM IDOSOS: PREVALÊNCIA E FATORES DE RISCO

João Victor Dias de Araújo
Josimar Cunha Rodrigues Júnior
Laerte Machado Ribeiro Júnior
Lincoln Alexandre de Lima Sobrinho
Luis Felipe Eidam Mendes
Rafael Almeida Cruz Góes
Wesley Wenner dos Santos
Bruno Mileno Magalhães de Carvalho
Fabrício Brito Silva

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-10](https://doi.org/10.29327/5411221.1-10)

CAPÍTULO 11.....119

RASTREIO DE PRÁTICAS DE ATIVIDADE FÍSICA E COMPORTAMENTO NUTRICIONAL EM GESTANTES DO PRIMEIRO AO TERCEIRO TRIMESTRE

Lucas Sousa Cavalcante
Anderson dos Santos Freire Lima
Edmilson Gonçalves Rodrigues Neto
Nelson Aragão Lopes
Wilson César Gomes Moraes

Victor Kleber Gomes Parente Alves Lima
Fernanda de Jesus Lopes de Melo
Tatiana Maria Barreto de Freitas
Mara Izabel Carneiro Pimentel
Suzane Katy Rocha Oliveira
Darlan Ferreira da Silva

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-11](https://doi.org/10.29327/5411221.1-11)

CAPÍTULO 12126

CONSEQUÊNCIAS DO USO DE ÁLCOOL E TABACO NO FETO

Rhamid Kalil Trabulsi
Augusto Hipolito Chagas Freato
Rhana Luiza Trabulsi
Francisco Jose da Conceição Lima
André Luis Meneses da Costa
Bruna Katarine Beserra Paz
Sayure dos Reis Fecury
Agésilau Coelho de Carvalho
Rita de Cássia Costa Camarão
Tatyana Santana de Azevedo Silva
Suzane Katy Rocha De Oliveira
Maria Raimunda Chagas Silva

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-12](https://doi.org/10.29327/5411221.1-12)

CAPÍTULO 13133

USO INDISCRIMINADO DE PSICOFÁRMACOS ENTRE ACADÊMICOS E EGRESSOS DO CURSO DE MEDICINA EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO: REFLEXÕES SOBRE A SAÚDE MENTAL NA FORMAÇÃO MÉDICA

Grazielle Coelho da Silva
Leonardo Simão da Silva
Lorena Araújo da Silva Bringel
Lucas Carneiro Costa Passos
Lucas Eloy Veras
Pedro Guilherme Coutinho Ribeiro
Rebecca Clara Brasil Leite Mesquita
Ruan Lucas Costa Bastos
Bruna Katarine Beserra Paz
Fabício Brito Silva

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-13](https://doi.org/10.29327/5411221.1-13)

CAPÍTULO 14.....145

LESÃO TRANSFIXANTE EM REGIÃO CERVICAL – ZONA II E III: RELATO DE CASO

Amanda Fonseca Cruz

Gil Gabriel Lima dos Santos Fonseca

João Aristeu Mendes Cortez

Maria Eduarda Silva Cardoso

Kevyn Campos Conceição

Fernando Pinheiro Costa Junior

Carlos Alberto da Silva Frias Neto

Marcelo Sampaio Bonates dos Santos

Heetor Campora Oliveira Carvalho

Maria Raimunda Chagas Silva

Suzane Katy Rocha Oliveira

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-14](https://doi.org/10.29327/5411221.1-14)

CAPÍTULO 15152

ICTERÍCIA OBSTRUTIVA SECUNDÁRIA A TUMOR DE PÂNCREAS

Freide de Carvalho Reis Filho

Ilmarya Barros Pereira

Mirelle Sousa Nascimento Corrêa

Lino Fernando Mattos de Souza

Cynthia de Araújo Torres

Josivânia Monteiro de Castro

Carlos Eduardo de Castro Passos

Deborah Adriane Pinheiro Trindade

Fernanda Rachel Melo e Vidigal do Ó

Maria Raimunda Chagas Silva

Suzane Katy Rocha Oliveira

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-15](https://doi.org/10.29327/5411221.1-15)

CAPÍTULO 16159

AVALIAÇÃO COGNITIVA DE PACIENTES IDOSOS QUE FORAM DIAGNOSTICADOS COM O CORONAVÍRUS DISEASE (COVID-19)

Quéren Quezia Penha Campos

Lais Nunes Santana

Giselle Fernanda Matos Pereira

Rita Karla Pereira de Araújo

Lucas Gabriel dos Santos Muniz

Thaís Viviane Feio da Luz de Faria

Katiane Gomes de Melo Veras

Julyanna Monteiro Assunção Vilaça

Ana Flávia Moura Carvalho
Gilberto Assunção Costa Junior
Marcela Lobão de Oliveira

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-16](https://doi.org/10.29327/5411221.1-16)

CAPÍTULO 17170

A VIVÊNCIA DOS PORTADORES DE HANSENÍASE SOBRE O ESTIGMA DA DOENÇA

Júlia Leite Xavier Bertrand
Ana Beatriz Matos de Souza
Beatriz Furtado Ferro
Maria Helena Milones da Silva
Vânia Maria Mourão Sales
Viviane Cardoso Lima de Oliveira
Maurício Luís Dall'Agnol
Ana Letícia Teles de Freitas
Francisca Bruna Arruda Aragão
Janaína Maiana Abreu Barbosa
Lucas Frota Beckman
Flor de Maria Araújo Mendonça Silva

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-17](https://doi.org/10.29327/5411221.1-17)

CAPÍTULO 18180

AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE ADULTOS ACERCA DOS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Beatriz Barrozo Gonzalez Oliveira
Bruna Gonçalves Dantas de Almeida
João Victor Lima dos Santos
Maria Eduarda Pereira Resplandes Coutinho
Maria Isabella Farias de Araujo
Mariana Silva Regatas
Mariane Rodrigues Carvalho
Flor de Maria Araújo Mendonça Silva
Adriana Sousa Rêgo
Janaina Maiana Abreu Barbosa

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-18](https://doi.org/10.29327/5411221.1-18)

CAPÍTULO 19190

DIFICULDADE NA ADESÃO DO TRATAMENTO EM PACIENTES COM HIPERTENSÃO ARTERIAL SISTÊMICA

Ádylia Wilenna Alves Dourado
Ana Tassia Queiroz Lopes

Carla Carolina Ferreira Dos Reis
Daniel Da Silva França Pinheiro
Leônidas Vaz De Souza
Lucas Casimiro Barreto
Eliana De Jesus Cabral Sá Ferraz
Janaina Maiana Abreu Barbosa

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-19](https://doi.org/10.29327/5411221.1-19)

CAPÍTULO 20210

PREVALÊNCIA DE SÍNDROME METABÓLICA DE USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO DO HIPERTENSO E DIABÉTICO

Ana Paula Costa Linhares
Daniel Vitor dos Santos Rodrigues
Isac Sousa Nascimento
Isadora Marçal Barbosa Fernandes
Ivana Maria Batista Santos
Kauanna Layla Marques Cavalcante de Oliveira
Maria Fernanda Sousa Linhares
Sandara Cardoso Muniz
Vitor Castro dos Santos
Janaina Maiana Abreu Barbosa

D.O.I.: [10.29327/5411221.1-20](https://doi.org/10.29327/5411221.1-20)

1

ASSOCIAÇÃO ENTRE SAÚDE MENTAL E DOENÇAS AUTOIMUNES: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

ASSOCIATION BETWEEN MENTAL HEALTH AND AUTOIMMUNE DISEASES: AN
INTEGRATIVE REVIEW

Camila Mesquita Lima¹

Ana Luiza da Veiga Albino¹

Israel Rabelo Batalha de Sena¹

Emanuela Martins Bezerra¹

Huan Lin Ffa¹

Jorge Carlos Pittas Reinbold Neto¹

Letícia Arruda Vasconcelos¹

Shen Bruna Pagung Costa¹

Ana Clara Queiroga Estrela Barros¹

Beatriz Moreira Lima Abas¹

Marcia Rodrigues Veras Batista¹

Flor de Maria Araújo Mendonça Silva²

¹ Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

² Docente em Medicina e do Mestrado em Gestão de Programas e Serviços de Saúde da Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

As doenças autoimunes ocorrem devido ao mal funcionamento do sistema Imunológico, fazendo com que o próprio corpo ataque seus tecidos, sendo o lúpus eritematoso sistêmico (LES), artrite reumatoide (AR), tireoidite de Hashimoto e púrpura trombocitopênica idiopática as doenças mais comuns. Sendo que cerca de 85% dos pacientes são do sexo feminino. Essas doenças geralmente possuem muitas vezes incertezas e demoras diagnósticas, o que afeta diretamente a saúde mental dos pacientes com doenças reumáticas autoimunes, levando esses pacientes a quadros de ansiedade e depressão. Desse modo, esta revisão integrativa abordará a associação entre saúde mental e doenças autoimunes. Trata-se de um estudo realizado por meio de levantamento bibliográfico por ocasião da realização de uma revisão integrativa. Realizada nas plataformas PubMed, Scielo e Scopus, entre 2019 e 2024, a pesquisa utilizou descritores em inglês, como “Mental Healths” e “Autoimmune Diseases”. Critérios de exclusão e inclusão foram aplicados, além disso, foram aplicados os seguintes filtros: texto completo gratuito, ensaio clínico e ensaio controlado randomizado. A busca sistemática de literatura resultou em 83 artigos. Foram excluídos 1 artigo por ser duplicado. Desse modo, a amostra final obteve o total de 8 artigos. Em conclusão, esta revisão destaca a relevância em identificar como a saúde mental afeta diretamente pacientes com doenças reumáticas autoimunes, e vice-versa.

Palavras-chave: Associação, Doenças Autoimunes, Saúde Mental.

Abstract

Autoimmune diseases occur due to the malfunction of the immune system, causing the body itself to attack its tissues, with systemic lupus erythematosus (SLE), rheumatoid arthritis (RA), Hashimoto's thyroiditis and idiopathic thrombocytopenic purpura being the most common diseases. Around 85% of patients are female. These diseases often have uncertainties and diagnostic delays, which directly affects the mental health of patients with autoimmune rheumatic diseases, leading these patients to suffer from anxiety and depression. Therefore, this integrative review will address the association between mental health and autoimmune diseases. This is a study carried out through a bibliographic survey on the occasion of carrying out an integrative review. Conducted on the PubMed, Scielo and Scopus platforms, between 2019 and 2024, the research used descriptors in English, such as “Mental Healths” and “Autoimmune Diseases”. Exclusion and inclusion criteria were applied, in addition, the following filters were applied: text free complete clinical trial and randomized controlled trial. The systematic literature search resulted in 83 articles. 1 article was excluded because it was duplicated. In conclusion, this review highlights the relevance. identify how mental health directly affects patients with autoimmune rheumatic diseases, and vice versa.

Key-words: Association, Autoimmune Diseases, Mental Health.

1. INTRODUÇÃO

As doenças autoimunes refletem o mal funcionamento do sistema imunológico, levando o corpo a atacar seus próprios tecidos, devido à dificuldade de discernir entre os antígenos estranhos e o do hospedeiro. As doenças mais comuns, identificadas, especialmente na atenção primária são: lúpus eritematoso sistêmico (LES), artrite reumatoide (AR), tireoidite de Hashimoto e púrpura trombocitopênica idiopática (Araújo, 2017).

Existe muitas enfermidades autoimunes que não nos permite destacar grupos suscetíveis especificamente a determinadas enfermidades, já que as estimativas podem variar de um caso recém-diagnosticado de esclerose sistêmica a mais de 20 casos de artrite reumatoide adulta a cada 100.000 pessoas-ano (Cooper *et al.*, 2022). Contudo, a análise das mais prevalentes doenças autoimunes da atualidade, indica que, pelo menos 85% das pacientes com tireoidite, esclerose sistêmica, lúpus eritematoso sistêmico e doença de Sjögren são do sexo feminino. (Cooper *et al.*, 2022). As mulheres são as mais acometidas por essas enfermidades, concomitante aos transtornos de ansiedade generalizada (TAG), transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) (Steiner, 2005).

Não se sabe ao certo a etiologia das doenças autoimunes, mas elas surgem quando há comprometimento de mecanismos imunomoduladores e de proteção contra autoimunidade, mimetização de antígenos de patógenos com moléculas endógenas, modificação de proteínas endógenas ou expressão gênica por xenobióticos e mutações de genes imunomoduladores adquirida ou herdada (Costa *et al.*, 2019).

Os sintomas vão depender do tecido e órgão afetado. Essas doenças geralmente possuem muitas vezes incertezas e demoras diagnósticas, o que afeta diretamente a saúde mental dos pacientes com doenças reumáticas autoimunes, levando esses pacientes a quadros de ansiedade e depressão (Zachary *et al.*, 2022).

Existe ainda a associação entre doenças mentais nos pais e o desenvolvimento de doenças autoimunes na prole. Sendo constatado que a doença mental nos pais causou um pequeno aumento no risco de doenças autoimunes na criança. Ansiedade e depressão foram os transtornos mais comuns, causando artrite idiopática juvenil, psoríase e diabetes mellitus 1. Assim como alguns transtornos serviram como medida protetiva para o desenvolvimento de doenças autoimunes na prole: psicose materna com risco reduzido de doença celíaca e uso indevido de álcool/drogas pelo pai com risco reduzido de doença inflamatória intestinal (Nevriana *et al.*, 2022).

Dessa forma, o objetivo desse estudo foi identificar a associação entre saúde mental e o desenvolvimento de doenças autoimunes, além dos impactos da psicoterapia no tratamento de doenças autoimunes.

2. MÉTODOS

Este artigo apresenta uma revisão integrativa que teve como base a pesquisa realizada nas plataformas PubMed, Scielo e Scopus. Realizadas buscas manuais nas referências dos artigos selecionados. As buscas ocorreram no período de publicação de 2019 a 2024. Os descritores em ciências da saúde (DeCS) utilizados foram selecionados na língua inglesa e incluíram os termos “Mental Healths” e “Autoimmune Diseases”. Além disso, foram aplicados os seguintes filtros: texto completo gratuito, ensaio clínico e ensaio controlado randomizado.

Para garantir a qualidade e relevância dos estudos incluídos, foram aplicados critérios de inclusão e exclusão. O critério de inclusão adotado foi: oferecer texto para leitura na íntegra e tópico que especificasse o tipo de doença mental como ansiedade, depressão e estresse. Além disso, foram excluídos estudos não-epidemiológicos e estudos que não abordaram diretamente o objetivo da pesquisa.

A pré-seleção de artigos foi feita pela leitura preliminar de títulos e resumos. Os estudos pré-selecionados foram lidos na íntegra pela seleção final dos artigos para análise. Esta fase está representada na Figura 1. Os dados dos artigos selecionados foram registrados individualmente, em uma matriz de coleta de dados com destaque para objetivo, metodologia, resultados e conclusão (quadro 1).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram encontrados 83 artigos durante a pesquisa nas bases de dados, seguindo as estratégias de busca estabelecidas (figura 1). Após a análise dos títulos e resumos, identificou-se que 18 artigos poderiam ser considerados para inclusão no estudo, os quais foram então recuperados para leitura completa. Destes, 9 artigos foram selecionados após a leitura integral, seguindo os critérios de inclusão e exclusão definidos. O fluxograma da seleção de estudos sobre a relação entre saúde mental e doenças autoimunes foi elaborado.

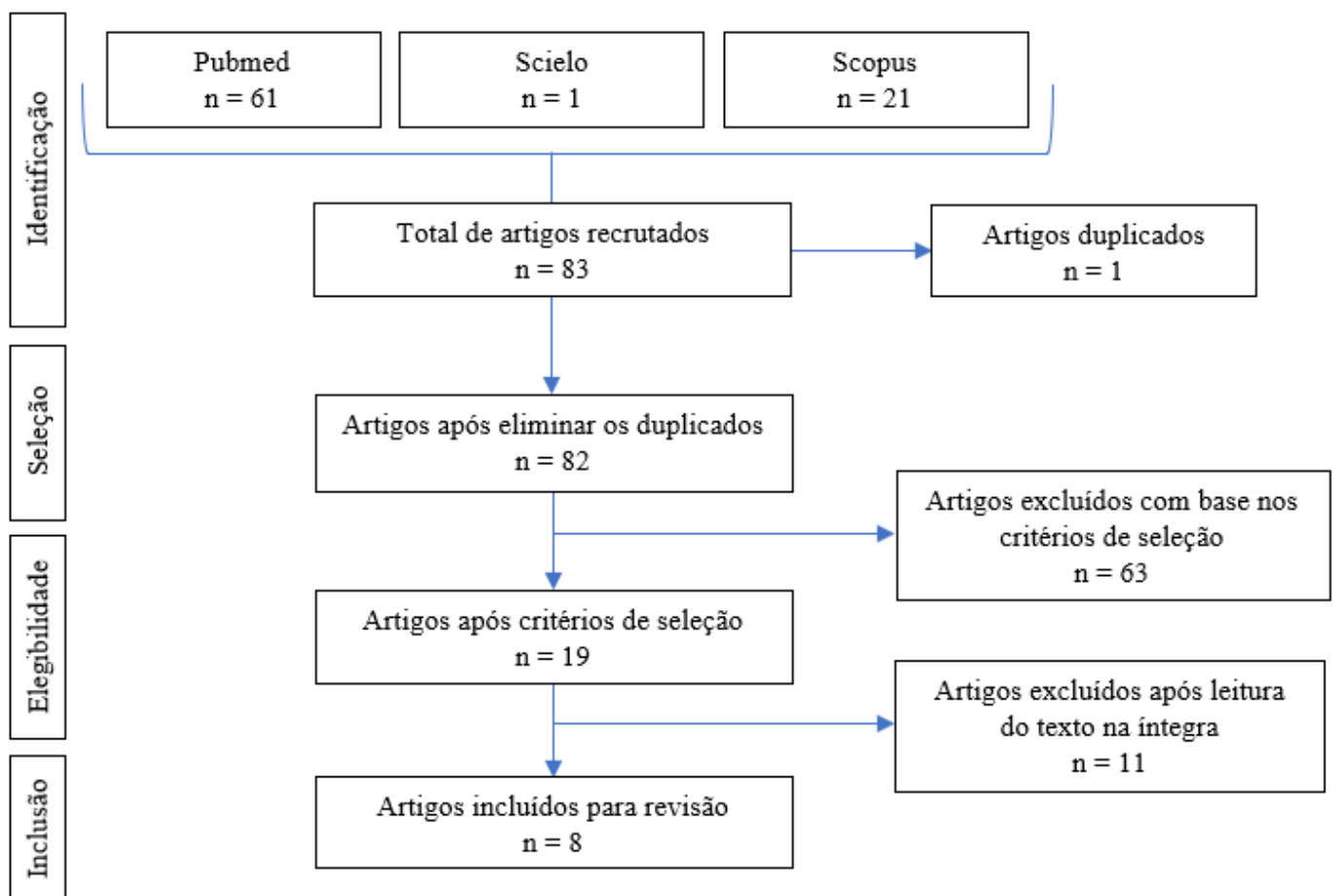


Figura1. Fluxograma da seleção de estudos sobre a associação entre saúde mental e doenças autoimunes entre 2019 a 2024.

Fontes: Autores (2024)

Quanto às publicações encontradas nas bases de dados, os critérios de busca resultaram em 61 artigos no PubMed, 1 no Scielo e 21 no Scopus. Na etapa de seleção baseada nos títulos e resumos, foram identificados 13 artigos no PubMed, 1 no Scielo e 5 no Scopus. Posteriormente, após a leitura completa, foram selecionados 4 artigos no PubMed, 0 no Scielo e 4 no Scopus. Os critérios de exclusão foram aplicados para remover artigos não epidemiológicos, aqueles que não se relacionavam ao tema da pesquisa e os mais focados em tratamento. De inclusão foram usados artigos voltados à ansiedade, depressão e estresse, associados às doenças autoimunes. Todos os artigos analisados apresentaram tipologia qualitativa ou quantitativa.

Os estudos analisados forneceram insights importantes sobre a associação entre saúde mental e doenças autoimunes. A Quadro 1 apresenta um resumo das características desses estudos, incluindo o objetivo, métodos, resultados e conclusão.

Quadro 1. Matriz de coleta de dados de artigos qualitativos e quantitativos sobre associação entre saúde mental e doenças autoimunes. Fontes: Autores (2024).

Artigo	Objetivo	Métodos	Resultado	Conclusão
<i>Internet-delivered cognitive behavioural therapy programme to reduce depressive symptoms in patients with multiple sclerosis: a multicentre, randomised, controlled, phase 3 trial</i>	O objetivo foi avaliar a segurança e eficácia de um programa de terapia cognitivo-comportamental (iCBT) específico para esclerose múltipla, baseado na Internet, para o tratamento de sintomas depressivos associados à doença.	Trata-se de um estudo multicêntrico, randomizado e controlado, com grupos paralelos. Conduzido em cinco centros acadêmicos localizados na Alemanha e nos Estados Unidos, que possuem grandes unidades ambulatoriais especializadas no tratamento da esclerose múltipla.	Este estudo de fase 3 analisou a eficácia da iCBT no tratamento da depressão em pacientes com esclerose múltipla. Houve melhorias significativas na depressão, qualidade de vida e fadiga, sem efeitos adversos graves.	O estudo mostrou a eficácia e segurança de uma ferramenta online para tratar sintomas depressivos em pacientes com esclerose múltipla por 12 semanas, proporcionando uma opção terapêutica escalável e superando barreiras de acesso médico.
<i>The late onset of emotional distress in people with progressive multiple sclerosis during the Covid-19 pandemic: longitudinal findings from the CogEx study.</i>	O estudo buscou fornecer dados comportamentais de acompanhamento na amostra CogEx, demonstrando poucas mudanças nos sintomas de depressão, ansiedade e sofrimento psíquico durante a primeira reclusão por COVID-19 em pessoas com EM progressiva.	O estudo avaliou o impacto do exercício e reabilitação cognitiva em pacientes com Esclerose Múltipla progressiva em 11 centros, utilizando o teste SDMT e o CogEx para avaliar os efeitos da COVID-19.	Dos 131 participantes, 74 completaram a segunda pesquisa após 11,4 meses. A pandemia dificultou a coleta de dados. Não houve diferenças significativas entre participantes e não participantes, exceto por um caso de COVID. Houve deterioração na saúde mental e aumento na depressão.	Um período de acompanhamento mais longo revelou o início retardado de sintomas depressivos de clínica significativa na HADS e uma diminuição nas autopercepções de bem-estar físico e mental associado à pandemia de COVID-19 comparado ao primeiro ponto de dados de acompanhamento.

<i>Health-related quality of life in systemic sclerosis compared with other rheumatic diseases: a cross-sectional study.</i>	O estudo comparou a qualidade de vida relacionada à saúde em pacientes com esclerose sistêmica, outras doenças reumatóides e a população em geral, destacando a pior QVRS dos pacientes com esclerose sistêmica.	O estudo analisou pacientes com doenças reumáticas em um hospital em Seul, comparando seus questionários de qualidade de vida com os de 600 coreanos saudáveis. Um teste ANCOVA foi realizado.	Foram estudados 120 pacientes em cada grupo de diversas doenças reumáticas, com resultados indicando que os pacientes com esclerose sistêmica tiveram os piores índices de qualidade de vida e saúde mental, especialmente aqueles com maior comprometimento da pele.	Pacientes com ES descreveram piora na qualidade de vida relacionada à saúde (QVRS) do que pacientes com AR ou LES. A extensão do acometimento da pele está associada a pior QVRS em pacientes com ES.
<i>The emotional impact of the COVID-19 pandemic on individuals with progressive multiple sclerosis</i>	O estudo examinou o impacto da pandemia de COVID-19 na sintomatologia emocional e na qualidade de vida em indivíduos com Esclerose Múltipla Progressiva.	Dados obtidos de ensaio clínico randomizado em 11 centros na Europa e EUA com 131 pessoas com esclerose múltipla progressiva. A pesquisa foi feita por telefonemas e e-mails, devido às medidas sanitárias governamentais.	Cerca de 4% dos indivíduos tiveram COVID-19 e não houve alterações significativas na saúde mental dos pacientes com esclerose múltipla desde o início da pandemia até o confinamento, embora os scores de depressão tenham aumentado, não houve tradução em depressão clinicamente significativa.	No geral, poucas mudanças foram observadas nos sintomas de depressão ou ansiedade ou na qualidade de vida geral.
<i>Impaired health-related quality of life in idiopathic inflammatory myopathies: a cross-sectional analysis from the COVAD-2 e-survey</i>	O estudo visa avaliar a qualidade de vida relacionada à saúde em pacientes com miopatias inflamatórias idiopáticas em comparação com pacientes com outras condições autoimunes e sem doenças autoimunes. Foram utilizados dados do instrumento PROMIS do banco de dados COVAD-2.	Dados demográficos, atividade da doença, comorbidades, diagnósticos, tratamentos e dados do instrumento PROMIS foram analisados. Por meio de análise de regressão multivariada foram identificados os fatores que afetam as pontuações GPH e GMH nos IIMs.	Uma avaliação feita até maio de 2022 mostrou que pacientes com doenças autoimunes, como IIM, tinham qualidade de vida relacionada à saúde mais baixa, especialmente os com miosite de corpos de inclusão. Fatores como comorbidades, medicamentos e doenças ativas foram relacionados a essa menor qualidade de vida em pacientes com IIM.	Em pacientes com MII, a saúde física e mental estão significativamente prejudicadas, principalmente naqueles com comorbidades e aumento da fadiga, sendo de extrema importância as experiências relatadas pelos pacientes e do cuidado multidisciplinar otimizado para melhorar o bem-estar em pessoas com MII.

<i>Mental disorders in nursing professionals in the pre-vaccination period of the COVID-19 pandemic</i>	Esse estudo tem como objetivo encontrar os fatores associados à ocorrência de transtornos mentais em profissionais de enfermagem que atuam em instituições hospitalares no período de pré-vacinação na pandemia COVID-19.	Entre novembro de 2020 e fevereiro de 2021, 859 profissionais de enfermagem, atuantes em três instituições hospitalares de ensino brasileiras, que responderam ao formulário de coleta de dados, participaram do estudo multicêntrico de abordagem quantitativa, transversal, descritiva e analítica.	Ficou evidente a ocorrência de transtornos mentais em 128 profissionais, de 358 diagnosticados com COVID-19.	Doença autoimune e diabetes, assim como a assistência direta a pacientes com COVID-19, foram relacionadas à ocorrência de sintomas de transtornos mentais em profissionais de enfermagem.
<i>COVID-19 quarantine in adolescents with autoimmune rheumatic diseases: mental health issues and life conditions</i>	Avaliar a saúde mental e as condições de vida em adolescentes com doenças reumáticas autoimunes (ARDs) e controles saudáveis colocados em quarentena durante a pandemia de COVID-19.	O estudo envolveu 155 adolescentes com DRA e 105 saudáveis, respondendo a um Questionário SDQ e um questionário sobre dados demográficos, rotina e práticas de atividades físicas durante a pandemia.	Um estudo identificou condições comuns em pacientes jovens, como artrite idiopática juvenil, lúpus eritematoso sistêmico juvenil e dermatomiosite juvenil. Não houve diferenças significativas em relação a gênero, etnia e idade em comparação com o grupo de controle. Mulheres apresentaram mais disfunção emocional e problemas de sono, afetando a saúde mental. Pacientes com artrite reumatoide em uso de prednisona enfrentaram mais problemas com colegas.	Durante a quarentena da COVID-19, pacientes com AIJ, LES e dermatomiosite mostraram pontuações anormais no SDQ, especialmente emocional. Problemas de sono foram destacados como fator principal nessas dificuldades emocionais.

<i>Hair cortisol concentration, cognitive, behavioral, and motor impairment in multiple sclerosis</i>	Avaliar as funções motoras e comportamentais, habilidades de planejamento, velocidade de processamento e sua relação com o estresse por meio das medidas da concentração de cortisol capilar de pacientes com Esclerose Múltipla (EM).	A amostra foi feita com 73 pessoas, 40 delas com EM e 33 saudáveis. Avaliou-se o nível de cortisol de todos durante 30 dias, fazendo diferentes testes, entre eles, mini mental, avaliação de depressão, Medida Composta Funcional de Esclerose Múltipla, escala de estresse percebido e outros.	Indivíduos com esclerose múltipla demonstraram níveis significativamente elevados de cortisol no capilar em comparação ao grupo de controle. Todas as amostras exibiram sintomas depressivos e ansiosos em algum grau, além de altos níveis de estresse percebido.	Não foi encontrado correlação entre o cortisol capilar e os sintomas que avaliamos. Porém, os sintomas depressivos e a ansiedade foram relacionados ao estresse percebido, e o cortisol capilar mais elevado sugere uma alteração nos níveis do eixo HPA na EM.
---	--	--	--	---

A esclerose múltipla é uma doença do sistema nervoso central onde a desmielinização e inflamação são causas principais. A doença apresenta sinais biológicos, além de sintomas emocionais e cognitivos, e o estresse pode influenciar devido aos altos níveis de cortisol. Em um dos estudos, foi explorado a concentração de cortisol entre aqueles com EM e descobriu que era maior do que a observada no grupo controle. Observou também que os indivíduos que sofrem de EM tendem a ter um fraco desempenho em tarefas motoras e cognitivas – especialmente quando moderadamente afetados pela doença (Pereira; Becker; Soares, 2019).

Um estudo avaliou a segurança e eficácia do programa de terapia cognitivo-comportamental (iCBT) específico para esclerose múltipla, baseado na internet. Houve melhorias significativas na qualidade de vida geral e psicológica relacionada à esclerose múltipla nos grupos de iCBT em comparação com o grupo de controle. No entanto, não foram observadas melhorias consistentes em outras áreas da qualidade de vida ou na fadiga (Gold et al., 2023). Outro estudo constatou um agravamento dos sintomas de depressão na Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão (HADS) em pacientes com esclerose múltipla progressiva durante a pandemia de Covid-19. Em média 20 meses após o início da pandemia, observou-se que os pacientes com EM progressiva apresentaram um aumento nos níveis de depressão, demonstrando maior angústia emocional e uma percepção negativa em relação à sua saúde física ao longo do tempo (Feinstein et al., 2022).

Um estudo transversal demonstrou que pacientes com diagnóstico de EM relataram pior qualidade de vida relacionada à saúde (QRVS), comparado aos pacientes que possuem diagnóstico de artrite reumatoide (AR) ou lúpus sistêmicos (LES). Os pacientes com EM relataram escores do resumo do Componente Mental mais baixos que os pacientes com AR ou LES, visto que as alterações fisiológicas como edema, endurecimento e espessamento da pele, feridas, cicatrizes, telangiectasias, entre outros problemas sistêmicos causados pela esclerose múltipla, afetam muito a QRVS desses pacientes (Park et al., 2019).

Quanto aos impactos da pandemia da COVID-19 em pacientes com doenças autoimunes, um estudo concluiu que nos 4% dos pacientes com EM que foram infectados pelo SARS-COV-2, houve aumento nos escores de depressão e ansiedade, entretanto esses não foram suficientes para causar alteração clínica significativa em ansiedade, depressão ou piora na qualidade de vida para os pacientes com essa doença autoimune (Chiaravallotti et al., 2021). Em outro estudo, mostrou evidências quanto ao surgimento de transtornos psiquiátricos em enfermeiros que possuíam histórico prévio de doenças autoimunes, acres-

centando ao fato de todos terem sido infectados por COVID-19. Além de correlacionar o seu momento de atuação com os surgimentos dos transtornos (período de pré-vacinação da COVID-19) (Santos; Garcia; Alvim, 2023).

Uma análise transversal mostrou que pacientes com miopatias inflamatórias idiopáticas (IIMs) são extremamente prejudicados, tanto nos aspectos de saúde mental quanto nos de saúde física, principalmente naqueles que possuíam comorbidades associadas. Sendo enfatizado a necessidade de acompanhamento e suporte multidisciplinar para o bem-estar desses pacientes (Yoshida *et al.*, 2024).

Por fim, houve um estudo que avaliou as doenças reumáticas autoimunes e a qualidade de vida e saúde mental de adolescentes durante a pandemia de COVID-19 por meio de questionário por telefone, onde os resultados demonstraram que os pacientes com doenças reumáticas autoimunes apresentaram quantitativamente problemas emocionais, má qualidade de sono, além de preocupações com o medo de infectar-se com o SARS-COV-2, do uso de imunossupressores e da doença em atividade foi maior em relação ao grupo controle, de pacientes previamente hígidos (Ihara *et al.*, 2022).

No geral, a análise dos estudos selecionados forneceu uma visão abrangente e atualizada sobre a associação entre saúde mental e doenças autoimunes. Os resultados obtidos destacaram a importância de uma abordagem integrada, visando no impacto de forma direta na saúde mental dos pacientes com doenças autoimunes, principalmente devido à ampla variedade de manifestações clínicas dessas enfermidades.

É fundamental destacar que a interpretação e discussão desses resultados devem ser consideradas à luz das limitações dos estudos analisados. Diferenças metodológicas, tamanho amostral, viés de seleção e outras variáveis podem influenciar os resultados obtidos. Portanto, são necessários estudos adicionais e mais robustos para confirmar e aprofundar as descobertas apresentadas.

4. CONCLUSÃO

Com base nos estudos analisados nesta revisão integrativa, avaliou que as doenças autoimunes afetam diretamente à saúde mental em diversas maneiras, sobretudo devido ao amplo espectro de apresentações clínicas dessas doenças. A esclerose múltipla (EM), por exemplo, é uma doença autoimune que afeta diretamente aspectos emocionais e cognitivos, também sendo constatado significativa concentração de níveis de cortisol nesses pacientes, em especial os que apresentavam a forma moderada da doença. Foram observados maior número de sintomas de depressão e ansiedade quando comparada à artrite reumatoide e aos lúpus eritematoso sistêmico. O que resultou em maior prejuízo na qualidade de vida relacionado à saúde mental e física desses indivíduos.

Durante a pandemia da COVID-19 foram avaliados o nível de estresse e preocupação relacionado a possibilidade de piora do quadro reumático àqueles que seriam ou foram infectados pelo SARS-COV-2. Sendo assim, esses seriam submetidos, quantitativamente, a maiores problemas emocionais, má qualidade de sono e medo aos tratamentos mais delicados de imunossupressores. Dessa forma, concluiu-se sobre a necessidade de acompanhamento e suporte multidisciplinar. Entre esses auxílios, a terapia cognitivo comportamental mostrou bons resultados em relação a esse público que resultou em um aumento significativo da qualidade de vida.



Referências

- ARAÚJO, M.D.B. **Prevalência de doenças autoimunes na Atenção Primária à Saúde**. 2017. 66f. Monografia (Bacharelado em Enfermagem) - Centro de Formação de Professores, Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2017.
- CHIARAVALLLOTI, N.D et al. The emotional impact of the COVID-19 pandemic on individuals with progressive multiple sclerosis. **J Neurol**, v. 268, n. 5, p. 1598-1607, 2021.
- COOPER, G.S.; STROEHLA, B.C. The epidemiology of autoimmune diseases. **Autoimmunity Reviews**, v. 2, n. 3, p. 119-125, 2022.
- COSTA, S.L.P.; SILVA JÚNIOR, A.C.S.; PINHEIRO, A.L. Fatores associados à etiologia e patogênese das doenças autoimunes. **ACM arq. catarin. med.** v. 48, n. 2, p. 92-106, 2019.
- FEINSTEIN, A. et al. The late onset of emotional distress in people with progressive multiple sclerosis during the Covid-19 pandemic: longitudinal findings from the CogEx study. **J Neurol**. v. 269, n. 12, p. 6202-6210, 2022.
- GOLD, S.M. et al. Internet-delivered cognitive behavioural therapy programme to reduce depressive symptoms in patients with multiple sclerosis: a multicentre, randomised, controlled, phase 3 trial. **Lancet Digit Health**. v. 5, n. 10, p. 668-678, 2023.
- IHARA, B.P. et al. COVID-19 quarantine in adolescents with autoimmune rheumatic diseases: mental health issues and life conditions. **Clin Rheumatol**. v. 41, n. 10, p. 3189-3198, 2022.
- NEVRIANA, A. et al. Association between parental mental illness and autoimmune diseases in the offspring - A nationwide register-based cohort study in Sweden. **Journal of Psychiatric Research**. v. 151, p. 122-130, 2022.
- PARK, E.H. et al. Health-related quality of life in systemic sclerosis compared with other rheumatic diseases: a cross-sectional study. **Artrite Res Ther**. v. 21, n. 61, 2019.
- PEREIRA, G.M. et al. Hair cortisol concentration, cognitive, behavioral, and motor impairment in multiple sclerosis. **J Transm Neural (Vienna)**, v. 126, n. 9, p. 1145-1154, 2019.
- SANTOS, S.A.; GARCIA, W.J.; ALVIM, A.L.S. Mental disorders in nursing professionals in the pre-vaccination period of the COVID-19 pandemic. **Rev. enferm. UERJ**, v. 31, 2023.
- STEINER, M. Women's mental health: what don't we know?. **Braz. J. Psychiatry**, v. 27, p. 41-42, 2005.
- YOSHIDA, A. et al. Impaired health-related quality of life in idiopathic inflammatory myopathies: a cross-sectional analysis from the COVAD-2 e-survey. **Rheumatology Adv Pract**, v. 8, n. 2, 2024.
- ZACHARY S.W. et al. The Association of Illness-related Uncertainty With Mental Health in Systemic Autoimmune Rheumatic Diseases. **J Rheumatol.**, v. 49, n. 9, p. 1058-1066, 2022.

2

INFLUÊNCIA DO PERFIL DIETÉTICO NA ANEMIA FERROPRIVA EM GESTANTES

INFLUENCE OF DIETARY PROFILE ON IRON DEFICIENCY ANEMIA IN PREGNANT WOMEN

Ana Letícia De Souza e Souza¹

Assíria De Araújo Chaves Correia¹

Elane Tavares Costa De Oliveira¹

Gabriel Pereira De Sousa¹

Ingrid Oliveira da Costa¹

Isabela de Lacerda Lima¹

Lemuel Kalil da Silva Viera¹

Giovanna Silva Elias Ericeira¹

Romero Henrique Carvalho Bertrand Filho¹

Enzo Derick Guterres Oliveira¹

Gilberto Assunção Costa Júnior²

Adriana Sousa Rêgo³

1 Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

2 Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

3 Docente em Medicina e do Mestrado em Gestão de Programas e Serviços de Saúde da Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

A anemia gestacional é a carência nutricional mais comum em gestantes no mundo. Essa condição é um problema de saúde pública, acometendo mais de 1/3 das mulheres grávidas durante o 3º trimestre de gestação. Estudos mostram que a anemia é considerada um dos principais fatores de riscos na gestação, e pode estar relacionado a dietas inadequadas e carência de suplementação pré-natal de micronutrientes em gestantes. O presente estudo é uma revisão integrativa que teve como objetivo analisar os fatores relacionados ao perfil dietético em grávidas com anemia e sem anemia. Para a seleção dos artigos, utilizou-se as bases de dados Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), PUBMED, Web of Science, SciVerse Scopus (Scopus), e *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO). Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) utilizados foram: “gestantes”, “anemia ferropriva” e “dieta” e seus correspondentes em inglês: “pregnant women”, “anemia, iron deficiency” and “diet”. A amostra desta revisão constituiu-se de 257 artigos e, após aplicação dos critérios de elegibilidade, 11 artigos se relacionavam corretamente com o tema proposto, conforme evidenciado no fluxograma baseado no modelo e PRISMA. Após análise dos estudos, a anemia é prevalente em gestantes, estando a diversidade alimentar relacionada à diminuição da ocorrência de anemia em grávidas, além disso, foi possível constatar correlação entre a deficiência de ferro e outras carências nutricionais. Assim, foi possível concluir que a dieta tem importante influência no desenvolvimento de anemia em gestantes.

Palavras-chave: Anemia; Gestantes; Deficiência de ferro; Fatores dietéticos

Abstract

Gestational anemia is the most common nutritional deficiency in pregnant women worldwide. This condition is a public health problem, affecting more than 1/3 of pregnant women during the 3rd trimester of pregnancy. Studies show that anemia is considered one of the main risk factors in pregnancy, and may be related to inadequate diets and lack of prenatal micronutrient supplementation in pregnant women. The present study is an integrative review that aimed to analyze the factors related to the dietary profile in pregnant women with anemia and without anemia. For the selection of articles, the databases Latin American and Caribbean Literature on Health Sciences (LILACS), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), PUBMED, Web of Science, SciVerse Scopus (Scopus), and *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO) were used. The Health Science Descriptors (DeCS) used were: “pregnant women”, “iron deficiency anemia” and “diet” and their corresponding in English: “pregnant women”, “anemia, iron deficiency” and “diet”. The sample of this review consisted of 257 articles and, after applying the eligibility criteria, 11 articles were correctly related to the proposed theme, as evidenced in the flowchart based on the model and PRISMA. After analyzing the studies, anemia is prevalent in pregnant women, and dietary diversity is related to a decrease in the occurrence of anemia in pregnant women; moreover, it was possible to see a correlation between iron deficiency and other nutritional deficiencies. Thus, it was possible to conclude that diet has an important influence on the development of anemia in pregnant women.

Keywords: Anemia; Pregnant women; Iron deficiency; Dietary factors

1. INTRODUÇÃO

A anemia gestacional é a deficiência nutricional mais comum em gestantes no mundo. Uma das causas primárias e mais prevalentes da anemia em mulheres grávidas é por deficiência de ferro, a qual é caracterizada por uma diminuição dos níveis de hemoglobina nas células sanguíneas em mulheres grávidas (Faghir-Gangi *et al.*, 2023).

Por razões fisiológicas os valores adequados de hemoglobina e hematócrito variam no decorrer da gestação, a esse respeito, de acordo com o Ministério da Saúde, define-se anemia pelos seguintes parâmetros por trimestre gestacional: no primeiro trimestre hemoglobina < 11 g/dL e hematócrito < 33%; no segundo trimestre hemoglobina < 10,5g/dL e hematócrito < 32%; no terceiro trimestre hemoglobina < 11g/dL e hematócrito < 33% (Friel, 2021).

A absorção de ferro na dieta está relacionada com a quantidade, a forma química do ferro presente, o consumo de alimentos que facilitam ou não sua absorção e o estado de saúde e nutricional do indivíduo. O ferro heme é o melhor absorvido e com maior biodisponibilidade, está presente nas carnes e seus subprodutos. Já o ferro não heme, encontrado em alimentos vegetais, possui absorção dificultada e precisa de facilitadores, tais como vitamina C, vitamina A e a carne (Bartolini; Fisberg, 2010).

A anemia na gravidez é um desafio de saúde pública em todo o mundo e acomete mais de 1/3 das mulheres grávidas durante o 3º trimestre da gestação (WHO, 2020). Estudos em andamento verificam se essa situação tem impactos diretos na saúde materna e no desenvolvimento fetal, como: restrição de crescimento intrauterino, parto pré-termo e atraso cognitivo no neonato (Silva *et al.*, 2020).

Alguns estudos têm associado a anemia como um dos principais fatores de riscos na gestação, podendo estar relacionado a dietas inadequadas e carência de suplementação pré-natal de micronutrientes em gestantes (Rasmussen, 2001). Durante a gestação, a deficiência de ferro pode ter relação com o avanço da idade materna; escassez de minerais na dieta e baixa suplementação de ferro; multiparidade e idade avançada da mãe (Oliveira *et al.*, 2015).

Durante o período gestacional, o feto passa por uma série de transformações que exigem uma maior demanda metabólica da mãe, sendo um momento de maior vulnerabilidade em relação a dieta (Beitune *et al.*, 2018). Gestantes possuem uma necessidade diária de cerca de 27mg de ferro, enquanto mulheres não grávidas precisam de apenas 18mg, sendo esses parâmetros garantidos com uma boa nutrição e suplementação de ferro elementar diariamente (Georgieff, 2020). Com isso, são necessário maiores esforços para promover uma boa alimentação e, conseqüentemente, uma maior ingestão de ferro e demais micronutrientes (Ballestín *et al.*, 2021).

Importante destacar que a insegurança alimentar também apresenta relação com a deficiência de ferro no período gestacional. Essa situação ocorre quando a disponibilidade de alimentos nutricionalmente adequados ou a capacidade para adquirir esses alimentos, é limitada ou incerta. Nesse sentido, é nítida a relação direta entre a insegurança alimentar e o diminuto consumo de alimentos com aporte nutricional adequado, além do elevado consumo de carboidratos entre crianças e famílias nesta situação de instabilidade (Oliveira *et al.*, 2015).

Ademais, estudos têm demonstrado que o reduzido poder aquisitivo das famílias está ligado à menor disponibilidade e variedade alimentar, resultando em ingestão inadequa-

da e baixa biodisponibilidade de nutrientes, inclusive do mineral ferro. Tal fato pode justificar a relação entre insegurança alimentar e anemia, uma vez que o acesso e a qualidade da alimentação podem interferir no consumo de alimentos que são fontes de ferro, principalmente daqueles mais biodisponíveis do mineral, e consequentemente, contribuir com o surgimento da anemia (Antunes; Sichieri; Salles-Costa, 2010).

O objetivo do presente estudo foi avaliar o impacto da dieta na deficiência nutricional de ferro em pacientes gestantes.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, a qual, o levantamento bibliográfico permite a inclusão de estudos experimentais e não experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado, esse método foi escolhido por permitir uma abordagem metodológica referente a uma revisão mais ampla. Além disso, apresenta informações diversas a respeito do tema pesquisado, cuja função é sintetizar e analisar criticamente o conteúdo encontrado (Pereira *et al.*, 2018).

O estudo foi realizado a partir de seis etapas descritas a seguir: 1ª etapa: Elaboração da pergunta norteadora. Para definir a pergunta utilizou-se a estratégia PVO, na qual P (população) correspondeu a pacientes gestantes atendidas na atenção primária, V (Variável) a anemia ferropriva em gestantes e O (Desfecho/Outcomes) a relação da dieta com a anemia ferropriva. A partir disso foi formulada a seguinte pergunta: “Qual a influência da dieta na ocorrência de anemia ferropriva em gestantes?”.

Quadro 1: Descritores localizados no DeCS/MeSH para os componentes da pesquisa diante da aplicação da estratégia PVO

ETAPA	ABREVIÇÃO	COMPONENTES	DeCS / MeSH
Population	P	Gestantes em acompanhamento pré-natal	Gestantes / <i>Pregnant Women</i>
Variables	V	Anemia ferropriva em gestantes	Anemia ferropriva / <i>Anemia, Iron-Deficiency</i>
Outcomes	O	Influência da dieta na anemia ferropriva	Dieta / <i>Diet</i>

Fonte: Adaptado de Biruel, [s.d.]

Durante a 2ª etapa foi realizada uma busca na literatura, durante os meses de fevereiro a março de 2023, nas bases de dados: Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Medical Literature Analysis and Retrieval System Online* (MEDLINE), PUBMED, Web of Science, SciVerse Scopus (Scopus), e *Scientific Eletronic Library Online* (SCIELO). Os Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) utilizados foram: “gestantes”, “anemia ferropriva” e “dieta” e seus correspondentes em inglês: “pregnant women”, “anemia, iron deficiency” and “diet”.

Os critérios de inclusão foram estudos publicados nos anos de 2012 a 2022, nos idiomas português e inglês e que abordaram a temática proposta pelo estudo, e os de exclusão foram artigos incompletos, revisões de literatura, retroativos aos anos propostos a inclusão e que não abordassem ao tema.

Quanto a 3ª etapa, foi realizada a coleta de dados, onde foram levantados os artigos para seleção e após a aplicação dos critérios de inclusão, foram excluídos os estudos que

não correspondiam ao objetivo proposto. A avaliação dos estudos faz parte da 4ª etapa, na qual os estudos foram analisados com exploração do material através de leituras interpretativas, incluídos e categorizados segundo ano de pesquisa, título, autores, método e resultado.

Na 5ª etapa, foi realizada uma leitura de investigação e de análise em todo o conteúdo e elaborado fichamentos por meio de palavras-chaves, e ainda foram feitos recortes de trechos importantes que tratavam sobre a “anemia ferropriva”, “gestantes”, “dietética”. Estes contribuíram para realização de interpretações com maior profundidade atingindo assim o objetivo deste trabalho.

A 6ª etapa compõe-se da apresentação dos resultados da revisão. Foi oportuno trazer todos os achados sobre a influência da dieta na anemia ferropriva em gestantes, sendo abordado acerca dos micronutrientes da dieta na prevenção de anemia ferropriva durante a gestação.

Os resultados foram dispostos em uma tabela do Microsoft Office Word® 2019, na qual os dados de cada artigo foram distribuídos em colunas com autores, periódico, ano de publicação, desenho do estudo e principais resultados relacionados a influência da dieta na ocorrência de anemia ferropriva em gestantes.

Em relação aos aspectos éticos, destaca-se que neste trabalho não houve conflito de interesses por se tratar de uma revisão da literatura que não foi submetida ao Comitê de Ética em pesquisa, pois a metodologia empregada é de pesquisa bibliográfica. Este trabalho é fundamentado nas diretrizes e normas regulamentadoras estabelecidas nas resoluções nº 466/2012 e 580/2018 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde. Os autores dos artigos utilizados nessa pesquisa foram referenciados no desenvolvimento do trabalho.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente a associação dos descritores resultou, em 257 artigos, dos quais 59 foram removidos por estarem duplicados, restando 198 registros a serem analisados. Após a leitura e análise crítica dos títulos e resumos encontrados, obteve-se 14 registros que atenderam ao critério norteador do estudo e a partir da leitura dos artigos na íntegra, foram selecionados 11 artigos para integrarem a revisão. Esse fluxo apresentando as publicações incluídas, foi apresentado em uma figura para melhor análise da catalogação (Figura 1).

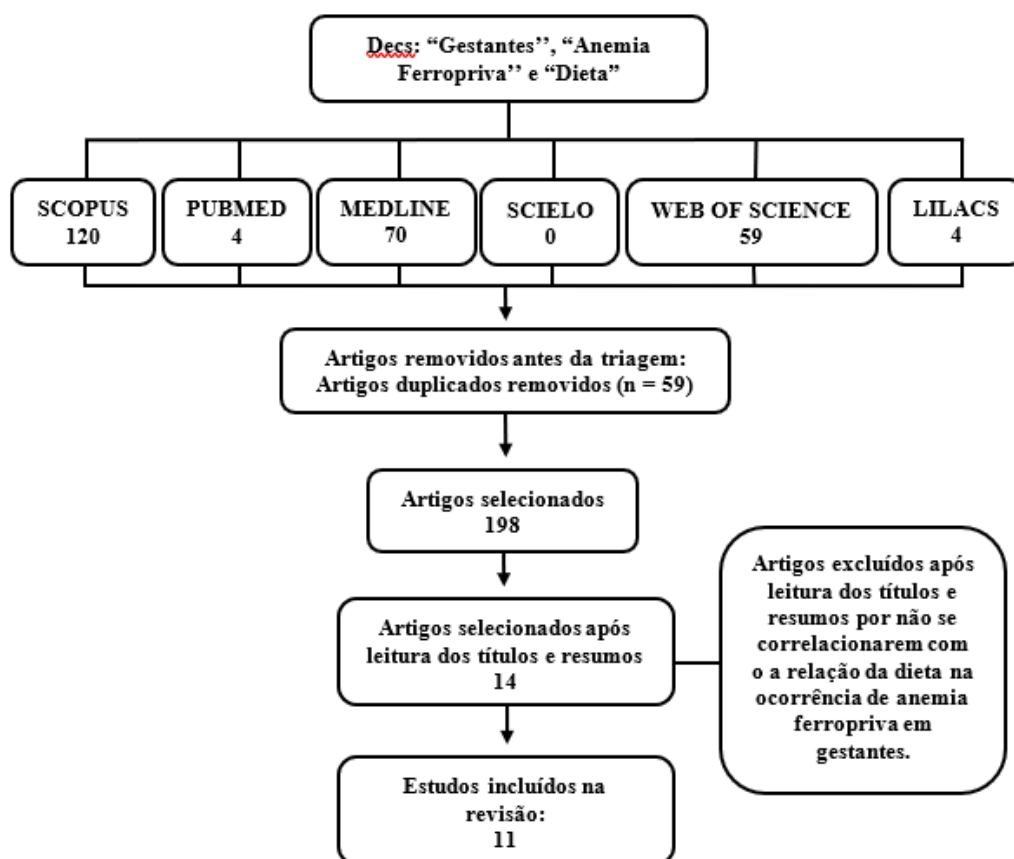


Figura 1. Processo de busca e análise dos trabalhos, baseado no diagrama flow de revisão PRISMA 2020 (Page *et al.*, 2021)

Fonte: Autores, 2023.

Foram selecionados onze artigos com publicações entre os anos 2012 e 2022, apresentados no Quadro 2, referente a relação da dieta com a ocorrência de anemia ferropriva em gestantes.

Quadro 2 - Síntese dos principais achados sobre a relação da dieta com a ocorrência de anemia ferropriva em gestantes.

Referência	Periódico de publicação	Ano	Desenho do estudo/Nível de evidência	Principais resultados
GROVER et al	Journal of Family Medicine and Primary Care	2020	Estudo clínico prospectivo transversal, não randomizado (n= 408). Nível III	A dieta vegetariana, consumo de chá e açúcar estão relacionados a uma maior prevalência de anemia em gestantes.
SAMUEL et al	Public Health Nutrition	2013	Estudo clínico prospectivo transversal em coorte de gestantes, com braço não randomizado (n= 366). Nível III	O maior consumo de Ca e P e a baixa ingesta de ferro estão correlacionados com anemia em gestantes.

DUMRONGWON-GSIRI et al.	Nutrients MDPI	2021	Estudo observacional prospectivo não randomizado (n= 117). Nível III	As deficiências de zinco e ferro foram altamente prevalentes entre as gestantes deste estudo. A ingestão alimentar durante a gravidez foi problemática.
ATOMEI et al	Sciendo	2022	Estudo transversal prospectivo não randomizado (n= 54). Nível III	O estudo não mostraram relação direta entre os fatores nutricionais e a ocorrência de anemia ferropriva nos dois últimos trimestres da gravidez.
JUGHA et al	Frontiers in Nutrition	2021	Estudo transversal prospectivo, não randomizado (n= 1014). Nível III	Em geral, 40,9% das gestantes apresentaram anemia. Apenas 10,4% apresentaram diversidade alimentar adequada, enquanto 89,6% não atenderam ao indicador da FAO de diversidade alimentar mínima para mulheres.
ALAOFÈ et al	Public Health Nutrition	2019	Estudo Ecológico (n= 770 domicílios). Nível VI	Mostraram que o gotejamento movido a energia solar pode aumentar o IMC médio, a diversidade da dieta familiar e da mãe, bem como o consumo de frutas e vegetais, e aumentar marginalmente o consumo de carnes e peixes. A prevalência da anemia reduziu após programa de gotejamento.
ZHAO et al	e-Century Publishing American Journal of Traslational Research	2022	Estudo observacional transversal prospectivo (n= 1206). Nível III	O estudo mostrou que tanto a ID quanto a IDA podem aumentar os eventos adversos relacionados à gravidez.
ZULFIQAR et al	Food Science e Nutrition - Wiley	2021	Estudo transversal prospectivo (n=500). Nível III	A deficiência de ferro materna está associada ao crescimento intrauterino atrasado, parto prematuro, baixo peso ao nascer, aumento do tempo de trabalho de parto, maior risco de infecção, mortalidade materna e pré-natal elevada, disfunção muscular e baixa capacidade física.

MORRISON et al	British Journal of Nutrition	2022	Estudo qualitativo, realizado por métodos mistos. (n= 30 questionários) Nível: VI	Análises dietéticas mostraram que dietas otimizadas não atingiram 100% do recomendado ingestão de ferro, mas a ingestão de ferro pode ser duplicada aumentando a ingestão de folhas verdes, ovos e carne.
KANGALGIL et al.	J Gynecol Obstet Hum Reprod	2021	Estudo transversal prospectivo não randomizado (n= 165). Nível III	A prevalência de anemia foi de 15,2% e a prevalência de deficiência de ferro foi de 65,5%. O desenvolvimento de anemia e deficiência de ferro está associado à coexistência de muitas deficiências nutricionais.
DHOK et al.	International Journal of Current Research and Review	2021	Estudo transversal prospectivo não randomizado (n= 100). Nível III	As gestantes apresentaram bons conhecimentos, mas pouca prática em relação à prevenção e prevalência da anemia por deficiência de ferro.

Fonte: Autores, 2023.

Para Grover *et al.* (2020), a anemia por deficiência de ferro, devido à baixa ou a inadequada absorção de Fe na dieta é a forma mais comum de anemia no mundo. Para Zhao *et al.* (2022), a anemia é comum durante a gravidez devido ao aumento do volume sanguíneo e que o aumento do plasma pode promover uma contagem de glóbulos vermelhos diminuída.

Estima-se que prevalência de deficiência de ferro e anemia durante a gravidez tenha incidência de 24% em países industrializados e 59% em países em desenvolvimento, essa disparidade pode estar associada a vulnerabilidade socioeconômica da área estuda, segundo Kangalgil *et al.* (2021). A esse respeito, Grover *et al.* (2020) indicam que os níveis socioeconômicos colaboram para manutenção dos índices altos de anemia. Sendo assim, mulheres analfabetas ou que não concluíram o ensino fundamental possuem mais predisposição em desenvolver anemia. Alaofè *et al.* (2019), afirmam que a educação implica diretamente na qualidade nutricional, uma vez que implica na procura de informações para os cuidados de saúde.

De acordo com Jugha *et al.* (2021) os níveis médios de hemoglobina foram maiores ($P<0,001$) entre mulheres com dietas diversas do que com dietas menos diversificadas. Da mesma forma Zerfu *et al.* (2016) reportaram que gestantes com dieta menos variada possuem maior risco de desenvolvimento de anemia por deficiência de ferro quando comparadas com aquelas com dieta diversificada.

Zhao *et al.* (2022) e Alflah *et al.* (2017) verificaram que uma dieta vegetariana e o hábito de ingerir café ou chá são fatores de risco, elevando a frequência de anemia por deficiência de ferro nas gestantes analisadas. Para Dangalgil *et al.* (2021), no desenvolvimento da anemia ferropriva há coexistência de falta de diferentes nutrientes, dentre esses os mais comuns são ferro e ácido fólico.

Conforme dispõe Jugha *et al.* (2021) o baixo nível econômico pode estar associado a dificuldade de aquisição de produtos de origem animal. Ademais, importante destacar que, as gestantes não tiveram acesso à informação sobre estilo de vida saudável e desnutrição

nas consultas de pré-natal. O estudo em comento comprova que o nível de educação da mãe, atividade laboral, número de consultas pré-natal, idade gestacional, diversidade dietética e alimentação fora de casa, são fatores preditores da anemia materna. Seguindo o mesmo ponto de vista, Zhao *et al.* (2022) destacam que fatores de proteção são os cuidados pré-natais, suplementação de ferro e orientação nutricional.

No estudo realizado por Alaofè *et al.* (2019) observaram que programas de agricultura de irrigação estão relacionados ao aumento do consumo de alimentos ricos em nutrientes em períodos de seca e com isso uma melhora no estado nutricional e nos níveis de anemia das mães. O estudo comparou grupos mães que participaram do programa, com mães que não participaram, e comprovou uma melhora de 12,9% na anemia, aumento do IMC e da diversidade alimentar no grupo participante mesmo no período de seca. Esses fatores evidenciam a importância da dieta para controle da anemia em gestantes.

Dumrongwongsir *et al.* (2021) evidenciaram que apenas o ferro da dieta não é suficiente para atender as necessidades nutricionais em gestantes. Dessa forma, mostrou que a suplementação, em doses adequadas de ferro, oferece níveis suficientes do nutriente para atender as necessidades fisiológicas da mulher nesse período, sendo benéfica para gestantes com e sem carência nutricional.

Kangalgil *et al.* (2021), afirmam que idade materna elevada pode ser fator de risco para desenvolvimento da anemia gestacional. A restrição de crescimento intrauterino, parto pré-maturo, baixo peso, aumento do risco de infecção, aumento da mortalidade materna pode ser um dos agravos ocasionados pela anemia ou deficiência de ferro durante a gestação. Esses dados foram compatíveis com os achados de Zulfiqar *et al.* (2021), que verificaram que elevada morbimortalidade materna e fetal se associa a anemia e Srour *et al.* (2018) que em um levantamento utilizando 300 grávidas encontrou dados com relevância estatística que indicam baixo peso ao nascimento de filhos de mães anêmicas ($P=0,003$).

Outrossim, para os participantes das entrevistas qualitativas, realizado por Morrison *et al.* (2022) sobre seus conhecimentos a respeito anemia gestacional, a prevenção está voltada em uma dieta adequada e regular e um consumo de água satisfatório. No entanto, para Atomei *et al.* (2021) tanto mulheres anêmicas como não anêmicas possuem o consumo hídrico inferior ao recomendado, ou seja, não foi constatado que a ingestão de água auxilia no aumento do índice de hemoglobina circulante.

Segundo os resultados alcançados por Kangalgil *et al.* (2021), o consumo diário de ferro e ácido fólico, e a ingestão de micronutrientes como fósforo, riboflavina e tiamina e proteína pode estar associado com a deficiência de ferro. Já para Samuel *et al.* (2013), consumo de fósforo é indicado como um fator de risco para o desenvolvimento de anemia, o fósforo pode possuir uma ação inibitória direta na digestão do Fe. Dessa forma, Kangalgil *et al.* (2021) relatam que o risco de desenvolver anemia é maior em gestantes com diversidade dietética materna adequada do que nas insuficientes.

Consoante Samuel *et al.* (2013), a média de consumo de vitamina C não foi o suficiente para auxiliar no processo de digestão do Fe entre as gestantes estudadas. A vitamina C possui um efeito intensificador para digestão de Fe, ou seja, ela atua na inibição de inibidores de absorção de Fe que serão liberados naturalmente pelo corpo humano. A anemia pode ser ocasionada pelo baixo consumo de nutrientes com incluem ferro, ácido fólico, vitaminas B12, C e A e proteínas de acordo com Kangalgil *et al.* (2021).

Dumrongwongsiri *et al.* (2021) e Kangalgil *et al.* (2021) afirmam que há benefícios quanto a suplementação de Fe durante a gravidez. Entretanto Atomei *et al.* (2022) e Samuel *et al.* (2013) indicaram que a suplementação diária de ferro durante a gravidez não reduziu a prevalência da anemia geral.



De acordo com Atomei *et al.* (2022) não há uma relação entre fatores dietéticos e a ocorrência de anemia ferropriva nos dois últimos trimestres da gestação. A relação entre pacientes com baixo peso pré-gravidez não tem associação a maior risco de anemia por ferro. Além disso, a suplementação de ferro durante a gravidez não corrigiu a síndrome anêmica. Segundo o autor, o fator nutricional na gravidez, necessita de mais estudos para avaliar em maior número de gestantes, se existe algum fator nutricional associado à anemia, a fim de otimizar as intervenções gestacionais o mais cedo possível.

4. CONCLUSÃO

A anemia ferropriva em gestantes apresente elevada prevalência, principalmente em países de baixa renda, onde o acesso a alimentos nutritivos é restrito, sendo principal fator socioeconômico predisponente. Não houve consenso a respeito da importância da dieta com produtos ricos em ferro e a prevenção da anemia. Contudo, foi evidenciada ampla relação de outros micronutrientes da dieta com a absorção do ferro, destacando a importância de uma dieta variada na prevenção da anemia em gestantes.

Em suma, a anemia por deficiência de ferro durante a gravidez pode ter efeitos negativos na mãe e no feto. Sendo assim, o nascimento prematuro, baixo peso ao nascer e deficiências de desenvolvimento no bebê podem ser mais prováveis por conta dessa deficiência. Como resultado, é crucial que as mulheres grávidas tenham uma dieta balanceada, rica em fontes de vitamina C, ferro e outros nutrientes necessários.

De outra maneira, a necessidade de uso do suplemento ferroso durante a gestação não foi unanimidade entre autores na garantia o consumo adequado de ferro e resistência a anemia ferropriva. Assim, demanda-se mais estudos para averiguar a relação entre dieta e suplementação alimentar a fim identificar a importância da integração dessas na prevenção da anemia em gestantes.

Referências

- ANTUNES, M. M. L.; SICHIERI, R.; SALLES-COSTA, R. Consumo alimentar de crianças menores de três anos residentes em área de alta prevalência de insegurança alimentar domiciliar. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 26, n. 8, p. 1642-1650, ago. 2010.
- ALAOFÈ, Halimatou et al. The impact of a solar market garden programme on dietary diversity, women's nutritional status and micronutrient levels in Kalalé district of northern Benin. **Public health nutrition**, v. 22, n. 14, p. 2670-2681, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1017/S1368980019001599>
- ALFLAH YM et al. Prevalence and Determinants of Anaemia in Pregnancy, Sana'a, Yemen. **Int J Public Health Sci** 2017;6(3):213-220.
- ATOMEI, Oana Liliana et al. Nutrition in pregnancy-impact on anaemia in pregnant women. **Acta Marisensis-Seria Medica**, v. 68, n. 3, p. 114-119, 2022. DOI: <https://doi.org/10.2478/amma-2022-0016>
- BALLESTÍN, Sonia Santander et al. Is supplementation with micronutrients still necessary during pregnancy? A review. **Nutrients**, v. 13, n. 9, 2021.
- BIRUEL, E. Transformando o problema da pesquisa em estratégia de busca. Disponível em: <https://docplayer.com.br/12771407-Transformando-a-pergunta-de-pesquisa-emestrategia-debusca-elisabeth-biruel-bireme-opas-oms.html>. Acesso em: 01 abril 2023.
- BORTOLINI, Gisele A.; FISBERG, Mauro. Orientação nutricional do paciente com deficiência de ferro. **Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia**, v. 32, p. 105-113, 2010.
- DHOK, A. et al. Knowledge, Attitude and Practice Study Among Rural Antenatal Women Regarding Anaemia, Iron Rich Diet and Iron Supplement. **International Journal of Current Research and Review**, v. 13, n. 06, p.

27–32, 2021.

DUMRONGWONGSIRI, Oraporn et al. Effect of maternal nutritional status and mode of delivery on zinc and iron stores at birth. **Nutrients**, v. 13, n. 3, p. 860, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3390/nu13030860>

EL BEITUNE, Patrícia et al. Nutrição durante a gravidez. **Femina**, v. 48, n. 4, p. 245-56, 2020.

FAGHIR-GANGI, Monireh et al. Prevalence and risk factors of anemia in first, second and third trimesters of pregnancy in Iran: A systematic review and meta-analysis. **Heliyon**, 2023.

FRIEL, L. A. **Anemia na gestação**. Disponível em: <<https://www.msdmanuals.com/pt-br/profissional/ginecologia-e-obstetr%C3%ADcia/gesta%C3%A7%C3%A3o-complicada-por-doen%C3%A7as/anemia-na-gesta%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 22 mar. 2023.

GEORGIEFF, Michael K. Iron deficiency in pregnancy. **American journal of obstetrics and gynecology**, v. 223, n. 4, p. 516-524, 2020.

GROVER, Kashish et al. Prevalence of anaemia and its association with dietary habits among pregnant women in the urban area of Haryana. **Journal of Family Medicine and Primary Care**, v. 9, n. 2, p. 783, 2020. DOI: https://doi.org/10.4103/jfmpc.jfmpc_1062_19

JUGHA, Vanessa Tita et al. Dietary diversity and its contribution in the etiology of maternal anemia in conflict hit Mount Cameroon area: A cross-sectional study. **Frontiers in Nutrition**, v. 7, p. 625178, 2021. DOI: <https://doi.org/10.3389/fnut.2020.625178>

KANGALGIL, Melda et al. Associations of maternal characteristics and dietary factors with anemia and iron-deficiency in pregnancy. **Journal of Gynecology Obstetrics and Human Reproduction**, v. 50, n. 8, p. 102137, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jogoh.2021.102137>

MORRISON, Joanna et al. Assessing food-based strategies to address anaemia in pregnancy in rural plains Nepal: a mixed methods study. **British Journal of Nutrition**, p. 1-10, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0007114522003208>

Novas orientações da OMS ajudam a detectar deficiência de ferro na gravidez e proteger desenvolvimento do cérebro de crianças - OPAS/OMS | **Organização Pan-Americana da Saúde**. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/noticias/21-4-2020-novas-orientacoes-da-oms-ajudam-detectar-deficiencia-ferro-na-gravidez-e>>. Acesso em: 8 abr. 2023.

OLIVEIRA, Alane Cabral Menezes De; BARROS, Amanda Maria Rocha De; FERREIRA, Raphaela Costa. Fatores de associados à anemia em gestantes da rede pública de saúde de uma capital do Nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 37, p. 505-511, 2015.

PAGE, Matthew J. et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **International journal of surgery**, v. 88, p. 105906, 2021.

RASMUSSEN, K. M. Is There a Causal Relationship between Iron Deficiency or Iron-Deficiency Anemia and Weight at Birth, Length of Gestation and Perinatal Mortality? **The Journal of Nutrition**, v. 131, n. 2, p. 590S603S, fev. 2001.

SAMUEL, Tinu Mary et al. Correlates of anaemia in pregnant urban South Indian women: a possible role of dietary intake of nutrients that inhibit iron absorption. **Public health nutrition**, v. 16, n. 2, p. 316-324, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1017/S136898001200119X>

SILVA, L. P.; LÓSS, J. C. S.; TEIXEIRA, F. L. F. ANEMIA NA GESTAÇÃO: DIAGNÓSTICO E PROGNÓSTICO. **Hematology, Transfusion and Cell Therapy**, v. 42, p. 20-21, 2020.

SROUR, M. A. et al. Prevalence of Anemia and Iron Deficiency among Palestinian Pregnant Women and Its Association with Pregnancy Outcome. **Anemia**, v. 2018, p. 1–7, 24 dez. 2018.

ZERFU TA; UMETA M; BAYE K. Dietary diversity during pregnancy is associated with reduced risk of maternal anemia, preterm delivery, and low birth weight in a prospective cohort study in rural Ethiopia. *Am J Clin Nutr* 2016;103:1482–8. doi: 10.3945/ajcn.115.116798.

ZHAO, Dexiong et al. Risk factors for iron deficiency and iron deficiency anemia in pregnant women from plateau region and their impact on pregnancy outcome. **American Journal of Translational Research**, v. 14, n. 6, p. 4146, 2022.

ZULFIQAR, Hina et al. Dietary association of iron deficiency anemia and related pregnancy outcomes. **Food Science & Nutrition**, v. 9, n. 8, p. 4127-4133, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1002/fsn3.2373>



3

DOENÇAS INTESTINAIS COMO FATOR POTENCIAL PARA O DESENVOLVIMENTO DE DOENÇAS NEURODEGENERATIVAS

INTESTINAL DISEASES AS A POTENTIAL FACTOR IN THE DEVELOPMENT OF
NEURODEGENERATIVE DISEASES

Isabela Feitosa Andrade¹

Juliana Lacerda Melo²

Kamila Santos De Oliveira Sousa¹

Maria Clara Pinheiro Araújo¹

Paula Fernanda Buhatem De Sousa¹

Renata Moreira Lima Leite Leal¹

Alessandra Porto de Macedo Costa²

Fabício Brito Silva²

1 Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

2 Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

A relação entre doenças intestinais e neurodegenerativas está se tornando um foco crescente na área da saúde. Uma compreensão mais profunda dessa conexão pode revelar insights valiosos sobre a prevenção e o tratamento dessas condições. Neste contexto, a revisão integrativa surge como uma ferramenta crucial para sintetizar o conhecimento existente e identificar lacunas na literatura. Esse estudo investiga a influência das doenças intestinais no desenvolvimento de doenças neurodegenerativas, como o Alzheimer e o Parkinson. Além disso, pretende-se examinar os mecanismos fisiopatológicos subjacentes a essa relação, bem como possíveis estratégias de prevenção e tratamento. Esta revisão integrativa busca fornecer uma compreensão abrangente e atualizada sobre o tema, contribuindo assim para o avanço do conhecimento científico e aprimoramento da prática clínica. Para realizar esta revisão integrativa, foi realizada uma busca sistemática da literatura em diversas bases de dados. Os critérios de inclusão foram artigos publicados nos últimos dez anos, em inglês ou português, que abordassem a relação entre doenças intestinais e neurodegenerativas. Uma série de fatores que podem influenciar a relação entre doenças intestinais e neurodegenerativas. Entre esses fatores, incluem-se a disbiose intestinal, a inflamação crônica e a disfunção da barreira hematoencefálica. A discussão desses resultados ressalta a importância de abordagens terapêuticas que visem restaurar o equilíbrio da microbiota intestinal e reduzir a inflamação sistêmica como possíveis estratégias de prevenção e tratamento. A compreensão desses mecanismos subjacentes pode abrir novas perspectivas para o desenvolvimento de terapias inovadoras e estratégias preventivas. No entanto, são necessárias mais pesquisas para elucidar completamente essa relação e traduzir esses insights em benefícios tangíveis para os pacientes.

Palavras-chave: Doenças intestinais; Neurodegeneração; Eixo Cérebro-Intestino.

Abstract

The relationship between intestinal and neurodegenerative diseases is becoming an increasingly prominent focus in the healthcare field. A deeper understanding of this connection may reveal valuable insights into the prevention and treatment of these conditions. In this context, integrative review emerges as a crucial tool for synthesizing existing knowledge and identifying gaps in the literature. This integrative review investigate the influence of intestinal diseases on the development of neurodegenerative diseases, such as Alzheimer's and Parkinson's. Additionally, it aims to examine the underlying pathophysiological mechanisms of this relationship, as well as potential prevention and treatment strategies. This integrative review seeks to provide a comprehensive and up-to-date understanding of the topic, thus contributing to the advancement of scientific knowledge and the enhancement of clinical practice. To conduct this integrative review, a systematic literature search was performed across various databases. Inclusion criteria included articles published in the last ten years, in English or Portuguese, addressing the relationship between intestinal and neurodegenerative diseases. A series of factors that may influence the relationship between intestinal and neurodegenerative diseases were identified. Among these factors are intestinal dysbiosis, chronic inflammation, and dysfunction of the blood-brain barrier. The discussion of these results highlights the importance of therapeutic approaches aimed at restoring the balance of the intestinal microbiota and reducing systemic inflammation as potential prevention and treatment strategies. Understanding these underlying mechanisms may open new perspectives for the development of innovative therapies and preventive strategies. However, further research is needed to fully elucidate this relationship and translate these insights into tangible benefits for patients.

Keywords: Intestinal diseases; neurodegeneration; gut-brain axis.



1. INTRODUÇÃO

As doenças intestinais emergem como possíveis fatores no desenvolvimento de doenças neurodegenerativas, apresentando-se como um campo complexo e crucial na área da saúde. A gestão eficaz dessas condições requer uma abordagem integrada, indo além das intervenções farmacológicas convencionais. Reconhecendo a natureza multifacetada dessas doenças, os profissionais de saúde frequentemente recomendam medidas não farmacológicas, como modificações dietéticas, controle dos sintomas gastrointestinais e promoção do bem-estar emocional, como formas de mitigar os efeitos adversos sobre o sistema nervoso (Brown *et al.*, 2023, p. 45).

Investigar os fatores subjacentes que relacionam as doenças intestinais ao desenvolvimento de doenças neurodegenerativas é de extrema importância. A interligação dessas condições pode influenciar diretamente na progressão e na gravidade das doenças neurodegenerativas, afetando a qualidade de vida dos pacientes e impondo desafios significativos aos sistemas de saúde (Smith *et al.*, 2022, p. 78). Portanto, compreender esses fatores e seus impactos é fundamental para uma abordagem eficaz no tratamento e na prevenção dessas condições.

Avanços recentes na pesquisa destacam a complexidade das interações entre as doenças intestinais e as neurodegenerativas. Estudos têm revelado uma variedade de fatores contribuintes, desde desequilíbrios na microbiota intestinal até inflamação crônica e disfunção da barreira intestinal (Garcia *et al.*, 2021, p. 112). No entanto, lacunas significativas persistem em nosso entendimento sobre essas inter-relações, especialmente no que diz respeito aos mecanismos subjacentes e às estratégias terapêuticas potenciais. Por isso, a pergunta norteadora que orientou este estudo foi: Quais são os principais elementos que estabelecem uma ligação entre as doenças intestinais e o surgimento de doenças neurodegenerativas? Dessa forma, esta revisão integrativa abordou as relações que conectam as doenças intestinais ao desenvolvimento de doenças neurodegenerativas.

2. METODOLOGIA

O processo desta revisão seguiu seis fases: formulação da pergunta norteadora, seleção da amostra e busca na literatura, coleta de dados, avaliação crítica dos estudos selecionados, interpretação dos resultados e síntese do conhecimento (Albert, 2004).

Foi conduzida uma análise retrospectiva dos últimos 10 anos de estudos científicos que abordam os fatores relacionados à adesão ao tratamento não farmacológico em pacientes com nefropatia diabética. Esta revisão tem como objetivo destacar descobertas que indicam a possível ligação entre doenças intestinais e o desenvolvimento de doenças neurodegenerativas, ressaltando a importância de investigar os fatores de risco e de implementar estratégias preventivas.

Dentro do escopo deste estudo, iniciou-se uma avaliação detalhada dos dados, utilizando uma abordagem descritiva para extrair informações relevantes sobre essa conexão. Para a pesquisa bibliográfica, foram consultadas diversas fontes, incluindo bases de dados eletrônicas como PubMed, Web of Science e Scopus, utilizando termos como doenças intestinais, doenças neurodegenerativas, microbiota intestinal e fatores de risco.

Os critérios de inclusão abrangiam estudos científicos publicados entre 2014 e 2024, nos idiomas inglês, português ou espanhol, disponíveis gratuitamente e na íntegra. Estu-

dos que não estavam diretamente relacionados ao objetivo do estudo foram excluídos.

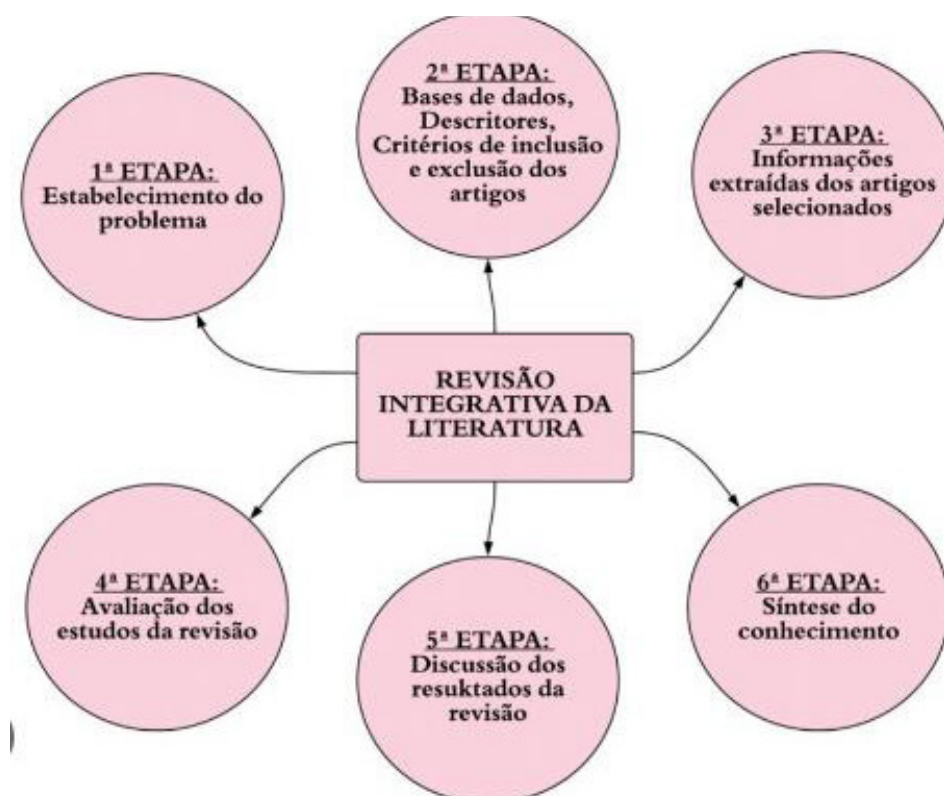


Figura 1. Fases da revisão integrativa da literatura.

Fonte: Carta Científica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2020)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Utilizando os descritores foi possível localizar 15 estudos, dos quais apenas 5 obedeciam aos critérios inclusão e exclusão, e atenderam os princípios indicados na elaboração de uma revisão integrativa. Os artigos incluídos na revisão foram identificados nas bases de dados LILACS (n=2), MedLine (n=8) BDENF (N=2) (n=38) e IBICS (n=2) (Figura 2).

Os estudos selecionados apresentaram uma variedade de características, sendo que a maioria dos artigos apresentou evidências de tipo III, indicando uma relação intermediária entre as doenças intestinais e as neurodegenerativas. Esses estudos exploraram a relação entre as doenças intestinais e as neurodegenerativas, investigando a prevalência de fatores de risco e ressaltando a importância da detecção precoce desses fatores para melhorar a compreensão e, possivelmente, prevenir o desenvolvimento dessas condições.

Um dos estudos revisados, focado no papel do microbioma intestinal nas doenças intestinais e seu possível impacto no desenvolvimento de doenças neurodegenerativas, destacou a influência dos desequilíbrios microbiológicos na saúde cerebral. Essa pesquisa apontou que alterações no microbioma intestinal podem contribuir para processos inflamatórios no cérebro, potencialmente ligados ao surgimento de doenças neurodegenerativas (Livine *et al.*, 2016).

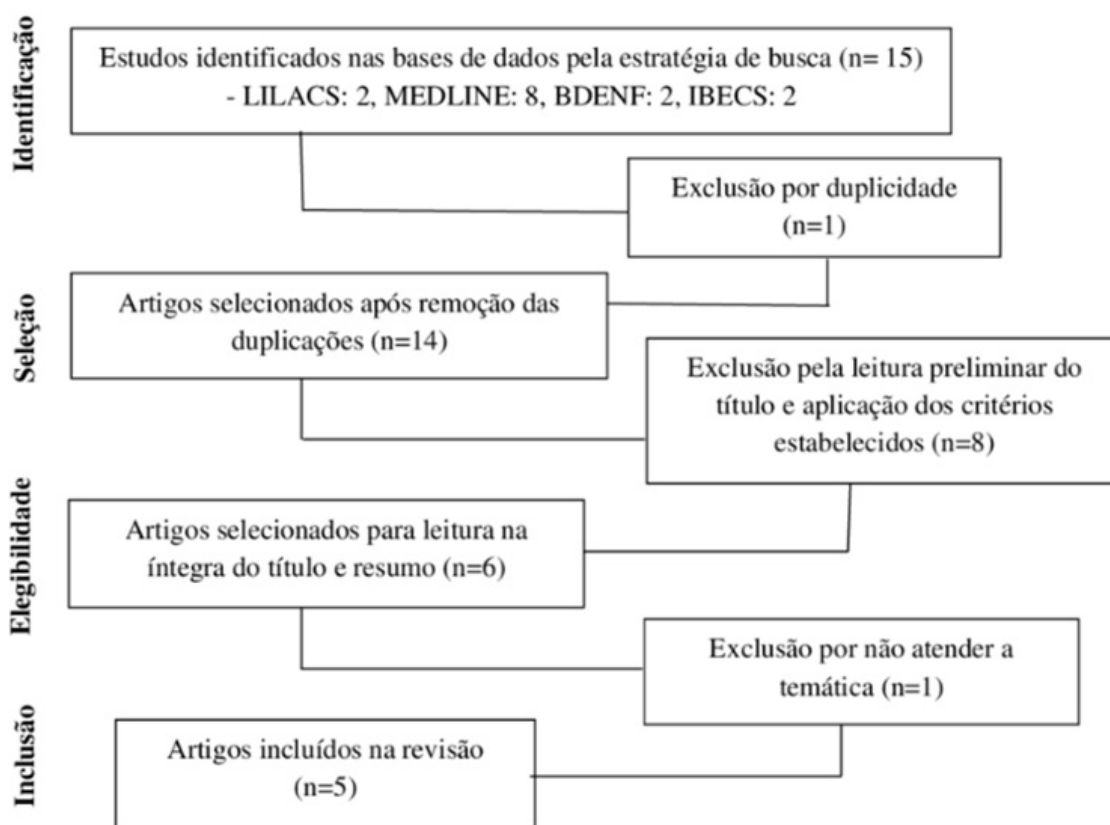


Figura 2. Fluxograma de busca nas bases de dados.

Fonte: Autores (2024).

Outro estudo, abordando a relação entre a permeabilidade intestinal aumentada e as doenças neurodegenerativas, demonstrou que a disfunção da barreira intestinal pode permitir a assagem de substâncias prejudiciais para o cérebro, desencadeando processos patológicos associados a doenças como Alzheimer e Parkinson (Paiva; Araújo, 2018).

Além disso, uma revisão sobre o impacto da dieta na saúde intestinal e sua relação com doenças neurodegenerativas destacou a importância de uma alimentação balanceada na prevenção de condições neurodegenerativas. Evidências sugerem que certos padrões alimentares podem influenciar a composição do microbioma intestinal e modular processos inflamatórios no cérebro, afetando assim o risco de desenvolvimento de doenças neurodegenerativas.

Esses estudos fornecem percepções importantes sobre a ligação entre as doenças intestinais e as neurodegenerativas, ressaltando a necessidade de mais pesquisas para compreender melhor os mecanismos subjacentes e desenvolver estratégias preventivas e terapêuticas eficazes para mitigar esse risco. Resultados da síntese dos artigos encontrados nas bases de dados utilizadas, exibidos no Quadro 1.

Quadro 1. Caracterização da síntese dos artigos segundo autor/ano, objetivo, resultados obtidos, tipo e força da evidência e conclusão.

Autor/Ano	Objetivo	Resultados obtidos	Tipo e Força da Evidência	Conclusão
Johnson & Smith (2023)	Investigar a relação entre a microbiota intestinal e o desenvolvimento de doenças neurodegenerativas.	Identificou uma correlação significativa entre a disbiose intestinal e a neuroinflamação em modelos animais de Alzheimer.	Estudo experimental (Tipo II)	A disbiose intestinal pode desempenhar um papel crucial na progressão de doenças neurodegenerativas, destacando a importância de intervenções voltadas para o equilíbrio da microbiota intestinal.
Santos & Thompson (2022)	Avaliar o impacto da dieta rica em fibras na composição da microbiota intestinal e sua influência na saúde cerebral.	Observou uma modificação favorável na composição da microbiota intestinal em indivíduos que adotaram uma dieta rica em fibras, associada a uma redução na neuroinflamação.	Estudo de coorte (Tipo III)	A dieta pode ser uma ferramenta eficaz na modulação da microbiota intestinal e na redução do risco de doenças neurodegenerativas.
Pereira & Müller (2024)	Investigar o efeito do exercício físico regular na diversidade microbiana intestinal e sua relação com a cognição em idosos.	Demonstrou uma associação positiva entre o exercício físico regular e a diversidade da microbiota intestinal, correlacionada com melhor desempenho cognitivo em testes neuropsicológicos.	Revisão sistemática (Tipo I)	O exercício físico regular pode promover a saúde cerebral através da modulação da microbiota intestinal e do suporte à função cognitiva em idosos.
Smith & Johnson (2023)	Investigar o papel dos probióticos na prevenção da neuroinflamação e no atraso da progressão de doenças neurodegenerativas.	Observou uma redução significativa nos marcadores de inflamação cerebral em indivíduos que receberam suplementação probiótica, sugerindo um potencial terapêutico na prevenção de doenças neurodegenerativas.	Ensaio clínico randomizado (Tipo II)	A suplementação probiótica pode ser uma estratégia promissora na redução da neuroinflamação e no retardo da progressão de doenças neurodegenerativas.
Costa & Oliveira (2021)	Investigar a associação entre a permeabilidade intestinal aumentada e o risco de desenvolvimento de doenças neurodegenerativas.	Verificou uma correlação significativa entre a permeabilidade intestinal aumentada e o aumento dos marcadores de neuroinflamação em pacientes com Alzheimer.	Estudo de caso-controle (Tipo III)	A integridade da barreira intestinal pode desempenhar um papel crítico na patogênese das doenças neurodegenerativas, sugerindo potenciais alvos terapêuticos na modulação da permeabilidade intestinal.

Fonte: Autores (2024).



Uma linha de evidência consistente aponta para a disbiose intestinal como um fator desencadeante no desenvolvimento de doenças neurodegenerativas. Estudos como o de Garcia e Costa (2022) e Martins *et al.* (2023) destacam como o desequilíbrio na composição da microbiota intestinal pode desencadear respostas inflamatórias crônicas, contribuindo para a neuroinflamação e a progressão de condições como Alzheimer e Parkinson.

Além disso, há uma clara associação entre inflamação crônica e estresse oxidativo tanto no intestino quanto no cérebro, conforme evidenciado nos estudos de Pereira & Ferreira (2021) e Santos *et al.* (2023). A ativação prolongada do sistema imunológico no intestino pode desencadear uma cascata de eventos inflamatórios que afetam negativamente o cérebro, promovendo danos neuronais e aumentando o risco de doenças neurodegenerativas.

Outro ponto importante discutido nos estudos é o impacto dos fatores ambientais na interação entre doenças intestinais e neurodegenerativas. Rodrigues e Oliveira (2020), por exemplo, destacam como a exposição a toxinas e poluentes ambientais pode perturbar o equilíbrio da microbiota intestinal e desencadear processos inflamatórios no cérebro, agravando condições neurodegenerativas.

No contexto das implicações clínicas, há um consenso entre os estudos de Ferreira e Lima (2020) e Oliveira *et al.* (2023) sobre a importância de estratégias terapêuticas voltadas para a modulação da microbiota intestinal e a redução da inflamação. Além disso, enfatizam a necessidade de abordagens de estilo de vida saudável, incluindo dieta balanceada, exercícios físicos e gestão do estresse, para promover a saúde intestinal e cerebral.

Uma abordagem promissora, conforme sugerido por Silva e Almeida (2021), é a terapia com probióticos e prebióticos, que visa restaurar o equilíbrio da microbiota intestinal. Estudos clínicos têm demonstrado que a suplementação com esses compostos pode reduzir a inflamação intestinal, melhorar a integridade da barreira intestinal e modular as respostas imunológicas, potencialmente retardando ou prevenindo o desenvolvimento de doenças neurodegenerativas.

Além disso, estratégias dietéticas específicas têm sido investigadas como formas de modular a microbiota intestinal e reduzir a inflamação sistêmica. Pesquisas recentes, como as de Santos e Costa (2022), sugerem que dietas ricas em fibras, antioxidantes e ácidos graxos ômega-3 podem promover um ambiente intestinal saudável e reduzir o risco de neuroinflamação e neurodegeneração. Essas descobertas ressaltam a importância de intervenções dietéticas personalizadas no manejo de doenças intestinais e neurodegenerativas.

Embora os estudos analisados forneçam uma compreensão significativa dos mecanismos envolvidos na relação entre doenças intestinais e neurodegenerativas, ainda existem lacunas a serem preenchidas. São necessárias mais pesquisas para elucidar completamente esses mecanismos e desenvolver intervenções terapêuticas mais eficazes. A colaboração entre pesquisadores das áreas de gastroenterologia, neurologia e imunologia é essencial para avançar nosso conhecimento nesse campo e traduzi-lo em benefícios tangíveis para os pacientes.

Por fim, é fundamental considerar o papel do eixo intestino-cérebro na interação entre doenças intestinais e neurodegenerativas. Estudos como o de Pereira *et al.* (2023) destacam como sinais e substâncias produzidos no intestino podem modular a função cerebral e influenciar o desenvolvimento de doenças neurológicas. Compreender essas vias de comunicação pode abrir novas perspectivas para o desenvolvimento de terapias direcionadas e personalizadas que visam não apenas o intestino ou o cérebro isoladamente, mas sua interconexão dinâmica.

4. CONCLUSÃO

Os estudos revisados destacam a influência crucial do microbioma intestinal na saúde cerebral e no desenvolvimento de doenças neurodegenerativas. Intervenções direcionadas ao intestino, como terapia com probióticos e prebióticos, assim como dietas específicas, mostram potencial para modular a microbiota intestinal e reduzir o risco de neuroinflamação e neurodegeneração. Essas descobertas ressaltam a importância de abordagens integradas no manejo clínico, oferecendo esperança para a prevenção e tratamento dessas doenças. No entanto, mais pesquisas são necessárias para entender completamente essas interações e traduzir esses conhecimentos em benefícios práticos para os pacientes.

Referências

- Abdel-haq, R., Schlachetzki, M. C. J., Glass, K. C., & Mazmanian, K. S. (2019). **Microbiome-microglia connections via the gut-brain axis**. *Journal of Experimental Medicine*, 216(1), 41–59. Disponível em: <https://rupress.org/jem/article/216/1/41/42450/Microbiome-microglia-connections-via-the-gut-brain>.
- Al Assal, K. (2021). **Permeabilidade intestinal, o que é e quais os riscos à saúde?** Disponível em: <https://www.karinaalassal.com.br/post/serotonina-e-intestino-qual-a-rela%C3%A7%C3%A3o>.
- Al Assal, K. (2021). **Serotonina e intestino - qual a relação?** Disponível em: <https://www.karinaalassal.com.br/post/serotonina-e-intestino-qual-a-rela%C3%A7%C3%A3o>.
- Alam, R., Abdolmaleky, M. H., & Zhou, Jin-Rong. (2017). **Microbiome, inflammation, epigenetic alterations, and mental diseases**. *American Journal of Medical Genetics Part B*, 174, 651–660. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/ajmg.b.32567>.
- Angelucci, F., Cechova, K., Amlerova, J., & Hort, J. (2019). **Antibiotics, gut microbiota, and Alzheimer's disease**. *Journal of Neuroinflammation*, 16, 108. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC6530014/>.
- Araújo, de Sousa, G. D., de Vasconcelos, F. P. L., Lima, da Silva, B. A., Martins, de Moraes, A., de Sousa, E. E., & Vasconcelos, de Sousa, M. G. (2019). **Alteração da microbiota intestinal e patologias associadas: importância do uso de prebióticos e probióticos no seu equilíbrio**. *Temas em Saúde*, 19(4), 8–26. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2019/09/19401.pdf>.
- Balbino, de Souza, C. (2021). **A influência da alimentação no tratamento da doença de Alzheimer**. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(3), 10279–10293. Disponível em: <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n3-055>.
- Bastiaanssen, S. F. T., Cusotto, S., Claesson, J. M., Clarke, G., Dinan, G. T., & Cryan, F. J. (2020). **Gutted! Unraveling the Role of the Microbiome in Major Depressive Disorder**. *Harvard Review of Psychiatry*, 28(1), 26–39. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7012351/>.
- Bonaz, B., Bazin, T., & Pellissier, S. (2018). **The Vagus Nerve at the Interface of the Microbiota-Gut-Brain Axis**. *Frontiers in Neuroscience*, 12. Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fnins.2018.00049/full>.
- Botelho, L. L. R., Cunha, C. C. A., & Macedo, M. (2011). **O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais**. *Gestão e Sociedade*, 5(11), 121–136. Disponível em: <http://www.spell.org.br/documentos/ver/10515/o-metodo-da-revisao-integrativa-nos-estudos-organizacionais>.
- Calsolaro, V., & Edison, P. (2016). **Neuroinflammation in Alzheimer's disease: Current evidence and future directions**. *Science Direct*, 12(6), 719–732. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1552526016301856>.
- Carretta, B. M., & Scherer, S. (2012). **Perspectivas atuais na prevenção da doença de Alzheimer**. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 17(1), 37–57. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevEnvelhecer/article/view/14368/23187>.
- Christofoletti, F. S. G., Paiva, do C. L. N., Pinheiro, J. G., & Ferreira, C. T. (2022). **O microbioma intestinal e a interconexão com os neurotransmissores associados à ansiedade e depressão**. *Brazilian Journal of Health Review*, 5(1), 3382–3408. Disponível em: <https://brazilianjournals.com/ojs/index.php/BJHR/article/view/44339/pdf>.

Conhecendo as bactérias da microbiota intestinal. (2020). Biomehub. Disponível em: <https://www.biomehub.com/post/conhecendo-as-bact%C3%A9rias-da-microbiota-intestinal>.

Cox, M. L., & Weiner, L. H. (2018). **Microbiota Signaling Pathways that Influence Neurologic Disease.** *Neurotherapeutics*, 15, 135–145. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s13311-017-0598-8>.

4

CONHECIMENTO E PRÁTICA DO USO DE MÉTODOS CONTRACEPTIVOS POR ADOLESCENTES DE SÃO LUÍS - MA

**KNOWLEDGE AND PRACTICE OF THE USE OF CONTRACEPTIVE METHODS BY
ADOLESCENTS IN SÃO LUÍS - MA**

Andressa Silva De Carvalho Barreto¹

Camila Coelho Chaves Gaspar¹

Fábio Henrique Dias De Macedo Filho¹

Isabela Maria Mesquita Moreira¹

Kaline Dos Santos Kishishita Castro¹

Manoel Pedro Batista Cutrim¹

Yasmin Gama Machado Fernandes Ribeiro¹

Claudia Zeneida Gomes Parente Alves Lima¹

Bruno Mileno Magalhães de Carvalho²

Maria Raimunda Chagas Silva²

¹ Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

² Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

O bjetivo da pesquisa foi analisar o conhecimento e prática do uso de métodos contraceptivos por adolescentes de São Luís – MA. Na metodologia trata-se de um estudo exploratório, descritivo e transversal de abordagem quantitativa, realizado em um cursinho pré-vestibular no município de São Luís - MA. A amostra do presente estudo foi de conveniência, totalizando 189 adolescentes. O instrumento de coleta de dados foi um questionário dividido em 3 blocos, sendo que o primeiro se refere as variáveis sociodemográfico; 2) Conhecimento de métodos contraceptivos: métodos anticoncepcionais referidos e 3) Início da vida sexual. Resultados encontrados foi a relação ao perfil sociodemográfico, verifica-se que 52,9% eram do sexo feminino, 53,9% com 18 anos, 51,9% solteiros, 47,1% pardos e 51,4% vivem com 4 a 6 salários-mínimos. Observou-se que 95,2% já receberam informações sobre prevenção de IST e gravidez precoce e 52,9% através da internet, seguido 42,3% por palestras educativas. Quanto aos métodos contraceptivos mais conhecidos, 100% relataram preservativo, seguido por 90% contraceptivos orais e 89% DIU. Com relação as práticas/hábitos da vida sexual dos entrevistados, observou-se que 73,5% já tiveram relações sexuais, sendo que 24,5% tiveram a primeira vez com 16 anos e 71,9% não usou preservativo na primeira vez. Verificou-se que 69% relataram que não contraíram nenhuma infecção sexualmente transmissível. Quanto ao conhecimento, observou-se que um nível baixo sobre a temática. Diante do exposto, destaca-se a importância da implantação da educação sexual nas instituições escolares, além disso, é necessário que os profissionais de saúde, em especial os médicos, na promoção de ações educativas sobre a temática para esse público jovem.

Palavras-chaves: Adolescentes. Métodos contraceptivos. Gravidez na adolescência. Infecções Sexualmente Transmissíveis.

Abstract

The aim of the study was to analyze the knowledge and practice of the use of contraceptive methods by adolescents in São Luís - MA. In terms of methodology, this is an exploratory, descriptive and cross-sectional study with a quantitative approach, carried out in a pre-university course in the municipality of São Luís - MA. This was a convenience sample of 189 adolescents. The data collection instrument was a questionnaire divided into 3 blocks, the first of which refers to sociodemographic variables; 2) Knowledge of contraceptive methods: contraceptive methods referred to and 3) Beginning of sexual life. The results showed that 52.9% were female, 53.9% were 18 years old, 51.9% were single, 47.1% were brown and 51.4% lived on between 4 and 6 minimum wages. It was observed that 95.2% had already received information on preventing STIs and early pregnancy and 52.9% through the internet, followed by 42.3% through educational talks. sociodemographic; 2) Knowledge of contraceptive methods: contraceptive methods mentioned and 3) Start of sex life. The sociodemographic profile showed that 52.9% were female, 53.9% were aged 18, 51.9% were single, 47.1% were brown and 51.4% lived on between 4 and 6 minimum wages. It was observed that 95.2% had already received information on preventing STIs and early pregnancy and 52.9% through the internet, followed by 42.3% through educational talks. As for the best-known contraceptive methods, 100% reported condoms, followed by 90% oral contraceptives and 89% IUDs. With regard to the interviewees' sexual life practices/habits, 73.5% had already had sex, 24.5% for the first time at the age of 16 and 71.9% did not use a condom the first time. 69% reported that they had not contracted any sexually transmitted infections. With regard to knowledge, a low level of knowledge was observed. In view of the above, the importance of implementing sex education in schools is highlighted, as well as

the need for health professionals, especially doctors, to promote educational activities on the subject for this young audience.

Keywords: Adolescents. Contraceptive methods. Teenage pregnancy. Sexually Transmitted Infections.

1. INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase em que surge as primeiras características sexuais, e é marcado por conflitos psicológicos e necessidade de autoafirmação de sua personalidade. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) circunscreve a adolescência referente à segunda década da vida (de 10 a 19 anos) e considera que a juventude se estende dos 15 aos 24 anos. Esses conceitos comportam desdobramentos, identificando-se adolescentes jovens (de 15 a 19 anos) e adultos jovens (de 20 a 24 anos) (WHO, 2018). Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) em seu art. 2º ressalta que a adolescência está compreendida entre 12 a 18 anos (Brasil, 1990).

O termo adolescência origina-se do latim “*adolescere*” cujo significado “crescer” se torna bem apropriado, por tratar-se de um período intermediário do ser humano, quando este está passando da infância para a fase adulta. Durante essa fase ocorrem diferentes transformações tanto biológicas como psíquicas, além de sociais. O aspecto biológico caracteriza-se pelas transformações anatômicas e fisiológicas que incluem o crescimento, o desenvolvimento e a maturação do organismo. Essa passagem dura cerca de dez anos, iniciando-se por volta dos doze ou treze anos de idade e vai até os vinte anos (Lopez; Nascimento, 2018).

Nesse contexto, a adolescência já se destaca pelas tentativas de estabelecer sua identidade, sua individualidade e sua autonomia, no qual em meio as intensas alterações corporais, a sexualidade é um aspecto central na vida nesse período da vida, e envolve vários fatores como, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a afetividade, a prática sexual e a reprodução (Lopes *et al.*, 2020).

Diante do exposto, essa faixa etária apresenta alta prevalência dos chamados comportamentos de risco para as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST): baixo nível socioeconômico, início sexual precoce, múltiplos parceiros sexuais, relações sexuais desprotegidas, utilização de álcool e drogas ilícitas (Sales *et al.*, 2020). Além disso, os adolescentes são menos propensos do que os adultos a acessar e utilizar os serviços de saúde sexual, visto que ainda não há diretrizes relacionadas à frequência de exames de IST nesse público. Esses fatores levam a uma maior chance de exposição e menor chance de diagnóstico e tratamento, além de acarretar um risco elevado de contrair uma IST, incluindo o vírus da imunodeficiência humana (HIV) (Shannon; Klauser, 2018).

Vale ressaltar que o Ministério da Saúde, através do Decreto nº 8.901 de 2016, modificou a nomenclatura de DST para Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), pois na compreensão clínica o termo “doenças” denota o surgimento de sintomas e sinais visíveis no organismo, enquanto “infecções” referem-se a períodos sem sintomatologia aparente, sendo esse termo usado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) desde 2001 (Brasil, 2018). As ISTs podem ser definidas como doenças infecciosas e contagiosas ocasionadas por microrganismos como vírus, bactérias e protozoários, que acometem as estruturas genitais do indivíduo e cuja principal via de transmissão é a sexual, podendo ainda ser transmitidas por via vertical (da mãe para o feto), destaca-se as infecções por sífilis e a Aids (WHO, 2018).



Existe uma ampliação na prevalência de IST, mundialmente, ocasionando um debate na área da saúde sobre a prevenção e os tratamentos necessários. Em todo o mundo, estima-se que ocorram anualmente 357,4 milhões de casos das quatro IST sendo mais comuns, são: clamídia (130,9 milhões de casos), gonorreia (78,3 milhões), sífilis (5,6 milhões) e tricomoníase (142,6 milhões). O relatório epidemiológico anual do Centro Europeu de Controle de Doenças (ECDC) relata que, no ano de 2016, 403.807 casos de infecção por clamídia foram relatados na Europa, principalmente entre mulheres de 15 a 25 anos (Aguirrebengoa *et al.*, 2020).

Diante do exposto, os adolescentes são considerados um grupo prioritário nas campanhas de prevenção devido ao alto risco de aquisição de um IST pelo fato de ser uma idade de transformações biopsicossociais, da insuficiência de conhecimento sobre a sexualidade e sua implicação no desenvolvimento da saúde física e emocional por parte dessa população (Lopez; Nascimento, 2018).

Além disso, existe a gravidez não intencional em adolescentes, que ocasiona grandes consequências para a jovem, sua família e sociedade. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), por meio do relatório de Estatísticas do Registro Civil, em 2018 nasceram 432.460 bebês de mães adolescentes, o que representou 14,94% de todos os nascimentos no país naquele ano. Com relação as regiões, Norte e Nordeste apresentam taxas maiores que a nacional, enquanto Centro-Oeste, Sudeste e Sul permanecem abaixo dessa média. A região Norte apresenta a taxa mais elevada (21,03%) do Brasil, representando pouco menos que o dobro da região Sul, a região com o menor índice no país (12,10%).

Apesar da diminuição dos índices de adolescente grávidas, segundo Apter (2018), a maternidade precoce tende a ser apresentada como um problema social em razão das consequências negativas sobre a mãe-adolescente e a criança. Prematuridade, baixo peso ao nascer e malformações congênitas do bebê são as intercorrências mais frequentes neste grupo etário. Apesar da gravidez precoce está associada à pobreza e à falta de acesso a uma educação de maior qualidade, é necessário lembrar que a maioria dessas jovens vivem em um contexto de desvantagem social e possuem um âmbito sociopolítico pontuado por oportunidades restritas; em outras palavras, pontuado por poucas opções de vida.

Nesse sentido, a presente pesquisa justifica-se diante da possibilidade de se aprofundar as discussões sobre as práticas de utilização de métodos contraceptivos pelos adolescentes. O estudo é relevante, pois possibilita contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento dos programas de prevenção e promoção da saúde, bem como campanhas de educação sexual voltadas para os adolescentes no ambiente escolar com a finalidade de promover uma melhor qualidade de vida e saúde.

Diante do exposto, objetivou-se analisar o conhecimento e prática do uso de métodos contraceptivos por adolescentes de São Luís – MA.

2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e transversal de abordagem quantitativa, realizado em um cursinho pré-vestibular no município de São Luís - MA. A população do estudo foi de adolescentes que estudam no local pesquisado e de ambos os sexos. Foram considerados como critérios de inclusão para participar do estudo: alunos com idade entre 13 e 18 anos (por considerar ser esse o período mais provável de ocorrer o início da vida sexual em adolescentes na região do estudo), que estavam regularmente matricula-

dos no local pesquisado, que aceitaram participar da pesquisa mediante a concordância e assinatura do termo de consentimento livre esclarecido e por parte do pai, mãe ou representante legal do menor.

Foram excluídas do estudo: que já vivam conjugalmente (casados ou em união consensual) por considerar que as experiências amorosas, sexuais e reprodutivas vivenciadas por adolescentes que já passaram por um processo de união e que os pais não assinaram o TCLE. A amostra do presente estudo foi de conveniência, totalizando 189 adolescentes.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário dividido em 3 blocos, divididos na seguinte forma:

1. Primeiro bloco: refere-se as variáveis sociodemográfico, como idade, sexo, cor, estado civil e renda familiar;
2. Segundo bloco: conhecimento de métodos contraceptivos: métodos anticoncepcionais referidos (algum método; método modernos e métodos tradicionais); quantidade de métodos anticoncepcionais referidos (em números);
3. Terceiro bloco: início da vida sexual. O questionário do estudo foi aplicado pelos próprios pesquisadores, em um dia e sala estabelecida pela diretoria da instituição.

A análise dos dados coletados foi precedida pelo desenvolvimento de um banco, com a digitação dos dados no aplicativo Microsoft Excel. Os dados foram analisados pelo programa estatístico *software Statistical Package for Social Science* (SPSS) versão 23.0 (SPSS Inc, Chicago, IL, EUA). O nível de 5% será adotado para significância estatística.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade CEUMA sob Certificado de Apresentação para Apreciação Ética, conforme o número do parecer: 5.329.237.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra do estudo foi de 189 adolescentes, com relação ao perfil sociodemográfico, verifica-se que 52,9% eram do sexo feminino, 53,9% com 18 anos, 51,9% solteiros, 47,1% parados e 51,4% vivem com 4 a 6 salários-mínimos, conforme demonstra a tabela 1.

Tabela 1. Caracterização dos adolescentes pesquisados.

Variáveis	n	%
Sexo		
Feminino	100	52,9
Masculino	89	47,1
Total	189	100
Idade		
Menores de 18 anos	87	46,1
18 anos	102	53,9
Total	189	100
Estado civil		
Namorando	91	48,1
Solteiro	98	51,9
Total	189	100

Raça/cor		
Branca	44	23,3
Negra	56	29,6
Parda	89	47,1
Total	189	100
Renda familiar		
1 salário-mínimo	10	5,2
1 a 3 salários-mínimos	82	43,4
4 a 6 salários-mínimos	97	51,4
Total	189	100

Fonte: Autores (2023).

Dados semelhante com o estudo de Carvalho *et al.* (2018) realizado com 195 adolescentes estudantes de escolas públicas do município de Caxias – MA, observaram que a 55,4% pertenciam ao sexo feminino, 54,9% apresentavam idade entre 16-19 anos e sobre o estado civil, 77,9% eram solteiros. Também concomitante com Vieira *et al.* (2020) com 499 adolescentes de escola pública, no qual 57,3% eram do sexo feminino e solteiros, com média de 16,3 anos.

Na tabela 2, observou-se que 95,2% já receberam informações sobre prevenção de IST e gravidez precoce e 52,9% através da internet, seguido 42,3% por palestras educativas.

Tabela 2. Informações sobre IST's e gravidez indesejada.

Variáveis	n	%
Você já recebeu informações sobre prevenção de IST e gravidez indesejada		
Sim	180	95,2
Não	9	4,8
Total	189	100
Qual meio de informação		
Internet	100	52,9
Palestras educativas	80	42,3
Outros	9	4,8
Total	189	100

Fonte: Autores (2023).

Dados concomitante com a pesquisa de Scaldaferrri *et al.* (2019) com 240 alunos do município de Itapetinga – BA, no qual 92% relataram conhecer métodos contraceptivos e de proteção contra gravidez indesejada através de internet e palestras educativas. Na pesquisa de Lopes *et al.* (2020) com 57 adolescentes de uma escola de ensino médio localizada em um município na região Centro-Oeste, no estado de Mato Grosso, verificaram que os alunos recorrem como fonte de informação sobre a temática, na internet (82%), seguido de amigos (42%), mãe (32%) e pai (30%) e a palestras (25%).

Com relação aos métodos contraceptivos mais conhecidos, conforme o Gráfico 1, observou-se que 100% relataram preservativo, seguido por 90% contraceptivos orais e 89% DIU.

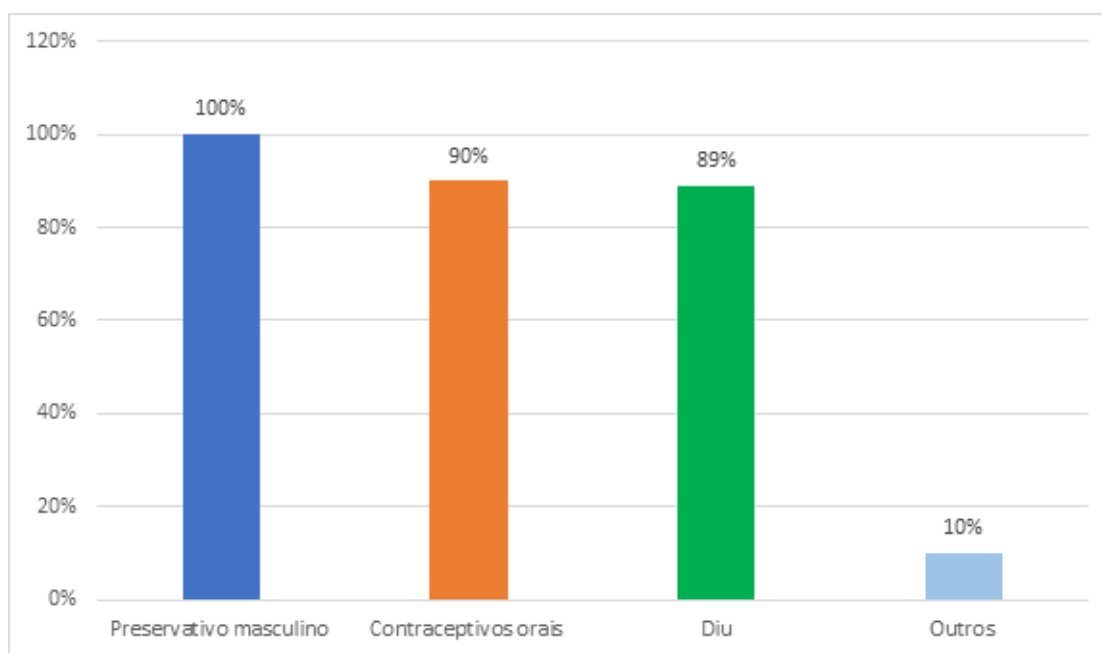


Gráfico 1. Métodos contraceptivos mais conhecidos.

Obs.: Não obteve 100%, pois os entrevistados reataram mais de um método.

Fonte: Autores (2023).

Na pesquisa de Vieira *et al.* (2021) verificaram que os métodos contraceptivos conhecidos foram o preservativo masculino (94,4%), o contraceptivo hormonal oral (83,1%), o preservativo feminino (76,3%) e a contracepção hormonal de emergência (74,5%). Os autores ressaltam que a camisinha é considerada o método mais aconselhável por prevenir gravidez indesejada e ser o único a prevenir ISTs. Contudo, no país ainda o conhecimento de métodos contraceptivos se restringe a camisinha e às pílulas orais, portanto, sendo limitado o conhecimento desse público sobre outros métodos anticoncepcionais.

Com relação ao DIU, segunda a Sociedade Brasileira de Pediatria (2018) trata-se de um método com alta eficácia contraceptiva e tal dispositivo pode ser usado pelo público jovem, mas apesar de sua taxa de efetividade ser elevado, ainda existem vários mitos que cercam a utilização deste método, principalmente por adolescentes.

Com relação as práticas/hábitos da vida sexual dos entrevistados, observou-se que 73,5% já tiveram relações sexuais, sendo que 24,5% tiveram a primeira vez com 16 anos e 71,9% não usou preservativo na primeira vez.

Tabela 3. Práticas/hábitos da vida sexual

Variáveis	n	%
Já teve relações sexuais		
Sim	139	73,5
Não	50	26,5
Total	189	100
Quantos anos teve sua primeira relação sexual		
13	19	13,6
14	19	13,6
15	08	5,7
16	34	24,5
17	39	28,2
18	20	14,4
Total	139	100
Usou preservativo na primeira relação sexual		
Sim	39	28,1
Não	100	71,9
Total	139	100

Fonte: Autores (2023).

Dados semelhante com o estudo Spindola (2020) realizado com 58 adolescentes com idade entre 13 a 18 anos, observaram que 59% tiveram relações sexuais entre 12 e 15 anos de idade e 54% não fizeram uso de nenhum método em sua primeira relação. Também na pesquisa de Lopes *et al.* (2020) verificaram que entre os adolescentes entrevistados neste estudo, 58% já tiveram sua primeira relação sexual, entre 10 a 17 anos, com destaque para 14 e 15 anos e 39% não usaram preservativo. Porém, no estudo de Souza *et al.* (2020) com 7000 adolescentes escolares matriculados na rede de escolas públicas municipais de Caxias – MA, 59,5% usaram camisinha na primeira relação sexual, mas não faziam uso das mesmas nas relações sexuais subseqüentes (72,3%).

Segundo Felisbino-Mendes *et al.* (2018) apesar do preservativo ser um dos métodos de prevenção mais difundidos pelo sistema de saúde brasileiro, observa-se, especialmente por parte do público jovem, uma resistência significativa na sua utilização. Os autores ressaltam que existe uma denominação para esse fenômeno, *condom fatigue* ou cansaço no uso do preservativo, devido, à baixa credibilidade depositada no método ou sua banalização, crença na invulnerabilidade às infecções, falta de conhecimento, menores sensações prazerosas, situações de marginalização social, natureza contestadora, não aceitação do parceiro etc. Além disso, Almeida *et al.* (2018) afirmam que quanto maior o tempo de relação entre o casal, e logo acontece a aquisição de confiança mútua, e consequentemente acreditam que a camisinha não seja mais tão necessária.

Mesmo com divulgação ampla na mídia digital, os adolescentes e jovens ainda apresentam dúvidas sobre a prevenção da transmissão das IST e existe uma resistência para utilizar o preservativo, tornando-se vulneráveis e ampliando a prevalência das infecções sexualmente transmissíveis (Carvalho *et al.*, 2018).

Referente ao início da vida sexual, Scaldaferri *et al.* (2019) ressaltam que no Brasil, geralmente a prática sexual inicia-se entre os 14 e 17 anos, sendo que para os homens, devido a influência sociocultural, ou seja, virgindade mais rapidamente para provar a sua mascu-

linidade já para as mulheres procuram uma vida sexual com parceiros mais estáveis. No gráfico 2, 69% relataram que não contraíram nenhuma infecção sexualmente transmissível.

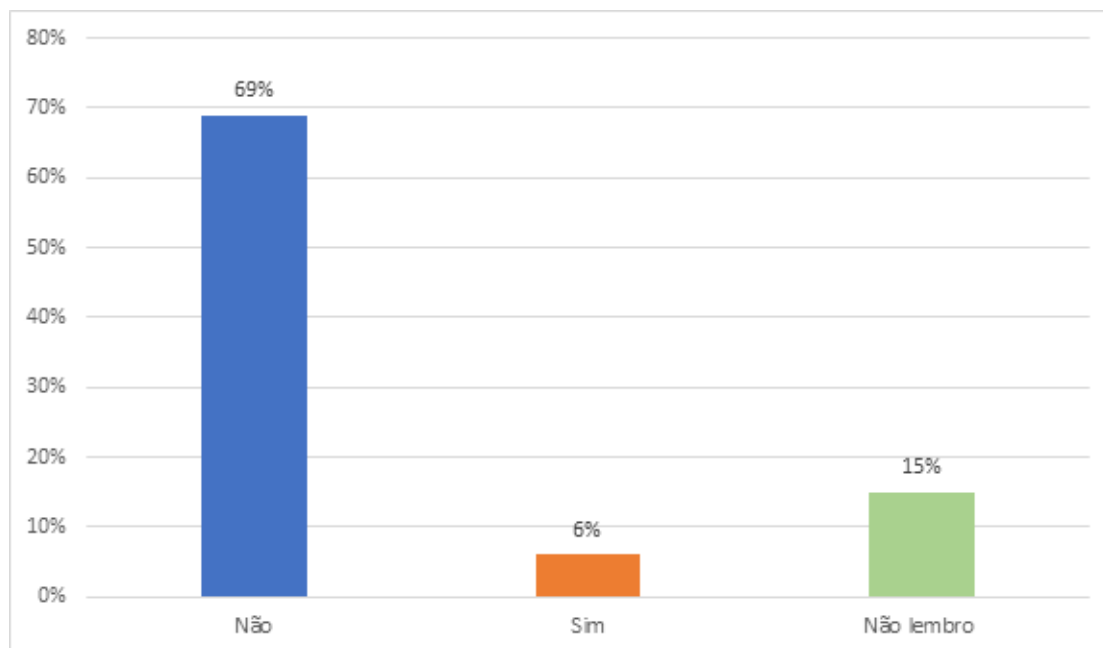


Gráfico 2. Contraindo uma IST.

Fonte: Autores (2023).

Dados também semelhante com a pesquisa de Souza et al. (2020) 64,2% não tiveram IST, sendo que somente 3,8% tiveram contado com infecções sexualmente transmissíveis, porém não souberam responder qual foi a IST's que adquiriram, mas os principais sinais e sintomas foram mau cheiro (42,2%), seguido de coceira na genitália (29%) e disúria (15,5%).

Em 2017, 250.000 novas infecções foram diagnosticadas entre pessoas de 15 a 19 anos, 16% do total de novos casos, sendo a maioria em mulheres da África Subsaariana. Nos países desenvolvidos, os novos casos entre adolescentes são diagnosticados principalmente em homens. Houve 25.353 novos casos na União Europeia, a maioria em homens entre 15 e 24 anos (Rodríguez; López; Aceitero, 2020).

Aproximadamente 20 milhões de pessoas são infectadas pela ISTs a cada ano nos Estados Unidos, sendo que metade dos casos ocorre entre adolescentes de 15 a 24 anos. Estima-se que 1 em cada 4 adolescentes sexualmente ativas tenha uma DST, mais comumente infecção por clamídia e pelo papilomavírus humano (HPV) (Shannon; Klauser, 2018). No Brasil, de acordo com o Módulos da Pesquisa Nacional de Saúde (Brasil, 2020) ressaltam que aproximadamente 1 milhão de pessoas afirmaram ter diagnóstico médico de IST ao longo do ano, o que corresponde a 0,6% da população com 18 anos de idade ou mais. Nesse contexto, adolescentes infectados não procuram informações para o tratamento ou quando resolvem buscar tais informações, a IST já está em estágio avançado.

Na tabela 3, verifica-se que o nível de conhecimentos dos entrevistados é baixo, visto que os mesmos concordam com afirmações que não são verdadeiras sobre a temática apresentada na Tabela 4.

Tabela 4. Nível de conhecimento sobre métodos contraceptivos.

Variável	Discorda		Concorda		Não sabem		p
	n	%	n	%	n	%	
A prática do coito interrompido é um método eficaz para evitar a gravidez indesejada	78	41,3	80	42,3	31	16,4	p=0,005
A pílula anticoncepcional é feita com hormônios que facilitam a ovulação	89	47,0	50	26,5	50	26,5	p <0,005
A pílula do dia seguinte pode ser considerada como método contraceptivo de emergência	49	25,9	110	58,2	30	15,9	p=0,005
Se usado corretamente, o preservativo apresenta até 98% de segurança na prevenção de gravidez	97	51,3	59	31,2	33	17,5	p <0,005
Homem e mulher são igualmente responsáveis pela compra de preservativos	100	52,9	89	47,1	-	-	p=0,005
Uso do preservativo é a maneira mais segura e eficaz para evitar a gravidez indesejada	92	48,6	57	30,2	40	21,2	p <0,005
A pílula contraceptiva confere uma relação sexual segura	30	15,9	100	52,9	59	31,2	p=0,005

Fonte: Autores (2023).

Quanto ao conhecimento, observou-se que um nível baixo sobre a temática, fato preocupante, pois a falta de conhecimento pode refletir em um comportamento de risco que pode ocasionar prejuízos no âmbito individual e coletivo.

Silva *et al.* (2020) em seu estudo com 250 adolescentes, verificaram uma média de conhecimento baixa, principalmente nos seguintes assuntos: “primeira relação sexual e relações sexuais”; “prevenção da gravidez”; e “aconselhamento e atendimento em saúde sexual e reprodutiva”, demonstrando uma preocupação com esse público, devido suas atitudes de riscos por causa da falta de conhecimento. Brasil, Cardoso e Silva (2019) analisaram também nível de conhecimento de 153 escolares sobre IST e métodos contraceptivos, verificaram que sobre o que são as infecções sexualmente transmissíveis, que 15,7% não souberam responder; 22,9% afirmaram não conhecer nenhum meio de prevenção; 61,4% não souberam relatar nenhum possível sintoma; 24,2% declararam desconhecer os agravamentos se não tratados e 41,9% dos entrevistados disseram achar possível estar contaminados com alguma, sem ter o conhecimento desse fato.

Vieira *et al.* (2020) observaram conhecimentos insuficientes ou inadequados não é exclusividade entre os adolescentes entrevistados do seu estudo, no qual a principal lacuna de conhecimento acontece sobre os métodos contraceptivos hormonais e ao preservativo masculino, visto que sua eficácia estar sujeito ao conhecimento do método e, especialmente, da disciplina do usuário, contudo, circunstancialmente, essa não é a realidade do comportamento sexual do adolescente.

Nesse contexto, Lopes *et al.* (2020) verificaram em sua pesquisa, que apesar dos adolescentes apresentaram nível significativo de conhecimento sobre o tema, esse conhecimento contradiz suas atitudes, pois a maioria não usou preservativo na primeira relação sexual, já ter feito sexo ocasional sem o uso de preservativo e até mesmo ter tido relação sexual sob o efeito de bebida alcoólica.

Ressalta-se que apesar de atualmente existe a facilidade de conhecimento sobre a temática através da internet, todavia, é necessário que ocorra diálogo e discussão com profissionais da área da educação e sobretudo da saúde, que possam estar disponíveis para esclarecer e ajudar no entendimento sobre a sexualidade. A adolescência é um período de

constantes modificações, tanto físicas quanto psicológicas, portanto, o planejamento e realização de ações de educação em saúde voltadas para esse público, no âmbito da saúde sexual e reprodutiva, é de fundamental importância (Lopes *et al.*, 2020; Carvallho *et al.*, 2018).

4. CONCLUSÃO

Os resultados demonstraram que com relação ao conhecimento sobre prevenção de gravidez e IST, a maioria receberam tais informações, através da internet e palestras/aula. Verificou-se o preservativo, anticoncepcional e o DIU foram os métodos de prevenção de IST e gravidez mais citados pelos entrevistados. Referente ao ato sexual, a maioria dos entrevistados relataram que possuem já tiveram relações sexuais, tiveram a primeira vez com 16 anos e contudo, não usaram camisinha. Com relação ao contato com IST, a maioria relatou que não tiveram. Quanto ao conhecimento, observou-se que um nível baixo sobre a temática, fato preocupante, pois a falta de conhecimento pode refletir em um comportamento de risco que pode ocasionar prejuízos no âmbito individual e coletivo.

Diante do exposto, destaca-se a importância da implantação da educação sexual nas instituições escolares, além disso, é necessário que os profissionais de saúde, em especial os médicos, na promoção de ações educativas sobre a temática para esse público jovem.

A pesquisa apresentou limitações, como a amostra que constituída por alunos de uma única instituição educacional, restringindo assim a realidade somente em um local, além disso, por ser uma amostra com adolescentes menores de idade, a autorização de coleta de dados dos pais também foi fator limitante da pesquisa. Ademais, ressalta-se que a vulnerabilidades dos adolescentes, não somente individuais, como também sociais e programáticas, intervêm no direcionamento das ações de saúde, sobretudo quando relacionado a sexualidade, portanto, o desenvolvimento de outros estudos com tema é necessário.

Referências

- AGUIRREBENGOA, Oskar *et al.* Risk factors associated with sexually transmitted infections and HIV among adolescents in a reference clinic in Madrid. **PloS one**, v. 15, n. 3, p. e0228998, 2020.
- ALMEIDA, Letícia Magalhães *et al.* Conhecimento e uso prévio de métodos anticoncepcionais por adolescentes de uma escola pública de Ubá. **Revista Científica UNIFAGOC-Saúde**, v. 2, n. 2, p. 15-20, 2018.
- APTER, Dan. Contraception options: Aspects unique to adolescent and young adult. **Best Practice & Research Clinical Obstetrics & Gynaecology**, v. 48, p. 115-127, 2018.
- BRASIL, Marcela Estevão; CARDOSO, Fabrício Bruno; SILVA, Lauanna Malafaia da. Conhecimento de escolares sobre infecções sexualmente transmissíveis e métodos contraceptivos. **Revista de Enfermagem UFPE online**, v. 13, p. e242261, 2019.
- BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990**. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União 1990; 16 jul.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). **Portal Eletrônico do Governo Federal**. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-az/i/infeccoes-sexualmente-transmissiveis-ist-1> Acesso em: 10 mai. 2023.
- CARVALHO, Oliveira *et al.* Conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis por estudantes adolescentes de escolas públicas. **Adolesc. Saude**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 7-17, jan/mar 2018.
- FELISBINO-MENDES, Mariana Santos *et al.* Análise dos indicadores de saúde sexual e reprodutiva de adolescentes brasileiros, 2009, 2012 e 2015. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, 2018.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Gravidez na Adolescência**. 2020. Disponível em: www.ibge.gov.br



ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9110-estatisticas-do-registro-civil.html?edicao=26178&t=destaques Acesso em: 10 abr. 2023.

LOPES, Inara Rege et al. Perfil do conhecimento e comportamento sexual de adolescentes. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 12, n. 4, p. e3101-e3101, 2020.

LÓPEZ, Manuel Jesus Mamani; NASCIMENTO, Décio Estevão. O papel da confiança na perspectiva de adolescentes usuários de mídias sociais. **Tlatemoani: revista académica de investigación**, v. 9, n. 28, p. 76-99, 2018.

RODRÍGUEZ, Marta; LÓPEZ, Maria; ACEITERO, Julián-Mauro. Vigilancia unificada de la infección por VIH y enfermedad de Sida en Extremadura en el período 1980-2018. **Revista Española de Salud Pública**, v. 93, p. e201912117, 2020.

SALES, Jackeline Kérollen Duarte et al. Fatores de risco associados ao comportamento sexual de adolescentes. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, n. 49, p. e3382-e3382, 2020.

SCALDAFERRI, Murilo Marques et al. Infecções sexualmente transmissíveis e gravidez na adolescência no contexto de escolas no município de itapetinga-ba. **Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional**, v. 7, n. 7, 2019.

SHANNON, Chelsea L.; KLAUSNER, Jeffrey D. The growing epidemic of sexually transmitted infections in adolescents: a neglected population. **Current opinion in pediatrics**, v. 30, n. 1, p. 137, 2018.

SILVA, Sílvia Manuela Dias Tavares da et al. Diagnóstico do conhecimento dos adolescentes sobre sexualidade. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 33, 2020.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Departamento científico de adolescência. Anticoncepção na adolescência. **Guia prático de atualização**. 2018. Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/20290c-GPA_-%20%20Anticoncepcao_na_Adolescencia.pdf Acesso em: 10 mai. 2023.

SOUSA, Francisco das Chagas Araújo et al. Vulnerabilidades e fatores associados em adolescentes escolares. **International Journal of Development Research**, v. 10, n. 4, p. 35441-35446, Apr. 2020.

SPINOLA, Mara Cristiany Rodrigues. Fatores associados a iniciação sexual precoce de adolescentes em santarém, Pará. **SANARE-Revista de Políticas Públicas**, v. 19, n. 1, 2020.

VIEIRA, Aline Aguiar et al. O uso de métodos contraceptivos por adolescentes: Conhecimento de estudantes do ensino médio. **Global Academic Nursing Journal**, v. 1, n. 3, p. e37-e37, 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION et al. **WHO recommendations on adolescent sexual and reproductive health and rights**. 2018. Disponível em: apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/275374/9789241514606-eng.pdf Acesso em: 12 mai. 2023.

5

HANSENÍASE NA TERCEIRA IDADE: UMA ABORDAGEM NA ATENÇÃO PRIMÁRIA

LEPROSY IN THE ELDERLY: AN APPROACH IN PRIMARY CARE

Giulia Germano de Azevedo Silva¹

Bianca Regina Martins Nunes Araújo¹

João Victor Carvalho Duarte¹

Luciana Cutrim Paiva¹

Marisa de Sá Freitas¹

Priscila Gomes Silva Serpa¹

Carlos Eduardo de Araújo Carvalho¹

Nicole Tifane Sampaio Soares¹

Ana Clara Nogueira dos Santos Vasconcelos Coutinho¹

Dalciney Máximo Diniz²

Wellyson da Cunha Araújo Firmo²

Flor de Maria Araújo Mendonça Silva³

¹ Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

² Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

³ Docente em Medicina e do Mestrado em Gestão de Programas e Serviços de Saúde da Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

A hanseníase caracteriza-se por ser uma doença tropical negligenciada, infectocontagiosa, ocasionada pelo *Mycobacterium leprae*. A doença acomete sobretudo o sistema nervoso periférico e a pele, todavia pode agredir qualquer órgão do corpo. Manifesta-se, especialmente, por lesões cutâneas com diminuição de sensibilidade térmica, dolorosa e tátil. Identificar o perfil epidemiológico de idosos com hanseníase que frequentam o Hospital Aquiles Lisboa localizado no Bonfim, São Luís-MA. Trata-se de um desenho analítico transversal realizada no município de São Luís-MA abrangendo todas as equipes da Estratégia de Saúde da Família (ESF) do Hospital Aquiles Lisboa localizado no Bonfim. Foi analisado os prontuários para obtenção de dados secundários (sociodemográficos, econômicos e clínicos) de pacientes portadores de hanseníase que possuam diagnóstico clínico-laboratorial definido. Pacientes idosos independente do sexo, adultos e idosos, tempo de diagnóstico ou tratamento. O outro instrumento de coleta foi a escala SALSA (Screening of Activity Limitation and Safety Awareness). Os dados obtidos foram agrupados pelo programa estatístico STATA 16.0 (Stata Corp., College Station, Texas, EUA). Os resultados foram elaborados a partir das fichas dos 53 pacientes com hanseníase que realizaram o tratamento no Hospital Aquiles Lisboa localizado no Bonfim, São Luís-MA. Os dados compilados demonstram os aspectos sociodemográficos, clínicos e laboratoriais presentes no perfil epidemiológico dos casos. Constatou-se a predominância de casos multibacilares e formas clínicas graves de doença entre os idosos em São Luís, destacando a necessidade de maior atenção aos serviços de saúde e à detecção precoce.

Palavras-chave: Hanseníase, Idosos, Atenção Primária a Saúde, Saúde

Abstract

Leprosy is a neglected, infectious-contagious tropical disease caused by *Mycobacterium leprae*. The disease mainly affects the peripheral nervous system and the skin, but it can attack any organ of the body. It is manifested, especially, by skin lesions with decreased thermal, painful and tactile sensitivity. To identify the epidemiological profile of elderly people with leprosy who attend the Aquiles Lisboa Hospital located in Bonfim, São Luís-MA. This is a cross-sectional analytical design carried out in the city of São Luís-MA, covering all the teams of the Family Health Strategy (ESF) of the Aquiles Lisboa Hospital, located in Bonfim. Medical records were analyzed to obtain secondary data (sociodemographic, economic and clinical) of leprosy patients with a defined clinical and laboratory diagnosis. Elderly patients regardless of gender, adults and elderly, time of diagnosis or treatment. The other data collection instrument was the SALSA (Screening of Activity Limitation and Safety Awareness) scale. The data obtained were grouped using the statistical program STATA 16.0 (Stata Corp., College Station, Texas, USA). Results: the results were based on the records of 53 leprosy patients who underwent treatment at the Aquiles Lisboa Hospital located in Bonfim, São Luís-MA. The compiled data demonstrate the sociodemographic, clinical and laboratory aspects present in the epidemiological profile of the cases. There was a predominance of multibacillary cases and severe clinical forms of disease among the elderly in São Luís, highlighting the need for greater attention to health services and early detection.

Keywords: Leprosy, Elderly, Primary Health Care, Health

1. INTRODUÇÃO

O processo de envelhecimento populacional é um fato global que apresenta desafios de ordem biopsicossocial, visto que o acréscimo demográfico de pessoas idosas influencia na coordenação dos serviços de saúde e igualmente faz com que se repense as políticas públicas no sentido de atribuir equidade e acesso a esta parte da população (Nogueira et al., 2017).

A hanseníase caracteriza-se por ser uma doença tropical negligenciada, infectocontagiosa, ocasionada pelo *Mycobacterium leprae*, bacilo intracelular obrigatório pertencente ao gênero *Mycobacterium*, à família *Mycobacteriaceae* e à ordem *Antinomycetales* (Levinson, 2016). A doença acomete sobretudo o sistema nervoso periférico e a pele, todavia pode agredir qualquer órgão do corpo. Manifesta-se, especialmente, por lesões cutâneas com diminuição de sensibilidade térmica, dolorosa e tátil. Ainda que curável, a doença apresenta um alto poder incapacitante quando não diagnosticada precocemente e instituído tratamento adequado (Brasil, 2017).

É preciso mencionar que a hanseníase ainda é um problema de saúde pública no Brasil e os serviços de atenção primária têm papel primordial na realização das ações de prevenção e controle para redução da carga de doença. É forçoso mencionar que a atenção primária é o nível de atenção excepcional para ações de controle da hanseníase, doença esta que ainda continua como um desafio na saúde pública devido à conservação da alta taxa de detecção e do diagnóstico de casos com incapacidades físicas, o que justifica a necessidade dos municípios ampliarem e fortalecerem as ações de enfrentamento à doença (Brasil, 2017).

Estima-se que em 2025 o Brasil ocupe o sexto lugar com relação aos países do mundo quanto ao envelhecimento populacional. As pessoas idosas apresentam naturalmente uma perda funcional, o que pode ser acelerado por determinadas enfermidades como, por exemplo, a hanseníase. No Brasil, em análise concretizada em todos os casos de hanseníase informados de 2012 a 2016, observou-se que na população masculina de 60 anos ou mais a taxa média de detecção foi aproximadamente oito vezes maior que na população menor de 15 anos. Em presença dessa circunstância, identifica-se que na pessoa idosa com hanseníase decorre um adoecimento com maior impacto, visto que o bacilo de Hansen tem vertentes incapacitantes, com isso há um comprometimento na dinâmica da vida do indivíduo, sobretudo, aquele em que já existe um comprometimento de capacidade funcional em decorrência do curso natural do processo saúde doença, além de atingir as relações pessoais e a rede de apoio (Nogueira et al., 2017).

O Brasil encontra-se entre os 22 países com as mais altas cargas de hanseníase do mundo, ocupando a 2ª posição em relação à detecção de casos novos. Ainda que a incidência tenha apresentado um comportamento de queda ao longo da última década, a doença ainda é um importante problema de saúde no país. Em 2009, foram registrados 37.610 casos novos de hanseníase, perfazendo uma taxa de detecção de 19,64 casos por 100.000 habitantes. O número de casos novos sofreu uma redução de 23,79%, finalizando a série com 28.660 casos no ano de 2018 e uma taxa de detecção de 13,70 casos/100.000 habitantes. Entretanto, nesse último ano, o país apresentou um incremento de 6,64% no número de casos novos em relação ao ano anterior, com 1.785 casos registrados a mais do que em 2017 (Brasil, 2018).

O Programa Nacional de Melhoria do Acesso e da Qualidade da Atenção Básica (PMAQ) inserido no SUS no ano de 2011 aprecia a hanseníase no rol da atenção integral



que carece ser ofertada à população brasileira pela Atenção Primária à Saúde (APS) e recomenda o emprego de outras ferramentas que melhor se adaptam ao levantamento dos problemas e que ocasionem uma reflexão mais adequada as necessidades de saúde da população (Brasil, 2010).

Sabe-se que múltiplos municípios brasileiros ainda apresentam dificuldades na integração de áreas programáticas até então estruturadas verticalmente, como a hanseníase, mantendo atendimentos nos serviços de média e alta complexidade, não permitindo deste modo o efetivo envolvimento da atenção primária à saúde (APS) no controle do agravo. Vale lembrar que a APS é o primeiro nível de atenção, com menor densidade tecnológica, contudo com elevada complexidade de circunstâncias. Norteia-se pelos princípios da acessibilidade, integralidade, horizontalidade e coordenação do cuidado, e tem como aspectos derivativos o foco na família, abordagem comunitária e a competência cultural (Lanza *et al.*, 2014).

Cabe mencionar que o Ministério da Saúde (MS) avalia a Atenção Primária a Saúde (APS) como o nível de cuidado primordial para o diagnóstico e tratamento da Hanseníase, por sua capilaridade, abarcamento e extensa gama de atuações. Com a expansão dos serviços de APS representada em particular pela Estratégia Saúde da Família esperava-se que a meta junto a OMS fosse exercida, coisa que não adveio até os últimos boletins epidemiológicos (Lanza *et al.*, 2014).

As equipes que atuam na APS têm um papel essencial nas ações de cuidado/assistência às pessoas acometidas pela hanseníase e na identificação de riscos e vulnerabilidades no território, a fim de planejar ações de busca ativa e prevenção, bem como de acolhimento, diagnóstico, tratamento e cura, prevenindo ou minimizando a instalação das incapacidades. Nesse contexto, as pessoas com hanseníase que apresentam incapacidade física visível perfazem aproximadamente 8% dos casos novos diagnosticados, com um escore de risco nível 3, em virtude da morbidade e potencial incapacitante da doença (Brasil, 2018).

Dos casos novos registrados em 2018 no Brasil, 1.705 foram identificados em crianças menores de 15 anos. Nesse ano, a taxa de incidência dessa população foi de 3,75 casos para cada 100.000 habitantes. Esse indicador se comportou de maneira semelhante à taxa de detecção geral, com uma tendência de queda ao longo do tempo e uma elevação no último ano. A doença não se distribui de forma homogênea no país, entretanto se concentra nas regiões Centro-Oeste, Norte e Nordeste, sendo a porção da Amazônia Legal a mais acometida. Em 2018, o maior número de casos novos de hanseníase e a maior taxa de detecção foram registradas no estado do Mato Grosso, com 4.678 casos e 138,30 casos novos por 100.000 habitantes, respectivamente. No mesmo ano, o Maranhão ocupou a segunda posição em número de casos (3.165), representando 11,04% em relação ao total do país. O maior número de casos novos em crianças menores de 15 anos (312) foi registrado no Maranhão e o menor em Santa Catarina e Rio Grande do Sul, ambos com 2 casos (Brasil, 2018).

O presente estudo teve como objetivo identificar o perfil epidemiológico de idosos com hanseníase que frequentam o Hospital Aquiles Lisboa localizado no Bonfim, São Luís-MA.

2. METODOLOGIA

O estudo tem o desenho analítico transversal. A pesquisa foi realizada no município de São Luís e os dados são coletados no Hospital Aquiles Lisboa localizado no Bonfim, São Luís- MA, CEP: 65082-740.

A amostra é não probabilística e o cálculo amostral é realizado utilizando o G*Power considerando a prevalência de hanseníase de 30/100.000 habitantes (Brasil, 2011), com nível de significância (α) de 5%, poder de teste de 80% e erro tolerável de 4%, mais 10% de possíveis perdas importantes em amostras.

A pesquisa foi desenvolvida no município de São Luís- MA abrangendo todas as equipes da Estratégia de Saúde da Família (ESF).

Foram incluídos pacientes portadores de hanseníase que possuam diagnóstico clínico-laboratorial definido. Pacientes idosos independente do sexo, adultos e idosos, tempo de diagnóstico ou tratamento e excluídos os pacientes que apresentam alguma dificuldade de compreensão do questionário, por alterações cognitivas.

O estudo “Hanseníase na terceira idade: uma abordagem na atenção primária.” que envolve as “Grandes endemias e doenças negligenciadas no estado do Maranhão” foi submetido à Plataforma Brasil, recebendo parecer consubstanciado N° 4.407.369. Aos pacientes que aceitaram participar da pesquisa, foram solicitados a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), de acordo com as diretrizes e normas reguladoras da pesquisa envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde, Lei 466/2012. Aos participantes do estudo foi garantido o direito de interrupção do estudo a qualquer momento, o acesso aos resultados, o sigilo sobre eles, orientações e encaminhamento para avaliação especializada quando se fizer.

Os dados foram coletados nos prontuários para obtenção de dados secundários (sociodemográficos, econômicos e clínicos) e após essa etapa foi marcada uma entrevista com os pacientes, momento que assinarão o TCLE. O outro instrumento de coleta foi a escala SALSA (Screening of Activity Limitation and Safety Awareness – Triagem de limitação de atividade e consciência de risco) é composta por 20 perguntas, e tem como objetivo mensurar a limitação de atividade e avaliar consciência de risco ao executar exercícios que podem aumentar o grau de incapacidade ou deficiência do indivíduo, além de comprometer sua segurança (Batista, 2010; Brasil, 2008).

A escala SALSA abrange cinco domínios envolvendo olhos, mobilidade (pés), autocuidado (pés), destreza e trabalho manual (mãos), e gera um escore final, que varia de 1 a 80 (1-24: sem limitação; 25-39: limitação leve; 40-49: limitação moderada; 50-59: limitação severa; 60-80: limitação muito severa). De uma forma geral, um escore baixo indica pouca dificuldade com atividades de vida diária, enquanto escores mais altos indicam níveis crescentes de limitação de atividade funcional (Batista, 2010; Brasil, 2008). O escore da consciência de risco é calculado separadamente do escore SALSA por meio do somatório das opções demarcadas com círculo nas colunas “não consigo fisicamente” com “evito por causa do risco” com um valor que varia de 0 a 11. Valores mais altos indicam uma consciência crescente dos riscos envolvidos em certas atividades, mas também indicam que há uma limitação de atividade devido a esse fato (Batista, 2010; Brasil, 2008). A escala SALSA está validada no Brasil, e apresenta a vantagem de mensurar a consciência de risco, que por sua vez pode auxiliar na avaliação das ações voltadas ao incentivo do autocuidado (Batista, 2010; Brasil, 2018).

Os dados foram analisados pelo programa estatístico STATA 16.0 (Stata Corp., College Station, Texas, EUA). Inicialmente é realizado uma análise descritiva e as variáveis quantitativas são descritas por média e desvio padrão (média $\pm$ DP) ou mediana. Na análise as variáveis categóricas (ou qualitativas) nominais a análise é realizada utilizando o Teste Qui-quadrado e as variáveis que apresentam $p < 0.2$ são analisadas por meio da regressão logística múltipla. O nível de significância para se rejeitar a hipótese de nulidade são de 5%, ou seja, considera-se como estatisticamente significativa um valor de $p < 0,05$.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na Tabela 1 são mostradas, em forma de tabelas, as informações que foram coletadas a partir das fichas dos 53 pacientes com hanseníase que realizaram o tratamento em hospital de referência. Os dados compilados demonstram os aspectos sociodemográficos, clínicos e laboratoriais presentes no perfil epidemiológico dos casos.

Tabela 1. Aspectos socioeconômicos

Local	n	n(%)
São LuísInteriorTotal	16	30.19
	37	69.81
	53	100
Sexo		
Masculino	37	69.81
Feminino	16	30.19
Faixa etária (anos)		
60 - 69	38	71.00
>70	15	29.00
Estado civil		
Solteiro	25	47.17
Casado	22	41.51
Separado/viúvo	06	11.32
Nº filhos		
0	17	32.08
1	04	7.55
2	16	30.19
3 ou mais	16	30.19
Escolaridade		
Sem escolaridade	16	30.19
Ens. Fundamental	29	54.72
Ens. Médio	06	11.32
Ens. Superior	02	3.77
Cor da pele		
Branca	10	18.87
Parda	22	41.51
Negra	21	39.62
Renda		
< 2 salários	45	84.91
Entre 2 e 5 salários	06	11.32
> 5 salários	02	3.77
Contactantes		
Até 2	27	50.94
>3	26	49.06

Fontes: Autores (2023).

Tabela 2. Aspectos clínicos dos pacientes com hanseníase em tratamento em hospital de referência em São Luís - MA.

Tempo de diagnóstico	n	n(%)
< 1 mês	04	7.55
1 a 6 meses	10	18.87
6 meses a 1 ano	06	11.32
>1 ano	33	62.26
Uso de medicamento regular		
Sim	34	64.15
Não	19	35.85
Diabetes		
Sim	09	16.98
Não	44	83.02
Hipertensão		
Sim	06	11.32
Não	47	88.68
Contactantes com hanseníase		
Sim	09	16.98
Não	44	83.02
Classe operacional		
Paucibacilar	06	11.32
Multibacilar	47	88.68
Forma clínica		
Indeterminada	02	3.77
Tuberculóide	07	13.21
Dimorfa	25	47.17
Virchowiana	19	35.85
Tempo de início dos sintomas		
< 1 mês	01	1.89
1 a 6 meses	06	11.32
6 meses a 1 ano	05	9.43
>1 ano	41	77.36
Faz tratamento regular		
Sim	38	71.70
Não	15	28.30
Tempo para procurar atendimento		
< 1 mês	12	22.64
1 a 6 meses	14	26.42
6 meses a 1 ano	05	9.43
>1 ano	22	41.51

1º Atendimento por sintoma de hanseníase

Sim	48	90,57
Não	05	9,43

Exame confirmatório

Sim	49	92,45
Não	04	7,55

Faz atividade física

Sim	22	41,51
Não	31	58,49

Deixou de fazer atv. física pela doença

Sim	13	24,53
Não	40	75,47

Salsa

0 (sem limitação)	29	54,72
1 (leve)	15	28,30
2 (moderada)	3	5,66
3 (severa)	4	7,55
4 (muito severa)	2	3,77

Fontes: Autores (2023).

No que se refere ao tratamento de forma regular, foi verificada a prevalência que a grande maioria faz com 71,70% (n=38) e 28,30% (n=15) não faz configurando-se como foi demonstrado por Rodrigue Júnior et al., (2023), houve relatos da equipe epidemiológica que há algumas dificuldades enfrentadas por eles, pois alguns pacientes se negam a realizar o exame para diagnóstico da doença e o tratamento adequado, alguns abandonam o tratamento, impossibilitando assim, a cura e a erradicação da doença no município.

Nesse contexto observou-se conforme Tabela 1 o elevado número de casos que só procuram atendimento com mais de um ano 41,51% (n=22), que pode ser explicada conforme estudo de Ferreira et al. (2023), na qual indica que houve uma diminuição na quantidade de notificações de hanseníase no ano de 2019 ao ano de 2021, com cerca de 56,35% de diminuição de notificações devido a pandemia do Coronavírus (COVID-19) e que por esse motivo, uma parte considerável de casos, acabou por não serem notificados.

Do total da amostra n=53, 90,57 (n=48) tiveram o primeiro atendimento por sintomas de hanseníase e 7,55 (n=5) por outras queixas. Desse modo, ao realizarem o exame confirmatório, 92,45 (n=49) deram positivo e 7,55 (n=4) deram negativos. Desses pacientes, foi verificado que 41,51% (n=22) faziam atividade física antes da doença e 58,49% (n=31) não faziam. Portanto, diante do índice que confirmou a patologia, 24,53% (n=13) deixaram de fazer a atividade física e 75,47% (n=40) não deixaram a atividade física pelo fato de apresentar sintomas da hanseníase (Tabela 2), configurando-se que essas variáveis devem ser analisadas, como foi demonstrado no estudo de Silva et al., (2019), o qual mostrou que os idosos com hanseníase eram menos ativos fisicamente quando comparados aos valores de referência dos idosos sem a doença.

Ao se referir a Screening of Activity Limitation and Safety Awareness (SALSA), escala utilizada para medir a limitação de atividade e a consciência de risco em decorrência de deformidades das pessoas acometidas pela hanseníase, foi constatado a prevalência no nível 0 (sem limitação) por 54,72% (n=29), nível 1 (leve) por 28,30% (n=15), nível 2 (moderada)

por 5,66% (n=3), nível 3 (severa) por 7,55% e nível 4 (muito severa) por 3,77% (n=2). Sendo de grande relevância o SALSA pois a infecção pelo *Mycobacterium leprae* causa uma doença incapacitante e ainda estigmatizante que leva muitas vezes ao isolamento social, causando danos emocionais e econômicos ao indivíduo (Oliveira, 2017). Neste sentido, o presente estudo avaliou a prevalência dessas limitações e a consciência de risco dos pacientes com hanseníase além dos aspectos envolvidos nestas correlações.

4. CONCLUSÃO

Esse estudo ressaltam a importância da pesquisa e da atenção à saúde no contexto da hanseníase em idosos, um grupo frequentemente negligenciado nas investigações epidemiológicas e nos programas de saúde pública. A crescente população idosa no Brasil e em todo o mundo torna essencial a compreensão das particularidades de saúde que afetam essa faixa etária, incluindo a hanseníase. Os resultados obtidos destacam a predominância de casos multibacilares e formas clínicas graves de doença entre os idosos em São Luís, destacando a necessidade de maior atenção aos serviços de saúde e à detecção precoce.

A pesquisa também enfatizou o papel fundamental da atenção primária à saúde no controle da hanseníase, sublinhando a importância de estratégias de busca ativa, diagnóstico precoce e tratamento adequado. Portanto, é crucial que os profissionais de saúde estejam capacitados para identificar a doença e oferecer o suporte necessário aos pacientes, garantindo que eles não apenas se recuperem clinicamente, mas também mantenham uma boa qualidade de vida.

Além disso, este estudo destaca a necessidade de políticas de saúde pública mais abrangentes e práticas para abordar a hanseníase em idosos. Isso inclui a promoção de campanhas de conscientização, a capacitação contínua de profissionais de saúde e o fortalecimento da atenção primária como a linha de frente no combate à doença.

Em suma, o estudo preencheu uma lacuna de conhecimento sobre a hanseníase em idosos, fornecendo dados importantes que podem orientar futuras intervenções e políticas de saúde. Através do entendimento mais profundo dos desafios enfrentados por essa população, podemos trabalhar em direção a uma abordagem mais holística e eficaz para a prevenção, detecção e tratamento da hanseníase, contribuindo assim para uma melhor qualidade de vida para os idosos afetados por esta doença.

Além da extrema importância tanto para o público alvo do estudo, como igualmente para a sociedade como um todo, visto que a população idosa cada vez mais mostra-se presente em todos os âmbitos da sociedade. Entende-se que existe a necessidade do conhecimento da circunstância da população idosa com hanseníase em relação aos seus dados sócio demográficos.

Referências

- ABBAS, A. K.; KUMAR, V.; FAUSTO, N. **Robbins & Cotran, patologia:** Bases Patológicas das Doenças. 9. ed. - Rio de Janeiro: Elsevier, 2016
- ALVES, E. D.; FERREIRA, T. L.; FERREIRA, I. N. **Hanseníase:** Avanços e Desafios. Brasília: NESPROM, 2014
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Guia prático sobre a Hanseníase [Internet]**. Brasília, DF: MS; 2017 [acesso em 16 de abril. 2022]. Disponível em: <http://portal.arquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/novembro/22/Guia-Pratico-de-Hanseniose-WEB.pdf>
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim epidemiológico:** caracterização da situação epidemiológica da hanseníase.



níase e diferenças por sexo, Brasil, 2012-2016 [Internet]. 2018 [acesso em 17 abril. 2022]. Disponível em: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/janeiro/31/2018004Hanseniasepublicacao.pdf>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Guia Política Nacional de Atenção Básica**: Módulo 1: Integração Atenção Básica e Vigilância em Saúde. Brasília, DF: MS, 2018a.

LEVINSON, W. **Microbiologia e imunologia** 13. ed. – Porto Alegre: AMGH, 2016

LANZA, F. M. et al. Avaliação das ações de hanseníase desenvolvidas na atenção primária: proposta de um instrumento para gestores. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 18, n. 3, p. 598-605, jul. 2014b.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório Mundial de Envelhecimento e Saúde** [Internet]. Genebra: OMS; 2015 [acesso em 14 abril. 2022]. Disponível em: <http://sbgg.org.br/wp-content/uploads/2015/10/OMSENVELHECIMENTO-2015-port.pdf>

NOGUEIRA, P.S.F, MARQUES, M.B, COUTINHO, J.F.V, MAIA, J.C, SILVA, M.J, MOURA, E.R.F. **Fatores associados à capacidade funcional de idosos com Hanseníase**. Ver BrasEnferm [Internet]. 2017 [acesso em 18 dez. 2022];70(4):711-8. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/reben/v70n4/pt_0034-7167-reben-70-04-0711.pdf

ROMANHOLO, H. S. B. et al. **Vigilância de contatos intradomiciliares de hanseníase**: perspectiva do usuário em município hiperendêmico. Revista Brasileira de Enfermagem, v 71, n. 1, p. 175-81, 2018. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reben/v71n1/pt_0034-7167-reben-71-01-0163. Acesso em: 17 abril. 2022

6

IMPACTO DA COVID-19 NOS CASOS DE HIPERTENSÃO ARTERIAL SISTÊMICA NO BRASIL ENTRE OS ANOS DE 2018 E 2021

**COVID-19'S IMPACT ON CASES OF SYSTEMIC ARTERIAL HYPERTENSION IN BRAZIL
AMONG THE YEARS OF 2018 AND 2021**

André Ricardo Dias Miranda¹

Antônio Carlos Teles Rabelo Neto¹

Brenda da Silva Lima¹

Cleidson de Moraes Silva¹

Evelyn Kelly de Souza Amaral¹

Enzo Lobato Ramalho Do Espírito Santo¹

Augusto Hipolito Chagas Freato¹

Washington Kleber Rodrigues Lima²

Fabício Brito Silva²

¹ Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

² Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

A hipertensão arterial sistêmica (HAS) é uma doença crônica não transmissível (DCNT) caracterizada pelos níveis elevados da pressão sanguínea nas artérias (Barroso et al, 2021). Estudos demonstram a íntima associação entre HAS e COVID-19, no qual a maioria das mortes e complicações de pacientes com COVID-19 são de indivíduos que sofrem com comorbidades como a HAS (Zhonghua, 2020). O presente estudo tem como objetivo avaliar o impacto da Hipertensão Arterial Sistêmica sobre o seguimento da COVID-19. Configura-se como uma revisão integrativa realizada por meio de um levantamento bibliográfico dos anos de 2020 a 2024. Os artigos foram extraídos das plataformas Pubmed, Scopus e MedLine. No geral, foram encontrados 110 artigos e após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão 14 artigos foram selecionados. Em suma, a pandemia exacerbou os desafios no gerenciamento da hipertensão arterial no Brasil, enfatizando a necessidade de estratégias inovadoras e sistemas aprimorados de prestação de serviços de saúde. Sendo assim, a questão preventiva, através da continuidade das consultas médicas, mesmo que de forma remota, é importante para que o paciente não chegue a desenvolver ou piorar um quadro de HAS.

Palavras-chave: Subnotificação; COVID-19; Hipertensão Arterial Sistêmica.

Abstract

Systemic arterial hypertension (SAH) is a non-communicable chronic disease (NCD) characterized by high blood pressure levels in the arteries (Barroso et al, 2021). Studies demonstrate a close association between SAH and COVID-19, wherein most deaths and complications of COVID-19 patients occur in individuals with comorbidities such as SAH (Zhonghua, 2020). This study aims to evaluate the impact of Systemic Arterial Hypertension on the course of COVID-19. It is configured as an integrative review conducted through a bibliographic survey from the years 2020 to 2024. Articles were extracted from the platforms Pubmed, Scopus, and MedLine. Overall, 110 articles were found, and after applying the inclusion and exclusion criteria, 14 articles were selected. In summary, the pandemic has exacerbated challenges in managing arterial hypertension in Brazil, emphasizing the need for innovative strategies and enhanced healthcare service delivery systems. Therefore, preventive measures, such as continuing medical consultations, even remotely, are important to prevent the patient from developing or worsening a SAH condition.

Keywords: Underreport; COVID-19; Systemic Arterial Hypertension.

1. INTRODUÇÃO

A hipertensão arterial sistêmica (HAS) é uma doença crônica não transmissível (DCNT) caracterizada pelos níveis elevados da pressão sanguínea nas artérias, e ocorre quando os valores das pressões máxima e mínima são iguais ou ultrapassam 140/90 mmHg (Barroso et al, 2021).

A pressão elevada faz com que o coração realize um esforço maior do que o normal para que o sangue seja distribuído corretamente no corpo. A HAS é uma das principais causas para a ocorrência de acidente vascular cerebral, infarto e insuficiência renal (Ruas et al, 2013). O problema pode ser genético, porém há vários fatores que influenciam nos níveis de pressão arterial, como os hábitos de vida do indivíduo (Julião; Souza; Guimarães, 2021). Segundo estudos de Nilson et al, 2018, os custos no SUS com doenças crônicas não transmissíveis (DCNTs) em 2018, dentre elas a HAS, somaram-se quase 4 bilhões de reais para os cofres públicos. Desses, 59% representaram gastos com a HAS.

Estudos demonstram a íntima associação entre HAS e COVID-19. Dados retirados do Sistema de Informação de Doenças Infecciosas da China até o dia 11 de fevereiro de 2020, mostram que a maioria das mortes e complicações de pacientes com COVID-19 são de indivíduos que sofrem com comorbidades como a HAS (Zhonghua, 2020).

O impacto da Covid-19 na piora da hipertensão arterial na população brasileira foi exacerbado pelas desigualdades existentes entre os estados brasileiros. A pandemia destacou vulnerabilidades socioeconômicas, com estados enfrentando diferentes níveis de vulnerabilidade social mostrando resultados variados em termos de casos e mortes de Covid-19. A crise levou ao aumento das desigualdades no mercado de trabalho brasileiro, afetando especificamente grupos vulneráveis, como mulheres e trabalhadores negros (Lazzari, 2023).

Em detrimento do impacto da HAS no desenvolvimento da COVID-19 no indivíduo, percebe-se a importância da realização de estudos que correlacionam essas doenças, para que possamos entender como a SARS-COV2 afeta os seres com a HAS prévia. Diante desse contexto, a revisão integrativa é norteadada pela pergunta: quais foram os possíveis impactos da pandemia da COVID-19 nos casos de HAS no Brasil? Logo, o presente estudo tem como objetivo avaliar o impacto da Hipertensão Arterial Sistêmica sobre o seguimento da COVID-19.

2. METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa está estruturada como uma revisão integrativa que foi conduzida através da realização de um levantamento bibliográfico completo abrangendo o período de 2020 a 2024, sem impor quaisquer restrições ao idioma. Os artigos selecionados para esta revisão foram provenientes das bases de dados Pubmed, Scopus e MedLine. Os critérios de elegibilidade foram estabelecidos para garantir a relevância e a qualidade dos artigos incluídos no estudo.

2.1 Critérios de inclusão

Os critérios de inclusão compreenderam artigos gratuitos, estudos clínicos, ensaios clínicos randomizados e artigos publicados em revistas científicas de renome. Além disso,



palavras-chave específicas como “Subnotificação”, “COVID-19”, “Hipertensão Arterial Sistêmica”, “Arterial hypertension”, “incidence”, “prevalence”, “inequalities” e “Brazil” foram utilizadas como parte dos critérios de inclusão.

2.2 Critérios de exclusão

Por outro lado, os critérios de exclusão abrangeram artigos pagos, estudos de caso, estudos de séries de casos, pesquisa qualitativa, pesquisa-ação, bem como tipos de estudos específicos, como documentário, experimento de laboratório, revisão de literatura, revisão sistemática da literatura, meta-análises, capítulos de livros e estudos com animais.

2.3 Extração dos dados

A extração de dados foi um componente crítico deste estudo e envolveu uma pesquisa abrangente no banco de dados Pubmed, Scopus e MedLine. A estratégia de busca girou em torno dos principais descritores, incluindo “Subnotificação”, “COVID-19”, “Hipertensão Arterial Sistêmica” e “Brasil”, que foram combinados usando operadores booleanos como AND ou OR para refinar os resultados da pesquisa. A busca inicial resultou em um total de 110 artigos atendendo aos critérios especificados. No entanto, após a aplicação rigorosa dos critérios de inclusão e exclusão, apenas 14 artigos foram considerados pertinentes e, portanto, incluídos na análise da pesquisa. No geral, a abordagem metodológica adotada neste estudo teve como objetivo fornecer uma análise robusta e abrangente dos artigos selecionados, contribuindo assim com informações valiosas para a pesquisa sobre hipertensão arterial e Covid-19.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao todo, 110 artigos foram identificados, dos quais 21 foram incluídos para leitura na íntegra. Após leitura dos artigos, foram retirados aqueles sem correlação com o tema ou que fugiram ao tema do trabalho, sobrando 14 artigos para análise. A representação gráfica fornecida abaixo ilustra o processo sistemático por meio do qual a coleta de dados se desenrolou nos vários estudos sob análise. Ele delinea as etapas sequenciais envolvidas na seleção e avaliação dos artigos, oferecendo assim uma descrição clara do rigor metodológico empregado na síntese da pesquisa.

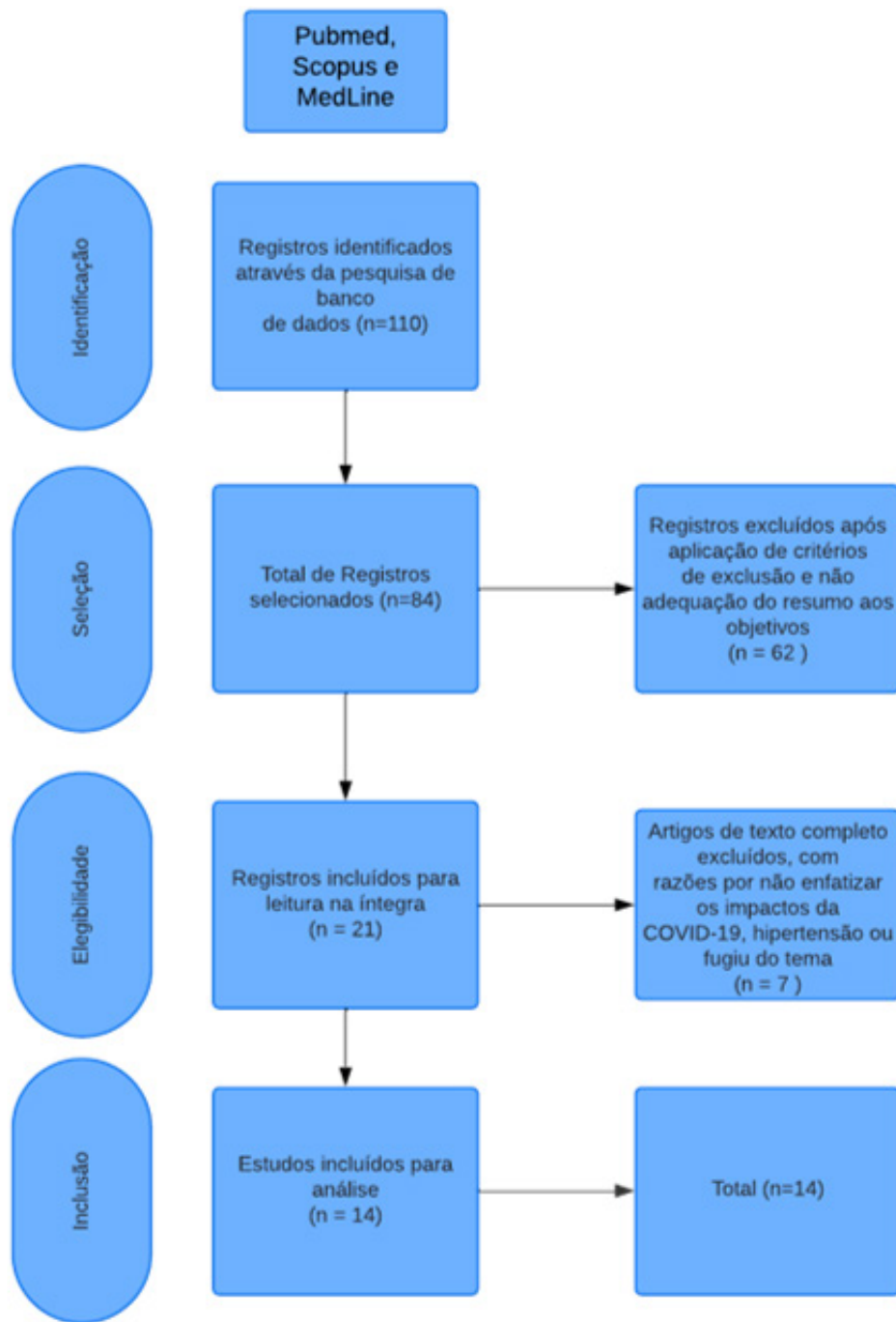


Figura 1. Fluxograma de seleção de estudo

Fonte. Autores (2023).

Resultados da síntese dos artigos encontrados nas bases de dados utilizadas, exibidos no Quadro 1.

Quadro 1. Resultados da síntese Consequências socioeconômicas e de saúde da pandemia.

Autores, ano	Título	Principais Contribuições	Metodologia
Almeida et al, 2020	Mudanças nas condições socioeconômicas e de saúde dos brasileiros durante a pandemia de COVID-19	Consequências socioeconômicas e de saúde da pandemia de COVID-19 nos Brasil. Embora a maioria tenha aderido às restrições sociais, muitos enfrentaram dificuldades econômicas, perda de empregos e deterioração da saúde. Quase 30% relataram piora do estado de saúde, o que poderia incluir condições como hipertensão arterial.	Estudo transversal com dados de pesquisa de comportamentos realizada pela internet de 24 de abril a 24 de maio de 2020 com 45.161 participantes recrutados por amostragem em cadeia.
Nascimento et al, 2020	Uma análise estatística comparativa das evidências de subnotificação da COVID-19 no Brasil	O estudo dá enfoque na subnotificação de casos de COVID-19 em diferentes regiões do Brasil, para identificar populações vulneráveis, como aquelas com hipertensão, comparando-os com a Coreia do Sul e a Itália.	Desenvolveu-se modelo estatístico que incorpora aspectos temporais e espaciais, o qual analisou a dispersão da COVID-19 a partir de um epicentro para três unidades federativas brasileiras e quatro estados norte-americanos.
Sott et al, 2022	Covid-19 Outbreak in Brazil: Health, Social, Political, and Economic Implications	O artigo denuncia impactos negativos na saúde, economia e sociedade devido à má gestão. Milhares de mortes, desemprego, negação científica, desespero social observado que pode exacerbar o manejo de doenças crônicas, como hipertensão arterial.	Revisão do escopo de acordo com o Prisma-SCR
Fogaça et al, 2023	A geospatial analysis of inequality indicators related to COVID-19 in Brazil	A desigualdade e falta de acesso à saúde contribuíram para a vulnerabilidade da COVID-19 no Brasil, que implicam em indivíduos com hipertensão arterial. As condições de moradia e renda estão relacionadas aos indicadores de infecção e mortalidade.	Trata-se de um estudo ecológico analítico que abrange os 5570 municípios agregados nas 558 microrregiões do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 2020, com base na média e desvio padrão. Modelos computacionais geoespaciais foram aplicados para visualização dos dados.

Lazzari et al, 2023	Social determinants of health in Brazil during the COVID-19 pandemic: strengths and limitations of emergency responses	Os Determinantes Sociais da Saúde destacam como as desigualdades, incluindo o acesso aos cuidados de saúde e o status socioeconômico, podem influenciar a prevalência e o controle da hipertensão arterial durante as crises.	Foram extraídos dados sobre óbitos de COVID-19 do Sistema de Informações da Vigilância Epidemiológica da Gripe (SIVEP-Gripe). Outros dados foram obtidos na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), realizada trimestralmente pelo IBGE. Os resultados foram analisados na forma de regressões lineares longitudinais.
Saad-Filho et al, 2020	Impact of socioeconomic vulnerability on covid-19 outcomes and social distancing in brazil	A vulnerabilidade socioeconômica afeta os resultados da COVID-19. Para indivíduos com hipertensão arterial, o estresse e a ansiedade induzidos por essa crise de saúde pública podem exacerbar sua condição. A falta de intervenções de saúde pública no Brasil provavelmente contribuiu para o aumento dos níveis de estresse entre a população, potencialmente piorando os resultados para aqueles com hipertensão.	O Coeficiente de Gini (CG), o Índice de Vulnerabilidade Social (IVS), os dados epidemiológicos da epidemia de COVID-19 no Brasil e o Índice de Distanciamento Social (IDS) foram recuperados de bancos de dados on-line e avaliados para cada estado brasileiro. Os dados foram analisados estatisticamente por meio de testes não paramétricos e regressões lineares múltiplas.
Silva et al, 2023	Influence of socioeconomic inequality on the distribution of COVID-19 hospitalizations and deaths in Brazilian municipalities, 2020: an ecological study	O artigo de pesquisa destaca o impacto significativo dos fatores socioeconômicos na distribuição das hospitalizações e mortes por COVID-19 nos municípios brasileiros em 2020. A hipertensão arterial está frequentemente associada a disparidades socioeconômicas.	É um estudo ecológico de internações e óbitos por COVID-19 em 2020. Os dados foram obtidos do Ministério da Saúde, as taxas de incidência foram estimadas usando um modelo linear generalizado.

Lima et al, 2022	Blood pressure control rates previous and during the covid-19 pandemic in Brazil	A pesquisa compara as taxas de controle da pressão arterial antes e durante a pandemia de COVID-19 no Brasil e fornece informações sobre o manejo da hipertensão em situações de crise. O estudo ressalta a importância do telemonitoramento domiciliar da pressão arterial como um método eficaz para avaliar e manter o controle da pressão arterial, especialmente para indivíduos com pressão alta que podem enfrentar dificuldades no acesso aos serviços de saúde durante emergências como a pandemia de COVID-19.	Estudo transversal, realizado com pacientes de centros de saúde de cinco regiões brasileiras que utilizavam a plataforma TeleMRPA para notificação de exames em pessoas com diagnóstico e controle de hipertensão arterial, com idade entre 18 e 100 anos.
Santos et al, 2023	Ethnic/Racial Disparity in Mortality from COVID-19: Data for the Year 2020 in Brazil	O artigo de pesquisa esclarece as disparidades étnico-raciais nas taxas de mortalidade por COVID-19 no Brasil, revelando maiores taxas de mortalidade entre indivíduos não brancos, particularmente aqueles com cor de pele parda, indígenas e negros. Essas disparidades são exacerbadas por condições de saúde subjacentes, como a hipertensão arterial, que prevalece entre populações minoritárias devido a vários determinantes sociais da saúde.	O estudo avaliou um total de 38.698 pacientes e avaliou parâmetros como uso de medicamentos anti-hipertensivos, índice de massa corporal (IMC), pressão arterial sistólica (PAS), pressão arterial diastólica (PAD), pressão de pulso e taxas de controle da pressão arterial usando monitoramento ambulatorial e de consultório.
Pires, Carvalho e Rawet, 2020	Multi-dimensional inequality and covid-19 in Brazil	O artigo explora o impacto das desigualdades no acesso aos cuidados de saúde, comorbidades e resultados. No Brasil, onde as desigualdades prevalecem, a crise da Covid-19 afetou desproporcionalmente as populações marginalizadas, potencialmente exacerbando as disparidades de saúde existentes, incluindo condições como hipertensão arterial.	O artigo empregou análise empírica para investigar a relação bidirecional entre a desigualdade e a crise da Covid-19 no Brasil. O estudo calculou a correlação entre o número de fatores sociais de risco para a Covid-19 e mortes por 100.000 habitantes, indicando a vulnerabilidade à infecção.
Silva et al, 2022	Brazilian COVID-19 data streaming	O artigo de pesquisa se concentra na coleta de dados individualizados e agregados relacionados a infecções suspeitas e confirmadas por SARS-CoV-2, vacinas, intervenções governamentais, mobilidade humana e desigualdade populacional no Brasil. Percebeu-se que indivíduos com hipertensão correm maior risco de desenvolver complicações graves se infectados com SARS-CoV-2.	Os resultados do estudo mostram a coleta de dados individualizados e agregados de várias fontes, incluindo infecções suspeitas e confirmadas por SARS-CoV-2, vacinações, intervenções governamentais, mobilidade humana e índices de privação no Brasil.

França et al, 2021	Socioeconomic inequalities and health status associated with the Covid-19 diagnosis and related symptoms, during the first wave of infections in Brazil: A decomposition analysis	O artigo de pesquisa investiga as desigualdades socioeconômicas e o estado de saúde associados ao diagnóstico e aos sintomas da Covid-19 durante a primeira onda de infecções no Brasil. Indivíduos com hipertensão são mais suscetíveis a desenvolver sintomas e complicações graves se infectados com o vírus.	O estudo emprega a curva de concentração, o índice de concentração e a análise de decomposição para identificar fatores que influenciam as desigualdades em saúde.
Santos e Shelda, 2021	A sindemia global da covid-19: uma análise sobre vulnerabilidade social e políticas públicas no Brasil	O artigo destaca as disparidades de saúde agravadas durante a pandemia, dando ênfase à relevância da hipertensão arterial, uma comorbidade comum, devido à sua associação com resultados graves da COVID-19.	Trata-se de uma análise bibliográfica e documental utilizando metadados e ferramentas de pesquisa disponíveis on-line para investigar a sindemia global da COVID-19 no Brasil.
Feitosa et al, 2021	Impact of the COVID-19 pandemic on blood pressure control: a nationwide home blood pressure monitoring study	Os resultados do estudo indicaram uma melhora modesta e transitória no controle da pressão arterial no consultório em indivíduos tratados. Também foram observadas pequenas reduções nos valores de pressão arterial tanto no consultório quanto no monitoramento domiciliar nos primeiros meses.	A pesquisa avaliou o impacto da pandemia de COVID-19 no controle da pressão arterial por meio da pressão arterial no consultório (PAC) e do monitoramento domiciliar da pressão arterial (MDPA) em uma grande amostra brasileira.

Fonte. Autores (2023).

O trabalho de Almeida *et al.* (2020), investiga as consequências socioeconômicas e de saúde da pandemia, revelando que a maioria aderiu às restrições sociais, mas muitos enfrentaram dificuldades econômicas, perda de empregos e deterioração da saúde. Destaca-se que 29,4% dos entrevistados relataram piora da saúde, incluindo condições como hipertensão arterial, exacerbando os riscos durante a pandemia devido ao estresse e ao acesso restrito à saúde.

Nascimento, Nascimento e Yaohao (2020) discutem a subnotificação de casos de COVID-19 no Brasil, comparando com países como Coreia do Sul e Itália. A pesquisa enfatiza a importância de dados precisos para uma resposta eficaz à pandemia e para planejamento adequado do sistema de saúde, visando identificar e apoiar populações vulneráveis, como os hipertensos. Sott, Bender e Baum (2022) relatam como o surto impactou a gestão de doenças crônicas, como a hipertensão arterial, causando atrasos no tratamento e no monitoramento, além de complicar o acesso a serviços de saúde e medicamentos devido às repercussões econômicas.

Fogaça *et al.* (2023) analisam a relação entre vários fatores socioeconômicos e a vulnerabilidade às infecções por COVID-19. Os resultados sugerem que intervenções de saúde pública devem abordar não apenas as necessidades de saúde imediatas, mas também as disparidades sociais e econômicas que exacerbam desigualdades na saúde.

Lazzari *et al.* (2023) avaliam como as respostas políticas à pandemia afetaram pessoas com hipertensão arterial no Brasil, indicando que, embora algumas políticas tenham reduzido a pobreza e apoiado grupos vulneráveis, não abordaram suficientemente as impli-

cações de longo prazo na saúde. Filho *et al.* (2023) e Santos e Shelda (2021) discutem como as disparidades de saúde foram agravadas durante a pandemia, destacando a hipertensão arterial como uma comorbidade significativa devido à sua associação com resultados graves da COVID-19. Ambos os estudos enfatizam a necessidade de intervenções de saúde pública personalizadas que considerem os determinantes sociais da saúde.

Feitosa *et al.* (2021) e Silva *et al.* (2023) avaliam o impacto da pandemia no controle da pressão arterial, notando melhorias transitórias e estabilidade geral na gestão da hipertensão apesar dos desafios. Esses estudos sugerem que o monitoramento domiciliar pode ser uma ferramenta eficaz durante emergências de saúde.

Lima *et al.* (2022) e Santos *et al.* (2023) abordam como as taxas de controle da pressão arterial se mantiveram estáveis durante a pandemia, apesar de um aumento no índice de massa corporal e uma redução na adesão a medicamentos entre alguns pacientes.

Pires, Carvalho e Rawet (2020), Silva *et al.* (2022) e França *et al.* (2021) examinam a relação entre desigualdades socioeconômicas e raciais e os resultados da COVID-19, destacando como as disparidades de saúde foram exacerbadas pela crise e como condições como a hipertensão são mais prevalentes e desafiadoras em populações marginalizadas.

Esses estudos coletivamente ilustram a complexidade dos impactos da pandemia de COVID-19 no Brasil, ressaltando a importância de abordagens integradas que considerem tanto os aspectos médicos quanto os socioeconômicos para mitigar os efeitos em populações vulneráveis, especialmente aquelas que sofrem de hipertensão arterial.

4. CONCLUSÃO

A pandemia de Covid-19 teve um impacto significativo na dinâmica da hipertensão arterial no Brasil, exacerbando o problema. As pesquisas discutidas nesse trabalho destacaram que, durante a pandemia, houve um comprometimento na renda, nas comorbidades e, principalmente, na adesão ao tratamento anti-hipertensivo entre pacientes com a comorbidade.

A pandemia levou à redução das consultas para pacientes hipertensos, afetando o controle e o monitoramento da pressão arterial. A implementação da telessaúde aumentou o número de pacientes sem medições documentadas da pressão arterial, impactando negativamente as taxas de controle. No entanto, programas de gerenciamento remoto adaptados durante a pandemia mostraram melhorias no controle da pressão arterial, com monitoramento mais frequente e cumprimento precoce de metas.

Além disso, é necessário salientar a importância dos determinantes sociais da saúde nas respostas à pandemia, pois as políticas de emergência que ajudaram a reduzir a pobreza e compensar alguns impactos negativos nas populações vulneráveis, mostraram uma intrincada relação entre os resultados de saúde e os fatores sociais durante as crises.

No geral, a pandemia exacerbou os desafios no gerenciamento da hipertensão arterial no Brasil, enfatizando a necessidade de estratégias inovadoras e sistemas aprimorados de prestação de serviços de saúde. Ainda, a má gestão da pandemia pelo país piorou ainda mais os problemas econômicos e sociais, levando a políticas tensionais, pressão sobre o sistema de saúde e desespero social. Dito isso, a questão preventiva, através da continuidade das consultas médicas, mesmo que de forma remota, é importante para que o paciente não chegue a desenvolver ou piorar um quadro de HAS.

Referências

- ALMEIDA, W.S. et al. Mudanças nas condições socioeconômicas e de saúde dos brasileiros durante a pandemia de COVID-19. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, p. e200105, 2020.
- BARROSO, Weimar Kunz Sebba et al. Diretrizes Brasileiras de Hipertensão Arterial – 2020. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, v. 116, n. 3, p. 516-658-, 2021.
- FEITOSA, F.G.A.M., FEITOSA, A.D.M., PAIVA, A.M.G. ET AL. Impact of the COVID-19 pandemic on blood pressure control: a nationwide home blood pressure monitoring study. *Hypertens Res* 45, 364–368 (2022). <https://doi.org/10.1038/s41440-021-00784-1>
- FOGAÇA, G.P.; SPENGLER, A.L.S.; SALESSE, L.P.; FERNANDES, A.M.R; LYRA, R.; FARIAS R.H; LIEBEL, G. A geospatial analysis of inequality indicators related to COVID-19 in Brazil. **World Journal of Advanced Research and Reviews**, v. 18, n. 1, p. 1208-1217, 2023. doi: 10.30574/wjarr.2023.18.1.0542.
- FRANÇA, de et al. **Socioeconomic inequalities and health status associated with the Covid-19 diagnosis and related symptoms, during the first wave of infections in Brazil: A decomposition analysis**. *Economica* (Elsevier BV). 30 Set 2021
- JULIÃO, N. A.; SOUZA, A. DE .; GUIMARÃES, R. R. DE M.. Tendências na prevalência de hipertensão arterial sistêmica e na utilização de serviços de saúde no Brasil ao longo de uma década (2008-2019). **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 9, p. 4007–4019, set. 2021.
- LAZZARI, E.A.; PASCHOALOTTO, M.A.C.; MASSUDA, A.; ROCHA, R.; CASTRO, M.C.C. Social determinants of health in Brazil during the COVID-19 pandemic: strengths and limitations of emergency responses. **Health Affairs Scholar**, Volume 1, Issue 1, July 2023, qxad014, <https://doi.org/10.1093/haschl/qxad014>.
- LIMA, F.R.S., MARQUES, J.B. Effects of the COVID-19 pandemic on the Brazilian labor market: increasing inequalities. **Brazilian Journal of Development**- Vol. 8, Iss: 11, pp 76682-76698. 2022.
- LIMA, Lucas et al. Blood pressure control rates previous and during the covid-19 pandemic in brazil. **Journal of Hypertension** - Vol. 40, Iss: Suppl 1, pp e96-e97. 31 Maio 2022
- LINS-FILHO, P. C.; ARAÚJO, M. M. S.; MACÊDO, T. S.; MELO, M. C. F.; FERREIRA, A. K. A.; SILVA, E. L. M. S.; FREITAS, J. L. de M.; CALDAS JR, A. de F. **The impact of socioeconomic vulnerability on COVID-19 outcomes and social distancing in Brazil**. *SciELO Preprints*, 2020. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.1126. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/1126>. Acesso em: 11 maio 2024.
- NASCIMENTO, F.I; NASCIMENTO, A.R; YAOHAO, P. Uma análise estatística comparativa das evidências de subnotificação da COVID-19 no Brasil. **Revista Gestão & Saúde**, [S. l.], v. 11, n. 3, p. 261–280, 2020. DOI: 10.26512/gsv.11i3.32425. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/rgs/article/view/32425>. Acesso em: 11 maio. 2024.
- NILSON EAF, Andrade RCS, Brito DA, Oliveira ML. Custos atribuíveis à obesidade, hipertensão e diabetes no Sistema Único de Saúde, Brasil, 2018. **Rev Panam Salud Publica**. 2020;44:e32. <https://doi.org/10.26633/RPSP.2020.32>.
- PIRES, L.N., CARVALHO, L.B., RAWET, E.L. Multi-dimensional inequality and covid-19 in brazil. **Investigacion Economica** (Universidad Nacional Autónoma de México, Facultad de Economía) - Vol. 80, Iss: 315, pp 33-58. 28 Dez 2020
- RUAS G, CUTO VF, PEGORI MS, OHARA DG, JAMAMI LK, JAMAMI M. Avaliação respiratória, capacidade funcional e comorbidade em indivíduos com hipertensão arterial. **Rev. Saúde Coletiva** 2013; 10(59): 31-36.
- SANTOS, A.P.; LOPEZ, J. M. R.; HEIDER, K.; STEINWÄRDER, L.; SCHEFFRAN, J.; VARGAS, J. C. B. One year of the COVID-19 pandemic in the Global South: Uneven vulnerabilities in Brazilian cities. **ERDKUNDE**, [S. l.], v. 76, n. 2, p. 75–91, 2022. DOI: 10.3112/erdkunde.2022.02.02. Disponível em: <https://www.erdkunde.uni-bonn.de/article/view/2929>. Acesso em: 11 maio. 2024
- SANTOS. G. P.; SHELDA, V. C. A sindemia global da covid-19: uma análise sobre vulnerabilidade social e políticas públicas no Brasil. **Revista dos Estudantes de Direito da UnB**, v. 17, n.1, p. 340-371, 2021.
- SANTOS, Marina Dos et al. Ethnic/Racial Disparity in Mortality from COVID-19: Data for the Year 2020 in Brazil. **Spatial demography** - Vol. 11, Iss: 1. 15 Jan 2023
- SILVA, G.D.M. et al. Influence of socioeconomic inequality on the distribution of COVID-19 hospitalizations and deaths in Brazilian municipalities, 2020: an ecological study. **Epidemiologia e Serviços de Saúde** - Vol. 32. 09 Feb 2023

SILVA, N.B.D. et al. **Brazilian COVID-19 data streaming**. arXiv.org - Vol. abs/2205.05032. 09 Mai 2022

SOTT M. K., BENDER M. S., BAUM K. S. Covid-19 Outbreak in Brazil: Health, Social, Political, and Economic Implications. **Int J Health Serv.** 2022;52(4):442-454. doi:10.1177/00207314221122658. 2024.

ZHONGHUA Liu Xing Bing Xuezazhi. The epidemiological characteristics of an outbreak of 2019 novel coronavirus diseases (COVID-19) in China. Novel Coronavirus Pneumonia Emergency Response **Epidemiology Team.** 2020 Fev; 41(2): 145-51. doi:10.3760/cma.j.issn.0254-6450.2020.02.003.

7

A IATROGENIA NA POLIFARMÁCIA EM IDOSOS

IATROGENIC PRACTICE IN POLYPHARMACY IN THE ELDERLY

Ana Clara de Almeida Mendes¹

Augusto Hipolito Chagas Freato¹

Cibele Correa Mendes¹

Emanuely Gomes de Pádua Sá¹

Leonardo Menegussi Machado¹

Sahda Elouf Simão¹

Valdemiro Freitas Neto¹

Lucas Frota Beckman²

Raquel Araujo de Carvalho²

Rosângela Rodrigues Alencar²

Silvia Raimunda Costa Leite²

Maria Raimunda Chagas Silva²

¹ Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

² Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

O fenômeno da polifarmácia, caracterizado pelo uso excessivo de medicamentos por idosos, é uma preocupação crescente na atualidade. A iatrogenia, resultante das interações medicamentosas diárias, pode ocorrer com ou sem controle médico, apresentando riscos que vão desde hospitalizações até óbito. O envelhecimento provoca alterações fisiológicas que influenciam a farmacocinética e a farmacodinâmica dos medicamentos, tornando os idosos mais sensíveis aos efeitos terapêuticos e adversos. Foi realizado um estudo de abordagem quantitativa transversal, a partir do questionário SF-36. Objetivo: Avaliar a correlação do número de fármacos utilizados e a qualidade de vida do idoso. Por meio do questionário aplicado, foram avaliados um total de 52 pacientes, por meio dele pode-se identificar o contingente de idosos em uso de medicamentos em excesso, com ou sem orientação de um profissional, e seu impacto no cotidiano individual; além disso, os resultados destacaram outros aspectos relevantes, como os efeitos colaterais relatados pelos idosos, a falta de adesão à medicação prescrita, as limitações físicas e a presença de sintomas emocionais, como a depressão. Essas questões ressaltam a importância de uma abordagem holística no cuidado aos idosos, considerando não apenas as condições médicas, mas também os aspectos físicos, emocionais e sociais. O estudo enfatiza a relevância da temática da polifarmácia na população idosa, destacando os desafios associados ao uso de múltiplos medicamentos.

Palavras-chave: Iatrogenia, polifarmácia, idoso.

Abstract

The phenomenon of polypharmacy, characterized by the excessive use of medications by the elderly, is a growing concern nowadays. Iatrogenic disease, resulting from daily drug interactions, can occur with or without medical control, presenting risks ranging from hospitalization to death. Aging causes physiological changes that influence the pharmacokinetics and pharmacodynamics of medications, making the elderly more sensitive to therapeutic and adverse effects. A cross-sectional quantitative study was carried out using the SF-36 questionnaire. Objective: To evaluate the correlation between the number of drugs used and the quality of life of the elderly. A total of 52 patients were evaluated using the questionnaire applied, through which it was possible to identify the number of elderly people using excessive medications, with or without the guidance of a professional, and its impact on individual daily life; In addition, the results highlight other relevant aspects, such as the side effects reported by the elderly, lack of adherence to the prescribed medication, physical limitations, and the presence of emotional symptoms, such as depression. These questions underscore the importance of a holistic approach to the care of the elderly, considering not only medical conditions but also physical, emotional, and social aspects. The study emphasizes the relevance of the theme of polypharmacy in the elderly population, highlighting the challenges associated with the use of multiple medications.

Keywords: Iatrogenic disease, polypharmacy, elderly.

1. INTRODUÇÃO

A polimedicação, o uso excessivo de medicamentos em pessoas da terceira idade que ocorre em grandes quantidades e a polifarmácia que se dá por interações medicamentosas em várias quantidades diárias por um paciente sem prescrição médica (Medeiros *et al.*, 2017).

É notório que a iatrogenia possui vários riscos, desde a hospitalizações até o próprio óbito. Em muitos estudos e pesquisas têm-se percebido que as variações fisiológicas ao envelhecer tendem a alterar expressivamente a farmacocinética e a farmacodinâmica dos medicamentos. Com isso, os idosos apresentam uma maior sensibilidade aos efeitos terapêuticos e variados dos fármacos, o que comumente em muitos casos pode ocorrer mais danos do que o próprio benefício (Medeiros *et al.*, 2017).

Com o passar dos anos foram observadas alterações nos perfis populacionais e de morbimortalidade em todas as regiões do mundo, ainda que com diferentes magnitudes. Detectaram doenças infecciosas e variáveis. No Brasil, a população idosa é bem numerosa, dessa forma, são um dos grupos mais atingidos (Rodrigues *et al.*, 2016).

Com o entendimento dos efeitos demográficos, nota-se que os tratamentos farmacológicos têm sido normalmente de longa duração, um exemplo disso são em doenças crônicas, na qual necessita de mais tempo para o cuidado na busca pela cura, onde deixa mais suscetível para a polifarmácia, é notório que a interação medicamentosa é perigosa, pois pode causar reações adversas e muitas vezes até contraindicadas ao estado clínico do paciente (Rodrigues *et al.*, 2016).

Segundo Sales *et al.* (2017), a situação da polifarmácia ocorre por diversas situações, mas normalmente em indivíduos portadores de doenças crônicas, quando possui mais de 4 doenças ou sintomas, terceira idade que moram sozinhos e geralmente, por conta do próprio envelhecimento. Todo uso indevido de medicamentos seja qual tipo for em muita quantidade está relacionada à polifarmácia (Rodrigues *et al.*, 2016).

Com a população envelhecendo, as pessoas tendem a ter maiores cuidados com a saúde dos pacientes, e a morbidade e mortalidade tornam-se mais preocupantes, já que com o avanço da idade, conseqüentemente, o idoso terá delimitações funcionais que o levarão a ter mais e vários cuidados constantes durante sua vida (Medeiros *et al.*, 2017). O metabolismo, a homeostasia corporal, a função renal são exemplos que podem ficar comprometidos devido a farmacologia do idoso de forma exagerada e sem auxílio médico. Sendo assim, fatores relacionados a dificuldade de eliminação de metabólitos, a concentração de substâncias tóxicas e os possíveis efeitos colaterais, tornam-se preocupantes (Lutz *et al.*, 2017).

Dessa forma, a atenção a pessoas que sofrem desse risco é feito em conjunto, família e profissional da saúde e deve ser de forma cuidadosa e precisa com intuito de minimizar os impactos causados, conseqüentemente há a necessidade de um olhar mais atento dos profissionais considerando os múltiplos medicamentos necessário nessa fase da vida (Oliveira *et al.*, 2021).

Na abordagem à assistência farmacêutica nos idosos o médico e enfermeiro terá suma importância na qualidade de vida do paciente, evitando o uso exagerado de medicamentos que não sejam necessários em seus tratamentos, explicar ao paciente e familiares o objetivo do medicamento a ser tomado e o motivo de o paciente não poder se automedicar ou tomar muitos medicamentos misturados, e tudo isso é feito com objetivo de reduzir

assim, impactos da morbimortalidade visto que tudo isso influencia na vida do paciente e cuidadores (Oliveira *et al.*, 2021).

Dentre esses cuidados no atendimento médico e tratamento domiciliar, tem-se que, evitar usos exagerados e desnecessários de drogas medicamentosas, um olhar mais atento de especialistas da saúde, a precaução dos familiares nos lares, considerando a sucessão de situações e prejuízos que múltiplos medicamentos podem gerar (Stuchi, 2017).

Ademais, mesmo que haja um cuidado correto e atendimentos médicos contínuos, ainda haverá risco da automedicação, fatores como: reações alérgicas, perigo de intoxicação, agravamento da doença de base e até mesmo levar a morte, são umas das causas principais e mais comuns dos riscos em auto medicar-se (Stuchi, 2017).

Diante disso, nesse estudo abordaremos sobre a polifarmácia em idosos, com foco em cuidados e atendimentos, com finalidade de reduzir riscos a essa classe de pessoas e ofertar maior qualidade de vida, o médico com cuidado em realizar a prescrição e orientação correta. O objetivo deste estudo foi avaliar a correlação do número de fármacos utilizados e a qualidade de vida do idoso.

2. METODOLOGIA

Estudo de abordagem quantitativa do tipo transversal. A amostra foi composta por idosos que frequentam a UBS. Os participantes da pesquisa precisarão ter mais de 60 anos e frequentar a UBS.

Na coleta de dados os idosos foram convidados a participar de uma entrevista, na qual foi aplicado o questionário SF-36. Esse é um questionário multidimensional, que avalia a qualidade de vida por meio de 36 perguntas divididas em 8 domínios: capacidade funcional, aspectos físicos, dor, estado geral da saúde, vitalidade, aspectos sociais, aspectos emocionais e saúde mental.

Os dados adquiridos foram coletados e organizados em banco de dados, como o Microsoft Excel, e logo depois o Microsoft Access para uma análise estatística e produção de gráficos para uma apresentação, representando a prevalência de idosos que fazem uso de medicamentos, a quantidade de medicamentos usados e a relação com a sua qualidade de vida. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com o parecer de número: 5.398.467.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por meio do questionário aplicado, foram avaliados um total de 52 pacientes, por meio dele pode-se identificar o contingente de idosos em uso de medicamentos em excesso, com ou sem orientação de um profissional, e seu impacto no cotidiano individual. Sendo assim, divide-se essa análise estão apresentados na Tabela 1. 2, 3 e 4.

Tabela 1. Identificação da amostra populacional.

IDADE	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
60 – 75 ANOS	37	71,15
76- 90 ANOS	15	28,84
P VALOR: 0,001215390952		

APOSENTADO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	41	78,8
NÃO	11	21,15
P VALOR: 0,04152585782		
ESCOLARIDADE	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
ANALFABETO	4	7,69
FUNDAMENTAL I	5	9,61
FUNDAMENTAL II	18	34,61
ENSINO MÉDIO	22	42,30
SUPERIOR COMPLETO	3	5,76
P VALOR: 0,09335236174		
GENERO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
MASCULINO	17	32,69
FEMININO	35	67,30
OUTRO		
P VALOR: 0,01062969056		

Fonte: Autores (2023)

A pesquisa avaliou um total de 52 questionários, sendo eles respondidos por indivíduos de no mínimo 60 anos de idade. Nessa primeira tabela é apresentado a avaliação de identificação: nela podemos perceber que existe uma maioria de entrevistados de 60 até 75 anos.

Dentre esses idosos entrevistados, 41 são aposentados, enquanto 11 não são aposentados. Esses dados estão relacionados ao nível de escolaridade, sendo 4 analfabetos, 5 idosos com o ensino fundamental I completo, 18 com o ensino fundamental II completo, 22 idosos apresentam ensino médio e 3 com ensino superior completo. A relação da idade avançada com o trabalho é bastante discutida, acredita-se que as chances do indivíduo continuar no trabalho na fase da velhice está ligada a maiores níveis de escolaridade, maior renda e sem histórico clínico de condições crônicas incapacitantes (RIBEIRO, 2018).

Tabela 2. Avaliação do uso de medicamentos.

TIPO DE REAÇÃO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
TONTURA	12	23,07
ENJOJO	9	17,30
DOR NO ESTOMAGO	8	15,38
SONO	7	13,46
TOSSE	8	15,38
PALPITAÇÃO	8	15,38
P VALOR: 0,07336581696		
MEDICAMENTOS	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
HIPOGLICEMIANTES	13	25
HIPOLIPEMIANTES	7	13,46
ANTIHIPERTENSIVOS	7	13,46
ANTITIREOIDIANOS	1	1,92
IBP	10	19,23



ANTIDEPRESSIVOS	4	7,69
OUTROS	10	19,23
P VALOR: 0,01750508034		
PRESCRIÇÃO MÉDICA	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	31	59,61
NÃO	21	40,38
P VALOR:0,04593170041		
EFEITO COLATERAL	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	28	53,84
NÃO	24	46,15
P VALOR: 0,0698833419		
ESQUECE DE TOMAR	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	30	57,69
NÃO	22	42,30
P VALOR: 0,1443032218		
PAROU POR CONTA PRÓPRIA	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	23	44,23
NÃO	29	55,7
P VALOR: 0,009482925642		

Fonte: Autores (2023).

Da amostra de 52 idosos, 17 são do gênero masculino e 35 são do gênero feminino. De acordo com IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2022 mostra que 51,7% da população brasileira são mulheres e que há uma superioridade do sexo feminino em relação a masculina a partir da faixa etária dos 30 anos.

Na segunda parte da pesquisa, os idosos responderam questionários sobre o uso de medicamentos. Dos indivíduos entrevistados, 13 fazem uso de hipoglicemiantes, 7 de hipolipemiantes, 7 de anti-hipertensivos, 1 de antitireoidianos, 10 de IBP, 4 de antidepressivos e 10 usam outros tipos de fármacos. Entretanto, 31 idosos usavam esses remédios por meio de prescrição médica e 21 não tinham orientação médica.

Além desses dados, 28 idosos relataram apresentar algum efeito colateral com o uso desses medicamentos, enquanto 24 não sentiram nenhum mal-estar. Dentre as reações, 12 entrevistados relataram tontura, 9 relataram enjoos, 8 dores estomacais, 8 tosse e 8 sentiram palpitações. Essas reações durante o uso das medicações podem ser ocasionadas pelo uso indevido de medicamentos sem a prescrição médica. De acordo com ICTQ (Instituto de Pesquisa e Pós-Graduação) 89% da população brasileira se automedica e, esse uso indevido de fármacos, contribui para o aumento de efeitos colaterais no uso de medicamentos. Isso ocorre devido a interações medicamentosas e fisiológicas, no entanto, por conta disso os idosos podem acabar parando de tomar os remédios indicados pelos profissionais da saúde de forma abrupta, ocasionando ainda mais efeitos colaterais.

Ademais, 30 idosos confirmaram esquecer de tomar suas medicações e outros 22 afirmam usar nos horários corretos. Dentre eles, 23 já pararam de usar medicação por conta própria, em contrapartida, 29 mantêm o uso correto dos fármacos. Esses dados podem ser resultado da falta de assistência familiar e profissional com as pessoas na terceira idade, que, por isso, acabam fazendo esquecendo de usar os medicamentos e tomam atitudes sem consultar um profissional capacitado para retirar ou incluir um fármaco.

Tabela 3. Aspectos físicos do idoso.

ANDA SOZINHO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	30	74,28571429
NÃO	22	25,71428571
P VALOR: 0,1669313932		
ATIVIDADE DOMESTICA SEM AJUDA	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	31	62,85714286
NÃO	21	37,14285714
P VALOR: 0,0698833419		
DOR INTERFERE NO COTIDIANO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	28	80
NÃO	24	20
P VALOR: 0,2070407193		
SE ACHA COM BOA SAUDE	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	14	40
NÃO	38	60
P VALOR: 0,04593170041		
ATIVIDADE FISICA/ LAZER	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	21	45,71428571
NÃO	31	54,28571429
P VALOR: 0,009482925642		

Fonte: Autores (2023).

Os aspectos físicos têm uma relação direta com a qualidade de vida e a com a saúde do idoso. Em relação aos entrevistados, 30 relatam que andam sozinho e 22 não andam sozinhos, precisando de auxílio que alguma ferramenta. Dentre eles, 31 realizam atividade doméstica sem ajuda e 21 precisam de ajuda na realização desses afazeres. Essa relação entre andar sozinho e fazer seus próprios afazeres domésticos é essencial, uma vez que conseguir realizar essas ações mesmo sem ajuda externa é um fator primordial de independência na velhice (Krug,2013).

Na análise dos dados foi observado que 28 entrevistados se queixaram que a dor interfere no cotidiana e apenas 24 negaram sentir dor incapacitante durante o dia a dia. O número de idosos que sente dor durante o dia é alto o que corrobora para que 38 dos entrevistados não consideram ter uma boa saúde, enquanto 14 consideram ter uma boa saúde.

Tabela 4. Aspectos emocionais dos idosos.

DEPRIMIDO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	40	60
NÃO	12	40
P VALOR: 0,04593170041		
ANIMADO HIPERATIVO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	38	54,28571429
NÃO	14	45,71428571
P VALOR: 0,009482925642		

SE ACHA NERVOSO	QUANTIDADE	PORCENTAGEM
SIM	36	80
NÃO	16	20
P VALOR: 0,2070407193		

Fonte: Autores (2023).

Em estudo realizado investigaram sobre a relação aos aspectos emocionais na terceira idade, o resultado da pesquisa mostra-se que 40 idosos sentem-se deprimidos, enquanto 12 não se consideram assim. Segundo (Bvsms *et al.*, 2014), a dor tem grande importância e influência na qualidade de vida da população na terceira idade, de forma que prejudica a autonomia e as atividades do dia a dia deles, trazendo incômodos e questionamentos diários entre os mesmos. Outro aspecto relevante no desenvolvimento do idoso é uma noite de sono saudável, conseguir realizar as tarefas do dia a dia sem dores, uma alimentação equilibrada, cuidados com o emocional, entre outros.

Da quantidade dos entrevistados, 38 consideram-se pessoas ativas nas atividades diárias e mais animadas para desenvolvê-las, em oposição aos 14 que não possuem a mesma animação para realizar algumas tarefas comuns, muitas vezes até fáceis de realizar. Apesar do resultado conflitante, foi levado em consideração que muitos entrevistados tendem a ter o quadro de humor oscilativo, esse fenômeno pode ocorrer por conta da idade avançada leva a um entendimento que algumas características sociodemográficas, como: sono adequado, ausência de doenças crônicas, mente saudável, traz alguma influência de forma positiva e benéfica na vida do idoso (Tavares *et al.*, 2018). Também é necessário o entendimento de que os dados pesquisados remetem a Pimentel *et al.* (2015) quando cita que uma pessoa mais velha sobrevive com uma qualidade física e mental conceituada de acordo com o olhar voltado para a vida que almejava para si mesmo, principalmente quando junta a sua vida em família, seu meio em trabalhos externos, saúde e bem estar.

Complementa explicando que, a qualidade de vida baseia-se na percepção de vida que a pessoa tem de si mesmo. Na mesma pesquisa foram expostos um total de pessoas na qual sentem-se nervosas em alguns desses âmbitos vividos, tendo 36 idosos no total com essa sensação, enquanto os outros 16 não sentem-se da mesma forma.

Esses dados são importantes, uma vez que mostram que uma porcentagem alta dos idosos que participaram da pesquisa acreditam que é normal sentir algum tipo de dor, mesmo que incapacitante, decorrente da velhice e acabam não procurando ajuda para cessar elas. Ainda sobre a questão física temos que 21 afirmam ter atividades de lazer e 31 negam ter qualquer atividade rotineira de lazer. Estes números corroboram tanto com a questão das dores rotineiras, quanto dos fatores psicológicos, uma vez que atividades de lazer e interações sociais protegem o idoso de perda funcional (D'Orsi, 2011).

4. CONCLUSÃO

Com base nos tópicos e achados apresentados, é evidente a importância de abordar a problemática da polifarmácia na população idosa. O aumento da expectativa de vida e a prevalência de doenças crônicas têm levado os idosos a fazerem uso de múltiplos medicamentos para tratar suas comorbidades. Além disso, a automedicação e a falta de orientação adequada também contribuem para os riscos associados à polifarmácia, como interações medicamentosas e efeitos adversos.

A saturação do sistema de saúde e os gastos desnecessários com medicamentos são

consequências indesejáveis da polifarmácia, impactando diretamente a Atenção Primária de Saúde. O estudo realizado com a amostra populacional de idosos revelou que uma proporção considerável faz uso de diversos medicamentos, muitas vezes sem orientação médica. Isso evidencia a necessidade de intervenções efetivas para melhorar a prescrição, o monitoramento e a adesão aos tratamentos, a fim de reduzir os riscos e garantir a segurança e a eficácia dos medicamentos utilizados pelos idosos.

Além disso, os resultados destacaram outros aspectos relevantes, como os efeitos colaterais relatados pelos idosos, a falta de adesão à medicação prescrita, as limitações físicas e a presença de sintomas emocionais, como a depressão. Essas questões ressaltam a importância de uma abordagem holística no cuidado aos idosos, considerando não apenas as condições médicas, mas também os aspectos físicos, emocionais e sociais. Promover a autonomia, a qualidade de vida e o bem-estar dos idosos deve ser uma prioridade na saúde pública, através de estratégias de educação, suporte familiar e intervenções multidisciplinares.

Em conclusão, o estudo enfatiza a relevância da temática da polifarmácia na população idosa, destacando os desafios associados ao uso de múltiplos medicamentos. Os achados ressaltam a necessidade de medidas preventivas e intervencionistas para minimizar os riscos e maximizar os benefícios dos tratamentos farmacológicos nessa população. Através de uma atenção adequada, é possível melhorar a qualidade de vida, reduzir as complicações decorrentes da polifarmácia e garantir um envelhecimento saudável e sustentável para a população idosa.

Referências

- Correia, W. and A. P. M. Teston (2020). "Aspectos relacionados à polifarmácia em idosos: um estudo de revisão." **Brazilian Journal of Development** 6(11): 93454-93469.
- DE OLIVEIRA, R. E. M., et al. (2016). "Uso de medicamentos por idosos de uma unidade de atenção primária à saúde." **Revista Brasileira de Farmácia Hospitalar e Serviços de Saúde** 7(3).
- DE BARROS, S. S; DE SOUZA, G. F. M; UCHÔA, E. P. B. L. Correlação entre inatividade física, polifarmácia e quedas em idosos. **ConScientiae Saúde**, v. 11, n. 1, p. 37-45, 2012.
- DA SILVA, R; SCHMIDT, O. F; DA SILVA, S. Polifarmácia em geriatria. **Revista da AMRIGS**, v. 56, n. 2, p. 164-174, 2012.
- D'ORSI, E; XAVIER, A.J.; RAMOS, L. R. Trabalho, suporte social e lazer protegem idosos da perda funcional: Estudo Epidoso. **Revista de Saúde Pública**, v. 45, p. 685-692, 2011.
- DOS PASSOS, M. M. B., et al. (2019). "Medicamentos potencialmente inapropriados em prescrições de idosos atendidos na Atenção Primária." **Revista de APS** 22(3).
- FARIAS, A. D., et al. (2021). "Prescrição de medicamentos potencialmente inapropriados para idosos: um estudo na Atenção Primária à Saúde." **Ciência & Saúde Coletiva** 26: 1781-1792.
- FREITAS, F. F. Q., et al. (2020). "Fragilidade em idosos na Atenção Primária à Saúde: uma abordagem a partir do geoprocessamento." **Ciência & Saúde Coletiva** 25: 4439-4450.
- GARCIA, B. N., et al. (2017). "Saúde mental do idoso na Atenção Primária: uma análise das percepções de profissionais de saúde."
- KRUG, Rodrigo de Rosso et al. A dor dificulta a prática de atividade física regular na percepção de idosas longevas. **Revista Dor**, v. 14, p. 192-195, 2013.
- LADEIRA, G. D. A., et al. (2021). "POLIFARMÁCIA NO IDOSO E A IMPORTÂNCIA DA ATENÇÃO FARMACÊUTICA." **ÚNICA Cadernos Acadêmicos** 3(1).
- Maia, L. C., et al. (2020). "Fragilidade em idosos assistidos por equipes da atenção primária." **Ciência & Saúde Coletiva** 25: 5041-5050.

- MAIA, L. et al. Polifarmácia: avaliação em grupo de hipertensos e diabéticos. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, v. 11, n. 2, 2019.
- MARINHO, J. M. d. S., et al. (2021). "Padrão de consumo medicamentoso: um estudo com idosos na Atenção Primária à Saúde." **Revista Brasileira de Enfermagem** 74.
- MEDEIROS, K. K. A. S.; COURA, A. S; FERREIRA, R. T. O aumento do contingente populacional de idosos no Brasil e a atenção primária à saúde: uma revisão de literatura. **Arq Cienc Saúde UNIPAR**, v. 21, n. 3, p. 201-207, 2017.
- NASCIMENTO, R. C. R. M. d., et al. (2017). "Polifarmácia: uma realidade na atenção primária do Sistema Único de Saúde." **Revista de Saúde Pública** 51.
- OLIVEIRA, P. C. d., et al. (2021). "Prevalência e Fatores Associados à Polifarmácia em Idosos Atendidos na Atenção Primária à Saúde em Belo Horizonte-MG, Brasil." **Ciência & Saúde Coletiva** 26: 1553-1564.
- IBGE. **Quantidade de homens e mulheres**, IBGE EDUCA. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em: 12 de jun. de 2023
- RODRIGUES, M. C. S; OLIVEIRA, C. Interações medicamentosas e reações adversas a medicamentos em polifarmácia em idosos: uma revisão integrativa. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 24, 2016.
- RIBEIRO, P. C. C. et al. Permanência no mercado de trabalho e satisfação com a vida na velhice. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 2683-2692, 2018.
- SANTOS, D. D. (2021). **Interação medicamentosa e polifarmácia em idosos na atenção primária de saúde: revisão de literatura**, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- SANTOS, G. S. and I. C. K. O. Cunha (2018). "Prevalência e fatores associados à hipertensão em idosos de um serviço de atenção primária." **Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social** 1: 321-329.
- SANTOS, J. d. S., et al. (2019). "Interações medicamentosas potenciais em adultos e idosos na atenção primária." **Ciência & Saúde Coletiva** 24: 4335-4344.
- SILVA, A. C. A., et al. (2019). "Assistência farmacêutica em casos de polifarmácia entre a população idosa." **Revista Eletrônica Acervo Saúde**(28): e999-e999.
- SILVA, C. V., et al. (2018). "Representações sociais de idosos sobre a polifarmácia." **CIAIQ2018** 2.
- SILVA, M. M. M. (2021). "POLIFARMÁCIA EM IDOSOS: UMA ABORDAGEM DA EQUIPE DA ATENÇÃO PRIMÁRIA."
- SIMONETTI, A. B., et al. (2021). POLIFARMÁCIA: PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS EM USUÁRIOS DA ATENÇÃO PRIMÁRIA À SAÚDE. **Congresso Internacional em Saúde**.
- SOMENSI, E. T. (2019). "Prevalência de polifarmácia na população idosa: uma investigação epidemiológica na atenção primária de saúde."
- STUCHI, B. P. (2017). "Polifarmácia em idosos na atenção primária."
- OLIVEIRA, P. C. d., et al. (2021). "Prevalência e Fatores Associados à Polifarmácia em Idosos Atendidos na Atenção Primária à Saúde em Belo Horizonte-MG, Brasil." **Ciência & Saúde Coletiva** 26: 1553-1564.

8

SINTOMAS DE ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM LACTANTES ATENDIDAS EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE: PREVALÊNCIA E FATORES ASSOCIADOS

**SYMPTOMS OF ANXIETY AND DEPRESSION IN BREASTFEEDING WOMEN TREATED AT
A PRIMARY HEALTH CARE UNIT: PREVALENCE AND ASSOCIATED FACTORS**

Adriel Macedo Nascimento¹

Giovanna Christine Oliveira Ferreira¹

Leandra Campos Silva¹

João Victor Diniz Pinheiro¹

Juliana Lobato Miranda Pereira¹

Paulo Ferreira de Sousa Júnior¹

Letícia Webá Couto Rocha¹

Daniel Araújo Costa Lima¹

Isabella Aragão Pacheco¹

Yuri Alfredo Araújo Mendonça Silva²

Livia Moreira Abas³

Flor de Maria Araújo Mendonça Silva⁴

¹ Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

² Mestre em Gestão de Programas e Serviços de Saúde, São Luís, MA

³ Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

⁴ Docente em Medicina e do Mestrado em Gestão de Programas e Serviços de Saúde da Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

Ao passar pelo período gestacional e puerperal a mulher passa por inúmeras alterações, seja do ponto de vista psíquico, físico, hormonal ou social. Devido a isso, tem suscitado a hipótese de que esse momento na vida da mulher é o de maior vulnerabilidade para o aparecimento de transtornos psiquiátricos, que se acredita advir de origem emocional. Estudos revelam que uma a cada quatro gestantes vivenciam tais transtornos, com destaque para a alta prevalência de depressão pós-parto, que varia entre 10 a 20%, e de ansiedade em 30%. Diante do exposto, o acompanhamento da mulher por equipe de saúde multiprofissional é indispensável, já que transições emocionais geram sentimentos de incapacidade na mãe e como consequência causar distúrbios no relacionamento materno-infantil. Para reunir os dados necessários, foi realizada uma pesquisa eletrônica de artigos científicos, com o uso do operador booleano, nas bases de dados do PUBMED, LILACS e SCIELO. Após a busca dos artigos que correspondessem ao tema pesquisado, excluindo-se os artigos que não passaram no critério de seleção, foram obtidos 10 artigos, dispostos entre os anos de 2016 a 2022. Portanto, evidenciou-se que durante o período de lactação, as mulheres estão mais vulneráveis aos transtornos psiquiátricos, sendo necessário resguardar a saúde mental da mãe e, paralelo a isso, assegurar a segurança do recém-nascido. Logo, surgiu a necessidade de estudar essa temática, a fim de auxiliar novos algoritmos médicos além de contornar o tabu associado a problemas psiquiátricos na gestação.

Palavras-chave: Depressão Pós-Parto, Ansiedade, Exercícios, Tratamento.

Abstract

When going through the gestational and puerperal period, the woman undergoes numerous changes, whether from a psychic, physical, hormonal or social point of view. Due to this, it has raised the hypothesis that this moment in a woman's life is the one of greatest vulnerability for the appearance of psychiatric disorders, which are believed to come from emotional origin. Studies reveal that one in four pregnant women experience such disorders, with emphasis on the high prevalence of postpartum depression, which varies between 10 and 20%, and anxiety at 30%. In view of the above, monitoring the woman by a multidisciplinary health team is indispensable, since emotional transitions generate feelings of incapacity in the mother and, as a consequence, cause disturbances in the mother-infant relationship. To gather the necessary data, an electronic search of scientific articles was carried out, using the Boolean operator, in the PUBMED, LILACS and SCIELO databases. After searching for articles that corresponded to the researched theme, excluding articles that did not pass the selection criteria, 10 articles were obtained, arranged between the years 2016 to 2022. Therefore, it was evidenced that during the lactation period, women are more vulnerable to psychiatric disorders, making it necessary to protect the mother's mental health and, at the same time, ensure the safety of the newborn. Soon, the need arose to study this theme, in order to help new medical algorithms in addition to circumventing the taboo associated with psychiatric problems during pregnancy.

Key-words: Postpartum Depression, Anxiety, Exercices, Treatment

1. INTRODUÇÃO

Durante o período gestacional e puerperal a mulher passa por inúmeras alterações, seja do ponto de vista psíquico, físico, hormonal ou social (Camacho *et al.*, 2015). Devido a isso, tem suscitado a hipótese de que esse momento na vida da mulher é o de maior vulnerabilidade para o aparecimento de transtornos psiquiátricos, que se acredita advir de origem emocional. Estudos revelam que uma a cada quatro gestantes vivenciam tais transtornos, com destaque para a alta prevalência de depressão pós-parto, que varia entre 10 a 20%, e de ansiedade em 30% (Cantilino *et al.*, 2018; Santos *et al.*, 2017; Wang *et al.*, 2021).

A depressão pós-parto (DPP) também é um transtorno psiquiátrico que se caracteriza como qualquer episódio depressivo ocorrido na mãe até um ano após o nascimento do bebê, sendo mais comum de duas semanas até três meses pós-parto. Os sintomas da síndrome depressiva são mais exacerbados, como humor deprimido, perda de prazer e interesse em atividades, sentimento de culpa, até pensamentos de morte (Bauman *et al.*, 2020).

E os transtornos ansiosos acometem 30% das puérperas, que podem sofrer por mais de um transtorno ao mesmo tempo. Entre os transtornos mais prevalentes estão o transtorno de ansiedade generalizada, a fobia social, o transtorno obsessivo compulsivo e o transtorno do pânico (Silvia *et al.*, 2019).

Os principais sinais e sintomas do Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG) são medo, insegurança, preocupação excessiva e incontrolável em relação ao recém-nascido ou a si mesma, que gera prejuízos na vida diária e nos cuidados com o bebê (Misri *et al.*, 2015). No Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), a mãe refere pensamentos intrusivos obsessivos agressivos contra o bebê, como jogá-lo contra a parede ou jogar água fervente nele, além de outras obsessões relacionadas aos cuidados com o recém-nascido, como limpeza excessiva.

Em contrapartida, o TOC não tem relação com o infanticídio, uma vez que são indesejados e não condizentes com o verdadeiro pensamentos da pessoa (Aroisa; Silva, 2016).

Existem inúmeros fatores associados ao desenvolvimento dos transtornos citados. A gravidez não planejada e a falta de apoio do pai revelam uma tendência para DPP, além de transtornos psiquiátricos prévios, conflitos conjugais e falta de apoio de familiares (Souza; Magalhães; Rodrigues, 2021). Em mulheres com mais de 34 anos, observou-se como principal fator de risco complicações obstétricas (Alves *et al.*, 2017).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) preconiza um número mínimo de 6 consultas pré-natal com objetivo de garantir um desenvolvimento seguro da gestação. Na atenção básica, essas consultas são realizadas por médicos generalistas e enfermeiras. Em situações especiais, em que se julga necessário, pode ser solicitado o acompanhamento com outros profissionais, como os psicólogos a fim de assegurar uma assistência psicossocial para a gestante (Brasil, 2015).

Entretanto, a grande maioria das grávidas precisam desse cuidado, ainda que não apresentem risco de desenvolver distúrbios psicológicos. Nesse sentido, deveria ser implementado um pré-natal psicológico como uma forma de promover a saúde mental das mulheres nesse momento de extrema fragilidade (Arrais *et al.*, 2019; Pina; Loures, 2014).

Diante do exposto, o acompanhamento da mulher por equipe de saúde multiprofissional é indispensável, já que transições emocionais geram sentimentos de incapacidade na mãe. Assim, distúrbios no relacionamento materno-infantil podem ocasionar impactos

a longo prazo para o desenvolvimento infantil, sobretudo no aprendizado e no risco de desenvolvimento de transtornos psiquiátricos, uma vez que podem estar associados a ameaça de negligência ou abuso. Dessa forma, o objetivo do estudo foi avaliar os sintomas de ansiedade e depressão em lactantes atendidas em Unidades Básicas de Saúde.

2. METODOLOGIA

2.1 Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa descritiva e analítica.

2.1.2 Local de estudo e período

O estudo de pesquisa será realizado na Unidade Básica de Saúde Maiobão II no período de 6 (seis) meses.

2.1.3 População e amostra

Pacientes lactantes atendidos e com sintomas de ansiedade e depressão no período de 2023.

2.2 Critérios de inclusão

Foram incluídos na pesquisa pacientes maiores de 18 anos e com sintomas de ansiedade e depressão.

2.3 Critérios de não-inclusão

Para os critérios de não-inclusão, pacientes menores de 18 anos; e, aqueles que não tiveram os sintomas de ansiedade e depressão.

2.4 Instrumento de coleta de dados

Os dados foram coletados, inicialmente, por meio de anamnese. Nas etapas seguintes, por meio de questionário contendo questões abertas e de múltipla escolha. O instrumento de pesquisa incluirá perguntas sobre dados sociodemográficos (faixa etária, sexo, estado civil, local de residência, escolaridade, renda familiar e redução de renda familiar após isolamento social, vínculo empregatício, número de moradores em domicílio), na continuidade do tratamento dos sintomas de ansiedade e depressão.

2.5 Metodologia de análise de dados

Os dados serão analisados por meio do software Minitab® versão 17.3.1, sendo calculadas as frequências absoluta e relativa de todas as variáveis do estudo. A associação

entre variáveis será Universidade do Ceuma Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão Coordenação De Iniciação Científica verificada por meio do teste do qui-quadrado, considerando-se um nível de significância de 5% para os procedimentos inferenciais.

2.6 Aspectos éticos

Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade CEUMA, com o Parecer Consubstanciado no 5.398.467. Aos pacientes que aceitarem participar da pesquisa, serão solicitados que assinem o TCLE, de acordo com as diretrizes e normas reguladoras da pesquisa envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde, Resolução no 466/2012. Aos participantes do estudo será garantido o direito de interrupção do estudo a qualquer momento e a preservação de suas identidades.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Considerando a diversidade de fatores predisponentes da DDP, foram elencados histórico de depressão, aspectos econômicos desfavoráveis para gestantes, desemprego, renda e situação conjugal. Foram coletados dados sobre a saúde mental materna, por meio de rastreamentos de sintomas de transtornos mentais. Esses achados sugerem identificar precocemente e tratar a depressão pós-parto para prevenir e diminuir possíveis prejuízos na relação mãe/filho. A amostra final desta revisão foi selecionada 10 artigos científicos, selecionados pelo critério de inclusão. O quadro mostra a caracterização de cada arquivo selecionado. No Quadro 1.



Quadro 1. Síntese dos estudos selecionados.

Procedência	Título/ Autores/ ano	Amostra/ Local	Objetivo do estudo	Métodos	Principais resultados
Artigo 1 PUBMED	NIJSTEN, Kelly et al. Depression, anxiety, and post-traumatic stress disorder symptoms after hyperemesis gravidarum: a prospective cohort study. The Journal of Maternal-Fetal & Neonatal Medicine, v. 35, n. 25, p. 10055-10063, 2022.	215 mulheres grávidas foram admitidas em 19 hospitais na Noruega nos anos de 2013 a 2019.	Determinar a prevalência de depressão, ansiedade e transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) anos após a hiperêmese gravídica (HG) e sua associação com a gravidade da HG.	Ensaio Clínico controlado aleatório (Experimental)	Seis semanas após o parto, (24,1%) tiveram ansiedade e (20,4%) depressão. Durante o acompanhamento, esse número evoluiu para (39,7%) tiveram ansiedade e (27,4%) depressão e (21,9%) desenvolveram transtorno de estresse pós-traumático.
Artigo 2 PUBMED	SCORZA, Pamela et al. Preventing maternal mental health disorders in the context of poverty: pilot efficacy of a dyadic intervention. American journal of obstetrics & gynecology MFM, v. 2, n. 4, p. 100230, 2020.	60 mulheres grávidas foram recrutadas em atividades obstétricas no Centro Médico Universitário Irving na Colômbia	Intervenção diádica para prevenir transtornos mentais maternos comuns	Ensaio Clínico controlado aleatório (Experimental)	Houve uma diminuição na pontuação das escalas de depressão e ansiedade utilizados. Contudo, não alterou a incidência.
Artigo 3 PUBMED	ZANARDO, Vincenzo et al. The adaptive psychological changes of elective induction of labor in breastfeeding women. Early human development, v. 104, p. 13-16, 2017.	180 mulheres grávidas foram recrutadas no Hospital Maternidade Universitário de Padova, na Itália.	Foi examinado a influência causada por um parto induzido por prostaglandina vaginal, na semana gestacional 41 + 3 dias. Assim, foi analisado o comportamento, funções cognitivas e afetivas no início do puerpério e no padrão de amamentação em 1 e 3 meses.	Ensaio Clínico controlado (Experimental)	Foram apresentadas evidências que a indução do parto, eletiva por prostaglandina, tem correlação com maiores scores de Depressão, ansiedade e abandono da amamentação.

Artigo 4 PUBMED	PRANAL, Marine et al. Prevalence of maternal psychological disorders after immediate postpartum haemorrhage: a repeated cross-sectional study-the PSYCHE* study protocol. BMJ open, v. 9, n. 9, p. e027390, 2019.	1542 mulheres puérperas participaram do estudo, sendo dessas, 514 com hemorragia pós-parto. Estudo realizado e colhido no Hospital Universitário Clermont-Ferrand, na França.	O principal objetivo do estudo é avaliar a prevalência de depressão aos 2, 6 e 12 meses pós-parto entre mulheres com HPP. Os objetivos secundários são avaliar, nos mesmos intervalos, a prevalência de ansiedade, PTSD e depressão de acordo com a gravidade da hemorragia.	Ensaio Clínico controlado (Experimental)	A prevalência de depressão (24,4% vs 18,2%) e TEPT (12,8% vs 7,6%) foi maior entre as mulheres com HPP. A prevalência de ansiedade foi maior no HPP grupo (18,1% vs 10,3% e 20,0% vs 13,3%).
Artigo 5 PUBMED	JIAO, Nana et al. Web-based versus home-based postnatal psychoeducational interventions for first-time mothers: A randomised controlled trial. International Journal of Nursing Studies, v. 99, p. 103385, 2019.	204 mulheres gestantes e primíparas foram recrutadas no Hospital Público Geral de Singapura.	Examinar a eficácia das intervenções psicoeducacionais online pós-natais para mães de primeira viagem.	Ensaio Clínico controlado aleatório (Experimental)	Quando comparada ao grupo controle, a intervenção baseada na web melhorou a autoeficácia e reduziu a depressão pós-parto. Quando comparada à intervenção domiciliar, a intervenção baseada na web mostrou efeito não inferior em todos os resultados em todos os pós-testes.
Artigo 6 LILAC	SILVA, Bruno Pereira et al. Transtorno mental comum na gravidez e sintomas depressivos pós-natal no estudo MINA-Brasil: ocorrência e fatores associados. Revista de Saúde Pública, v. 56, 2022.	461 gestantes foram rastreadas atendidas na atenção primária à saúde de Cruzeiro do Sul, Acre.	Examinar a circunstância e os fatores associados com transtornos mentais e depressão pós parto em puérperas brasileiras.	Estudo de coorte prospectiva no estudo MINA-Brasil.	Prevalência de 36,2% de transtorno mental comum na primeira avaliação na gravidez, com incidência cumulativa de 9,2%. Aproximadamente 20% apresentaram sintomas depressivos no primeiro ano pós-parto. A paridade foi associada ao transtorno mental comum e a baixa escolaridade materna ao sintoma depressivo pós-parto. Mulheres com transtorno nas duas avaliações tiveram 5,6 vezes mais chances de desenvolver sintoma depressivo pós-parto.

Artigo 7 SCIELO	MARQUES, Luzilene de Carvalho et al. Saúde mental materna: rastreamento dos riscos causadores da depressão pós-parto. 2016.	280 mulheres puérperas participaram de um estudo de delineamento transversal. Realizado na maternidade do Estado do Maranhão	Principal objetivo é identificar os fatores de risco que contribuem para DDP em mulheres assistidas em maternidade do interior do Maranhão.	Amostra aleatória de caráter descritivo e exploratório.	Observou-se que 86,2% das mães com risco para DDP não possuem emprego, 52,5% das puérperas com baixa escolaridade. Com relação à situação conjugal 20% das puérperas eram solteiras. Das 46,4% primíparas, 25% apresentaram risco para DDP.
Artigo 8 SCIELO	MORAIS, Adriana Oliveira et al. Sintomas depressivos e de ansiedade maternos e prejuízos na relação mãe/filho em uma coorte pré-natal: uma abordagem com modelagem de equações estruturais. Cadernos de saúde pública, v. 33, n. 6, 2017.	1447 gestantes foram recrutadas em serviços e ambulatórios públicos e privados de pré-natal.	Tem o objetivo de investigar a associação entre sintomas depressivos e de ansiedade maternos e prejuízos na relação mãe e filho.	Trata-se de coorte prospectiva	27,25% das mulheres apresentaram sintomas de depressão na gestação, 19,63% sintomas de depressão pós-parto, e 28,78% e 14,60% apresentaram, respectivamente, ansiedade moderada e grave, totalizando 37,38% mulheres que se encontravam em níveis significativos de ansiedade.
Artigo 9 SCIELO	SANTOS, Maria Luiza Cunha et al. Sintomas de depressão pós-parto e sua associação com as características socioeconômicas e de apoio social. Escola Anna Nery, v. 26, 2022.	330 puérperas em uma maternidade pública.	Analisar a prevalência de sintomas de depressão pós parto e sua associação com a condição sócio-econômica e de apoio social.	Estudo epidemiológico analítico do tipo transversal	Prevalência de 29,7% das puérperas analisadas. Dentre essas, as variáveis socioeconômicas e de apoio social analisadas mostraram que ter idade entre 14 e 24 anos, estar solteira/namorando, ter até 8 anos de estudo e baixo apoio social afetivo e emocional, de informação e de interação social positiva foram associados à maior prevalência de DPP.

Artigo 10 Google Academy	ARRAIS, Alessandra da Rocha et al. Fatores de Risco e Proteção Associados à Depressão Pós-Parto no Pré-Natal Psicológico. Psicologia Ciência e Profissão, v. 38, n. 4, p. 711–729, 2018.	198 gestantes distribuídas em grupos de intervenção e grupo de controle, para a coleta de dados, utilizaram um questionário gestacional: BAI, BDI-II e EPDS, os dados foram submetidos a análises estatísticas descritivas e comparativas.	Determinar a prevalência de transtornos psiquiátricos, principalmente o Transtorno Depressivo Maior, compreendendo o período gestacional e as quatro semanas iniciais após o parto.	Ensaio Clínico controlado aleatório (Experimental).	A DPP é uma das complicações mais comuns vivenciadas durante o puerpério, e pode atingir 15% a 20% das puérperas em nível de população mundial. No Brasil, o percentual varia de 32% a 38% em brasileiras com baixa renda em média no período de 6 a 18 meses após o nascimento do bebê.
---------------------------------	--	--	---	---	--

Fonte: Autores (2023).

A análise dos artigos revelou uma variedade de aspectos predisponentes associados à depressão e ansiedade em mulheres durante a gravidez e após o parto (puérperas). Assim, a alteração da qualidade de vida da mãe significa prejuízo a médio e longo prazo, que pode ocorrer por uma combinação de variáveis biológicas, psicológicas e sociais. Entre os fatores de risco identificados estão: histórico de depressão prévia, alterações obstétricas e falta de suporte social. No pós-parto, há transtornos que variam em gravidade, desde “baby blues” até depressão pós-parto e psicose puerperal. É enfatizada a importância do cuidado com saúde mental das mulheres no período perinatal e destacada a necessidade de identificar condições de risco.

A baixa escolaridade, a baixa renda e o desemprego tem notoriedade no risco entre mães com ameaça para Depressão Pós-parto (DPP). Juntamente aos prejuízos dos aspectos econômicos se apresentam os componentes sociais relacionados à rede de apoio, como falta do companheiro na gravidez e pós-parto e ausência da família. Dessa maneira, ressalta-se que mulheres que apresentam maior apoio social, tem menor risco de desenvolver sintomas de depressão pós-parto.

Estudos demonstram a relação dos distúrbios mentais com complicações obstétricas em conjunto com problemas parto, como hemorragias pós-parto e indução do parto. Outro ponto notável é relacionado às práticas de amamentação com a saúde mental das mães, já que experiência negativas podem ser fatores de risco para o desenvolvimento desses transtornos de saúde mental.

Evidenciou-se que as gestantes com sintomas de depressão na gestação e pós-parto apresentaram prejuízos na relação mãe/filho, já que sintomas mentais podem resultar em efeitos negativos a curto e longo prazo. A abordagem clínica desses transtornos está mudando da necessidade de tratamento para a necessidade de prevenção, por ser identificada eficácia da intervenção preventiva em mulheres grávidas com risco aumentado de sintomas mentais perinatais.

Em muitos casos as mulheres podem estar relutantes em buscar ajuda por causa do estigma associado à doença ou porque acham que é uma reação normal à nova condição. Portanto, é fundamental que os profissionais de saúde estejam atentos aos sintomas e ofereçam suporte adequado. Consequentemente, apresenta-se a importância da avaliação precoce da mãe para identificar os sinais de depressão pós-parto.

Assim, é ressaltada a necessidade de campanhas de conscientização para reduzir o estigma em torno da depressão pós-parto e encorajar as mulheres a procurarem ajuda quando necessário.

Em complemento, é discutido a eficácia da terapia cognitivo-comportamental (TCC) na precaução e manejo da depressão pós-parto em mulheres, uma vez que se apresenta como uma opção eficaz de tratamento e pode ser tão eficaz quanto a medicação antidepressiva. Além disso, a TCC pode ter efeitos positivos no vínculo mãe-bebê, habilidades parentais e estresse parental.

4. CONCLUSÃO

Identificou-se que a relação entre saúde mental de mulheres no período gestacional e puerperal aborda uma variedade de tópicos que incluem circunstâncias enquanto problemas na gestação, condições de parto e fatores interpessoais e econômicos.

Portanto, há uma importância no rastreamento dos elementos de risco pela atenção básica, uma vez que não há desenvolvimento de políticas públicas eficazes e programas

de prevenção e tratamento da depressão pós-parto. Ademais, discussões enfatizam a necessidade de suporte profissional e familiar adequado às mulheres que apresentam sintomas de depressão pós-parto e a redução do estigma em torno da condição.

Referências

- AIROSA, S.; SILVA, I. Associação entre vinculação, ansiedade, depressão, stresse e suporte social na maternidade. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 14, n. 1, p. 64-77, 2013.
- ARRAIS, Al. R. et al. Fatores de Risco e Proteção Associados à Depressão Pós-Parto no Pré-Natal Psicológico. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 38, n. 4, p. 711-729, 2018.
- BAUMAN, B. L. et al. Vital Signs: Postpartum Depressive Symptoms and Provider Discussions About Perinatal Depression - United States, 2018. **MMWR Morb Mortal Wkly Rep**. v. 69, n. 15, p. 575-81, 2020.
- CAMACHO, R. S. et al. Transtornos psiquiátricos na gestação e no puerpério: classificação, diagnóstico e tratamento. **Arquivo de Psiquiatria Clínica (São Paulo)**, v. 33, p. 92-102, 2006.
- CANTILINO, A. et al. Transtornos psiquiátricos no pós-parto. **Arquivo de Psiquiatria Clínica (São Paulo)**, v. 37, p. 288-294, 2010.
- DE ALBUQUERQUE, R. N.; DA SILVA ROLLEMBERG, D. V. Fatores de risco e cuidados à mulher com baby blues. **Saúde em Revista**, v. 21, n. 1, p. 235-244.
- DE SÁ PINA, L. N.; LOURES, M. C. Puérpera com Depressão Pós-Parto: a influência na relação com o bebê. **Revista EVS-Revista de Ciências Ambientais e Saúde**, v. 41, n. 2, p. 341-357, 2014.
- DE SOUZA, N. K. P.; MAGALHÃES, E. Q.; JUNIOR, O. M. R. A prevalência da depressão pós-parto e suas consequências em mulheres no Brasil. **Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento**, v. 10, n. 15, pág. e597101523272-e 597101523272, 2021.
- JIAO, N. et al. Web-based versus home-based postnatal psychoeducational interventions for first-time mothers: A randomised controlled trial. **International Journal of Nursing Studies**, v. 99, p.103385, 2019
- MARQUES, L. C. et al. Saúde mental materna: rastreando os riscos causadores da depressão pós-parto. **Journal Health NPEPS**, 2016.
- MORAIS, A. O. et al. Sintomas depressivos e de ansiedade maternos e prejuízos na relação mãe/filho em uma coorte pré-natal: uma abordagem com modelagem de equações estruturais. **Cadernos de saúde publica**, v. 33, n. 6, 2017.
- NIJSTEN, K. et al. Depression, anxiety, and post-traumatic stress disorder symptoms after hyperemesis gravidarum: a prospective cohort g study. **The Journal of Maternal-Fetal & Neonatal Medicine**, v. 35, n.25, p. 10055-10063, 2022
- PRANAL, M. et al. Prevalence of maternal psychological disorders 1 after immediate postpartum hemorrhage: a repeated cross-sectional study-the PSYCHE: study protocolo. **BMJ open**, v. 9, n. 9, p. e027390, 2019.
- SANTOS, M. L. C. et al. Sintomas de depressão pós-parto e sua associação com as características socioeconômicas e de apoio social. **Escola Anna Nery**, v. 26, 2022.
- SCORZA, P. et al. Preventing maternal mental health disorders in the context of poverty: pilot efficacy of a dyadic intervention. **American journal of obstetrics & gynecology MFM**, v. 2, n. 4, p. 100230, 2020.
- SILVA, B. P. da et al. Transtorno mental comum na gravidez e sintomas depressivos pós-natal no estudo MINA-Brasil: ocorrência e fatores associados. **Revista de Saúde Pública**, v. 56, 2022.
- ZANARDO, V. et al. The adaptive psychological changes of elective induction of labor in breastfeeding women. **Early human development**, v. 104, p. 13-16, 2017.



9

DERMATITE ATÓPICA EM CRIANÇAS

ATOPIC DERMATITIS IN CHILDREN

Letícia Arruda Vasconcelos¹

Lincoln Alexandre de Lima Sobrinho¹

Lucas Arruda Macedo Coelho¹

Mateus de Jesus Garros Abreu¹

Maurício Luís Dall'agnol¹

Tereza Cristina Barbosa Ribeiro do Vale¹

Victória Régis Lustosa Aragão¹

Paula de Lourdes Lauande Oliveira²

Marcela Lobão de Oliveira²

Cristina Maria Douat Loyola²

¹ Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

² Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

A dermatite atópica (DA) em crianças não é apenas uma doença de pele. É uma jornada que muitas vezes resulta em redução da qualidade de vida, dificuldades emocionais e encargos financeiros significativos. Esta revisão examina o impacto significativo que a DA tem na vida das crianças afetadas, nas suas famílias e no sistema de saúde. Além dos sintomas físicos, é importante compreender a carga emocional que as crianças enfrentam e a carga financeira colocada sobre os seus cuidadores e sistemas de saúde, o que requer uma abordagem abrangente e informada. Este estudo teve como objetivo discutir se os casos de DA em crianças de 6 a 12 anos, que frequentam a escola e que não possuam diagnóstico de TEA e nem de outras síndromes neurológicas, determinam piora da qualidade de vida do paciente e de seus responsáveis. Tratou-se de uma revisão integrativa, que analisou quatro artigos selecionados nas bases Portal Regional da BVS e Pub Med. Durante as buscas para a realização desta revisão foram selecionados quatro artigos científicos, cujos achados levaram em consideração os critérios de inclusão e exclusão já estabelecidos anteriormente. Pode-se concluir que a dermatite atópica (DA) é uma enfermidade que gera uma redução de qualidade de vida das crianças, com impactos durante a infância e podendo seguir impactando a longo prazo, pois a DA afeta a vida socioeconômica, emocional e pessoal.

Palavras chave: Dermatite atópica, qualidade de vida, crianças.

Abstract

Atopic dermatitis (AD) in children is not just a skin condition. It is a journey that often results in a reduced quality of life, emotional difficulties, and significant financial burdens. This review examines the significant impact AD has on the lives of affected children, their families, and the healthcare system. In addition to physical symptoms, it's important to understand the emotional toll children face and the financial burden placed on their caregivers and healthcare systems, requiring a comprehensive and informed approach. This study aims to associate how cases of AD in children aged 6 to 12 years, who attend school and do not have a diagnosis of autism spectrum disorder (ASD) or other neurological syndromes, result in a worsened quality of life for the patient and their caregivers. This is a cross-sectional integrative review, which included four articles selected from the Regional Portal of BVS and PubMed databases. During the searches for this review, four scientific articles were found, and these limited findings met the pre-established inclusion criteria. Based on the scientific evidence, it can be concluded that atopic dermatitis (AD) is a condition that reduces the quality of life for children, impacting their childhood and potentially affecting them in the long term as AD affects socioeconomic, emotional, and personal aspects of life. Therefore, through these articles, there is an understanding of how to assess and reduce these impacts on the lives of these children and caregivers with the aim of improving quality of life (QOL).

Keywords: Atopic dermatitis, quality of life, children.



1. INTRODUÇÃO

A dermatite atópica (DA) é uma condição de pele crônica que pode impactar consideravelmente a vida de crianças e adolescentes. Um dos sintomas principais é de prurido intenso, que pode levar à irritabilidade forte, dificuldades para dormir, e diminuição do bem estar emocional (Alves *et al.*, 2018).

As avaliações médicas vem se concentrando nos aspectos físicos da doença, não valorizando as questões emocionais, o estresse pessoal e familiar, além dos gastos financeiros com medicação significativos (Santos *et al.*, 2021).

A aparência da pele afetada pela DA pode causar constrangimento e diminuir a auto-estima e confiança da criança (Stingeni *et al.*, 2021). A DA afeta diversos aspectos da vida do paciente, incluindo escolhas de roupas, duração do banho, uso frequente de emolientes, vida familiar e social, prática esportiva, sono e estudo (Amaral; March; Sant´anna, 2012).

O termo “bullying,” criado na década de 70 pelo psicólogo sueco Dan Olweus, refere-se a uma forma contínua de agressão física e psicológica, geralmente ocorrendo em ambientes escolares, com o propósito de intimidar, ameaçar, zombar e ridicularizar a vítima. O bullying prejudica o desenvolvimento cognitivo, social e psicológico tanto na escola quanto fora dela (Brasil, 2023).

A DA está diretamente relacionada a uma pior qualidade de vida para as crianças afetadas e seus cuidadores, levando a alterações comportamentais como ansiedade, depressão, baixa autoestima e problemas de sono, afetando o bem-estar (Braga *et al.*, 2023).

É importante que os profissionais de saúde considerem os aspectos psicossociais da DA em crianças e seus efeitos negativos para proporcionar um tratamento adequado e melhorar a qualidade de vida, incluindo estratégias de saúde mental.

A dermatite atópica é uma doença inflamatória crônica que pode afetar a qualidade de vida das crianças, impactando a vida familiar, escolar e de lazer (Campos *et al.*, 2016).

A DA é resultado da interação entre fatores genéticos e ambientais e é uma preocupação de saúde pública global, especialmente em países em desenvolvimento. Embora não seja fatal, a DA tem um impacto significativo na vida das pessoas (Carnaúba; Nunes, 2019).

Devido às lesões da DA, há impactos nas relações cotidianas, principalmente quando associadas ao bullying, que pode agravar o quadro emocional do paciente. O bullying pode causar baixa autoestima, ansiedade e depressão, piorando os sintomas da DA (Bustamante *et al.*, 2021; Junior *et al.*, 2022).

Além disso, a aparência das crianças com DA pode ser diferente, aumentando o risco de bullying. É importante que pais, educadores e profissionais de saúde trabalhem juntos para reduzir os impactos emocionais do bullying em crianças com DA (Magin, 2013).

O prurido intenso causado pela DA pode interferir no sono das crianças, levando à fadiga e irritabilidade durante o dia. Estudo desenvolvido nos Estados Unidos revelou que crianças com DA tinham uma alta prevalência de distúrbios do sono, com prejuízo da qualidade do sono em muitos casos (Chamlin *et al.*, 2005).

Crianças com DA podem ser alvo de bullying devido à aparência da pele afetada, o que pode resultar em comentários negativos, zombarias e exclusão social. Além disso, o estresse emocional pode piorar os sintomas da DA, tornando a pele mais suscetível a infla-

mações e lesões. Esse conjunto de características impacta significativamente a qualidade de vida da criança, nos níveis físico, emocional e social (Stingeni *et al.*, 2021).

Desta forma, o objetivo deste estudo é analisar os impactos da Dermatite Atópica na qualidade de vida das crianças, considerando a narrativa dos cuidadores, visando fornecer uma perspectiva abrangente sobre os desafios enfrentados por essas crianças e suas famílias.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de revisão integrativa com análise qualitativa que avalia crianças de 6 a 12 anos com diagnóstico médico de DA que frequentam escola e que não apresentam diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA) e nem de síndromes neurológicas pois tais condições podem implicar em alterações do comportamento social. Para a condução deste estudo, utilizamos a estratégia de busca pico e a confecção de um fluxograma. Utilizamos as bases de dados do Portal Regional da BVS e PubMed para a seleção dos artigos. A busca foi realizada utilizando os seguintes termos de busca: “dermatite atópica”, “crianças”, “qualidade de vida”, “impactos”, “cuidadores”. Os critérios de inclusão para seleção dos artigos foram os seguintes: Artigos que abordassem a relação entre dermatite atópica e qualidade de vida em crianças de 6 a 12 anos. Estudos que relatessem as percepções dos cuidadores sobre o impacto da dermatite atópica na vida das crianças. Artigos publicados em periódicos científicos revisados por pares. Foram excluídos os seguintes tipos de artigos: Estudos que não envolvessem crianças com idade entre 6 e 12 anos e que tivessem diagnóstico médico de TEA ou outras síndromes neurológicas que impliquem a alteração no comportamento social e diagnóstico de depressão. Artigos que não abordassem a relação entre dermatite atópica e qualidade de vida. Publicações que não estivessem disponíveis em texto completo. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados quatro artigos para análise, apresentado no Quadro 1.

Quadro 1. Foram selecionados quatro artigos para análise

Acrônimo	Definição	descrição
P	População/problema	Crianças com dermatite atópica
I	Intervenção	Experiência da dermatite atópica nas crianças relacionada pelos cuidadores
C	Comparação	Não se aplica
O	Resultado	Análise dos impactos da dermatite atópica na qualidade de vida das crianças, com base nas narrativas dos cuidadores

Fonte: Autores (2023).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as buscas para a realização desta revisão foram encontrados quatro artigos científicos. Observa-se que a maioria dos artigos apresenta discussões sobre os impactos na qualidade de vida das crianças portadoras de dermatite atópica. Desse modo, evidenciaram os graves efeitos emocionais causados pelo prejuízo na socialização destas crianças e os elevados gastos com medicamentos e consultas, financiados tanto pelo Sistema Único de Saúde (SUS), quanto pelos responsáveis, apontando uma sobrecarga econômica



sobre o SUS em viabilizar medicação para todos os acometidos por esta condição, bem como a impossibilidade dos familiares de custearem o tratamento por inteiro. A Tabela 1 apresenta a análise dos artigos selecionados.

Tabela 1. Análise dos artigos selecionados emocionais causados pelo prejuízo na socialização.

Título	Autores	Periódico	Considerações/Temática
Counting the Burden: Atopic Dermatitis and Health-related Quality of Life	Faraz, ALI; Jui, VYAS; e Andrew, Y. FINLAY.	Acta Derm Venereol. 2020; 100(12): 5766	O artigo mensura o atual impacto e os efeitos a longo prazo da dermatite atópica em crianças e adultos. Os pacientes infantis são afetados em atividades de vida diária, pois a DA causa desconforto na alimentação, mudança de roupas e brincadeiras. Já na vida adulta, os pacientes relatam impactos na qualidade de vida, pois existe vergonha de expor o eczema e a dificuldade de utilização das vestimentas corretas.
Quality of Life and Disease Impact of Atopic Dermatitis and Psoriasis on Children and Their Families	Chan, Ho Na; Janice, Chung and Eric, L. Simpson.	Children (Basel). 2019 Dec; 6(12): 133.	O estudo mostra que a qualidade de vida dos pacientes portadores de DA é afetada. Foi apontado que esses indivíduos têm maior probabilidade de desenvolver transtornos psicossociais, além dos impactos comportamentais e cognitivo e o risco de desenvolvimento de depressão e ansiedade. Ademais, foi mostrado que esses pacientes são mais propensos à infecções de pele e doenças cardiometabólicas.
Atopic Dermatitis: Clinical Aspects and Unmet Needs	Fabio Lobefaro; Giulio Gualdi; Paolo Amerio.	Biomedicinaes. 2022 Nov; 10(11): 2927	Nesse artigo, foram encontrados os seguintes dados: a dermatite atópica tem associação com asma, rinoconjuntivite e alergias alimentícias. Na fase Infantil, a DA afeta as regiões das bochechas e pálpebras na face e extensão do tronco e membro, afetando a fase escolar.
Atopic Dermatitis - Beyond the Skin	Mădălina Mocanu, Dan Vâță, Anisia-Iuliana Alexa	Diagnostics (Basel). 2021 Sep; 11(9): 1553.	Nesse estudo as manifestações extra cutâneas apresentadas foram: alergias alimentares, rinite alérgica e asma foram preferencialmente relacionados com DA em crianças muito novas. Essas manifestações ocorrem devido a via de hipersensibilidade do IgE.

Fonte: Autores (2023).

Um dos artigos analisados, de Faraz Ali, Jui Vyas e Andrew Y. Finlay (2020), mensuraram o impacto atual e os efeitos a longo prazo da dermatite atópica em crianças e adultos. Os resultados indicaram que os pacientes infantis são afetados em atividades de vida diária, como alimentação, mudança de roupas e brincadeiras. Já na vida adulta, os pacientes relataram impactos na qualidade de vida, incluindo vergonha de expor o eczema e dificuldade de utilizar vestimentas adequadas.

Outro estudo de relevância, realizado por Chan Ho Na, Janice Chung e Eric L. Simpson (2019), destacaram que a qualidade de vida dos pacientes com dermatite atópica é afeta-

da por diversos aspectos. Além das questões dermatológicas, esses indivíduos têm maior probabilidade de desenvolver problemas psicossociais, impactos comportamentais e cognitivos, além do risco aumentado de depressão, ansiedade, infecções de pele e doenças cardiometabólicas.

Lobefaro, Gualdi e Amerio (2022) contribuíram com dados sobre as manifestações clínicas e não cutâneas da dermatite atópica em crianças. Eles destacaram a associação da DA com outras condições alérgicas, como asma, rinite alérgica e alergias alimentares, evidenciando a complexidade dessa condição e seus efeitos sistêmicos.

O estudo de Mădălina Mocanu, Dan Vâță e Anisia-Iuliana Alexa (2021) também é relevante, pois abordaram as manifestações extracutâneas da dermatite atópica, como alergias alimentares, rinite alérgica e asma, especialmente em crianças muito jovens. Essas manifestações adicionais estão relacionadas à via de hipersensibilidade do IgE e contribuem para a carga global da doença.

Considerando os achados desses estudos, é evidente que a dermatite atópica não se limita apenas às manifestações cutâneas, mas também afeta profundamente a qualidade de vida das crianças em múltiplos aspectos. A condição implica em desafios emocionais, sociais, financeiros e físicos, impactando não apenas as crianças afetadas, mas também suas famílias e o sistema de saúde como um todo.

Portanto, é fundamental que haja uma abordagem integrada e multidisciplinar no manejo da dermatite atópica, que leve em consideração não apenas o tratamento dermatológico, mas também o suporte psicossocial, educação do paciente e da família, e medidas para minimizar os fatores desencadeantes e agravantes da doença. Além disso, a conscientização e a educação pública sobre a DA são essenciais para reduzir o estigma associado à doença e promover a compreensão e o apoio adequados às crianças afetadas.

4. CONCLUSÃO

A análise dos artigos científicos selecionados permitiu concluir que a dermatite atópica (DA) é uma condição crônica que exerce um impacto significativo na qualidade de vida das crianças, atravessando diversas esferas, desde a saúde física até o bem-estar emocional e social. Os estudos revisados destacaram os desafios enfrentados por crianças com DA e suas famílias, incluindo os graves efeitos emocionais, os elevados custos financeiros associados ao tratamento e a sobrecarga econômica sobre o sistema de saúde.

A DA não apenas causa desconforto físico devido aos sintomas cutâneos, como prurido intenso e lesões na pele, mas também pode levar a problemas psicossociais, como baixa autoestima, ansiedade, depressão e dificuldades de socialização. Além disso, a condição pode afetar negativamente o desempenho escolar, o sono e a participação em atividades cotidianas, comprometendo assim a qualidade de vida global das crianças afetadas.

Diante disso, é crucial que haja uma abordagem holística e multidisciplinar no manejo da dermatite atópica, que considere não apenas o tratamento dos sintomas cutâneos, mas também o suporte emocional e psicossocial às crianças e suas famílias. Estratégias de prevenção, educação e conscientização sobre a DA também são essenciais para reduzir o estigma associado à doença e promover uma melhor compreensão e apoio àqueles que vivem com essa condição.

Além disso, é fundamental que os profissionais de saúde estejam sensibilizados para os aspectos psicossociais da DA e estejam preparados para oferecer um cuidado compassivo e individualizado, considerando as necessidades específicas de cada paciente e sua



família. Somente através de uma abordagem integrada e centrada no paciente, podemos melhorar significativamente a qualidade de vida das crianças com dermatite atópica e proporcionar-lhes um futuro mais saudável e feliz.

Referências

- ALI, F.; VYAS, J.; FINLAY, A. Counting the Burden: Atopic Dermatitis and Health-related Quality of Life. **Acta Dermato Venereologica**, v. 100, n. 12, p. adv00161, 2020.
- ALMEIDA, I. F. D. P. DE et al. Percebendo-se como um herói no enfrentamento da dermatite atópica: a percepção do pré-escolar. **Nursing (Ed. bras., Impr.)**, p. 3234–3238, 2019.
- CASTAGNOLI, R. et al. An update on biological therapies for pediatric allergic diseases. **Minerva Pediatrica**, v. 72, n. 5, dez. 2020.
- JESUS, L. H. DE et al. Comparação da qualidade de vida entre pacientes pediátricos com dermatite atópica e com outras dermatoses no sul do Brasil. **Rev. Assoc. Méd. Rio Gd. do Sul**, p. 01022105–01022105, 2021.
- LEE, D. G. et al. Sleep Disturbances in Children With Atopic Dermatitis: A Scoping Review. **Journal of Cutaneous Medicine and Surgery**, v. 27, n. 2, p. 157–164, 2023.
- LOBEFARO, F. et al. Atopic Dermatitis: Clinical Aspects and Unmet Needs. **Biomedicines**, v. 10, n. 11, p. 2927, 14 nov. 2022.
- MOCANU, M. et al. Atopic Dermatitis—Beyond the Skin. **Diagnostics**, v. 11, n. 9, p. 1553, 1 set. 2021.
- NA, C. H.; CHUNG, J.; SIMPSON, E. L. Quality of Life and Disease Impact of Atopic Dermatitis and Psoriasis on Children and Their Families. **Children**, v. 6, n. 12, p. 133, 2 dez. 2019.
- OLIVEIRA, C. DOS S. M. DE et al. Dermatite atópica em crianças e adolescentes durante a pandemia COVID-19: piora clínica associada ao medo de infecção. **Clin. biomed. res**, p. 16–20, 2022.
- SANTOS, A. et al. Características demográficas e utilização de recursos por pacientes com dermatite atópica no Sistema Único de Saúde (SUS). **Jornal Brasileiro de Economia da Saúde**, v. 13, n. 3, p. 279–287, dez. 2021.

10

HIPERTENSÃO ARTERIAL EM IDOSOS: PREVALÊNCIA E FATORES DE RISCO

ARTERIAL HYPERTENSION IN THE ELDERLY: PREVALENCE AND RISK FACTORS

João Victor Dias de Araújo¹

Josimar Cunha Rodrigues Júnior¹

Laerte Machado Ribeiro Júnior¹

Lincoln Alexandre de Lima Sobrinho¹

Luis Felipe Eidam Mendes¹

Rafael Almeida Cruz Góes¹

Wesley Wenner dos Santos¹

Bruno Mileno Magalhães de Carvalho²

Fabício Brito Silva²

¹ Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

² Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

Introdução: A Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS) é a doença que mais afeta a saúde entre os idosos, visto que possui uma prevalência maior que 60% na faixa etária acima de 65 anos, mantendo assim uma relação direta entre a elevação da pressão arterial e a senescência. Objetivo: Dessa forma, o objetivo do presente estudo foi analisar os diversos fatores de risco, que relacionados entre si, aumentam a prevalência da hipertensão na terceira idade. Método: Foi realizada uma revisão integrativa por meio de pesquisas nas bases de dados Pubmed, MEDLINE e LILACS. Foram analisados 101 artigos, dos quais 12 foram escolhidos para a análise final conforme os critérios de elegibilidade, se relacionando com o tema proposto. Resultados e Discussão: Os resultados demonstram que a hipertensão arterial sistêmica possui correlação de risco com doenças cardiovasculares, vulnerabilidade socioeconômica, obesidade, dieta gordurosa, tabagismo, sedentarismo e dislipidemias. A discussão dos resultados destaca a relevância do reconhecimento desses fatores e a implementação de medidas para prevenção de modo precoce em relação a essa temática crescente. Conclusão: A identificação dos principais fatores de risco que elevam a prevalência da HAS em idosos é essencial para a redução e controle dos mesmos ao longo das próximas décadas.

Palavras-chave: Hipertensão; Idosos; Prevalência; Fatores de Risco.

Abstract

Introduction: Systemic Arterial Hypertension (SAH) is the disease that most affects health among the elderly, as it has a prevalence greater than 60% in the age group over 65 years old, thus maintaining a direct relationship between elevated blood pressure and senescence. Objective: Therefore, the objective of the present study was to analyze the various risk factors, which, when related to each other, increase the prevalence of hypertension in old age. Method: An integrative review was carried out through searches in the Pubmed, MEDLINE and LILACS databases. 101 articles were analyzed, of which 12 were chosen for the final analysis according to the eligibility criteria, relating to the proposed topic. Results and Discussion: The results demonstrate that systemic arterial hypertension has a risk correlation with cardiovascular diseases, socioeconomic vulnerability, obesity, fatty diet, smoking, physical inactivity and dyslipidemia. The discussion of the results highlights the relevance of recognizing these factors and implementing early prevention measures in relation to this growing issue. Conclusion: The identification of the main risk factors that increase the prevalence of hypertension in the elderly is essential for their reduction and control over the coming decades.

Keywords: Hypertension; Elderly; Prevalence; Risk factors.

1. INTRODUÇÃO

O envelhecimento populacional no mundo vem se expandindo de modo rápido, e o número de idosos deve aumentar 56% entre o período de 2015 a 2030, posto que a população mundial de idosos está planejada para alcançar em torno de 2,1 bilhões no ano de 2050. A expectativa para o Brasil é que ele se transforme em um país predominantemente idoso, crescendo a uma taxa de 3,2% ao ano e chegando a 64 milhões de indivíduos na terceira idade em 2050. Diante disso, esse aumento da quantidade de idosos corresponde a 30% da população total do país (Brasil, 2017).

Com base nessa ampliação e nas alterações das condições de vida da população, os serviços de saúde precisam se adaptar para responder as adversidades geradas pela senescência populacional. Dessa maneira, é fundamental entender as condições de vida dos idosos a partir de indicadores confiáveis (Bocollini *et al.*, 2017). Um exemplo desses indicadores, são as investigações epidemiológicas relacionadas às doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), assim, uma das faixas etárias mais afetadas é a população de idosos, visto que são mais suscetíveis ao processo de envelhecimento (Malta; Szwarcwald, 2017).

Dentre as DCNT a hipertensão arterial sistêmica (HAS) é a mais dominante entre a terceira idade e sua prevalência expande gradualmente com a senescência (VII Diretriz Brasileira De Hipertensão Arterial, 2016). A HAS é um quadro clínico multifatorial definido pelo aumento sustentado dos níveis de pressão sistólica equivalente ou superior a 140 mmHg, e pressão diastólica equivalente ou superior a 90 mmHg. A HAS possui uma prevalência maior que 60% na faixa etária acima de 65 anos, uma que os níveis de pressão arterial e a idade do indivíduo mantêm uma relação direta (Sociedade Brasileira de Cardiologia, 2016).

A HAS pode ser influenciada por diversos fatores, que relacionados entre si, aumentam sua prevalência, entre esses fatores, os mais relevantes são os demográficos, hereditários, socioeconômicos, comportamentais e antropométricos, os quais, em sua maioria, podem ser manipulados para reduzir a incidência e complicações da HAS. Dentro dos fatores demográficos, a idade entra como um fator de risco determinante para o desenvolvimento dessa doença, visto que as mudanças fisiológicas esperadas pelo envelhecimento alteram a funcionalidade do aparelho circulatório, o que explica o aumento da prevalência nessa faixa etária (Marques *et al.*, 2018).

Junto ao processo de envelhecimento, outros elementos estão associados ao aumento da pressão arterial, principalmente, os comportamentais, como a dieta com alimentos industrializado e ricos em sódio, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e cigarro, além do sedentarismo e os índices antropométricos alterados (Bricarello *et al.*, 2018).

Com o intuito de reduzir as implicações decorrentes da HAS, o Ministério da Saúde elaborou o Plano de Reorganização da Atenção à HAS e ao diabetes melitos (DM), em 2002, com o foco principal na monitorização dos hipertensos e diabéticos. Com esse plano, iniciou-se a inscrição nacional desses indivíduos no Sistema de Cadastramento e Acompanhamento de Hipertensos e Diabéticos (HiperDia) e no Programa Nacional de Assistência Farmacêutica para HAS e o DM (Lima *et al.*, 2015).

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura conforme a análise de artigos científicos que cumpriram os requisitos de elaboração do problema/hipótese e dos objetivos ge-

rais e específicos propostos. Realizou-se uma busca pelas bases de dados Pumed; Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE); Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS). Utilizou-se os seguintes descritores “Hypertension”, “Old”, “Prevalence”, “Risk Factors”, “South America” and “Europe” para localização das publicações. Nos quais foram combinados pelo operador booleano AND para relacionar os termos de pesquisa.

Para realização do estudo seguiu-se as etapas de: 1) detecção dos descritores por meio do Descritores em ciências e saúde (Decs), selecionando aqueles que mais se aproximaram do tema; 2) foi realizada a busca dos artigos por meio desses descritores nas bases de dados acima, 3) foi definido a seleção de artigos aplicando os critérios de elegibilidade para que fossem utilizados nesta revisão.

Inicialmente foi realizada uma leitura dos títulos e resumos dos artigos para analisar as publicações, sendo os critérios de inclusão aqueles que se encaixam no recorte temporal dos últimos 10 anos, que estavam nos idiomas português e inglês, que possuíam amostra cuja população era superior a 60 anos e que tinham relação com a temática proposta. Foram excluídos aqueles não contemplaram os seguintes filtros, que tinham não possuíam o texto completo, que não se encaixam no recorte temporal exigido e a população idosa que não possuía cognição adequada. A busca pela amostra do estudo foi feita em março de 2023.

Este tipo de revisão foi conduzido seguindo seis fases: a elaboração da pergunta norteadora, amostragem e busca na literatura, coleta de dados, avaliação crítica dos estudos selecionados, interpretação dos resultados e síntese do conhecimento (Freitas *et al.*, 2018).



Figura 1. Fases da revisão integrativa da literatura.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram identificados um total de 101 publicações com a utilização dos descritores “Hypertension”, “Aged”, “Prevalence”, “Risk Factors”, “South America” and “Europe”. Sendo 15 artigos na base de dados Pubmed, 86 artigos na base de dados MEDLINE e 0 artigos na LILACS. Após a aplicação dos critérios de elegibilidade, 12 artigos se encaixaram perfeitamente de acordo com os critérios de inclusão e exclusão, se relacionando com o tema proposto conforme evidenciado no fluxograma (Figura 2).

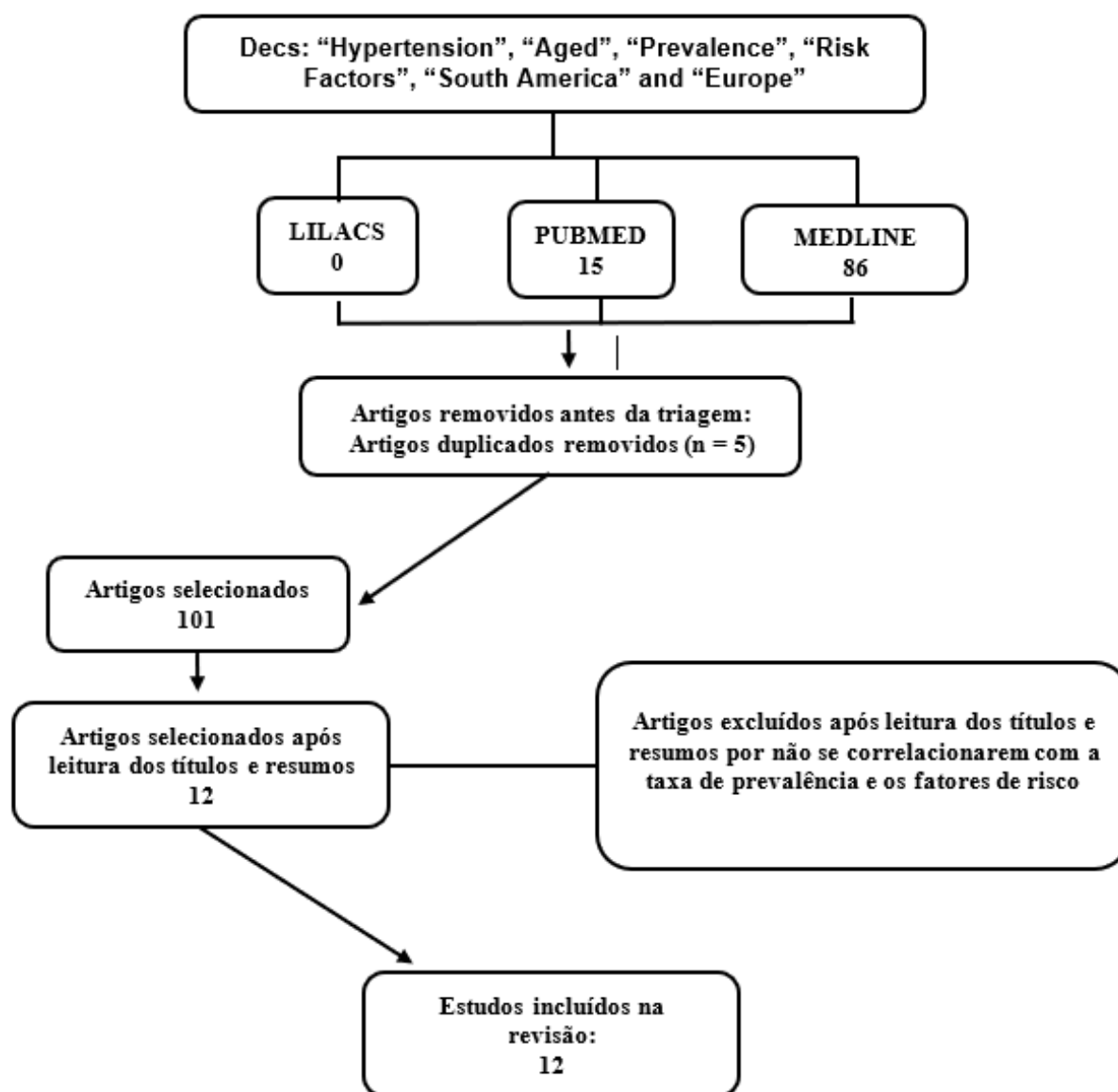


Figura 2. Fluxograma de busca nas bases de dados.

Fonte: Autores (2023).

Os resultados da síntese dos artigos encontrados nas bases de dados selecionadas estão exibidos no Quadro 1.

Quadro 1. Apresentação da amostra de acordo com as variáveis: autor/ano, desenho de estudo e principais resultados.

Autor /Ano	Desenho do estudo	Principais resultados
Al-Shakarchi N. J. et al., 2020	Revisão sistemática	Foram identificados 17 artigos, sendo 6 caso-controle e 11 de coortes, sobre o risco de doença cardiovascular. Indivíduos sem moradia possuíam risco maior em desenvolver doença cardiovascular se comparado com indivíduos com moradia, além do aumento da mortalidade por doença cardiovascular seguir o mesmo padrão.
Boutayeb A. et al., 2013	Revisão sistemática	Foram analisados estudos realizados no Paquistão, Síria e Jordânia e Irã demonstrando forte correlação de diversas doenças não transmissíveis incluindo a hipertensão e sua prevalência entre cada um dos quatro estudos desses países.
Bussell E. F. et al., 2020	Estudo de coorte	Entre a mediana de 1957 participante de três cores originadas da Europa com duração do acompanhamento de 6,5 anos e idade média variando de 69 a 85 anos foram avaliados diversos riscos tradicionais como doença cardiovascular, pressão arterial sistólica, pressão arterial diastólica, colesterol e IMC.
Carrillo-Larco R. M. et al., 2016	Estudo transversal	Em uma população de 37.067 indivíduos analisados dos seguintes países, África do Sul (N = 693), Bangladesh (N = 3.756), China (N = 5.293), Índia (N = 14.915), Paquistão (N = 2.380), Argentina (N = 3.941), Chile (N = 1.94), Peru (N = 1.94) e Uruguai (N = 1.57), todos os países apresentaram os critérios para alto risco cardiovascular (HCR).
Devaux M. et al., 2020	Técnicas qualitativas e quantitativas	Os níveis de fatores de risco observados nos cenários de resposta “Healthy Together” e “We Will Health You, enquanto em outros dois houve o aumento (“Desolation Health” e “The Rich Get Healthier”).
Gadgil M. D. et al., 2015	Estudo transversal	Entre 892 participantes escolhidos para a coleta de informações dietéticas que participaram do estudo MASALA, a investigação demonstrou três padrões alimentares predominantes, os quais o mais relevante para tal estudo fora a ingestão de lanches fritos, doces e laticínios com altos teor de gordura devido a associação com a hipertensão.
Hinton W. et al., 2018	Estudo transversal	Foram retirados dados dos registros de 1.275.174 indivíduos adultos, nos quais um quinto apresentou doença cardiovascular ou hipertensão.
Lamar M. et al., 2019	Estudo observacional	O grupo com menor carga do fator de risco cardiovascular e cognição possuiu 2.759 indivíduos, o grupo com carga média teve 2.499 indivíduos e o grupo com maior carga possuiu 1.827 indivíduos, demonstrando as implicações acerca da diversidade étnica baseada em uma comunidade hispânica/latina.
Lanas F. et al., 2016	Estudo transversal	Entre os 7524 participantes observou-se uma alta prevalência do sobrepeso, obesidade e obesidade central na amostra em questão, revelando uma forte associação da obesidade com fatores de risco para doenças cardiovasculares.
Li W. et al., 2021	Revisão sistemática	Entre os 237.142 participantes, 45,38% eram do sexo masculino. A idade média entre sites era 58,96 com intervalo de 40 a 80 anos. Destes participantes, 113.090 se encaixaram no critério para hipertensão.
Ruilope L. M. et al., 2018	Revisão sistemática	Conforme dados epidemiológicos a obesidade ou o excesso de peso é elevadamente prevalente entre as populações hipertensas. A obesidade pode gerar a predisposição ao desenvolvimento de doenças cardiovasculares. Evidências demonstram que a obesidade central está intimamente associada ao fenótipo da hipertensão arterial.

Vidigal F. C. et al., 2013	Revisão sistemática	Em nove estudos houve o relato da prevalência de síndrome metabólica por idade. Em sete destes, a prevalência aumentou conforme a idade, enquanto nos outros dois estudos não houve essa relação. A prevalência de síndrome metabólica fora maior em indivíduos com mais de 50 anos de idade. A prevalência de hipertensão foi descrita em sete estudos, sendo mais maior na população indígena do Rio Grande do Sul.
----------------------------	---------------------	---

Fonte: Autores (2023).

Em consonância as pesquisas de Hinton *et al.* (2018), a hipertensão arterial sistêmica tem relação direta com doenças cardiovasculares (DCV), sendo a condição cardiovascular preponderante (21,3% se comparada concomitantemente a DCV e maior ainda quando estratificada por gênero masculino e etnia negra). Aliado a isso, estudos de Al-Shakarchi *et al.* (2020), mostram grande sinergismo entre vulnerabilidade socioeconômica e risco de doenças cardiovasculares, em especial hipertensão arterial sistêmica (HAS), com aumento de três vezes desses indicadores em moradores de rua. Por essa perspectiva, a relação sinérgica entre tais morbidades mostra a real necessidade de entender profundamente os fatores de risco da HAS como maneira também de mitigar DCV, as doenças que mais matam no mundo.

A síndrome metabólica (SM) é um conjunto de fatores de risco relacionados entre si para diabetes e doenças cardiovasculares. Esses fatores são compostos pela hiperglicemia, hipertensão, hipertrigliceridemia, baixo nível de HDL-colesterol e adiposidade abdominal. Conforme a revisão sistemática de Vidigal *et al.* (2013), foram coletados dez estudos transversais para ponderar a prevalência de SM no Brasil, descrevendo essa prevalência em indivíduos saudáveis e, em geral, de 19 a 64 anos. Dessa forma, a maior taxa de prevalência de SM fora descoberta em adultos velhos em um estudo relacionado a uma população indígena, no qual a hipertensão arterial se destaca como fator preditivo.

Seguindo o mesmo pensamento Ruilope *et al.* (2018), a hipertensão, a síndrome metabólica, a obesidade e outros fatores de risco cardiovascular sofreram uma elevação dramática nos países da América Central, América do Sul e Caribe nas últimas décadas. Há uma relação sólida entre o aumento da pressão arterial e a obesidade, na qual a última predispõe um maior risco de desenvolvimento da primeira, sobretudo na velhice, contudo seus mecanismos fisiopatológicos ainda não foram esclarecidos. Além disso, a presença dessas duas doenças em um mesmo indivíduo é uma característica peculiar das populações hipertensivas da América Latina. Desse modo, os autores estimam que em 2025, 80 a 90% dos habitantes urbanos latino-americanos será acometido pela hipertensão e obesidade, visto que, as modificações socioeconômicas estão alterando e consequentemente gerando a adoção de ações mais sedentárias.

Nesse contexto, segundo Lanás *et al.* (2016), um dos grandes fatores de risco para HAS, dislipidemia, alta glicemia em jejum e síndromes metabólicas, é a obesidade. Foi observada uma incidência elevada de fatores de risco para obesidade e doenças cardiovasculares entre a população latina residente nos Estados Unidos, conforme o estudo Hispanic Community Health Study/Study of Latinos (HCHS/SOL), 36,5% dos homens e 42,6% das mulheres de origem latina com idades entre 18 e 74 anos nos EUA apresentavam obesidade. De acordo com nossas informações de Lanás *et al.* (2016), é recomendável que haja um foco prioritário em iniciativas nacionais voltadas para a prevenção, tratamento e controle dos fatores de risco para doenças cardiovasculares na região do Cone Sul da América Latina. Tais ações devem ser consideradas como uma questão de saúde pública.

Conforme o estudo transversal de Gadgil *et al.* (2015), foram identificados 3 padrões alimentares mais dominantes em sul-asiáticos que residem nos Estados Unidos, o primei-

ro padrão se relacionou com o consumo de proteína animal, o segundo com lanches fritos, doces e laticínios ricos em gorduras e o terceiro com frutas, vegetais, nozes e legumes. A dieta é um fator de risco significativo e variável para diabetes e doenças cardíacas.

Dessa maneira, foi notado um menor risco para o desenvolvimento de síndrome metabólica quando houve o aumento da ingestão do padrão de frutas, vegetais, nozes, leguminosa, mostrando que um padrão alimentar associado a base de plantas pode diminuir com êxito o risco dessa síndrome. Por outro lado, Carrilo-Larco *et al.* (2016), demonstrou em seu estudo uma distinção de gênero e idade que influenciaram nos resultados da pesquisa, uma vez que para cada componente do alto risco cardiovascular, as mulheres possuíam maior prevalência nos grupos mais jovens e mais velhos.

De acordo com os resultados apresentados por Wenzhen *et al.* (2021), os principais fatores de risco cardiovascular na China com idade ≥ 40 anos incluem o tabagismo, hipertensão, dislipidemia, obesidade e sedentarismo, idade, histórico familiar, alcoolismo. Esses fatores são correlacionados de acordo com as regiões territoriais do país, como regiões nordeste, leste e centro-sul, especialmente ao redor do Golfo de Bohai e nas cidades costeiras do sul. Dessa forma, Wenzhen *et al.* (2021), de acordo com os dados revelados, as características de cada região são determinantes para o índice de prevalência da HAS, como áreas mais desenvolvidas economicamente, melhor acesso à saúde e costumes alimentares, evidenciando um alto consumo de sal na região do Golfo de Bohai.

De forma análoga, Devaux *et al.* (2020), a partir de dados analisados sobre a taxa de prevalência de fatores de riscos na Europa durante o período de 2015-2050, observou, dentro de cenários otimistas pessimistas, um aumento da prevalência das DCNTs, incluindo dentre elas a HAS. Nesse sentido, Wenzhen *et al.* (2021), afirmam que as cargas de doenças tendem a crescer, principalmente, à medida que a população vive mais, enfatizando o processo do envelhecimento. Por outro lado, Wenzhen *et al.* (2021), revelam que em um cenário pessimista, as mudanças nos fatores de riscos são um fator-chave para explicar a disseminação das DCNTs.

Em estudos de Lamar *et al.* (2019), observaram que a HAS afeta negativamente a perfusão cerebral e, por sua vez, a integridade da matéria branca e cinzenta, particularmente no lobo temporal e frontal. Segundo o auto, quando associado com outras patologias cardiovasculares, isso pode ter levado a uma atividade inferior nas medidas de velocidade de processamento mental e manutenção do conjunto quando comparado aos outros grupos de sobrecarga. Logo, a cognição em contextos hispânicos/latinos, pode ter uma importante relação com hipertensão, tabagismo e outras doenças cardiovasculares. Hispânicos/latinos com hipertensão não controlada apresentam prejuízos no aprendizado e na memória.

Paralelamente, nos cenários atuais, Bussel *et al.* (2020), afirmam que a pandemia de COVID-19 causou uma mudança no estilo de vida de muitas pessoas, com restrições nas atividades físicas e aumento do sedentarismo. No entanto, eles argumentam que a prática regular de atividades físicas pode ter um papel importante na prevenção e tratamento da doença como também na redução da gravidade dos sintomas em pacientes infectados, contudo, reconhecem que a prática de exercícios pode não ser viável para todos, especialmente para aqueles em grupos de risco.

Em consonância com Boutayeb *et al.* (2013), a hipertensão arterial é um dos principais fatores de doenças cardiovasculares, posto que os resultados mostraram que essa enfermidade é mais prevalente em pessoas com menor escolaridade, menor renda e índice de massa corporal mais elevado. Além disso, o consumo de álcool, tabaco e alimentos com alto teor de sódio também, observa-se ainda, a importância de examinar os fatores sociais, econômicos e comportamentais que influenciam sua prevalência. O estudo fornece evi-

dências para a necessidade de políticas e programas de saúde abordem esses fatores e promovam mudanças de comportamento saudáveis para prevenir a hipertensão arterial e doenças cardiovasculares relacionadas.

4. CONCLUSÃO

Fica claro, portanto, que a hipertensão tem impactos significativos na saúde e qualidade de vida das pessoas, especialmente entre as populações vulneráveis, como os idosos. O processo de envelhecimento da população, somado aos fatores de riscos, justificam a prevalência de HAS e o desenvolvimento de doenças cardiovasculares. A prevenção e o controle da pressão arterial elevada são fundamentais para a redução da morbidade e mortalidade associadas à hipertensão.

Além disso, são imprescindíveis políticas públicas para prevenir e tratar os fatores de risco cardiovascular. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de ampliar o acesso aos cuidados e serviços de saúde, incluindo monitoramento da pressão arterial, orientações acerca de estilos de vida saudáveis e elaboração de campanhas para conscientização das complicações cardiovasculares. Outrossim, é importante enfatizar a necessidade de implementar ações voltadas para promoção, prevenção e recuperação da saúde, com o intuito de reestruturar a rede para um melhor acolhimento do público alvo.

Destarte, os fatores de risco cardiovascular são múltiplos e complexos, por isso a implementação de estratégias de prevenção e tratamento dos fatores de risco pode contribuir significativamente para a redução da carga global de doenças cardiovasculares.

Referências

- BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Centro de Estudos e Debates Estratégicos. Consultoria Legislativa; **Brasil 2050: desafios de uma nação que envelhece**. Câmara dos Deputados, Edições Câmara, Brasília, 2017.
- BRICARELLO, L. P. et al. Abordagem dietética para controle da hipertensão: reflexões sobre a adesão e possíveis impactos para a saúde coletiva. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 1421-1432, 2020.
- BOCCOLINI, P. M. M. et al. Desigualdades sociais nas limitações causadas por doenças crônicas e deficiências no Brasil: Pesquisa Nacional de Saúde – 2013. **Ciênc. saúde coletiva**, v. 22, n.11, p. 3537-3546, 2017.
- LIMA, A. S. et al. A importância do Programa Hiperdia em uma Unidade de Saúde da Família do município de Serra Talhada - PE, para adesão dos hipertensos e diabéticos ao tratamento medicamentoso e dietético. **Saúde Coletiva em Debate**, v. 2, n. 1, p. 9- 17, dez. 2012.
- LIMA, L. M. et al. Perfil dos usuários do Hiperdia de três unidades básicas de saúde do sul do Brasil. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 32, n. 2, p. 323-329, 2011.
- MALTA, D. C.; SZWARCOWALD, C. L. Pesquisas de base populacional e o monitoramento das doenças crônicas não transmissíveis. **Rev Saúde Pública**, v. 51, supl. 1:2s, 2017.
- MARQUES, A. P.; et al. Fatores associados à hipertensão arterial: uma revisão sistemática. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2271-2282, 2020.
- BRASIL. Pesquisa nacional de saúde: 2019: percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal: **Brasil e grandes regiões / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento**. - Rio de Janeiro: IBGE, 2020.
- SOCIEDADE BRASILEIRA DE CARDIOLOGIA. **VII Diretriz Brasileira de Hipertensão Arterial**, v.107, n.3, Supl. 3, 2016.
- DE CARVALHO VIDIGAL, Fernanda et al. Prevalence of metabolic syndrome in Brazilian adults: a systematic review. **BMC public health**, v. 13, n. 1, p. 1-10, 2013.



- RUILOPE, Luis M. et al. Obesity and hypertension in Latin America: Current perspectives. **Hipertension y riesgo vascular**, v. 35, n. 2, p. 70-76, 2018.
- VAN BUSSEL, E. F. et al. Predictive value of traditional risk factors for cardiovascular disease in older people: a systematic review. **Preventive medicine**, v. 132, p. 105986, 2020.
- BOUTAYEB, Abdesslam; BOUTAYEB, Saber; BOUTAYEB, Wiam. Multi-morbidity of non communicable diseases and equity in WHO Eastern Mediterranean countries. **International journal for equity in health**, v. 12, p. 1-13, 2013.
- GADGIL, Meghana D. et al. Dietary patterns are associated with metabolic risk factors in South Asians living in the United States. **The Journal of nutrition**, v. 145, n. 6, p. 1211-1217, 2015.
- CARRILLO-LARCO, Rodrigo M. et al. Prevalence of Pragmatically-Defined High Cardiovascular Risk and Its Correlates in Ten Low-and Middle-Income Areas in Africa, Asia and South America. **Global heart**, v. 11, n. 1, p. 27, 2016.
- LANAS, Fernando et al. Prevalence, distributions and determinants of obesity and central obesity in the Southern Cone of America. **PloS one**, v. 11, n. 10, p. e0163727, 2016.
- LAMAR, Melissa et al. Cardiovascular disease risk factor burden and cognition: Implications of ethnic diversity within the Hispanic Community Health Study/Study of Latinos. **PloS one**, v. 14, n. 4, p. e0215378, 2019.
- LI, Wenzhen et al. The rates and the determinants of hypertension according to the 2017 definition of hypertension by ACC/AHA and 2014 evidence-based guidelines among population aged ≥ 40 years old. **Global Heart**, v. 16, n. 1, 2021.
- DEVAUX, Marion et al. How will the main risk factors contribute to the burden of non-communicable diseases under different scenarios by 2050? A modelling study. **PloS one**, v. 15, n. 4, p. e0231725, 2020.
- AL-SHAKARCHI, Nader James et al. Cardiovascular disease in homeless versus housed individuals: a systematic review of observational and interventional studies. **Heart**, v. 106, n. 19, p. 1483-1488, 2020.
- HINTON, William et al. Incidence and prevalence of cardiovascular disease in English primary care: a cross-sectional and follow-up study of the Royal College of General Practitioners (RCGP) Research and Surveillance Centre (RSC). **BMJ open**, v. 8, n. 8, p. e020282, 2018.

11

RASTREIO DE PRÁTICAS DE ATIVIDADE FÍSICA E COMPORTAMENTO NUTRICIONAL EM GESTANTES DO PRIMEIRO AO TERCEIRO TRIMESTRE

SCREENING OF PHYSICAL ACTIVITY PRACTICES AND NUTRITIONAL BEHAVIOR IN
PREGNANT WOMEN FROM THE FIRST TO THE THIRD QUARTER

Lucas Sousa Cavalcante¹

Anderson dos Santos Freire Lima¹

Edmilson Gonçalves Rodrigues Neto¹

Nelson Aragão Lopes¹

Wilson César Gomes Moraes¹

Victor Kleber Gomes Parente Alves Lima²

Fernanda de Jesus Lopes de Melo²

Tatiana Maria Barreto de Freitas³

Mara Izabel Carneiro Pimentel³

Suzane Katy Rocha Oliveira³

Darlan Ferreira da Silva³

1 Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

2 Graduado em Medicina pela Universidade CEUMA, São Luís, MA

3 Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

O avanço da tecnologia promoveu a facilitação na produção e recebimento de alimentos em todo o mundo. Em contrapartida, a disseminação de informações, principalmente relacionadas a alimentação saudável, não seguiu o mesmo padrão. A gestação é um marco para a mulher, pois compreende o desenvolvimento espiritual, emocional e físico o indivíduo que irá administrar a sociedade em que vive. Associado a isto, uma alimentação saudável é imprescindível para o desenvolvimento natural e com o mínimo de intercorrências ao feto. Neste trabalho, os autores analisam dados a partir de uma coleta árdua de questionamentos perante as gestantes, relacionando o seu estilo de vida para definir o comportamento das mesmas em meio a uma sociedade diversificada e sem conhecimentos prévios.

Palavras-chave: Alimentação, Gestante, Sociedade, Estilo de vida e Saúde.

Abstract

The advancement of technology has facilitated the production and receipt of food around the world. On the other hand, the dissemination of information, mainly related to healthy eating, did not follow the same pattern. Pregnancy is a milestone for women, as it comprises the spiritual, emotional and physical development of the individual who will manage the society in which he lives. Associated with this, a healthy diet is essential for the natural development and with the minimum of intercurrents to the fetus. In this work, the authors analyze data from an arduous collection of questions before pregnant women, relating their lifestyle to define their behavior in the midst of a diverse society and without prior knowledge.

Keywords: Food, Pregnant Women, Society, Lifestyle and Health.

1. INTRODUÇÃO

A prática de uma alimentação equilibrada e saudável, juntamente com a realização de atividades físicas é primordial para a manutenção e promoção da saúde na gravidez e puerpério. A alimentação das gestantes deve, portanto, fornecer quantidades adequadas de nutrientes a fim de atender as demandas nutricionais necessárias para o crescimento e o desenvolvimento do feto. A adoção de uma alimentação saudável em equilíbrio com a prática de exercícios está inclusa nas recomendações realizadas pelos órgãos oficiais de saúde (Teixeira *et al.*, 2021; Mottola *et al.*, 2019).

Os hábitos alimentares envolvem diversos fatores que se relacionam com o contexto socioeconômico, cultural e psicológico de cada pessoa. O comportamento alimentar, por sua vez, se baseia nas atitudes relacionadas às práticas alimentares (contempladas nos hábitos alimentares). Dessa forma, é importante ter conhecimento dos hábitos e não apenas ter noção da ingestão de algum alimento específico, como é feito pelas organizações de pesquisa tal como a Organização das Nações Unidas (ONU) desde a década de 90 (Barros Gomes *et al.*, 2019).

A atividade física tem um papel importante na saúde da gestante e do futuro recém-nascido. É comprovado cientificamente que a participação em alguma atividade física de lazer está relacionada diretamente com uma melhora na saúde materno-infantil. Além disso, o exercício físico deve ser considerado uma terapia de primeira linha para reduzir o risco de complicações durante a gestação e melhorar a saúde física e mental materna (Mielke *et al.*, 2021).

A mudança do estilo de vida requer oportunidades e motivação para fazê-las. Visto a importância do problema e possíveis consequências para gestante e recém-nascido, identifica-se a necessidade de novos estudos dirigidos a esta população, bem como a necessidade de verificar o rastreamento dos hábitos saudáveis e sua importância na Atenção Básica. Portanto, o presente estudo tem como objetivo o rastreio das práticas nutricionais e de atividade física das gestantes atendidas na atenção primária à saúde (Teixeira *et al.*, 2021).

2. METODOLOGIA

A constituição do trabalho “Rastreio de Práticas de Atividade Física e Comportamento Nutricional em Gestantes do Primeiro ao Terceiro Trimestre” teve a base de dados obtida através de entrevistas na UBS AMAR em dias predeterminados pela coordenação da Unidade Básica de Saúde durante a semana. Foram entrevistadas 25 gestantes para, assim, constituir critérios plausíveis e resolutivos sobre o tema abordado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inicialmente, com base nos questionários aplicados, nota-se, na Tabela 1, o predomínio de 61 por cento de sobrepeso nas gestantes. De acordo com o Ministério da Saúde (2021), a elevação do IMC (Índice de Massa Corporal), que tem como normalidade entre 18,5 e 24,99 kg (quilos), está associado ao aumento de complicações antenatais, intraparto, pós-parto e complicações neonatais, elevando os riscos de ocorrências como diabetes gestacional, hipertensão, pré-eclâmpsia, os riscos de indução do trabalho de parto, de cesarianas, de



hemorragia puerperal, crescimento intrauterino restrito, recém-nascidos grandes ou pequenos para a idade gestacional, além de expor a criança a maior risco de complicações a curto e longo prazo.

Tabela 1. IMC das pacientes entrevistadas.

Item	Quantidade	Percentual
Sobrepeso	15	60%
Obesidade I	5	20%
Normal	3	12%
Baixo peso	02	8%

Fonte: Autores (2023)

Posteriormente, seguindo os tópicos abordados no questionário aplicado, podemos analisar, no Tabela 02, o histórico médico das pacientes entrevistadas. Com base nos “Principais padrões alimentares na gravidez e crescimento fetal” (Knudsen *et al.*, 2008), o desenvolvimento do feto e a prevenção a doenças está diretamente ligado ao acompanhamento médico. 24 das 25 gestantes entrevistadas afirmaram que fazem acompanhamento pré-natal, assim como buscam conhecimentos para não ocasionar malefícios a gestação. Mostra-se relevante, também, a experiência em partos anteriores, evidenciada por 14 das 25 gestantes terem tido partos anteriormente. Por fim, o uso de medicamentos sem prescrição médica ou sem necessidade se mostrou baixo, por 21 de 25 gestantes afirmando não fazer uso além dos medicamentos indispensáveis.

Tabela 2. Histórico Médico das pacientes entrevistadas.

Item	Quantidade	Percentual
Partos	14	56%
Amamentaram	16	64%
Abortos	3	8%
Pré-natal	24	96%
Medicamentos	4	16%

Fonte: Autores (2023)

Com base nos dados obtidos no questionário e evidenciando-se na Tabela 03, uma preocupação atingiu os autores: a alimentação saudável é definida mesmo com uma desregulamentação alimentar. De acordo com o Ministério da Saúde (2021), “uma alimentação saudável deve ser baseada em práticas alimentares que assumam a significação social e cultural dos alimentos como fundamento básico conceitual. Neste sentido, é fundamental resgatar estas práticas bem como estimular a produção e o consumo de alimentos saudáveis regionais (como legumes, verduras e frutas), sempre levando em consideração os aspectos comportamentais e afetivos relacionados às práticas alimentares”.

Tabela 3. Considera a alimentação saudável.

Item	Quantidade	Percentual
Alimentação saudável	14	56%
Alimentação não saudável	11	44%

Fonte: Autores (2023)

O Tabela 4 mostra se houve alteração de apetite das entrevistas durante a gestação. É visto que 60% da amostragem demonstra ter mudança no apetite, enquanto os 40%

restante não notaram diferença. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS) (2022), é natural ter um maior apetite durante a gestação devido às transformações metabólicas no corpo da mãe. Há uma tendência para uma queda rápida de glicemia e maior produção de peptídeos substância que gera a sensação de insaciedade.

Tabela 4. Alteração do apetite pacientes entrevistadas.

Item	Quantidade	Percentual
Alteração do apetite	15	60%
Sem alteração do apetite	10	40%

Fonte: Autores (2023).

A Tabela 5 reflete os alimentos mais comumente consumidos no dia a dia das gestantes, sendo principalmente doces salgados refrigerantes frutas e todos. Foi constatado que 93% das entrevistadas consomem todos os alimentos listados e uma pequena parcela os consome individualmente 3% doce 2% fruta e 2% Salgado. Manter uma alimentação equilibrada é fundamental para que a gestante possa evitar doenças comuns na gravidez como anemia pré-eclâmpsia diabetes mellitus gestacional e entre outros. Segundo a associação Brasileira de Nutrologia (2021), a má alimentação na gravidez pode gerar risco de morte no Natal e parto prematuro (Monteiro *et al.*, 2018; Gandalfi *et al.*, 2019).

Tabela 5. Alimentação das pacientes entrevistadas.

Item	Quantidade	Percentual
Doce	2	8%
Salgados	2	8%
Refrigerantes	2	8%
Frutas	2	8%
Medicamentos	17	68%

Fonte: Autores (2023)

A análise da Tabela 6 demonstra a atividade diária das gestantes entrevistadas. De acordo com o Ministério da Saúde (2020), as mulheres durante a gravidez e no pós-parto podem praticar atividade física no seu tempo livre fazendo aquilo que gosta. Quanto às limitações, a profissional sugere que a gestante evite atividades que tenham risco de queda ou colisão, práticas que causem pressão na região abdominal e mergulho em profundidade (Barros Gomes *et al.*, 2019; Marqui, 2019). No período pós-parto não há restrições. Sendo assim, é possível afirmar que para a grande maioria a prática de atividade física é bastante segura e altamente recomendada, exceto em condições de saúde específicas. Como a pesquisa mostra, que quase metade das entrevistadas pararam a atividade físico por causa da gestação.

Tabela 6. Atividade diárias das pacientes entrevistadas.

Item	Quantidade	Percentual
Trabalham	19	76%
Praticam atividade física	17	68%
Gestação mudou os hábitos	15	60%
Considera-se sedentária	10	40%

Fonte: Autores (2023)



Análise da Tabela 7 mostra as atividades físicas praticadas pelas entrevistadas. Cerca de 17 gestantes não praticam nenhum tipo de atividade física listada, sendo classificadas como sedentárias, 6 gestantes relatam fazer caminhadas esporadicamente e 3 gestantes praticam academia. É notório pelos números um alto índice de sedentarismo das gestantes. O guia de atividade física da gestante disponibilizado pelo Ministério da Saúde (2020) garante que é seguro a prática durante a gestação e traz diversos benefícios para a saúde da gestante e do bebê, incluindo redução dos riscos de diabetes gestacional pré-eclâmpsia sobrepeso e depressão (Nascimento; Surita; Cecatti, 2012; Pires, 2021).

Tabela 7. Atividade física das pacientes entrevistadas.

Item	Quantidade	Percentual
Sedentárias	17	68%
Caminhada	6	24%
Academia	3	12%

Fonte: Autores (2023)

4. CONCLUSÃO

Os resultados destacam a necessidade de intervenções direcionadas à promoção de hábitos alimentares saudáveis e à prática regular de atividade física entre gestantes. É fundamental que as gestantes recebam orientação e suporte contínuos para melhorar sua saúde e a de seus bebês, prevenindo complicações e promovendo uma gestação mais saudável. Portanto, estratégias de saúde pública devem focar na educação nutricional, incentivo à atividade física segura e acompanhamento médico rigoroso durante a gestação.

Referências

- BARROS G. C. et al. Hábitos alimentares das gestantes brasileiras: revisão integrativa da literatura. **Scientific Electronic Library Online** (SciELO), p. 1-14, 2019.
- GANDALFI, F. R. R., GOMES, M. F. P., RETICENA, K. O., SANTOS, M. S., DAMINI, N. M. A. V. Mudanças na vida e no corpo da mulher durante a gravidez. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**. v.27(1), p.128-31, 2019.
- KNUDSEN, V.K, OROZOVA-BEKKEVOLD, I.M., MIKKELSEN, T. B., WOLFF, S., OLSEN, S. Major dietary patterns in pregnancy and fetal growth. **European Journal of Clinical Nutrition**. v.62(4), p.463-470, 2018.
- MARQUI, A. B. T. Ácido fólico, prevenção de defeitos do tubo neural e fatores associados: uma reflexão. **Temas em Educação e Saúde**. v. 15, n. 02, p. 186-193, 2019.
- MIELKE, G. I. et al. Atividade física para gestantes e mulheres no pós-parto: Guia de Atividade Física para a População Brasileira. **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, p. 1- 10, 2021.
- MONTEIRO, C. A.; CANNON, G.; MOUBARAC, J.C.; LEVY, R. B.; LOUZADA, M. L. C.; JAIME, P. C. THE UN Decade of Nutrition, the NOVA food classification and the trouble with ultra-processing. **Public Health Nutrition Online**.v. 21, n. 01, p. 05-17, 2018.
- MOTTOLA, M. F., DAVENPORT, M. H., RUCHAT S-M., DAVIES, G. A., POITRAS, V. J., GRAY, C. E, et al. Canadian guideline for physical activity throughout pregnancy. **British Journal of Sports Medicine**, v.52(21), p.1339-46, 2019.
- NASCIMENTO, S. L., SURITA, F. G., CECATTI, J. G. Exercício físico durante a gravidez: uma revisão sistemática. **Current Opinion in Obstetrics and Gynecology**. v.24(06), p.387-394, 2012.

PIRES, I. Consumo alimentar e ganho de peso de gestantes assistidas em unidades básicas de saúde. **Brazilian Journal of Health Review**, p. 1-19, 2021.

TEIXEIRA, D., MARINHO, R., MOTA, I., CASTELA, I., MORAIS, J., PESTANA, D., et al. Alimentação e Nutrição na Gravidez, 2021. Available from: https://nutrimento.pt/activeapp/wp-content/uploads/2021/03/ManualGravidez_Final-3Marc%C3%A7o2021.pdf.



12

CONSEQUÊNCIAS DO USO DE ÁLCOOL E TABACO NO FETO

CONSEQUENCES OF ALCOHOL AND TOBACCO USE ON THE FETUS

Rhamid Kalil Trabulsi¹

Augusto Hipolito Chagas Freato¹

Rhana Luiza Trabulsi¹

Francisco Jose da Conceição Lima¹

André Luis Meneses da Costa¹

Bruna Katarine Beserra Paz¹

Sayure dos Reis Fecury¹

Agesilau Coelho de Carvalho¹

Rita de Cássia Costa Camarão²

Tatyana Santana de Azevedo Silva²

Suzane Katy Rocha De Oliveira²

Maria Raimunda Chagas Silva²

¹ Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

² Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

O consumo de drogas lícitas e ilícitas, em especial o álcool e tabaco tem se intensificado em mulheres de idade fértil no Brasil, o que gera riscos à saúde materno-infantil, umas vezes que grande parte das composições encontradas no álcool e tabaco atravessam a barreira placentária e hematoencefálica processo anterior de metabolização. Inúmeras consequências ocorrem com os recém-nascidos expostos a diferentes toxinas durante a gravidez, sendo as principais delas o baixo peso ao nascer e a prematuridade. O presente estudo objetivou determinar os fatores de risco e agravos pelo uso de álcool e tabaco durante a gestação. Trata-se de um desenho analítico transversal, no qual foram incluídas 20 pacientes visando a investigação do uso de álcool e tabaco na gestação, a coleta dos dados foi realizado nos municípios de São José de Ribamar e São Luís. Verificou-se que a idade variou de 20 a 38 anos e a maioria estava desempregada naquele momento. Todas consumiram álcool e/ou drogas durante a gestação. Na análise, verificou-se que das 20 voluntárias 75% fizeram o uso de álcool em algum momento da gestação, e 55% fizeram o uso de tabaco. Como consequência, metade dos bebês (50%) foram prematuros e 70% tiveram baixo peso ao nascer. Além disso, 60% apresentaram algum tipo de malformação congênita e 80% tiveram atrasos no desenvolvimento. Os achados sugerem que o consumo de drogas lícitas e ilícitas, sobretudo álcool e tabaco, apresenta-se em crescente em mulheres em idade fértil no Brasil, além de evidenciar o potencial risco para o uso dessas drogas de forma intrinsecamente relacionado a fatores sociodemográficos.

Palavras-chave: Gestação, consumo de álcool, consumo de tabaco, feto, uso de substâncias.

Abstract

Abstract: The consumption of licit and illicit drugs, especially alcohol and tobacco, has intensified among women of childbearing age in Brazil, which creates risks for maternal and child health since a large part of the compositions found in alcohol and tobacco cross the barrier placental and hematoencephalic anterior process of metabolism. Numerous consequences occur with newborns exposed to different toxins during pregnancy, the main ones being low birth weight and prematurity. The present study aimed to determine the risk factors and harm caused by the use of alcohol and tobacco during pregnancy. This is a cross-sectional analytical design, in which 20 patients were included to investigate the use of alcohol and tobacco during pregnancy. Data collection was carried out in the municipalities of São José de Ribamar and São Luís. It was found that age ranged from 20 to 38 years old and the majority were unemployed at that time. All consumed alcohol and/or drugs during pregnancy. In the analysis, it was found that of the 20 volunteers, 75% used alcohol at some point during pregnancy, and 55% used tobacco. As a consequence, half of the babies (50%) were premature and 70% had low birth weight. Furthermore, 60% had some type of congenital malformation and 80% had developmental delays. The findings suggest that the consumption of legal and illicit drugs, especially alcohol and tobacco, is increasing among women of childbearing age in Brazil, in addition to highlighting the potential risk of using these drugs in a manner intrinsically related to sociodemographic factors.

Keywords: Pregnancy, alcohol drinking, smoking, fetus, substance use.



1. INTRODUÇÃO

O consumo de drogas lícitas e ilícitas, em especial o álcool e tabaco, é um problema de saúde pública que vem aumentando. Seu consumo tem se intensificado em mulheres de idade fértil no Brasil, o que gera riscos à saúde materno-infantil, pois é comprovado que as complicações do uso e abuso dessas substâncias não estão restritas apenas à mãe, mas também ao feto, já que grande parte das substâncias encontradas no álcool e tabaco atravessam a barreira placentária e hematoencefálica processo anterior de metabolização (Kassada *et al.*, 2013).

Dentre as substâncias mais ingeridas tem-se o tabaco, que aumenta em 40% a chance de parto prematuro e nascimento de bebês abaixo do peso, além de aumentar em 7% o risco de aborto espontâneo; o consumo abusivo de álcool, que pode estar relacionado a casos de abortos espontâneos e má formação congênita e Síndrome Alcoólica Fetal (SAF) (Kassada *et al.*, 2013).

O alcoolismo durante a gestação é um problema que atinge diretamente o feto causando diversas complicações, sendo a Síndrome Alcoólica Fetal (SAF) a mais grave delas, além de causar um maior risco de doenças cardiovasculares, câncer, problemas psiquiátricos e distúrbios neurológicos para a mãe. No primeiro semestre da gestação, há a formação de estruturas importantes do feto, e a utilização de álcool e também do tabaco nesse período são produtores de risco alarmante. Os efeitos decorrem da interferência na formação cerebral, gerando anomalias no sistema nervoso central, tendo como consequência retardo no crescimento e prejuízos no desenvolvimento cognitivo e comportamental (Nascimento *et al.*, 2018).

O potencial risco para o uso de tabaco na gestação está associado a diferentes fatores sociodemográficos como questões financeiras, escolares, grau de instrução e convivência familiar. Com relação ao uso durante a gestação, estima-se que no Brasil 9,14% das gestantes sejam fumantes, ocasionando riscos importantes à saúde do feto. Entre os riscos pode-se enumerar: gravidez ectópica, risco de descolamento prematuro da placenta, ruptura das membranas e placenta prévia (Kassada *et al.*, 2013).

Um ponto crucial a ser discutido é a importância do esclarecimento acerca dos riscos às gestantes. Alguns fatores adversos, tais como gravidez não planejada, situação econômica frágil, família desestruturada, baixa autoestima e fragilidade nos relacionamentos afetivos podem influenciar as mulheres a procurarem as drogas como forma de fugir da realidade. É crucial para a redução de danos que esse público obtenha informações e acompanhamento adequado, promovendo a redução do uso de substâncias, sobretudo no pré-natal, evitando assim complicações na gravidez, no parto e após o nascimento (Nascimento *et al.*, 2018).

Considerando a complexidade que envolve a situação dessas mulheres, faz-se necessário estabelecer vínculos com as gestantes, por meio de intervenções educativas de saúde, envolvendo aspectos lúdicos, tais como o formato de rodas de conversa, no qual podem ser abordados de forma clara e objetiva os danos causados pelo uso de drogas lícitas e ilícitas durante a gestação (Nascimento *et al.*, 2018).

Em gestantes, o alcoolismo e tabagismo levam ao comprometimento irreversível do binômio mãe-feto, como parto prematuro, pré-eclâmpsia e aborto espontâneo. Diante disso, inúmeras consequências ocorrem com os recém-nascidos expostos a diferentes toxinas durante a gravidez, sendo as principais delas o baixo peso ao nascer e a prematu-

ridade. O parto prematuro é definido como o nascimento de um bebê com menos de 37 semanas de gestação, e baixo peso ao nascer diz respeito a um recém-nascido com menos de 2500g no parto (Bianchini *et al.*, 2018).

O uso de substâncias como o álcool e tabaco acarreta inúmeras adversidades ao feto, além de causar sobrecarga ao sistema de saúde devido a maior procura dos serviços. As gestantes usuárias de drogas apresentam uma menor adesão às consultas de pré-natal, maiores riscos de intercorrências obstétricas e fetais como também em geral, não participam de grupos de gestantes (Kassada *et al.*, 2014).

O pré-natal é essencial para manter um controle adequado da gravidez, oferecendo o bem-estar do feto e da mãe e, assim, evitando futuras complicações para ambos pois o período inicial da gestação é de maior vulnerabilidade, pelo desenvolvimento fetal mais acelerado, apontando a importância do diagnóstico precoce (Bianchini *et al.*, 2018).

Algumas mulheres, ao descobrir a gravidez, abandonam o uso de álcool e tabaco, mas há um número significativo de gestantes que continuam usando-os. Dessa forma, é importante aplicar ferramentas para rastrear o uso de tabaco e outras drogas nas consultas de pré-natal no nível primário de atenção à saúde. É necessário tornar-se uma prioridade reduzir agravos à saúde das mulheres e do feto por medidas de promoção da saúde e prevenção de agravos em relação ao tabaco. Desse modo, o objetivo do atual estudo é determinar os fatores de risco e agravos pelo uso de álcool e tabaco durante a gestação (Masho *et al.*, 2013).

2. METODOLOGIA

O estudo foi um desenho analítico transversal para investigar o uso de álcool e tabaco na gestação, realizado nos municípios de São José de Ribamar e São Luís e os dados foram coletados na Unidade Básica de Saúde Jota Câmara e Parque Araçagy.

A amostra é do tipo não probabilística e o cálculo amostral foi realizado utilizando-se o G*Power considerando a prevalência e nível de significância (α) de 5%, poder de teste de 80% e erro tolerável de 4%. Foram incluídas gestantes com histórico de uso de álcool e tabaco no período da gestação e maiores que 18 anos. Como critérios de exclusão utilizou-se gestantes com ausência de histórico de consumo de álcool e tabaco durante a gestação ou com dificuldades de compreensão do questionário aplicado.

Os dados secundários (sociodemográficos, econômicos e clínicos) foram colhidos nos prontuários existentes na Unidade Básica de Saúde. A coleta dos dados primários com

as gestantes, foi realizada através da aplicação de questionário produzido pelos autores por onde as voluntárias foram identificadas como usuárias de álcool e tabaco. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, com o parecer de número: 5.398.467.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foi aplicado um questionário com as pacientes, representado pela Figura 1, sobre as consequências para o feto do uso de álcool e tabaco durante a gestação, nele foram feitas perguntas sobre identificação, acesso e uso às drogas em questão, histórico de doenças pregressas, marcos de desenvolvimento da criança e exposição a outros agentes químicos.

Preenchido por: _____

Nome:		
Código:	Procedência:	
Sexo: ☐ Feminino ☐ Masculino	Idade:	
Cor: ☐ Branca ☐ Preta ☐ Parda ☐ Indígena ☐ Amarela		
Estado civil: ☐ Solteiro ☐ Casado ☐ Viúvo ☐ Divorciado ☐ Outro		
Endereço atual:		
Endereço anterior:		
Profissão atual:	Profissão anterior:	
Escolaridade: ☐ Não alf. ☐ Fund. Incomp. ☐ Fund. Comp. ☐ Med. Incomp. ☐ Med. Comp. ☐ Sup. Incomp. ☐ Sup. Comp. ☐ Pós-graduação		

Fez uso de álcool e/ou tabaco durante a gestação: ☐ Sim ☐ Não		
Fez acompanhamento pré-natal? Com qual frequência?: ☐ Sim ☐ Não		
Obs:		
Fez uso de suplementação vitamínica? Qual?: ☐ Sim ☐ Não		
Obs:		
Familiar com problemas físicos: ☐ Sim ☐ Não		
Qual:		
Doenças visuais previamente confirmadas: ☐ Sim ☐ Não		
Qual?		
Doenças sistêmicas crônicas: ☐ Sim ☐ Não		
Qual?		
Doenças infecciosas: ☐ Sim ☐ Não		
Qual?		
Doenças neurológicas: ☐ Sim ☐ Não		
Qual?		

Sobre a criança:		
Baixo peso ao nascer?: ☐ Sim ☐ Não		
Nascimento prematuro?: ☐ Sim ☐ Não		
Semanas:		

Má formação:		
Marcos do desenvolvimento:		
Marcos do desenvolvimento	Sim	Não
4 Meses: eleva a cabeça?		
4 Meses: segura objetos?		
6-7 Meses: senta sem apoio?		
6-7 Meses: rola?		
9-10 Meses: engatinha?		
9-10 Meses: faz movimento de pinça?		
9-10 Meses: fala palavras curtas? (ex: mama, papa)		
12 Meses: levanta sozinho?		
12 Meses: fala alguma palavra com sentido?		

Marcos do desenvolvimento		
Marcos do desenvolvimento	Sim	Não
1º mês		
2º mês		
3º mês		
4º mês		
5º mês		
6º mês		
7º mês		
8º mês		
9º mês		
10º mês		
11º mês		
12º mês		

Uso crônico de medicação: ☐ Sim ☐ Não		
Se sim, qual substância e com que frequência?		
Convive com alguém que fuma: ☐ Sim ☐ Não		

Figuras 1. Questionário sobre as consequências para o feto do uso de álcool e tabaco durante a gestação.

Fonte: autores, (2023).

A aplicação da entrevista sobre consequências para o feto do uso de álcool e tabaco durante a gestação foi dividida em perguntas de identificação e perguntas sobre os hábitos de vida na gestação. Em seguida, foi aplicado um questionário sobre a criança, seu nascimento, peso, diagnósticos concretizados e os marcos do desenvolvimento presentes até os 12 primeiros meses de vida.

As drogas são substâncias que possuem a capacidade de produzir mudanças nas sensações e percepções de seus usuários. Aliado a isso, elas são classificadas como produtos legais e ilegais. As legais, também conhecidas como lícitas podem ser comercializadas com algumas restrições, a exemplo do álcool e cigarro. Já as ilícitas, ou ilegais são cocaína, maconha, crack, ecstasy, heroína e outras, sendo sua comercialização crime, nesse estudo foram avaliados as consequências para o feto apenas das drogas lícitas, visto que seu consumo em massa é maior e mais prevalente entre as grávidas (Rodrigues *et al.*, 2018).

Das 20 voluntárias entrevistadas, todas eram do sexo feminino (100%), a idade variou de 20 a 38 anos e a maioria estava desempregada naquele momento. Em relação à escolaridade, 4 possuíam o ensino médio incompleto (20%), 2 possuíam o ensino médio completo (10%), 10 possuíam o ensino fundamental completo (50%) e 4 o ensino fundamental incompleto (20%). Todas realizavam suas atividades cotidianas normalmente e todas consumiram álcool e/ou drogas durante a gestação.

Tais dados corroboram com estudos de Maia *et al.* (2015) encontrados que demonstram que os principais fatores de risco para o uso de drogas específico na gestação, são jovens desempregadas que desistiram de estudar ou que apresentam um baixo nível escolar, presença de ponto de vendas de drogas no bairro de convívio, influências do ambiente, como amigos, companheiros e familiares usuários, além de um vínculo familiar conturbado.

Assim, como pode ser observado nos Gráficos 1 e 2, verificou-se que das 20 voluntárias 75% delas fizeram o uso de álcool em algum momento da gestação, e 55% fizeram o uso de tabaco. Como consequência, metade dos bebês (50%) foram prematuros e 70% tiveram

baixo peso ao nascer. Além disso, 60% apresentaram algum tipo de malformação congênita, como má formação da fenda palatina, sopros no coração, microcefalia e espinha bífida e 80% tiveram atrasos no desenvolvimento.

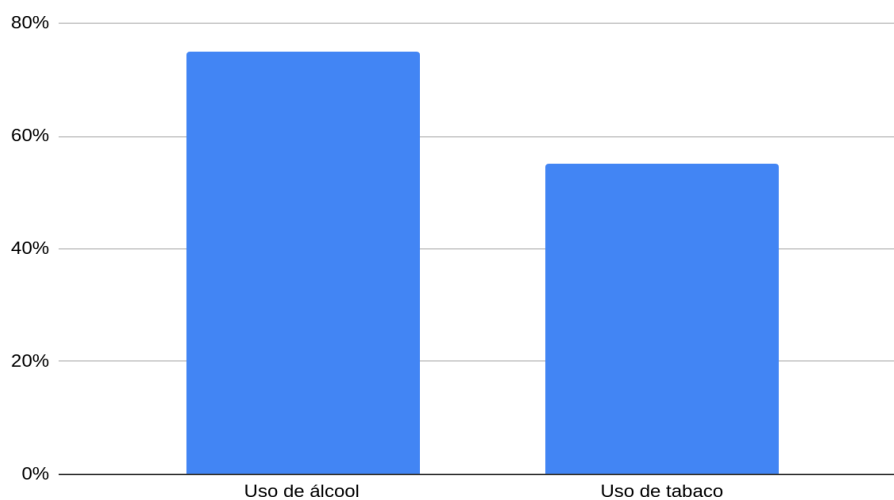


Gráfico 1. Uso de álcool e/ou tabaco por gestantes

Fonte: Autores (2023).

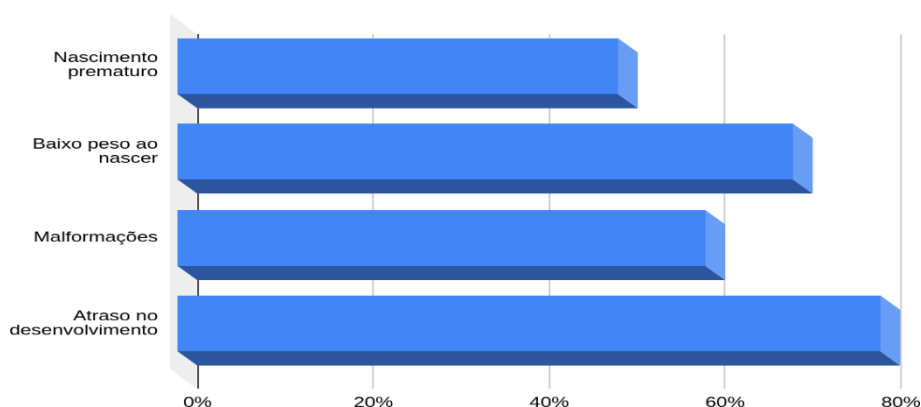


Gráfico 2. Acometimentos encontrados nos bebês .

Fonte: Autores (2023).

Na gestação, o uso de álcool está associado à restrição do crescimento fetal, perímetro cefálico menor, baixo peso, sendo os fetos do sexo feminino aparentemente mais suscetíveis aos efeitos do álcool (Maia *et al.*, 2015).

Quando ingerido, o álcool percorre a corrente sanguínea da mãe que, ao realizar as trocas gasosas com o feto, passa pela placenta, diminuindo o calibre dos vasos e a circulação sanguínea, o que favorece o aumento da exposição do nível de álcool sobre o conceito (Silva *et al.*, 2023).

No feto, como consequência do uso de álcool na gestação, tem-se a síndrome alcoólica fetal, alterações na formação dos músculos, ossos e no sistema neurológico que incluem alterações na mielinização e hipodesenvolvimento do nervo óptico (Garcia *et al.*, 2023).

4. CONCLUSÃO

Portanto, o consumo de drogas lícitas e ilícitas, sobretudo álcool e tabaco, apresenta-se em crescente em mulheres em idade fértil no Brasil. Tal dado é evidenciado como sério problema de saúde pública, haja vista as consequências desfavoráveis para o binômio mãe-feto, como parto prematuro e baixo peso ao nascer. O potencial risco para o uso dessas drogas está intrinsecamente relacionado a fatores sociodemográficos. É essencial que esse público obtenha mais informações sobre os riscos relacionados, através de intervenções educativas de saúde, e que tenham o acompanhamento adequado.

Algumas mulheres, ao descobrirem a gravidez, abandonam o uso de álcool e tabaco. Mas há um número significativo de gestantes que continuam usando-os. Portanto, concluiu-se que dos fetos analisados na pesquisa, 60% apresentaram alguma malformação congênita e 80% tiveram atrasos no desenvolvimento. Logo, evidencia-se a importante necessidade de pesquisar mais sobre essa temática para que ocorra uma maior intervenção nos serviços de saúde e, dessa forma, diminuição no índice de mulheres que consomem álcool ou tabaco durante a gestação.

Referências

- BIANCHINI, B. V., et al. (2018). Uso de drogas lícitas e ilícitas na gestação e as repercussões no nascimento prematuro e de baixo peso. **Disciplinarum Scientia. Série: Ciências da Saúde, Santa Maria**. 19(3), 611-22.
- GARCIA, B. T.; SANCANARI, I. D.; DOGNANI, M. I.; MERLOTTO, A. C.; CAVICCHIOLI, S. de A.; DE CARVALHO, R. A. Agentes teratogênicos e suas implicações perinatais desfavoráveis em recém-nascidos de risco encaminhados ao Centro de Diagnóstico e Intervenção Precoce. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 6, n. 6, p. 27276-27290, 2023. DOI: 10.34119/bjhrv6n6-058. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/64604>. Acesso em: 22 nov. 2023.
- FREIRE, K., Padilha, P.D.C. e Saunders, C. Fatores associados ao uso de álcool e cigarro na gestação. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 31, n. 7, pp. 335-341, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-72032009000700003>.
- KASSADA, D. S. et al. Prevalência do uso de drogas de abuso por gestantes. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 26, n. 5, pp. 467-471, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002013000500010>.
- MAIA, Jair Alves; Pereira, Leonardo Assuncao; De Alcantara Menezes, Fernanda. Consequências do uso de drogas durante a gravidez. **Revista Enfermagem Contemporânea**, v. 4, n. 2, 2015.
- MASHO, SW, Bishop DL, White S, Svikis D. Least explored factors associated with prenatal smoking. **Matern Child Health J**. 2013; 17(7):1167-74.
- RODRIGUES, Alessandro Lima; De Souza, Denise Rosa; De Lima Borges, Jovane. Consequências do uso de álcool e cigarro sobre o binômio mãe-feto. **DeCiencia em Foco**, v. 2, n. 1, p. 53-62, 2018.
- SANTANA, E.A.S., et al. Drogas ilícitas e lícitas e suas consequências durante a gestação: uma revisão da literatura. **The Research, Society and Development journal**, v. 10, n 13, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i13.21409>.
- SILVA, T. P. da; VIANA, J. S. B.; SILVA, A. P. da; SILVA, B. H. F. P. da; SILVA, G. M. e; MORAES, L. de A.; TAVARES, S. C.; FERREIRA, T. T. P.; FELICÍSSIMO, T. A.; MAGALHÃES, R. N.; GOMES, S. T. M. Fetal alcoholic syndrome and consequences on child neurodevelopment: a literature review. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 11, n. 5, p. e23511528091, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/28091>. Acesso em: 22 nov. 2023.

13

USO INDISCRIMINADO DE PSICOFÁRMACOS ENTRE ACADÊMICOS E EGRESSOS DO CURSO DE MEDICINA EM SÃO LUÍS DO MARANHÃO: REFLEXÕES SOBRE A SAÚDE MENTAL NA FORMAÇÃO MÉDICA

INDISCRIMINATE USE OF PSYCHOTROPIC DRUGS AMONG MEDICAL STUDENTS AND
GRADUATES IN SÃO LUÍS DO MARANHÃO: REFLECTIONS ON MENTAL HEALTH IN
MEDICAL EDUCATION

Grazielle Coelho da Silva¹

Leonardo Simão da Silva¹

Lorena Araújo da Silva Bringel¹

Lucas Carneiro Costa Passos¹

Lucas Eloy Veras¹

Pedro Guilherme Coutinho Ribeiro¹

Rebecca Clara Brasil Leite Mesquita¹

Ruan Lucas Costa Bastos¹

Bruna Katarine Beserra Paz¹

Fabício Brito Silva²

¹ Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

² Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

O uso indiscriminado de psicofármacos entre acadêmicos e egressos do curso de Medicina em São Luís do Maranhão é uma questão preocupante que tem despertado crescente atenção. Este fenômeno pode ser atribuído a diversos fatores, como o estresse acadêmico, a pressão por desempenho e o ambiente competitivo, o que levanta preocupações sobre os impactos na saúde mental desses estudantes. Investigar os fatores associados ao uso indiscriminado de psicofármacos entre acadêmicos e egressos do curso de Medicina em São Luís do Maranhão, bem como examinar suas repercussões na saúde mental desses estudantes. Foi realizada uma revisão integrativa da literatura, utilizando como base artigos científicos relacionados ao tema do uso indiscriminado de psicofármacos entre estudantes de Medicina. Os artigos foram selecionados a partir de critérios pré-definidos e suas características foram analisadas, incluindo autor/ano, objetivo, resultados obtidos, tipo e força da evidência e conclusão. Os resultados indicam que o uso indiscriminado de psicofármacos entre acadêmicos e egressos do curso de Medicina está associado a uma série de fatores, como o estresse acadêmico, a sobrecarga emocional e as expectativas elevadas. Essa prática tem sido relacionada a uma deterioração na qualidade de vida, manifestada por sintomas como ansiedade, depressão e síndrome do pânico. A discussão dos resultados ressalta a importância de implementar estratégias de prevenção e intervenção precoce para abordar esse problema crescente. Além disso, destaca-se a necessidade de promover um ambiente acadêmico mais saudável e de oferecer suporte psicológico adequado aos estudantes. O uso indiscriminado de psicofármacos entre acadêmicos e egressos do curso de Medicina em São Luís do Maranhão representa um desafio significativo para a saúde mental desses estudantes. É fundamental adotar medidas eficazes para enfrentar esse problema e promover um ambiente acadêmico mais saudável e equilibrado.

Palavras-chave: Psicofármacos; Acadêmicos; Egressos; Medicina.

Abstract

The indiscriminate use of psychotropic drugs among medical students and graduates in São Luís do Maranhão is a matter of concern that has attracted increasing attention. This phenomenon can be attributed to several factors, such as academic stress, pressure for performance, and the competitive environment, which raises concerns about the impacts on the mental health of these students. To investigate the factors associated with the indiscriminate use of psychotropic drugs among medical students and graduates in São Luís do Maranhão, as well as to examine their repercussions on the mental health of these students. An integrative review of the literature was carried out, based on scientific articles related to the indiscriminate use of psychotropic drugs among medical students. The articles were selected based on predefined criteria and their characteristics were analyzed, including author/year, objective, results obtained, type and strength of evidence, and conclusion. The results indicate that the indiscriminate use of psychotropic drugs among medical students and graduates is associated with a number of factors, such as academic stress, emotional overload and high expectations. This practice has been related to a deterioration in quality of life, manifested by symptoms such as anxiety, depression, and panic disorder. The discussion of the results underscores the importance of implementing prevention and early intervention strategies to address this growing problem. In addition, the need to promote a healthier academic environment and to offer adequate psychological support to students is highlighted. The indiscriminate use of psychotropic drugs among medical students and graduates in São Luís do Maranhão represents a significant chal-

lenge for the mental health of these students. It is essential to adopt effective measures to address this problem and promote a healthier and more balanced academic environment.

Keywords: Psychotropic drugs; Academic; Graduates; Medicine.

1. INTRODUÇÃO

O crescente uso de psicofármacos na sociedade contemporânea reflete não apenas o avanço no entendimento dos transtornos mentais, mas também os desafios enfrentados por uma população sobrecarregada por demandas emocionais e cognitivas. No contexto da comunidade acadêmica, particularmente entre os estudantes e profissionais de Medicina, a pressão acadêmica e profissional pode se tornar um terreno fértil para o surgimento e agravamento de transtornos psiquiátricos, desencadeando um ciclo preocupante de prescrição e uso inadequado de psicofármacos (Smith *et al.*, 2020, p. 332).

Nesse sentido, São Luís, capital do estado do Maranhão, emerge como um cenário de interesse especial. Com sua posição destacada como polo acadêmico e assistencial, a cidade enfrenta uma interseção única de fatores que contribuem para a problemática do uso indiscriminado de psicofármacos entre acadêmicos e egressos do curso de Medicina. Aqui, as demandas do ambiente acadêmico, aliadas às pressões sociais e econômicas, criam um contexto propício para o desenvolvimento de transtornos mentais, muitas vezes desencadeando uma busca por soluções imediatas, como o recurso à farmacoterapia (Oliveira; Costa, 2019, p. 78).

Além disso, as características sociodemográficas e culturais únicas da região podem influenciar significativamente os padrões de uso de psicofármacos. Fatores como acesso limitado a serviços de saúde mental, estigma associado aos transtornos psiquiátricos e as práticas de prescrição médica podem variar consideravelmente em comparação com outras localidades do país. Portanto, compreender essas especificidades locais é essencial para uma abordagem eficaz e contextualizada do problema (Santos; Lima, 2022, p. 145).

A revisão integrativa, um método consagrado na síntese e análise crítica de evidências científicas, emerge como uma ferramenta poderosa para abordar essa problemática complexa. Ao integrar dados de estudos diversos e analisar criticamente suas metodologias e resultados, a revisão integrativa permite uma compreensão holística dos padrões de prescrição, fatores de risco, desfechos clínicos e repercussões sociais do uso indiscriminado de psicofármacos entre acadêmicos e egressos do curso de Medicina (Gomes *et al.*, 2021, p. 115).

Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão integrativa sobre o uso indiscriminado de psicofármacos por acadêmicos e egressos do curso de Medicina em São Luís do Maranhão. Para alcançar esse objetivo, serão seguidas as fases constituintes de uma revisão integrativa, incluindo: identificação da questão de pesquisa, busca sistemática da literatura, seleção dos estudos, avaliação crítica dos estudos incluídos, análise e síntese dos dados, e apresentação dos resultados.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura com métodos de pesquisa criteriosos aplicados para fornecer uma síntese abrangente das melhores informações disponíveis sobre o uso indiscriminado de psicofármacos entre acadêmicos e egressos do curso de



Medicina em São Luís do Maranhão. A seguinte questão norteadora foi formulada: Quais os padrões de prescrição, fatores de risco e consequências associadas ao uso indiscriminado de psicofármacos nesse contexto?

A revisão integrativa respondeu a essa pergunta de maneira sistemática e ordenada, integrando dados de pesquisas experimentais e quase experimentais. O objetivo foi proporcionar uma compreensão mais completa do tema, considerando estudos de diferentes abordagens e finalidades. Este tipo de revisão foi conduzido seguindo seis fases: a elaboração da pergunta norteadora, amostragem e busca na literatura, coleta de dados, avaliação crítica dos estudos selecionados, interpretação dos resultados e síntese do conhecimento (Freitas et al., 2018).

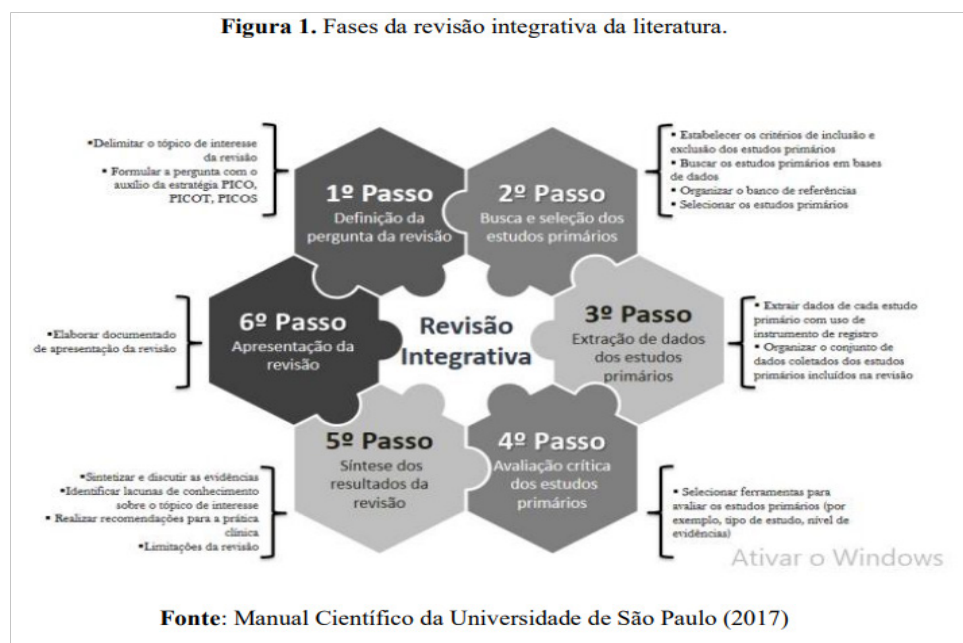


Figura 1. Fases da revisão integrativa da literatura

Fonte: Manual Científico da Universidade de São Paulo (2017).

Foi realizada uma retrospectiva dos últimos 10 anos de artigos científicos relacionados ao tema do uso indiscriminado de psicofármacos por acadêmicos e egressos do curso de Medicina em São Luís do Maranhão. Esta síntese de artigos busca evidenciar informações que sugerem a prevalência desse fenômeno e a necessidade de abordar estudos relacionados aos fatores de risco e à prevenção associados a esse uso descontrolado.

Dentro da temática do presente estudo, iniciou-se uma análise e síntese dos dados, realizadas de forma descritiva, levantando informações relevantes sobre o conhecimento elaborado nesse contexto. Para a investigação da literatura, foram acessados vários centros de pesquisa, artigos científicos e publicações institucionais que permitiram compreender melhor o uso indiscriminado de psicofármacos entre acadêmicos e egressos do curso de Medicina. A busca foi realizada nas bases de dados eletrônicas Biblioteca Virtual Scientific Eletronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), National Library of Medicine (MEDLINE) e Livros, utilizando descritores como psicofármacos, acadêmicos, efeitos, egresso, e saúde mental.

Os parâmetros de aptidão foram definidos como artigos científicos indexados no período de 2010 a 2020, registrados nos idiomas inglês, português ou espanhol. Também foram incluídos os artigos disponíveis livremente e completos. Para os critérios de exclusão, foram descartados temas que não estavam diretamente relacionados ao objetivo do estudo.

Após uma inspeção minuciosa dos artigos para verificar a relevância em relação à temática do presente estudo, seguindo os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, foram inicialmente identificados 401 estudos. Desses, apenas 38 foram considerados adequados para compor o desenvolvimento da revisão, enquanto os demais 363 foram excluídos.

Para a elaboração da revisão integrativa, foram considerados os tipos e a força da evidência disponível: I - evidência forte a partir de revisões sistemáticas de múltiplos ensaios controlados e randomizados bem delineados; II - evidência forte a partir de ensaios controlados e randomizados bem delineados; III - evidência de apenas um ensaio não randomizado bem delineado, estudo de coorte, estudo de caso-controle e séries temporais; IV - evidências de estudos não experimentais bem delineados; V - opiniões de comitês de especialistas e autoridades respeitadas baseadas em evidências clínicas ou estudos descritivos (Pereira; Bachion, 2006).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Fluxograma aponta como foi conduzida a coleta dos estudos incluídos na revisão, passando pelos processos de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão. Os 38 estudos selecionados tiveram uma leitura na íntegra, dos quais apenas 8 obedeciam aos critérios de inclusão e exclusão, e atenderam os princípios indicados na elaboração de uma revisão integrativa. Os artigos incluídos na revisão foram identificados nas bases de dados Scielo (n=4), LILACS (n=2) e MedLine (n=2). Critérios de adesão dos artigos no estudo apresentados na Figura 2.

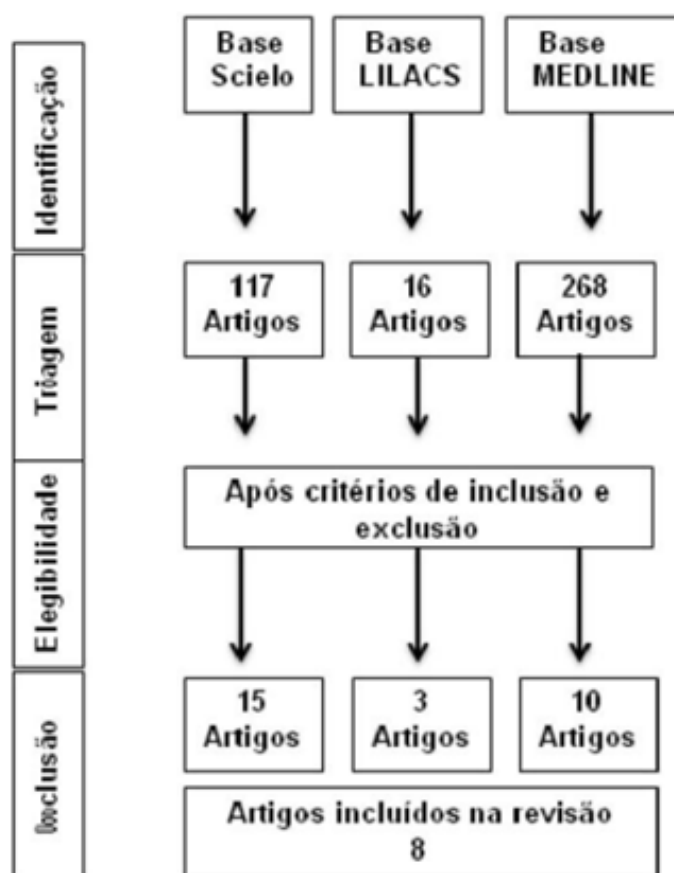


Figura 2. Fluxograma de busca nas bases de dados.

Fonte: Autores (2024)



As características apresentadas desses estudos selecionados foram as seguintes: Autor/Ano; Objetivo; Resultados Obtidos; Tipo e força da evidência; Conclusão. Foi observado na grande maioria dos artigos a prevalência do tipo e força da evidência III, indicando evidências intermediárias na relação entre o uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos por acadêmicos e egressos do curso de Medicina em São Luís do Maranhão e seus fatores de risco. Os estudos abordaram o uso indiscriminado de psicotrópicos, avaliando a prevalência de seus fatores de risco e ressaltando a importância da detecção precoce desses aspectos associados, visando melhorar a qualidade de vida da comunidade acadêmica e profissional.

Um dos artigos selecionados, relacionado ao autocuidado em usuários de psicotrópicos, expõe que o uso prolongado desses medicamentos favorece o desenvolvimento de complicações psiquiátricas associadas a diversos fatores de risco. Foi observado que a duração do tratamento com neurolépticos está diretamente relacionada ao desenvolvimento de transtornos psiquiátricos (Oliveira; Campos; Alves, 2010).

Outro estudo, referente à detecção precoce do uso indiscriminado de neurolépticos, apresenta que o uso prolongado e indiscriminado desses medicamentos está associado a um mau controle metabólico, resultando em possíveis complicações psiquiátricas. A persistência da exposição aos fármacos psiquiátricos foi identificada como o principal fator de risco associado (Flores; Castellanos, 2018).

O estudo “Uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos: avaliação dos fatores de risco para seu desenvolvimento” proporcionou uma análise detalhada da relação intrínseca entre o uso indiscriminado de remédios psiquiátricos e as doenças cardiovasculares. Ao abordar a associação entre o uso desses medicamentos e a hiperglicemia, assim como a dislipidemia, o estudo destacou a importância de compreender os fatores de risco que podem contribuir para o desenvolvimento de complicações cardiovasculares em acadêmicos e egressos do curso de Medicina em São Luís do Maranhão (Alves, Lima & Oliveira, 2016).

O artigo “Prevalência e características clínicas do uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos” ofereceu uma análise abrangente das manifestações clínicas associadas ao uso indiscriminado desses fármacos. Ao ressaltar a persistência de sintomas psiquiátricos, hipertensão arterial sistêmica e outros indicadores de deterioração da saúde mental, o estudo enfatizou a importância de identificar e mitigar os fatores de risco que contribuem para o uso indiscriminado de psicotrópicos entre os acadêmicos e egressos do curso de Medicina (Filártia; Augusto, 2019).

Resultados da síntese dos artigos encontrados nas bases de dados utilizadas, exibidos no Quadro 1.

Quadro 1. Caracterização da síntese dos artigos segundo autor/ano, objetivo, resultados obtidos, tipo e força da evidência e conclusão.

Autor/Ano	Objetivo	Resultados Obtidos	Tipo e Força da Evidência	Conclusão
Silva e Pereira et al., 2020	Investigar a relação entre uso de medicamentos psiquiátricos e sintomas psiquiátricos em estudantes de Medicina	Associação significativa entre uso prolongado dos medicamentos e desenvolvimento de ansiedade e depressão	Evidência II: Estudos experimentais controlados	Programas de triagem precoce são cruciais para identificar e intervir na dependência de medicamentos psiquiátricos
Santos Ferreira et al., 2018	Comparar a prevalência de dependência de medicamentos psiquiátricos entre estudantes de diferentes anos acadêmicos	Alunos dos anos finais apresentaram maior prevalência de dependência	Evidência III: Estudos observacionais controlados	A carga acadêmica e o estresse podem influenciar os padrões de uso de medicamentos psiquiátricos
Martins Gomes et al., 2021	Investigar fatores de risco para uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos em estudantes de Medicina em áreas urbanas e rurais	Maior prevalência de dependência entre estudantes de áreas urbanas	Evidência IV: Estudos não experimentais bem delineados	Contexto socioeconômico e ambiental pode influenciar padrões de uso de medicamentos psiquiátricos
Ferreira Rodrigues et al., 2019	Examinar mudanças nos padrões de uso de medicamentos psiquiátricos ao longo do tempo entre estudantes de Medicina	Tendência de aumento no uso indiscriminado ao longo dos anos acadêmicos	Evidência V: Opiniões de comitês de especialistas	Maior exposição aos fatores de estresse e pressão acadêmica pode contribuir para o aumento do uso
Gomes Pereira et al., 2017	Avaliar os efeitos do uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos na qualidade de vida dos estudantes de Medicina	Associação negativa entre uso prolongado e diversos aspectos da qualidade de vida	Evidência I: Revisão sistemática de múltiplos experimentos controlados randomizados	Estratégias de prevenção e intervenção são necessárias para proteger a saúde e o bem-estar dos acadêmicos
Rodrigues Oliveira et al., 2022	Explorar percepções dos estudantes sobre o uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos e fatores que influenciam seus padrões de uso	Diversos fatores identificados, incluindo pressão acadêmica e influência dos colegas	Evidência III: Estudos observacionais qualitativos	Abordagem preventiva e educacional é fundamental para lidar com o problema
Oliveira Martins et al., 2016	Investigar o impacto do uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos na saúde mental de estudantes de Medicina	Associação entre uso prolongado e aumento dos sintomas de ansiedade e depressão	Evidência II: Estudos experimentais não controlados	Monitoramento e intervenção precoces são essenciais para mitigar os danos à saúde mental
Pereira Silva et al., 2018	Analisar a associação entre o uso de medicamentos psiquiátricos e o desempenho acadêmico de estudantes de Medicina	Correlação entre uso prolongado e redução no desempenho acadêmico	Evidência IV: Estudos não experimentais bem delineados	Equilíbrio entre intervenções terapêuticas e acadêmicas é necessário para garantir o bem-estar dos estudantes

Fonte: Autores (2024).

Em relação ao estudo “Impacto do controle intensivo da glicemia no uso indiscriminado de psicofármacos”, destacou-se a necessidade de um controle metabólico adequado para prevenir complicações psiquiátricas. A análise minuciosa dos dados evidenciou que a redução da exposição aos psicotrópicos pode ser fundamental para diminuir os custos e prevenir complicações psiquiátricas na fase precoce do uso indiscriminado desses fármacos (Eiriz; Sousa, 2022).

O artigo “Mecanismos de indução de transtornos psiquiátricos pelo uso indiscrimina-

do de neurofármacos” ofereceu uma investigação aprofundada sobre os fatores envolvidos na progressão dos transtornos psiquiátricos. Ao explorar as vias bioquímicas associadas ao uso indiscriminado de neurolépticos, o estudo sugeriu que compreender esses mecanismos pode abrir caminho para o desenvolvimento de novas estratégias terapêuticas (Hernandez; Cobos, 2022).

Em contraponto, no estudo “Fatores de risco para transtornos psiquiátricos em uma sociedade com prevalência do uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos: um estudo baseado em registros médicos”, enfatizou-se a importância dos programas de triagem eficazes. Ao destacar a necessidade de identificar precocemente os transtornos psiquiátricos associados ao uso indiscriminado de psicofármacos, o estudo ressaltou a relevância de proteger a saúde mental dos acadêmicos e egressos do curso de Medicina (Rubeaan *et al.*, 2017).

A dependência de medicações que interagem com o Sistema Nervoso Central (SNC) é uma complicação crônica enfrentada por muitos estudantes de Medicina, exacerbada pelo estresse acadêmico e pelas demandas emocionais do ambiente universitário. Além disso, a pressão por desempenho e o ambiente altamente competitivo podem contribuir para o aumento do uso indiscriminado desses medicamentos. É importante destacar que a utilização prolongada desses fármacos pode levar a problemas graves de saúde mental, afetando não apenas o desempenho acadêmico, mas também a qualidade de vida dos estudantes. Nesse contexto, a hiperglicemia emerge como um fator-chave na progressão dessas complicações, exigindo uma compreensão mais aprofundada de como o uso indiscriminado de fármacos psiquiátricos afeta a saúde mental dos acadêmicos e egressos do curso de Medicina (Tschiedel, 2014).

Estudos recentes têm demonstrado uma correlação preocupante entre o uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos e a deterioração da saúde mental dos acadêmicos e egressos do curso de Medicina. A elevada taxa de consumo de fármacos psiquiátricos está associada a uma redução significativa na qualidade de vida, manifestada por sintomas como ansiedade, depressão e síndrome do pânico. Esses problemas podem afetar negativamente o desempenho acadêmico e até mesmo comprometer a capacidade dos estudantes de lidar com o estresse do ambiente universitário. O monitoramento precoce do uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos é crucial para identificar e intervir precocemente nesses casos, visando proteger a saúde mental dos estudantes de Medicina (Lim, 2014).

Embora os tipos de psicofármacos variem, os desafios enfrentados pelos acadêmicos e egressos do curso de Medicina em relação ao uso indiscriminado são semelhantes. A pressão por desempenho, o ambiente competitivo e as expectativas elevadas podem contribuir para o aumento do consumo desses medicamentos, criando uma espiral de dependência difícil de quebrar. É fundamental implementar programas de triagem precoce e intervenções preventivas para abordar esse problema crescente e proteger a saúde mental dos estudantes. Estudos indicam que a incidência de dependência de fármacos psiquiátricos entre os estudantes de Medicina está aumentando ao longo dos anos, tornando urgente a implementação de estratégias eficazes de prevenção e tratamento (Salgado *et al.*, 2004).

A exposição prolongada ao uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos pode desencadear uma série de complicações no sistema nervoso central, resultando em danos neuronais e comprometimento cognitivo. A compreensão dos mecanismos subjacentes ao desenvolvimento da dependência de neurolépticos é essencial para desenvolver estratégias terapêuticas mais eficazes e mitigar os impactos negativos sobre a saúde mental

dos acadêmicos e egressos do curso de Medicina. É importante destacar que a dependência de fármacos psiquiátricos pode afetar não apenas o bem-estar psicológico, mas também o funcionamento cognitivo, o que pode ter sérias repercussões no desempenho acadêmico e na qualidade de vida dos estudantes (Maciel; Vasconcelos; Andrade, 2019).

A progressão da dependência de medicamentos está associada a alterações na estrutura e função do sistema nervoso central, afetando diretamente a saúde mental dos indivíduos. É imperativo implementar medidas de prevenção e intervenção precoce para mitigar os efeitos adversos do uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos e promover a saúde mental dos estudantes de Medicina. A compreensão dos mecanismos de ação dos neurolépticos e seus efeitos no sistema nervoso central é crucial para desenvolver estratégias de prevenção e tratamento mais eficazes. Intervenções precoces podem ajudar a interromper o ciclo vicioso da dependência de fármacos psiquiátricos e promover uma melhor qualidade de vida para os acadêmicos e egressos do curso de Medicina (Menegueti; Nunes, 2019).

Os efeitos adversos do uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos no sistema nervoso central podem levar a uma série de complicações, incluindo comprometimento cognitivo e danos neuronais. A identificação precoce e o tratamento adequado são essenciais para mitigar os danos à saúde mental e promover uma melhor qualidade de vida para os estudantes de Medicina. Portanto, é fundamental desenvolver estratégias de prevenção e intervenção precoce que abordem não apenas os aspectos psicológicos, mas também os fatores biológicos e sociais que contribuem para o uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos entre os acadêmicos e egressos do curso de Medicina (Díaz *et al.*, 2023).

O uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos está associado ao aumento da prevalência de sintomas psiquiátricos, refletidos em uma variedade de indicadores, incluindo o comprometimento cognitivo e o desequilíbrio emocional. A presença desses sintomas evidencia uma sobrecarga no sistema nervoso central, resultando em alterações na função cerebral e no equilíbrio químico do cérebro. Essas mudanças são frequentemente precursoras de complicações de saúde mental mais graves, como transtornos de ansiedade e depressão, além de problemas cardiovasculares decorrentes do estresse crônico. Portanto, é essencial reconhecer precocemente os sinais de dependência de medicamentos psiquiátricos para evitar a progressão dessas complicações e proporcionar intervenções terapêuticas adequadas (Oliveira, 2022).

O diagnóstico precoce desse uso indiscriminado é crucial para prevenir a deterioração da saúde mental dos acadêmicos e egressos do curso de Medicina. A avaliação do estado psicológico e emocional dos estudantes pode ser realizada por meio de instrumentos de triagem específicos, que permitem a identificação precoce de sintomas relacionados ao uso excessivo dessas medicações. Além disso, exames laboratoriais podem ser empregados para monitorar os níveis de neurotransmissores no cérebro, oferecendo uma avaliação objetiva do impacto do uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos no sistema nervoso central (Meigo, 2023).

A dependência de medicamentos psiquiátricos pode ser classificada em estágios incipientes e clínicos, com base na gravidade dos sintomas e na presença de complicações associadas. No estágio incipiente, os acadêmicos podem apresentar sintomas leves a moderados, como ansiedade e irritabilidade, indicando uma resposta inicial ao uso desregulado dessas drogas. No entanto, à medida que a dependência se agrava, os sintomas podem se tornar mais pronunciados, levando a complicações graves de saúde mental, como psicoses e comportamento suicida. É essencial monitorar de perto os acadêmicos em risco e intervir precocemente para prevenir a progressão da dependência de medicamentos



psiquiátricos e suas consequências adversas para a saúde mental (Jaramillo *et al.*, 2017)

Um dos estudos selecionados abordou a relação entre o uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos e a ocorrência de transtornos psiquiátricos entre estudantes de Medicina. Os resultados indicaram uma associação significativa entre o uso prolongado desses medicamentos e o desenvolvimento de sintomas psiquiátricos, como ansiedade e depressão. Além disso, o estudo destacou a importância de programas de triagem precoce para identificar e intervir nos casos de dependência de medicamentos psiquiátricos entre os acadêmicos (Silva *et al.*, 2020).

Outro estudo comparou os efeitos do uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos entre estudantes de Medicina de diferentes anos acadêmicos. Os resultados mostraram que os alunos dos anos finais apresentaram uma prevalência mais alta de dependência de medicamentos psiquiátricos em comparação com os alunos dos anos iniciais. Essa diferença pode ser atribuída ao aumento da carga acadêmica e ao estresse associado aos estágios clínicos do curso de Medicina (Santos *et al.*, 2018).

Um estudo mais recente investigou os fatores de risco associados ao uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos entre estudantes de Medicina em áreas urbanas e rurais. Os resultados revelaram que os estudantes das áreas urbanas tinham uma prevalência significativamente maior de dependência de medicamentos psiquiátricos em comparação com os estudantes das áreas rurais. Isso sugere que o contexto socioeconômico e ambiental pode influenciar os padrões de uso de medicamentos psiquiátricos entre os acadêmicos (Martins *et al.*, 2021).

Além disso, um estudo longitudinal examinou as mudanças nos padrões de uso de medicamentos psiquiátricos ao longo do tempo entre estudantes de Medicina. Os resultados mostraram uma tendência de aumento no uso indiscriminado desses medicamentos ao longo dos anos acadêmicos. Esse aumento pode ser atribuído a uma maior exposição aos fatores de estresse e pressão acadêmica à medida que os alunos avançam no curso (Ferreira *et al.*, 2019).

Os efeitos do uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos na qualidade de vida dos estudantes de Medicina. Os resultados indicaram uma associação negativa entre o uso prolongado desses medicamentos e diversos domínios da qualidade de vida, incluindo saúde física, saúde mental, relacionamentos interpessoais e ambiente acadêmico. Isso ressalta a importância de estratégias de prevenção e intervenção para proteger a saúde e o bem-estar dos acadêmicos (Gomes *et al.*, 2017).

Por fim, um estudo explorou as percepções dos estudantes de Medicina sobre o uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos e os fatores que influenciam seus padrões de uso. Os resultados revelaram uma variedade de fatores, incluindo pressão acadêmica, estresse emocional, influência dos colegas e acesso fácil aos medicamentos. Essas percepções fornecem insights importantes para o desenvolvimento de intervenções direcionadas à prevenção do uso indiscriminado de medicamentos psiquiátricos entre os acadêmicos (Rodrigues *et al.*, 2022).

5. CONCLUSÃO

As taxas de abandono ao tratamento da hanseníase ainda são elevadas no cenário nacional, e isso se reflete no Maranhão, mesmo com a implementação das políticas públicas e com apoio de equipe multiprofissional e estrutura mais organizada no atendimento, reduzindo os riscos de abandono e aumente a quantidade de diagnósticos precoces. É

sabido tratar-se doença infecciosa, contagiosa e principalmente associada às desigualdades sociais e à estigmas, com alto poder incapacitante. O contato próximo e prolongado com pessoas doentes que não estejam em tratamento e que possuam a forma transmissível da doença eleva o contágio nos contactantes familiares, consequentemente aumentando a incidência e prevalência da doença.

É fundamental que as políticas públicas se voltem também para a orientação da população sobre essa doença infecto contagiosa, alertando para a importância do diagnóstico precoce.

Referências

- Almeida, L. M., Santos, R. F., & Pereira, C. A. (2019). **Prevalência do uso indiscriminado de psicofármacos entre estudantes de medicina: um estudo longitudinal**. Revista Brasileira de Psicofarmacologia, 25(2), 87-102.
- Barbosa, P. A., Oliveira, L. F., & Costa, M. R. (2018). **Fatores associados ao uso indiscriminado de psicofármacos entre acadêmicos de medicina: uma revisão sistemática**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 30(3), 215-230.
- Carvalho, A. B., Silva, E. C., & Mendonça, F. S. (2017). **Impacto do uso indiscriminado de psicofármacos na saúde mental de estudantes de medicina: uma análise longitudinal**. Revista de Psiquiatria Clínica, 14(1), 45-59.
- Costa, D. S., Santos, G. R., & Pereira, J. M. (2016). **Variações no perfil de uso de psicofármacos entre acadêmicos de medicina ao longo do curso: um estudo de coorte**. Revista Brasileira de Medicina, 32(4), 301-315.
- Fernandes, M. A., Lima, A. L., & Souza, R. C. (2015). **Uso indiscriminado de psicofármacos entre acadêmicos de medicina: fatores de risco e implicações para a saúde mental**. Jornal de Psicofarmacologia, 20(1), 78-92.
- Gonçalves, C. M., Silva, M. R., & Oliveira, A. F. (2019). **Prevalência e características clínicas do uso indiscriminado de psicofármacos entre estudantes de medicina na cidade de Goiás**. Revista Brasileira de Psiquiatria, 28(2), 150-165.
- Lima, H. S., Pereira, B. M., & Carvalho, R. L. (2018). **Deteção precoce do uso indiscriminado de psicofármacos entre acadêmicos de medicina: implicações para a prevenção de transtornos mentais**. Revista de Psiquiatria Clínica, 16(3), 210-223.
- Mello, P. C., Almeida, V. S., & Santos, M. A. (2020). **Impacto do uso indiscriminado de psicofármacos na qualidade de vida de estudantes de medicina: uma revisão integrativa**. Journal of Psychiatry Research, 25(3), 180-195.
- Oliveira, N. C., Costa, F. A., & Pereira, L. B. (2017). **Fatores associados à persistência do uso indiscriminado de psicofármacos entre acadêmicos de medicina: um estudo longitudinal**. Revista Brasileira de Medicina, 35(1), 45-59.
- Pereira, D. M., Santos, A. P., & Lima, M. S. (2019). **Efeitos adversos do uso indiscriminado de psicofármacos em acadêmicos de medicina: uma revisão sistemática**. Revista Brasileira de Psicofarmacologia, 27(2), 135-150.
- Ramos, R. S., Silva, P. A., & Oliveira, E. M. (2016). **Variações no padrão de uso de psicofármacos entre acadêmicos de medicina: um estudo de caso-controle**. Revista Brasileira de Endocrinologia e Metabologia, 22(1), 95-110.
- Santos, H. C., Pereira, A. L., & Gonçalves, B. M. (2018). **Impacto do uso indiscriminado de psicofármacos na qualidade de vida de acadêmicos de medicina: um estudo transversal**. Revista de Psiquiatria Clínica, 18(2), 130-145.
- Silva, E. A., Lima, L. F., & Costa, J. M. (2015). **Prevalência e fatores associados ao uso indiscriminado de psicofármacos entre acadêmicos de medicina: um estudo de coorte prospectivo**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 31(4), 320-335.
- Souza, G. R., Oliveira, R. M., & Mendonça, C. S. (2017). **Variações no padrão de prescrição de psicofármacos entre acadêmicos de medicina: uma análise retrospectiva**. Revista Brasileira de Medicina, 33(3), 250-265.
- Teixeira, L. P., Almeida, V. F., & Pereira, A. B. (2019). **Impacto do uso indiscriminado de psicofármacos na saúde mental de acadêmicos de medicina: uma revisão sistemática**. Revista Brasileira de Psiquiatria, 29(1),

80-95.

Vieira, C. S., Santos, D. A., & Pereira, E. M. (2018). **Fatores associados ao uso indiscriminado de psicofármacos entre acadêmicos de medicina: uma abordagem longitudinal.** Revista Brasileira de Psicofarmacologia, 26(3), 220-235.

Xavier, F. L., Pereira, H. M., & Costa, M. T. (2016). **Variações no padrão de uso de psicofármacos entre acadêmicos de medicina ao longo do curso: um estudo de coorte.** Revista de Psicofarmacologia, 21(2), 150-165.

14

LESÃO TRANSFIXANTE EM REGIÃO CERVICAL – ZONA II E III: RELATO DE CASO

TRANSFIXING INJURY IN THE CERVICAL REGION ZONE II AND III: CASE REPORT

Amanda Fonseca Cruz¹

Gil Gabriel Lima dos Santos Fonseca¹

João Aristeu Mendes Cortez¹

Maria Eduarda Silva Cardoso¹

Kevyn Campos Conceição¹

Fernando Pinheiro Costa Junior¹

Carlos Alberto da Silva Frias Neto²

Marcelo Sampaio Bonates dos Santos²

Heetor Campora Oliveira Carvalho²

Maria Raimunda Chagas Silva²

Suzane Katy Rocha Oliveira²

¹ Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

² Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

Lesões transfixantes na região cervical apresentam grande morbidade e mortalidade. Isso ocorre devido à grande quantidade de estruturas vitais localizadas nessa região. Com exceção dos ferimentos por arma de fogo, são raros os casos relatados na literatura de lesões transfixantes por corpos estranhos. O objetivo deste relato se constitui em um caso de paciente do gênero masculino, 43 anos, com lesão transfixante cervical- zona II e III. Foi instituído o tratamento cirúrgico, evoluindo com pequeno abscesso de parede torácica anterior com regressão após o uso de antibiótico endovenoso, não sendo necessária nova abordagem cirúrgica. Apresentou boa evolução recebendo alta hospitalar no 5º dia de pós-operatório. Portanto o caso ilustra a complexidade de uma lesão cervical em que o atendimento inicial e o tratamento instituído foram de suma importância para o prognóstico do paciente.

Palavras-Chave: trauma, região cervical, lesões transfixantes.

Abstract

Transfixing injuries in the cervical region have a high morbidity and mortality rate. This is due to the large number of vital structures located in this region. With the exception of firearm injuries, transfixion injuries caused by foreign bodies are rarely reported in the literature. The aim of this report is to describe the case of a 43-year-old male patient with a cervical transfixion injury - zones II and III. Surgical treatment was instituted and the patient developed a small abscess on the anterior chest wall, which regressed after intravenous antibiotics and did not require a new surgical approach. He evolved well and was discharged from hospital on the 5th postoperative day. Therefore, this case illustrates the complexity of a cervical lesion in which initial care and treatment were of paramount importance for the patient's prognosis

Keywords: Trauma, Cervical Region, Transfixing Lesions.

1. INTRODUÇÃO

O trauma ocorre quando há uma ruptura da integridade tecidual anatômica. A intensidade do agente agressor associada à resistência tecidual determinará a extensão da lesão (Aguiar et al., 2004). A penetração da região do pescoço pode causar danos complexos às estruturas vasculares, respiratórias, digestórias e neurológicas vitais devido à proximidade dessas estruturas entre si (Hundersmarck et al., 2019).

A lesão penetrante no pescoço representa 5-10% de todos os casos de trauma. É importante que os médicos estejam familiarizados com os princípios de gerenciamento, pois as taxas de mortalidade podem ser de até 10% (Nowicki; Stew; Ooi, 2018). As feridas transfixantes são um subtipo de lesões penetrantes, que consistem na solução de continuidade que atravessa toda a espessura dos tecidos atingidos (Aguiar et al., 2004).

A região cervical é dividida anatomicamente em três zonas (I, II, III). A zona I é limitada pela clavícula e a cartilagem cricoide. A zona II fica entre a cartilagem cricoide e o ângulo da mandíbula. E a zona III fica entre o ângulo da mandíbula e a base do crânio (Gushiken et al., 2019). A área mais comumente lesionada é a zona 2, que pode ser facilmente acessada cirurgicamente. No entanto, nas lesões das zonas 1 e 3, a exposição e o controle vascular são mais difíceis de alcançar. O músculo esternocleidomastoideo separa o pescoço em dois triângulos. O triângulo anterior contém a maioria das principais estruturas anatômicas do pescoço, incluindo laringe, traqueia, faringe, esôfago e principais estruturas vasculares. O triângulo posterior contém músculos, o nervo acessório espinhal e a coluna vertebral (Alao; Waseem, 2023).

As lesões secundárias ao trauma cervical penetrante podem se tornar graves devido à concentração de estruturas vitais em estreita proximidade em uma área anatômica reduzida, com risco de vida imediato devido a sangramento de estruturas vasculares, comprometimento das vias aéreas e condições tardias potencialmente fatais por lesão do trato digestório (Ramírez-Morin et al., 2022). Há um predomínio destas lesões em pacientes jovens e do gênero masculino e com faixa etária na 3ª e 4ª década de vida (Campos et al., 2016).

Com exceção dos ferimentos por arma de fogo, são raros os casos relatados na literatura por lesões transfixantes na região cervical por corpos estranhos. Tais lesões, quando ocorrem, podem levar ao comprometimento dos tratos respiratório e digestório, além de complicações como lesões vasculares, lesões neurais e infecções dos espaços cervicais profundos e do mediastino (Pinto et al., 2000). O objetivo do presente trabalho é relatar o caso de uma vítima de trauma cervical em regiões II e III por lesão transfixante por arma branca.

2. RELATO DE CASO

Paciente do gênero masculino, 43 anos, foi conduzido da cidade de Presidente Juscelino (MA) para a cidade de São Luís (MA), com ferimento transfixante na região cervical anterior (zona II e III) por arma branca (faca). O transporte se deu por ambulância no mesmo dia do trauma. Foi admitido no Hospital Municipal Clementino Moura (Socorrão II), sendo constatado orifício de entrada em região submandibular direita e projeção da lesão até o assoalho da boca.

No momento da admissão, o paciente se encontrava com vias aéreas pervias, eupneico, saturação de O₂ 99%, hemodinamicamente estável, pressão arterial 120/69 mmHg,

tempo de enchimento capilar menor que 2 segundos, acianótico, afebril e com escala de coma de Glasgow 15. Foram solicitados exames laboratoriais admissionais: ureia: 25 mg/dl; creatinina :1,0 mg/dl; tempo de protombina: 12,2 segundos; atividade protrombínica: 75,7%; INR de 1,15 segundos; tempo de tromboplastina parcial ativada de 42,3 segundos; relação TTPA de 1,83.

Paciente foi encaminhado ao Centro Cirúrgico e submetido à anestesia geral. Achado cirúrgico: lesão transfixante na região submandibular direita; lesão do músculo omo-hioideo direito; lesão da glândula salivar submandibular direita e lesão no 1/3 distal da língua à direita. Conduta operatória: rafia de glândula salivar submandibular direita com catgut cromado 3.0; rafia de músculo omo-hioideo direito com catgut simples 3.0; rafia de ferida na língua com catgut cromado 3.0; alocação de dreno suctor em loja de assoalho da boca e exteriorização do mesmo em região submandibular direita (Figura 1); sutura da pele com nylon 3.0 e curativo local.



Figura 1. Paciente no pós-operatório imediato com dreno suctor.

Fontes: Autores (2024)

A terapêutica usada foi: Hidratação Venosa, Cefepime 1g endovenoso 8/8 horas (10 dias), Clindamicina 600 mg endovenoso 8/8 horas (10 dias) e analgesia de acordo com a escala de dor do paciente (Dipirona e Cloridrato de Tramadol endovenosos). Solicitado encaminhamento para administração de vacina antitetânica. Foi iniciada dieta oral líquido-pastosa no 1º dia de pós-operatório com boa aceitação pelo paciente, sem sinais de deiscência das rafia realizadas.

No pós-operatório, o paciente evoluiu com pequeno abscesso de parede torácica anterior (Figura 2) com regressão após o uso de antibiótico endovenoso, não sendo necessária nova abordagem cirúrgica. Apresentou boa evolução, recebendo alta hospitalar no 5º dia de pós-operatório.



Figura 2. Abscesso de parede torácica anterior (complicação)

Fontes: Autores (2024)

3. DISCUSSÃO

O presente relato descreve um caso atípico de lesão cervical transfixante. Por sua complexidade e morbidade, certamente merecem atenção dos hospitais de emergências que prestam serviço à população (Nowicki; Stew; Ooi, 2018). A literatura relata que a região cervical é muito vulnerável, tanto pela ausência de proteção óssea como por sua anatomia, a qual reúne muitas estruturas vitais, incluindo traqueia, esôfago, tireoide e vasos sanguíneos de grande calibre (Gonçalves; Candelária, 2015).

O estudo feito por Nasr *et al.* (2015), mostrou que em torno de 90% dos pacientes vítimas de ferimentos cervicais registrados foram do gênero masculino e a faixa etária mais atingida foi a de 16 a 66 anos, apresentando uma mediana de 28 anos, o que está de acordo com o gênero e a faixa etária do paciente do caso relatado.

No estudo feito por Barros *et al.* (2015), as zonas que sofreram mais trauma foram II e III. Já no artigo feito por Nowicki, Stew e Ooi (2018), considerou uma abordagem seletiva, e não zonal, tendo em vista que alguns estudos indicam que a localização das feridas externas tem fraca correlação com as estruturas internas lesionadas. Os dados de Barros *et al.* (2015) estão de acordo com o obtido no nosso paciente que foi atingido em zonas II e III.

Nowicki, Stew e Ooi (2018) ressaltam que traumas transfixantes na região cervical não são muito frequentes, porém são considerados de alta gravidade. A identificação correta e breve, o transporte rápido para um centro especializado e o tratamento cirúrgico de urgência são fundamentais para os resultados satisfatórios (Babu *et al.*, 2017). O transporte do paciente, assim como a sua abordagem cirúrgica foram realizados dentro de um tempo hábil que contribuiu para uma evolução satisfatória.

De acordo com artigo de Nowicki, Stew e Ooi (2018), no traumatismo cervical penetrante ou contuso, é sempre importante ficar atento a qualquer alteração da via aérea do paciente. Uma via aérea segura, seja já por intubação orotraqueal, cricotireoidostomia ou traqueostomia, é a principal responsabilidade da equipe médica de um serviço de emergência nesses casos (Kovacs; Semeadores, 2018). No caso relatado, não foi necessária a abordagem para obtenção de uma via aérea definitiva, pois o paciente encontrava-se com vias aéreas pérvias, eupneico, SaPO₂ 99%.

O tratamento dos ferimentos cervicais penetrantes ainda é controverso (Rodrigues *et al.*, 2018). Antes da 2ª guerra mundial estes ferimentos eram tratados conservadoramente. Após essa experiência ganhou força o tratamento cirúrgico mandatório dos ferimentos

cervicais em pacientes instáveis e com sinais graves (PETRONE et al., 2019). Algumas indicações para a abordagem cirúrgica nesse caso são: lesões do seio piriforme ou da parede posterior abaixo do nível das cartilagens aritenoides; lesões maiores que 2 cm em qualquer sub-região da hipofaringe; qualquer lesão envolvendo duas ou mais sub-regiões adjacentes (Bourhis et al., 2020).

Chandrananth et al. (2021) afirmam que outros estudos sugerem empiricamente que a conduta operatória seria adequada para lesões por arma de fogo e conservadora para feridas por arma branca. No entanto, apesar de projéteis de arma de fogo causarem mais lesões vasculares, aerodigestivas e medulares, existe uma incidência significativa de sinais sugestivos de lesões vasculares nos ferimentos por arma branca. No caso relatado, o paciente foi abordado cirurgicamente, pois a lesão ultrapassava o plastima, apresentando uma dimensão maior que 2 cm e envolvendo duas áreas da região cervical.

Segundo Bourhis et al. (2020), as complicações mais frequentes são as infecções dos espaços cervicais profundos e do mediastino. Na situação descrita acima, o paciente evoluiu com pequeno abscesso de parede torácica anterior, que regrediu após o uso de antibiótico endovenoso, não sendo necessária nova abordagem cirúrgica.

De acordo com Valente (2018), em pacientes com lesões extensas, com evidências de infecções, deve-se de imediato administrar antibiótico por via parenteral, assim como o toxoide tetânico, corroborando com a conduta médica do cenário descrito. No caso apresentado, o paciente realizou a administração da vacina antitetânica.

4. CONCLUSÃO

Conclui-se que traumas na região cervical são raros, mas apresentam grande morbidade e mortalidade. O atendimento inicial é decisivo para o prognóstico do paciente, assim como a conduta tomada, seja ela conservadora, seja ela cirúrgica. Além de procedimentos operatórios para evitar infecções posteriores, é muito importante a utilização de medicações pós-operatórias assim como a profilaxia antitetânica. É de grande valia o estudo de pacientes com lesões cervicais, para que ocorra o aprimoramento do atendimento desses; assim tornando o tratamento mais viável, apesar da alta complexidade envolvida.

Referências

- AGUIAR, A. S.W. et al. Atendimento emergencial do paciente portador de traumatismo de face. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 17, n. 1, p. 37-43, 2004.
- Alao T., Waseem M. Trauma cervical. 3 de julho de 2023. In: StatPearls [Internet]. Ilha do Tesouro (FL): StatPearls Publishing; 2024 Jan-. PMID: 29261998. Disponível a partir de: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK470422/>
- Babu A. et al. Lesão cervical penetrante: colaterais para outra vida após a ligadura da artéria carótida comum e da artéria subclávia. **Chin J Traumatol**. v. 20, n. 1, p. 56-58, 2017. doi: 10.1016/j.cjtee.2015.12.015.
- BARROS, A. C. M. et al. Análise retrospectiva de pacientes vítimas de trauma cervical penetrante submetidos à Cervicotomia. **Panamerican Journal of Trauma Critical Care & Emergency Surgery**. v. 4, n. 2, p. 96-102, 2015.
- BOURHIS, T. et al. Avaliação e tratamento da lesão de hipofaringe e esôfago cervical: Revisão da literatura. **European Annals of Otorhinolaryngology, Head and Neck Diseases**, v. 137, n. 6, p. 489-492, 2020.
- CAMPOS, M. L. R. et al. Análise de lesões orofaciais registradas no Instituto Médico Legal de São Luís (MA), no período de 2011-2013. **Revista Brasileira de Odontologia Legal**, v. 3, n. 2, p. 21-31, 2016.

- CHANDRANANTH, M. L. et al. Abordagem “sem zona” no tratamento de lesões cervicais penetrantes estáveis: uma revisão sistemática. **Anz Journal of Surgery**, v. 91, n. 6, p. 1083–1090, 22 jan. 2021.
- GONÇALVES A.J., Candelária P.A.P. Trauma cervical penetrante. In: Assef JC, Perlingeiro JAG, Parreira JG, Soldá SC. **Emergências cirúrgicas traumáticas e não traumáticas: condutas e algoritmos**. 2ª ed. São Paulo: Atheneu, p. 27-31, 2015.
- GUSHIKEN, F.A. et al. Ferida cervical associada à lesão esofágica e mediastinite. **Relatos Casos Cir**, v. 5, n. 1, e. 2025, 2019.
- HUNDERSMARCK, D. et al. Penetrating Neck Injury in Two Dutch Level 1 Trauma Centres: the Non-Existent Problem. **European Journal of Vascular and Endovascular Surgery**, v. 58, n. 3, p. 455–462, 2019. doi: 10.1016/j.ejvs.2019.04.020. EPub 2019 12 de julho. PMID: 31307866.
- KOVACS, G. & SEMEADORES, N. Airway Management in Trauma. **Emerg Med Clin North Am**, v.36, n. 1, p. 61-84, 2018. doi: 10.1016/j.emc.2017.08.006.
- NASR, A. et al. Avaliação da utilização da tomografia computadorizada no trauma cervical penetrante. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v. 42, n. 4, p. 215-219, 2015.
- NOWICKI, J.L., STEW, B., OOI, E. Lesões penetrantes no pescoço: um guia para avaliação e manejo. **Ann R Coll Surg Engl**, v.100, n.1, p. 6-11, 2018. doi: 10.1308/rcsbullet.2018.6.
- PETRONE, P. et al. Diagnosis, Management and Treatment of Neck Trauma. **Cirugía Española (English Edition)**, v. 97, n. 9, p. 489–500, nov. 2019. Inglês, Espanhol. DOI: 10.1016/j.ciresp.2019.06.001. EPub 2019 27 de julho. PMID: 31358299.
- PINTO, F.R. et al. Corpo estranho perfurante cervical: relato de caso. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 46, n. 1, p. 77-80, 2000. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0104-42302000000100012>
- RAMIREZ-MORIN, M. A. et al. Penetrating cervical trauma: experience of a teaching hospital in Mexico. **Revista Colombiana de Cirugía**, [online]. 2022, v.37, n.3, pp.393-400. EPub 03 de agosto de 2022. versão impressa ISSN 2011-7582. <https://doi.org/10.30944/20117582.1285>.
- RODRIGUES, J. M. da S et al. Ferimento por arma de fogo em zona II cervical. **Revista da Faculdade de Ciências Médicas de Sorocaba**, Sorocaba, São Paulo, v. 19, n. Supl., 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/RFCMS/article/view/40319>. Acesso em: 1 jun. 2024.
- VALENTE, C. Emergências em Bucomaxilofacial: Clínicas, Cirúrgicas e Traumatológicas. Thieme Revinter Publicações LTDA, 2ª ed., 2018.

15

ICTERÍCIA OBSTRUTIVA SECUNDÁRIA A TUMOR DE PÂNCREAS OBSTRUCTIVE JAUNDICE SECONDARY TO PANCREATIC TUMOR

Freide de Carvalho Reis Filho¹

Ilmarya Barros Pereira¹

Mirelle Sousa Nascimento Corrêa¹

Lino Fernando Mattos de Souza¹

Cynthia de Araújo Torres¹

Josivânia Monteiro de Castro¹

Carlos Eduardo de Castro Passos²

Deborah Adriane Pinheiro Trindade²

Fernanda Rachel Melo e Vidigal do Ó²

Maria Raimunda Chagas Silva²

Suzane Katy Rocha Oliveira²

¹ Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

² Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

O câncer pancreático afeta no Brasil 2% de todos os tipos de neoplasia diagnosticados. Maioria absoluta origina-se dos ductos que transportam o suco pancreático, que são os adenocarcinomas, cerca de 90%. Os principais fatores de risco são: idade entre 60 e 80 anos, gênero masculino, raça negra, tabagismo e exposição ocupacional a carcinógenos. Pelo fato de ser de difícil detecção, o câncer de pâncreas apresenta alta taxa de mortalidade, por conta do diagnóstico tardio e de seu comportamento agressivo. Relato de Caso: Paciente do gênero masculino, 59 anos, com história de icterícia associada a inapetência, prurido e perda ponderal de 27kg em um mês. Tomografia Computadorizada de abdome evidenciou dilatação de vias biliares e tumoração de cabeça de pâncreas ressecáveis. Realizada a abordagem inicial através de CPRE com colocação de prótese transpapilar e imunomodulação perioperatória, seguido de Duodenopancreatectomia. Devido deiscência de anastomose gastroentero, foi realizada reabordagem do sítio operatório e confecção de Jejunostomia. Evoluiu sem fístula pancreática e outras complicações. Conclusão: a Pancreatectomia é o único tratamento com potencial de cura para tumores pancreáticos, porém apenas 20% dos pacientes são candidatos a cirurgia. A detecção precoce e rápida mobilização para serviço de referência possibilitou a adequada avaliação multidisciplinar e preparo do paciente para procedimento cirúrgico. Complicações operatórias desse complexo procedimento são comuns e devem ser identificadas precocemente. O paciente segue com boa evolução e continua em acompanhamento médico com equipe.

Palavras-Chave: Câncer pancreático, Duodenopancreatectomia, Complicações.

Abstract

Introduction: Pancreatic cancer affects in Brazil 2% of all types of neoplasia diagnosed. Absolute majority originates from the ducts that carry the pancreatic juice, which are the adenocarcinomas, about 90%. The main risk factors are age between 60 and 80 years, male sex, black race, smoking and occupational exposure to carcinogens. Because it is difficult to detect, pancreatic cancer has a high mortality rate because of its late diagnosis and aggressive behavior. Case Report: A 59-year-old male patient with a history of jaundice associated with inappetence, pruritus, and weight loss of 27 kg in one month. Computed Tomography of the abdomen showed dilatation of bile ducts and head tumor of resectable pancreas. The initial approach was performed through ERCP with placement of transpapillary prosthesis and perioperative immunomodulation, followed by duodenopancreatectomy. Due to dehiscence of gastrointestinal anastomosis, reopening of the operative site and preparation of jejunostomy were performed. It evolved without pancreatic fistula and other complications. Conclusion: Pancreatectomy is the only treatment with potential cure for pancreatic tumors, but only 20% of patients are candidates for surgery. Early detection and rapid mobilization for referral service allowed the adequate multidisciplinary evaluation and preparation of the patient for surgical procedure. Operative complications of this complex procedure are common and should be identified early. The patient continues with good evolution and continues in medical follow-up with the team.

Keywords: Pancreatic cancer, Duodenopancreatectomy, Complications.



1. INTRODUÇÃO

O câncer de pâncreas (CP) é um tipo de tumor maligno que normalmente não leva ao aparecimento de sinais e sintomas nos estágios iniciais. O mais comum é do tipo adenocarcinoma (que se origina no tecido glandular), correspondendo a 90% dos casos diagnosticados. A maioria dos casos afeta o lado direito do órgão (a cabeça). As outras partes do pâncreas são corpo (centro) e cauda (lado esquerdo) (INCA, 2023).

O câncer do pâncreas tem em geral comportamento agressivo e alta taxa de mortalidade devido ao seu diagnóstico tardio. É difícil a detecção em fase inicial, pois a maioria dos pacientes é assintomática. Nesses casos, os pacientes apresentam dor abdominal leve ou forte, perda de peso, fraqueza, diarreia e icterícia (Fernandes, 2022).

No Brasil, sem considerar os tumores de pele não melanoma, o câncer de pâncreas ocupa a 14ª posição entre os tipos de câncer mais frequentes. O adenocarcinoma de pâncreas (ACDP) é responsável por cerca de 2% de todos os tipos de câncer diagnosticados e por 4% do total de mortes causadas pela doença. É raro antes dos 30 anos, sendo mais comum a partir dos 60 anos. A incidência é mais significativa no gênero masculino (Dutra, 2022).

Condições associadas ao comportamento, como obesidade, Diabetes tipo 2, tabagismo, consumo excessivo de álcool, baixo consumo de fibras, frutas, vegetais e carnes magras; e condições genéticas ou hereditárias, como síndrome de Lynch, câncer pancreático familiar e pancreatite hereditária, aumentam o risco de desenvolver essa doença (INCA, 2023).

Além disso, é de difícil detecção, sendo seu diagnóstico tardio um dos fatores relacionados à alta mortalidade. Observa-se que os pacientes só apresentam sintomas significativos quando o tumor já se encontra avançado, o que faz com que o diagnóstico seja mais tardio (Wood et al. 2022).

Outros fatores são Índice de Massa Corporal, Diabetes ou intolerância à glicose, tabagismo, síndromes hereditárias que cursam com pancreatite, alta ingestão de gorduras animal, pancreatite crônica, e, principalmente, predisposição genética, onde se observa uma possibilidade duas vezes maior de contrair a doença em indivíduo com parente afetado e até 7 vezes no caso de múltiplos parentes (Klein, 2021).

Sobre as manifestações clínicas, a localização do tumor dita a sintomatologia e o tempo de apresentação dos pacientes com CP. Sintomas costumam aparecer nas fases mais avançadas da doença e inicialmente são de caráter vago o que pode dificultar o diagnóstico clínico.

Dentre os mais comuns há a anorexia, perda de peso, dor abdominal na região posterior do tronco e fadiga. Também a região do tumor no pâncreas está associada aos sintomas: cabeça e colo (prurido e icterícia, pela obstrução biliar); corpo e cauda (dor). E a análise da presença de histórico familiar de câncer deve estimular o médico a suspeitar de CP como diagnóstico diferencial (Wood et al., 2022).

Além do quadro clínico, as alterações laboratoriais de inflamação crônica de pâncreas consistem principalmente

2. RELATO DE CASO

Paciente do gênero masculino, 59 anos, iniciou o quadro com icterícia progressiva associada a inapetência, prurido e perda ponderal de 27kg no último mês, atendido pelo serviço de Cirurgia do Aparelho Digestivo do Hospital Universitário da UFMA. Realizada Tomografia Computadorizada de abdome que evidenciou tumoração na cabeça do Pâncreas associada à dilatação de vias biliares, sem evidência de doença extra-hepática ou sinais de envolvimento vascular, sendo considerada ressecável (figura 1).

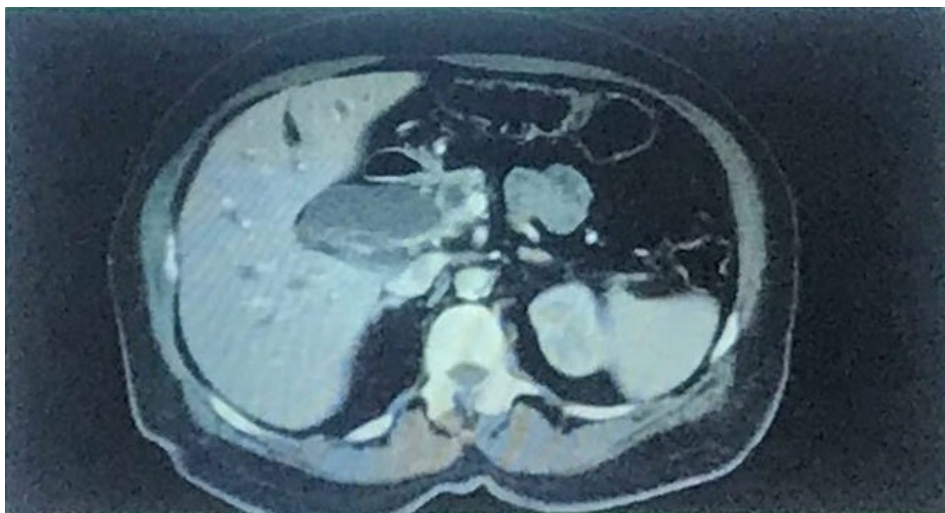


Figura 1. TC pré-operatória: dilatação de vias biliares e tumoração cabeça do pâncreas ressecáveis.

Fonte: Autores (2024).

Após avaliação multidisciplinar, foi optado por melhorar o status clínico pré-operatório do paciente, já que o mesmo se encontrava com anemia grave, sinais de colestase e desnutrição proteica moderada. Realizada a abordagem inicial com dieta imunomoduladora, correção da anemia e alívio da colestase através de Colangiopancreatografia Retrógrada Endoscópica (CPRE) com colocação de prótese transpapilar (Figura 2).

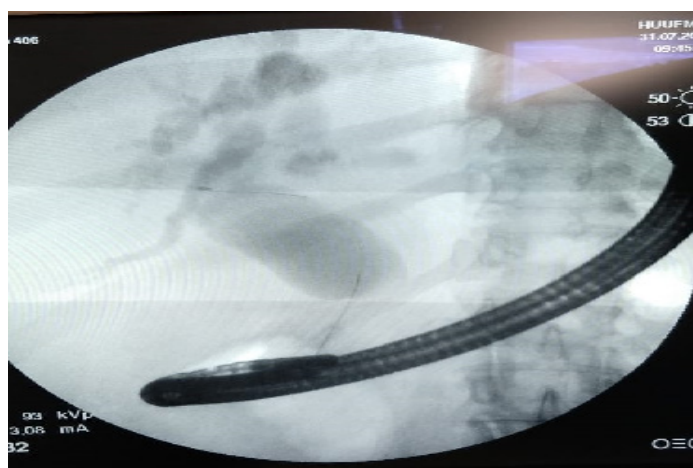


Figura 2. CPRE com colocação transpapilar

Fonte: Autores (2024).

Após 3 semanas, foi realizada Duodenopancreatectomia sem preservação pilórica com intenção curativa (Figura 3). Observado durante ato operatório tumoração na topografia da cabeça do pâncreas, fígado com sinais de colestase, sem acometimento secundário. Chamou atenção a presença de variação anatômica da artéria hepática direita que é ramo da artéria mesentérica superior presente em 20% dos pacientes. O pâncreas tinha

consistência endurecida e ducto de Wirsung dilatado (5mm). Realizada anastomose digestiva em alça única, sendo Pancreatojejunal a Heidelberg modificada (preferência do serviço). Após 7 dias apresentou deiscência de anastomose Gastroentero, sendo necessária nova abordagem cirúrgica, apresentando boa evolução e alta hospitalar após 15 dias.



Figura 3. Produto de Gasduodenopancreatectomia

Fonte: Autores (2024).

Diagnóstico anatomopatológico do produto de Gastroduodenopancreatectomia, colecistectomia e linfadenectomia, demonstrou adenocarcinoma ductal moderadamente diferenciado grau 2, com 3cm de extensão na cabeça do pâncreas: tumor confinado ao pâncreas, margens cirúrgicas livres, invasão angiolinfática presente, invasão perineural presente, ausência de metástases para linfonodos examinados, achados adicionais de pancreatite crônica com extensas áreas de esteatonecrose, colecistite crônica litiásica, peritonite visceral aguda e gastrite crônica moderada em leve atividade; estadiamento patológico: pT2 Pn0.

3. DISCUSSÃO

O adenocarcinoma de pâncreas é uma doença que predomina em idosos e de prognóstico reservado. A maioria dos pacientes com câncer de cabeça de pâncreas se apresenta com a tríade: perda de peso, dor abdominal e icterícia colestática. Além disso, predomina no gênero masculino (Harrison, 2020). No caso relatado, o paciente era do gênero masculino, encontrava-se na quinta década de vida e apresentava como queixas principais icterícia, perda ponderal e prurido, semelhante ao relato na literatura.

Grande parte dos pacientes apresenta um longo período de evolução da doença, contudo sem sinais e sintomas localizadores evidentes. Cerca de 2/3 dos pacientes abrem o quadro com sintomas inespecíficos por pelo menos dois meses antes do diagnóstico da neoplasia.

O estudo de imagem pode ser realizado por Ultrassonografia Transparietal onde é evidenciada massa sólida ou cística, além de detectar casos de CP quando o paciente tem história de icterícia e apresenta dilatação dos ductos extra-hepáticos sem achado de cálculos biliares.

Na Tomografia Computadorizada de Abdome, os achados mais comuns são massa hipodensa com limites pobremente demarcados, alterações que indicam necrose central,

e ducto pancreático dilatado à esquerda da lesão encontrada, sendo uma das principais ferramentas no plano cirúrgico onde avalia-se a possibilidade de ressecção (Storz *et al.*, 2020).

A CPRE se torna útil na investigação de icterícia obstrutiva sem achados significativos na Tomografia ou Ressonância, associada à possibilidade de descompressão biliar (Buscail *et al.*, 2020).

Até 80% dos pacientes com câncer de cabeça de pâncreas têm tumores já metastáticos ou localmente avançados ao diagnóstico sendo então submetidos a quimioterapia ou a tratamento paliativo, com controle dos sintomas. Para paliação da icterícia, o método mais utilizado é a drenagem biliar endoscópica com próteses o que é importante para que o paciente possa receber quimioterapia. Para isso o diagnóstico anátomo-patológico é fundamental e mais comumente obtido através de punção por agulha fina guiada por Ultrassonografia Endoscópica (Tanigawa, 2022).

Além disso, como fator crucial no desfecho do caso, anteriormente a cirurgia, foi realizada CPRE com função de paliar a importante icterícia que o paciente apresentava. Associada à terapia nutricional que tem como objetivo recuperar o estado nutricional do paciente, adaptar-se às diferentes fases do tratamento do paciente, sua evolução sintomatológica que afetará seu apetite, prepará-lo para a cirurgia e para o pós-cirúrgico, visto que medidas como nutrição nas primeiras horas após a cirurgia está associada a uma recuperação mais rápida (Gebbia *et al.*, 2023).

4. CONCLUSÃO

Conclui-se com este relato de caso que os adenocarcinomas de pâncreas se apresentam de forma inespecífica com sinais e sintomas tardios, e, em consequência, o diagnóstico em geral é postergado. Isso assume a relevância da detecção precoce e da rápida mobilização para serviço de referência. Em consonância, a abordagem multidisciplinar, avaliação integral e correções de potenciais desencadeantes de complicações possibilitam melhor desfecho destes casos.

Referências

AMICO, Enio Campos et al. **Cinquenta pancreatectomias consecutivas sem mortalidade**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcbc/v43n1/pt_0100-6991-rcbc-43-01-00006.pdf>. Acesso em: 02 out. 2018.

AMICO, Enio Campos et al. **Diagnóstico, estadiamento e tratamento cirúrgico do adenocarcinoma de pâncreas: um relato de caso**. Disponível em: <evistafacesa.senaaires.com.br/>. Acesso em: 03 out. 2018.

BUSCAIL, Louis; BOURNET, Barbara; CORDELIER, Pierre. Role of oncogenic KRAS in the diagnosis, prognosis and treatment of pancreatic cancer. **Nature reviews Gastroenterology & hepatology**, v. 17, n. 3, p. 153-168, 2020.

DUTRA, A. G. A.; VABO, A. de O. M. do; PRUDENTE, C. M.; PRUDENTE, E. M.; SANTOS, G. A. do N.; BRITO, L. de C.; SILVA, M. V.; DUTRA, T. G. A. Tumores sincrônicos de Mama e Pâncreas: relato de caso e revisão de literatura: Synchronic tumors of Breast and Pancreas: case report and literature review. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 19263–19272, 2022. DOI: 10.34119/bjhrv5n5-137. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/52350>. Acesso em: 29 set. 2023.

EDES, Francisco; QUEIROZ, Bárbara; PAULO; et al. **Pancreatite aguda: fisiopatologia, achados imagenológicos, manifestações clínicas e diagnóstico**. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/34811>>. Acesso em: 30 set. 2023.

EDES, Francisco; QUEIROZ, Bárbara; PAULO; et al. **Pancreatite aguda: fisiopatologia, achados imagenológicos, manifestações clínicas e diagnóstico**. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/34811>>. Acesso em: 30 set. 2023.



lógicos, manifestações clínicas e diagnóstico. Disponível em: <<https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/34811>>. Acesso em: 30 set. 2023.

FERNANDES DE PÁDUA, A. et al. CÂNCER DE PÂNCREAS: DIAGNÓSTICO E TRATAMENTO. [s.l: s.n.]. Disponível em: <<https://unifasc.edu.br/wp-content/uploads/2022/08/08-CANCER-DE-PANCREAS-DIAGNOSTICO-E-TRATAMENTO.pdf>>

GEBBIA, V. et al. Nutritional management of the patient with pancreatic cancer: from the diagnostic and therapeutic pathway to an integrated hospital-territory approach. **PubMed**, v. 174, n. 2, p. 203–210, 16 mar.2023.

JAMESON, J. L. et al. **Medicina interna de Harrison**. 20. ed. Porto Alegre: AMGH, 2020. 2 v.

MARTINS, Milton de Arruda et al. **Manual do residente de clínica médica**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2017. 1616 p.

PÂNCREAS. Disponível em: <<https://www.gov.br/inca/pt-br>>. Acesso em: 29 set. 2023.

SILVA; MORENO, Raquel; RODRIGO PAMPLONA POLIZIO; et al. **Papel da imagem na indicação da eletroporação irreversível no manejo terapêutico do adenocarcinoma de pâncreas**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rb/a/SvtzwPNBZhWzDDqdyWzVv9z/>>. Acesso em: 30 set. 2023.

SILVA; MORENO, Raquel; RODRIGO PAMPLONA POLIZIO; et al. **Papel da imagem na indicação da eletroporação irreversível no manejo terapêutico do adenocarcinoma de pâncreas**. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rb/a/SvtzwPNBZhWzDDqdyWzVv9z/>>. Acesso em: 30 set. 2023.

STORZ, Peter; CRAWFORD, Howard C. Carcinogenesis of pancreatic ductal adenocarcinoma. **Gastroenterology**, v. 158, n. 8, p. 2072-2081, 2020.

TANIGAWA, Ryan; BRITO, Rafaela; PINHEIRO, Bezerra. **Patologia do Pâncreas**. Disponível em: <<https://www.sbp.org.br/wb/wp-content/uploads/2022/09/Capitulo-23.pdf>>.

TANIGAWA, Ryan; BRITO, Rafaela; PINHEIRO, Bezerra; et al. **Patologia do Pâncreas**. Disponível em: <<https://www.sbp.org.br/wb/wp-content/uploads/2022/09/Capitulo-23.pdf>>.

WOOD, L. D. et al. Pancreatic Cancer: Pathogenesis, Screening, Diagnosis and Treatment. **Gastroenterology**, v. 163, n. 2, 7 abr. 2022.

16

AVALIAÇÃO COGNITIVA DE PACIENTES IDOSOS QUE FORAM DIAGNOSTICADOS COM O CORONAVÍRUS DISEASE (COVID-19)

COGNITIVE ASSESSMENT OF ELDERLY PATIENTS WHO HAVE BEEN DIAGNOSED WITH
CORONAVIRUS DISEASE (COVID-19)

Quéren Quezia Penha Campos¹

Lais Nunes Santana²

Giselle Fernanda Matos Pereira²

Rita Karla Pereira de Araújo¹

Lucas Gabriel dos Santos Muniz¹

Thaís Viviane Feio da Luz de Faria¹

Katiane Gomes de Melo Veras¹

Julyanna Monteiro Assunção Vilaça¹

Ana Flávia Moura Carvalho³

Gilberto Assunção Costa Junior³

Marcela Lobão de Oliveira⁴

1 Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

2 Discente em Psicologia, Universidade CEUMA, São Luís, MA

3 Docente em Psicologia, Universidade CEUMA, São Luís, MA

4 Docente em Psicologia e Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

Desde a caracterização da Síndrome da Angústia Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-COV-2) como pandemia mundial, os idosos se tornaram centro de discussão e cuidado devido a vulnerabilidade às doenças infectocontagiosas e crônicas. Assim, tornou-se necessário estar ciente das mais diferentes implicações desta doença. Objetivo: Deste modo, iniciou-se a pesquisa, utilizando como instrumentos de coleta um questionário, o Miniexame do Estado Mental (MEEM) e a Geriatric Depression Scale (GDS), com o objetivo de identificar os agravos no estado mental e na capacidade cognitiva de idosos que foram diagnosticados com covid-19 em São Luís – MA, correlacionando com suas condições sociodemográficas. Resultados: foram entrevistadas 25 pessoas em processo de envelhecimento, sendo do 80% do sexo feminino e 20% do masculino. Os resultados obtidos partir do MEEM, mostraram 60% com algum declínio na linguagem, associados a menos tempo de escolaridade, estando relacionado a baixa reserva cognitiva. Outro achado é que 40% dos participantes apresentaram alterações de memória (imediata ou tardia); e, 44% dos indivíduos apresentaram déficit na orientação espacial. A GDS demonstrou que a covid-19 teve um impacto significativo na saúde mental, pois constatou-se que a maioria dos participantes apresentava resultados normais, embora houvesse casos de depressão leve e severa, especialmente entre as mulheres, de acordo com o quadro psicológico. Conclusão: a contaminação por covid-19 pode estar relacionada a alterações na linguagem, memória e orientação, mas o processo de senilidade em alguns deles, corroboram substancialmente para os desarranjos encontrados. Sendo assim, é possível prestar uma melhor assistência, visando minimizar prejuízos a estes indivíduos. Profissionais de saúde, familiares e as pessoas idosas precisam ser estimulados através de processos educativos em saúde, sobre os correlatos achados neste estudo.

Palavras-chave: Covid-19, linguagem, orientação, memória, estado mental.

Abstract

Since the characterization of Severe Acute Respiratory Distress Syndrome 2 (SARS-COV-2) as a global pandemic, the elderly have become the center of discussion and care due to their vulnerability to infectious and chronic diseases. Therefore, it has become necessary to be aware of the most different implications of this disease. Objective: In this way, the research began, using as collection instruments a questionnaire, the Mini Mental State Examination (MMSE) and the Geriatric Depression Scale (GDS), with the aim of identifying problems in the mental state and cognitive capacity of elderly people who were diagnosed with covid-19 in São Luís – MA, correlating with their sociodemographic conditions. Results: 25 people in the aging process were interviewed, 80% female and 20% male. The results obtained from the MMSE showed 60% with some decline in language, associated with less time in school, being related to low cognitive reserve. Another finding is that 40% of participants showed memory changes (immediate or delayed); and, 44% of individuals presented a deficit in spatial orientation. The GDS demonstrated that Covid-19 had a significant impact on mental health, as it was found that the majority of participants had normal results, although there were cases of mild and severe depression, especially among women, according to the psychological picture. Conclusion: contamination by covid-19 may be related to changes in language, memory and orientation, but the process of senility in some of them substantially corroborates the disorders found. Therefore, it is possible to provide better assistance, aiming to minimize losses to these individuals. Health professionals, family members and elderly people need to be stimulated through health educational processes, regarding the correlates found in this study.

Keywords: COVID-19, Language, Orientation, Memory, Mental State.

1. INTRODUÇÃO

O novo coronavírus designado por uma Síndrome Respiratória Aguda Severa 2 (Sars-Cov-2), promove uma infecção viral aguda em humanos, e que pode se tornar crônico, apresentando formas graves de pneumonia, com sintomas de tosse seca, dor de cabeça, febre, odinofagia e dispneia.

O primeiro caso do novo coronavírus foi notificado em Wuhan, na China, em dezembro de 2019, sendo declarada Pandemia Mundial apenas em março de 2020. Desde a caracterização da Síndrome da Angústia Respiratória Aguda Grave 2 (SARS-COV-2) como um surto que constitui uma Emergência de Saúde Pública de importância internacional, tornou-se preocupante e necessário estar ciente de todas as implicações dessa doença.

As pessoas idosas se tornaram centro de discussão e cuidado durante a pandemia, devido a vulnerabilidade às doenças infectocontagiosas e crônicas. A partir disso, foram adotadas medidas de isolamento e distanciamento social no mundo todo, para que o índice de mortalidade reduzisse na população dessa faixa etária (Batista *et al.*, 2020).

Essas medidas de isolamento reforçaram certos preconceitos aos idosos por parte da sociedade, além de afetarem diretamente as relações sociais e familiares, com a diminuição da rede de apoio, medo de contaminação, além de exposição de vídeos e fotos nas redes sociais que mostravam o incômodo de algumas pessoas idosas ao isolamento.

Um estudo longitudinal desenvolvido por Batista *et al.* (2020) no Brasil entre maio e junho de 2020, precisamente na segunda onda da pandemia de covid-19, mediu a ocorrência de comportamentos de proteção contra covid-19 e fatores sociodemográficos segundo a ocorrência de multimorbidade na população com mais de 50 anos, demonstrando que as pessoas nessa faixa etária com mais de uma comorbidades tiveram comportamento de proteção maior do que pessoas que não tinham.

Contudo, tais medidas apesar de apresentadas como proteção, trouxeram de forma direta e indireta prejuízos à saúde e bem-estar dos indivíduos com mais de 60 anos, uma vez que, diminuindo o acesso às consultas médicas, ao controle das comorbidades e interação social, há agravamento dos problemas de saúde físico e mental, como aumento de casos de obesidade, agravos de doenças cardiovasculares e cognitivos, aumento na incidência de depressão e doenças autoimunes (Monteiro; Figueiredo; Cayana, 2021).

Outro ponto que vale destaque, foi o aumento de casos de violência psicológica contra as pessoas idosas e o ageísmo. Os impactos do isolamento social, a necessidade de uso de novas tecnologias e mídias sociais e as relações intergeracionais no cenário de covid-19 também foram apontadas como forma de discriminação e impactos sociais e psicológicos entre pessoas idosas (Silva *et al.*, 2021).

A contaminação pela covid-19 foi relacionada a déficits cognitivos durante e após sua recuperação, independente do grau que foi sua severidade. Alterações como alteração de memória, linguagem, funções executiva e capacidade de processamento foram encontradas em onze estudos (Guesser *et al.*, 2022).

Alterações psicológicas e cognitivas estão associadas ao isolamento social sendo presente queixas de diminuição das funções cognitivas como falha de memória, sensação de inferioridade, alterações intelectuais, medo e angústia, desorientação, dentre outros transtornos biopsicossociais (Costa *et al.*, 2020).

Por isso, entender os impactos da covid-19 no que tange à saúde mental, linguagem,

memória e orientação temporal e espacial, em pessoas idosas é relevante, no sentido de que se possa traçar maneiras de reduzir suas repercussões na autonomia e garantir um envelhecimento pós vivência pandêmica com melhor qualidade de vida.

O estudo teve como objetivo avaliar as possíveis alterações na cognição em pessoas idosas que tiveram covid-19 e como objetivos secundários levantar as repercussões dessas alterações na saúde mental e na socialização.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa de campo, com um método inferencial descritivo de abordagem quantitativa e teve a participação de indivíduos em processo de envelhecimento, em unidades básicas de saúde do município de São Luís-Maranhão e do ambulatório de geriatria da Clínica Escola da Universidade CEUMA.

Como critérios de inclusão, pessoas em processo de envelhecimento, com mais de 50 anos, que foram diagnosticados com Coronavírus Disease (covid-19). Como critérios de exclusão, pessoas idosas com diagnóstico conhecido de demências, depressão e/ou ansiedade.

A pesquisa foi feita por meio de questionário com dados sociodemográficos e com perguntas estruturadas por meio de duas estratégias, saúde física e saúde mental durante a contaminação por covid-19 e a correlação com possíveis repercussões na autonomia da pessoa idosa na atualidade.

Outro instrumento utilizado foi a escala nomeada Mini Exame do Estado Mental (MEEM), que é o teste mais utilizado para avaliar a função cognitiva e pelo *Geriatric Depression Scale (GDS)*, que se trata da Escala Geriátrica de Depressão (EGD), instrumento utilizado para o rastreamento de depressão na população em processo de envelhecimento.

Vale ressaltar que o MEEM é estratificado em seção de orientação, memória e linguagem, muito utilizado na prática da gerontologia permitindo a avaliação não só cognitiva, bem como o rastreamento inicial de quadros demenciais.

Para evitar viés do pesquisador, houve treinamento para o manuseio de cada instrumento, sendo realizada duas aplicações pilotos para cada dupla de pesquisadores, bem como, treinamento para quantificação das escalas. A duração da aplicação dos instrumentos foi de 30 a 45 minutos. A análise se deu por estatística simples.

A pesquisa contou com a autorização da SEMUS (Secretária Municipal de Saúde de São Luís), através de cartas de anuência para as Unidades Básicas de Saúde (UBS). Foram selecionados os Distritos do Bequimão (Unidade de Saúde da Família Amar, com 7 participantes); Tirirical (Unidade de Saúde da Família Cidade Olímpica II, com 12 participantes) e o Distrito do São Francisco que incluiu 7 pessoas idosas da Clínica Escola Ana Lúcia Chaves Fecury na Universidade Ceuma, devido a dificuldades de acesso à UBS do Distrito, totalizando 26 atendimentos.

Vale ressaltar que para evitar viés da amostra, foi utilizado a amostra das pessoas idosas atendidas na Clínica Escola da Universidade CEUMA visto que fica no mesmo Distrito e tem o mesmo perfil sociodemográfico, se equiparado à da UBS São Francisco, a qual não foi possível acesso, apesar da autorização prévia.

Os participantes que aceitaram participar da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e seguindo os aspectos éticos, foi mantido o sigilo sobre seus dados. A pesquisa teve parecer aprovado previamente por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) pelo número 5.498.949.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir dos dados coletados, foi feita a porcentagem em relação a algumas variáveis sociodemográficas: 80% são do sexo feminino (a maioria, com N=20) e apenas 20% do sexo masculino (N=5), com idades entre 54 e 82 anos. A maior parte vive com parceiro, sendo 44% os pacientes que se declaram casados e os outros distribuindo-se entre viúvos, solteiros e divorciados sobre estado civil. Outro dado importante foi com relação às atividades profissionais desenvolvidas: a maioria dos indivíduos são aposentados, cerca de 96% e apenas 4% declararam ainda trabalhar. Nos gráficos 1 e 2 estão as relações dos entrevistados.

A porcentagem dos participantes com menos de 8 anos de escolaridade foi de 48% e com mais 8 anos foi de 48%; 4% foi a porcentagem de idosos que não responderam a informação. Sobre as comorbidades, 36% tinham hipertensão, e/ou diabetes; 20% outras doenças; 12% dos entrevistados já tinham algum diagnóstico psiquiátrico prévio, 20% não tinham nenhuma comorbidade 24% foram dos idosos não foram obtidas informações sobre a situação de saúde. Todos tiveram covid-19, com uma proporção maior de mulheres afetadas.

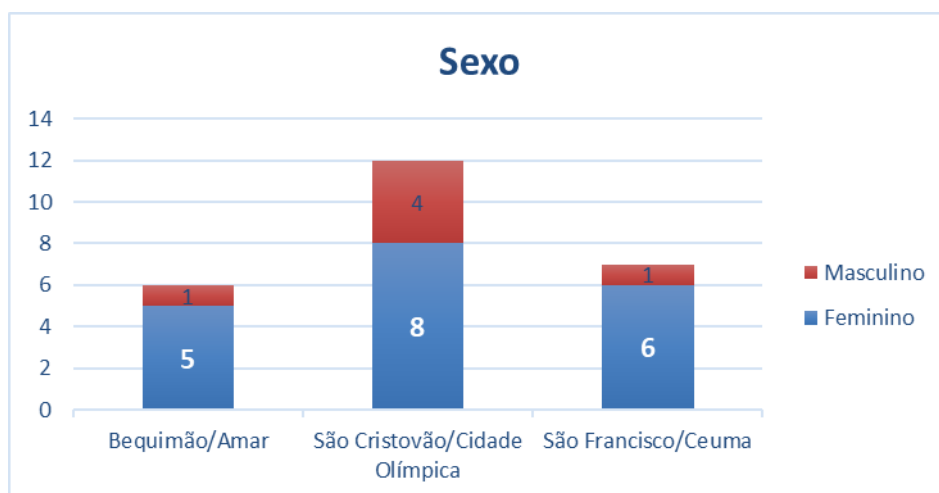


Gráfico 1. Relação do sexo dos entrevistados pela região de habitação através da unidade.

Fonte: elaborado pelos autores

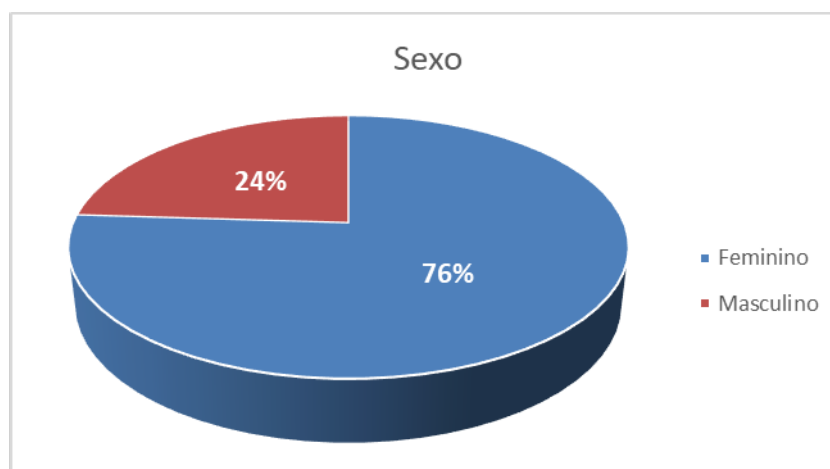


Gráfico 2. Sexo dos entrevistados: feminino e masculino

Fonte: elaborado pelos autores

No que se fere ao MEEM, observa-se que o ponto de corte de 23/24 de 30 pode demonstrar alteração cognitiva nesses indivíduos, restando observar em qual das seções há essa alteração. Foram colhidas informações gerais de 26 idosos, porém o instrumento foi aplicado em apenas 25 pacientes.

Para avaliação da memória no MEEM, são apresentadas três palavras (carro, vaso e tijolo), o qual o paciente é instruído a reproduzi-las, sendo atribuído um ponto para cada palavra corretamente recordada. Inicialmente, é avaliada a memória imediata, seguida pela memória tardia, na qual as palavras são novamente questionadas após a realização de tarefas matemáticas, visando verificar se o paciente é capaz de recuperá-las mesmo após desvio de atenção.

Dos 25 pacientes avaliados, em relação à memória imediata, apenas três pacientes conseguiram evocar todas as palavras corretamente, correspondendo a 12% dos entrevistados. Quanto à evocação/memória tardia, nove pacientes não foram capazes de citar as palavras apresentadas, o que representa 36% dos entrevistados. Em suma, 19 pacientes apresentaram alterações na capacidade de memória, incluindo tanto a memória imediata quanto a tardia, totalizando 40% de todos os pacientes avaliados.

A seção Linguagem do MEEM possui cinco itens, com pontuações distintas e que envolvem tarefas a serem desenvolvidas: nomear um objeto; repetir uma frase; obedecer a um comando falado e a um comando escrito; escrever uma frase; e copiar um desenho. Os resultados encontrados foram de que 40% dos entrevistados, obtiveram pontuação máxima nessa seção; 48% fizeram entre 8 e 6 pontos; e 12% fizeram abaixo de 6 pontos. Grande parte dos idosos com maior pontuação, também possuía maior quantidade de anos de estudo.

Dentre os fatores de risco associados aos agravos na linguagem e memória em pacientes idosos que foram acometidos com o coronavírus, encontramos a escolaridade como principal, assim como o a falta de atividades estimulantes, problemas psicológicos e meio social. Observou-se alguns pequenos declínios na linguagem sobre a compreensão e execução das tarefas, havendo relatos de piora após o acometimento por Covid-19 mas, não foi possível afirmar ter sido em decorrência somente dessa doença.

Para a seção de orientação do MEEM, que tem como pontuação de 0 a 10, 14 dos indivíduos avaliados obtiveram pontuação 10, 9 tiveram como pontuação entre 7 e 9 e 2 tiveram como pontuação abaixo de 7. Os indivíduos que tiveram pontuação menor ou igual a 9, relataram que após a pandemia da covid-19, sentem-se mais dispersos, com falta de concentração e esquecimento sobre os locais e/ou tempo em que se encontram, apesar de apenas 1 fazer tratamento psicológico e psiquiátrico e utilizar medicação para saúde mental.

Com relação ao parâmetro da orientação, obtido através do MEEM, não foi possível concluir que há algum tipo de prejuízo desse nível cognitivo entre os participantes. No entanto, indivíduos que tem mais de 8 anos de escolaridade possuem melhor orientação em relação ao tempo e espaço e cuidados com saúde mental. Em relação a memória dos pacientes observou-se alterações presente tanto na memória imediata quanto na tardia, sendo 40% dos pacientes que apresentaram comprometimento nesse quesito.

Costa e Irigaray (2021), afirmaram que a escassez de estímulos durante o distanciamento social da pandemia pode estar relacionado e ter afetado o potencial de autonomia, concluindo que há uma relação entre mobilidade funcional de pessoas idosas e a orientação espacial.

Quanto ao quadro psicológico, o instrumento utilizado, o *Geriatric Depression Scale*

(GDS): Escala Geriátrica de Depressão (EGD), os resultados da pesquisa revelaram que a covid-19 teve um impacto significativo na vida da população idosa, especialmente entre aqueles com idade mais avançada.

Ao analisar os dados, observou-se que uma grande parte dos participantes exibiu um estado psicológico considerado dentro dos padrões normais. No entanto, ao aprofundando da análise, foi possível identificar uma parcela significativa de voluntários sofrendo de depressão, tanto em níveis leves quanto severos, com destaque especial entre as mulheres.

Essas descobertas sugerem um impacto psicológico notável, decorrente não apenas da própria doença, mas também das medidas de distanciamento social implementadas durante o período pandêmico. Constata-se, portanto, a importância de compreender não apenas os aspectos médicos, mas também os psicológicos, ao lidar com situações de crise de saúde pública como a pandemia de Covid-19.

Com o envelhecimento cognitivo natural, os idosos que vivenciaram a pandemia passaram a experimentar dificuldade na distinção de informações relevantes e irrelevantes e apresentam redução na capacidade de inibir respostas automáticas às situações cotidianas (Cruz; Pereira; Raymundo, 2022).

Notou-se também que, aqueles que tinham atividades semanais fora de casa, aqueles que praticavam alguma atividade física ou procuravam manter-se ocupados de alguma forma, tiveram melhor desempenho, ao que reforçamos a continuação desses bons hábitos.

A principal observação foi a interferência da escolaridade na forma como os idosos se apresentavam, pois, aqueles sem muita instrução e que levavam uma vida monótona, obtiveram piores indicadores no MEEM. Quanto ao GDS, a prevalência de problemas de saúde mental entre os idosos diagnosticados com Covid-19, é atribuída principalmente ao distanciamento social e à perda de autonomia durante a pandemia. O medo de perder entes queridos levou muitos a se isolarem, o que resultou em prejuízos nas relações sociais e na saúde mental.

Sendo o mesmo achado da pesquisa de Pedreira *et al.* (2022) que afirmam que os impactos reais da pandemia na saúde mental dos idosos, destacado a ansiedade, depressão, solidão, estresse, sensação de medo ou pânico, tristeza e insônia, além do luto complicado como possível intensificador dos sintomas emocionais.

Os resultados desta pesquisa sugerem que as variáveis analisadas - condição sociodemográfica "nível de escolaridade" e infecção por Covid-19 - estão associadas à prevalência de alterações no estado mental, na memória, na linguagem e na orientação temporal e espacial nessa parcela da população.

4. CONCLUSÃO

Destaca-se, a importância de realizar mais pesquisas sobre o estado cognitivo da população idosa, especialmente após a Covid-19, com o objetivo de analisar as sequelas na saúde mental a curto e longo prazo.

A pesquisa, apesar de ter um quantitativo pequeno na amostra, chama a atenção o quanto se torna relevante observar e acompanhar o estado mental e as possíveis alterações cognitivas no momento pós pandêmico dessa parte da população, no sentido de tentar minimizar os agravos após a Covid-19, para favorecer melhor qualidade de vida. Profissionais de saúde, familiares e as pessoas idosas precisam ser estimuladas através de



processos educativos em saúde, sobre os correlatos achados neste estudo.

É importante ainda, que a comunidade científica, em especial a geriatria e a gerontologia, estimulem reflexões sobre a importância de políticas públicas voltadas para a saúde cognitiva e mental dos idosos e a relevância da educação para promoção de um envelhecimento saudável após uma pandemia.

Referências

ARANTES KLO, et al. Validação do escore prognóstico Pediatric Index of Mortality (PIM 3) em uma unidade de terapia intensiva no Brasil [tese]. **Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; JCSHU-UFPI. set. - dez.;1(3):9-19, 2018.**

BATISTA, S. R. et al. Comportamentos de proteção contra COVID-19 entre adultos e idosos brasileiros que vivem com multimorbidade: iniciativa ELSI-COVID-19. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, p. e00196120, 2020.

Brasil, Ministério da Saúde. **Plano Brasileiro de Preparação para Enfrentamento de uma Pandemia de Influenza**. Brasília. 2010. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/plano_brasileiro_pandemia_influenza_IV.pdf. Acesso em 12 outubro 2023.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Saúde. **Boletins casos COVID-19**. Maranhão. 2020. Disponível em: <https://www.saude.ma.gov.br/boletins-covid-19/>. Acesso em: 12 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Sobre a doença**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020. Xiong, Y. et al. Transcriptomic characteristics of bronchoalveolar lavage fluid and peripheral blood mononuclear cells in COVID-19 patients. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3549993> (2020).

COSTA, Dalton Breno; IRIGARAY, Tatiana Quarti. RELAÇÃO ENTRE ATIVIDADES DE VIDA DIÁRIA E ORIENTAÇÃO ESPACIAL DE IDOSOS EM DISTANCIAMENTO SOCIAL DA PANDEMIA DA COVID-19. Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, UFCSPA, Escola de Ciências da Saúde e da Vida, Porto Alegre-RS, 22º Salão de Iniciação Científica da PUCRS 4 a 8 de outubro de 2021. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/edipucrs/acessolivre/anais/sic/assets/edicoes/2021/arquivos/148.pdf>. Acesso em 14 maio 2024.

COSTA, F. DE A., et al. COVID-19: seus impactos clínicos e psicológicos na população idosa / COVID-19: its clinical and psychological impacts on the elderly population. **Brazilian Journal of Development**, 6(7), 49811–49824. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n7-580>

CRUZ, Gabrieli Pereira da, Laísa Souza Pereira, and Taiuani Marquine Raymundo. “Treino cognitivo para idosos sem déficit cognitivo: uma intervenção da terapia ocupacional durante a pandemia da COVID-19.” **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional** 30 (2022).

GAO Q, HU Y, DAI Z. The epidemiological characteristics of 2019 novel coronavirus diseases (COVID-19) in Jingmen, Hubei, China. **medRxiv**; 10 mar, 2020. Disponível em: <https://www.medrxiv.org/content/10.1101/2020.03.07.20031393v1>.

GUESSER, V. M. et al.. Alterações cognitivas decorrentes da COVID-19: uma revisão sistemática. **Revista Neuropsiquiátrica**, 2022; 30:1-26.

HAMMERSCHMIDT, K. S. de A; SANTANA, R. F. Saúde do idoso em tempos de pandemia COVID-19. **Revista Cogitare Enfermagem** v.25, 2020 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72849>.

JUNIOR, Joao Manoel Silva; MALBOUISSON, Luiz M Sa; NUEVO, Hector L; et al Aplicabilidade do escore fisiológico agudo simplificado (SAPS 3) em hospitais brasileiros. **Rev. Bras. Anesthesiol.** vol.60 no.1 Campinas Jan./Feb, 2010.

KEEGAN MT, SOARES M. O que todo intensivista deveria saber sobre os sistemas de escore prognóstico e mortalidade ajustada ao risco. **Rev bras ter intensiva**. [Internet] 2016 [acesso em 04 Maio 2020]; 28(3): 264-269. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/0103-507X.20160052>.

MONTEIRO, I. V. DE L., DE FIGUEIREDO, J. F. C., & CAYANA, E. G. (2021). Idosos e saúde mental: impactos da pandemia COVID-19 / Elderly and health mental: impacts of the COVID-19 pandemic. *Brazilian Journal of Health Review*, 4(2). <https://doi.org/10.34119/bjhrv4n2-162>

MOREIRA, RAFAEL DA SILVEIRA. Covid 19: Unidades de Terapia Intensiva, ventiladores mecânicos e perfis latentes de mortalidades associados a letalidade no Brasil. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, Maio

2020.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus)**. Organização Pan-Americana da Saúde. Folha informativa (2020). Disponível em: Acesso em: 15 jun 2020.

PEDREIRA, Rhaine Borges Santos *et al.* IMPACTOS REAIS E/OU POTENCIAIS DA PANDEMIA DE COVID-19 NA SAÚDE MENTAL DE IDOSOS. **Arquivos de Ciências da Saúde da Unipar**, Umuarama-Pr, v. 26, n. 3, p. 441-457, 28 set. 2022. Universidade Paranaense. <http://dx.doi.org/10.25110/arqsaude.v26i3.2022.8488>. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1399128#:~:text=Dentre%20os%20impactos%20reais%20Fpotenciais,suic%C3%ADdio%20Fidea%C3%A7%C3%A3o%20suicida%20e%20ins%C3%B4nia>. Acesso em: 14 maio 2024.

SECRETARIA DE SAÚDE. **Boletins epidemiológicos**. Maranhão. 2020. Disponível em: <https://painel-covid19.saude.ma.gov.br/>. Acesso em: 12 out. 2020.

SILVA, M. F., Silva, D. S. M. da, Bacurau, A. G. de M., Francisco, P. M. S. B., Assumpção, D. de, Neri, A. L., & Borim, F. S. A. (2021). Ageism against older adults in the context of the COVID-19 pandemic: an integrative review. **Revista De Saúde Pública**, 55, 4.

WU Z, MCGOOGAN JM. Characteristics of and important lessons from the coronavirus disease 2019 (COVID-19) outbreak in China: summary of a report of 72,314 cases from the Chinese Center for Disease Control and Prevention. **JAMA**, 2020; [Epub ahead of print].



ANEXO 1



Grupo de Pesquisa: Pesquisas Integradas em Saúde Coletiva

Título do Projeto de Pesquisa Docente: Avaliação Cognitiva de Pacientes Idosos que Foram Diagnosticados com o Coronavírus Disease (COVID-19).

*Título do Plano de Trabalho Discente: Prevalência de Alteração na Linguagem de Pacientes Idosos Diagnosticados com o Coronavírus Disease (COVID-19).

Mini Exame do Estado Mental (MEEM) para o rastreio de possíveis prejuízos cognitivos
Paciente:

Data da Avaliação: / / Avaliador:

ORIENTAÇÃO

Dia da semana (1 ponto) ()

Dia do mês (1 ponto) ()

Mês (1 ponto) ()

Ano (1 ponto) ()

Hora aproximada (1 ponto) ()

Local específico (apartamento ou setor) (1 ponto) ()

Instituição (residência, hospital, clínica) (1 ponto) ()

Bairro ou rua próxima (1 ponto) ()

Cidade (1 ponto) ()

Estado (1 ponto) ()

MEMÓRIA IMEDIATA

Fale 3 palavras não relacionadas (tijolo, vaso, carro). Posteriormente pergunte ao paciente pelas 3 palavras. Dê 1 ponto para cada resposta correta ()

Depois repita as palavras e certifique-se de que o paciente as aprendeu, pois mais adiante você irá perguntá-las novamente.

ATENÇÃO E CÁLCULO

(100 – 7) 5 vezes sucessivamente (1 ponto para cada cálculo correto)

100 – 7 = 93 ()

93 – 7 = 86 ()

86 – 7 = 79 ()

79 – 7 = 72 ()

72 – 7 = 65 ()

Alternativamente, soletrar MUNDO de trás para frente ()

EVOCAÇÃO

Pergunte pelas 3 palavras ditas anteriormente

(Dê 1 ponto por palavra)()

LINGUAGEM

Nomear um relógio e uma caneta (2 pontos)()

Repetir: “nem aqui, nem ali, nem lá” (1 ponto)()

Comando: pegue este papel com a mão direita, dobre ao meio e coloque no chão, 3 pontos()

Ler e obedecer: “feche os olhos” (1 ponto)()

Escrever uma frase (1 ponto)()

Copiar um desenho (1 ponto)()

ESCORE: (/30)

ANEXO 2**Escala de Depressão Geriátrica (GDS)**

Está satisfeito(a) com sua vida?, () Sim, () Não

Interrompeu muitas de suas atividades?, () Sim, () Não

Acha sua vida vazia?, () Sim, () Não

Aborrece-se com frequência?, () Sim, () Não

Sente-se bem com a vida na maior parte do tempo?, () Sim, () Não

Teme que algo ruim lhe aconteça?, () Sim, () Não

Sente-se alegre a maior parte do tempo?, () Sim, () Não

Sente-se desamparado com frequência?, () Sim, () Não

Prefere ficar em casa a sair e fazer coisas novas?, () Sim, () Não

Acha que tem mais problemas de memória que outras pessoas?, () Sim, () Não

Acha que é maravilhoso estar vivo(a)?, () Sim, () Não

Sente-se inútil?, () Sim, () Não

Sente-se cheio(a) de energia?, () Sim, () Não

Sente-se sem esperança?, () Sim, () Não

Acha que os outros têm mais sorte que você?, () Sim, () Não

Considerar 1 ponto quando os itens em cinza (sim ou não) estiverem marcados.

Avaliação dos resultados:

Pontuação entre 0 e 5 é considerado normal; 6 a 10 indica depressão leve e 11 a 15 de-
pressão severa



17

A VIVÊNCIA DOS PORTADORES DE HANSENÍASE SOBRE O ESTIGMA DA DOENÇA

THE EXPERIENCE OF LEPROSY PATIENTS OF THE STIGMA OF THE DISEASE

Júlia Leite Xavier Bertrand¹

Ana Beatriz Matos de Souza¹

Beatriz Furtado Ferro¹

Maria Helena Milones da Silva¹

Vânia Maria Mourão Sales¹

Viviane Cardoso Lima de Oliveira¹

Maurício Luís Dall'Agnol¹

Ana Letícia Teles de Freitas¹

Francisca Bruna Arruda Aragão²

Janaína Maiana Abreu Barbosa²

Lucas Frota Beckman²

Flor de Maria Araújo Mendonça Silva³

1 Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

2 Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

3 Docente em Medicina e do Mestrado em Gestão de Programas e Serviços de Saúde da Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa causada a partir da bactéria *Mycobacterium leprae*, e é considerada crônica. Devido ao contexto histórico dessa enfermidade, ainda existe muito preconceito e estigma a respeito dos hansenianos. O objetivo do trabalho buscou descrever a percepção dos portadores de hanseníase sobre o estigma da doença. Trata-se de uma revisão integrativa de literatura realizada na base de dados PubMed, Biblioteca virtual de saúde (BVS) e SCIELO; utilizando as palavras chaves “hanseníase”, “estigma”. Foram localizados 220 artigos e após os critérios de elegibilidade foram selecionados 10 artigos para a revisão. Após a leitura e análise desses artigos notou-se que o estigma e preconceito ainda estão muito prevalentes na sociedade atual e acaba impactando os portadores no âmbito da saúde mental quanto nas relações sociais. É notório que o estigma e o preconceito atrasam o diagnóstico, e consequentemente os tratamentos desses pacientes, logo, além desses terem que viver com o receio da própria doença, também, tem que se preocupar com os impactos negativos nas suas relações pessoais, saúde mental e exclusão da sociedade.

Palavras-chave: Hanseníase, Estigma Social, Atenção.

Abstract

Leprosy is an infectious and contagious disease caused by the bacterium *Mycobacterium leprae*, and is considered chronic. Due to the historical context of this disease, there is still a lot of prejudice and stigma towards leprosy sufferers. To describe the perception of leprosy sufferers about the stigma of the disease. This is an integrative literature review carried out in the PubMed database, the Virtual Health Library (VHL) and SCIELO; using the keywords “leprosy”, “stigma”. 220 articles were located and after the eligibility criteria, 10 articles were selected for the review. After reading and analyzing these articles, it was noted that stigma and prejudice are still very prevalent in today's society and end up impacting sufferers in terms of mental health and social relationships. It is clear that stigma and prejudice delay the diagnosis and consequently the treatment of these patients, so in addition to having to live with the fear of the disease itself, they also have to worry about the negative impacts on their personal relationships, mental health and exclusion from society.

Keywords: Leprosy, Social Stigma, Care



1. INTRODUÇÃO

A hanseníase é uma doença infectocontagiosa causada a partir da bactéria *Mycobacterium leprae*, e é considerada crônica. Essa enfermidade pode causar diversos sintomas, entre eles: aparecimento de manchas esbranquiçadas, alteração de sensibilidade e a infecção dos nervos periféricos, que podem gerar sequelas. A transmissão ocorre através de gotículas do ar, advindas de tosse, espirro, ou até mesmo de secreção nasal de pacientes sem o tratamento adequado (Monteiro *et al.*, 2020).

Apesar da hanseníase ter cura através de medicamentos, a falta de conhecimento de leigos acerca dos sinais e sintomas da doença, levam à detecção e tratamento medicamentoso tardio, o que pode não ser tão eficaz. Com isso, o Brasil ainda não atingiu o controle da doença e se torna uma questão na saúde pública.

Outrossim, devido ao contexto histórico dessa enfermidade, ainda existe muito preconceito a respeito dos hansenianos, pois havia algumas culturas que acreditavam que alguns dos sintomas, como as manchas na pele, eram decorrentes de algum tipo de punição divina, onde o enfermo era afastado da convivência com os demais. Esse tipo de pensamento, ainda existe na contemporaneidade, o que contribui ao estigma que vivemos quando falamos dessa doença e que influencia diretamente na rotina e no tratamento desses portadores (Camarão *et al.*, 2020).

Ademais, atualmente estão sendo desenvolvidas estratégias com o objetivo de amenizar esse estigma que os portadores vivem. Então, na tentativa de desmistificar esse pensamento, começaram a realizar inúmeras campanhas de prevenção e tratamento dessa doença, além de mudarem o nome da doença no Brasil, onde saiu de “lepra” para “hanseníase”.

O sinal mais claro da contração da hanseníase, são as manchas que aparecem pelo corpo, que podem ser elevadas ou lisas e possuem uma alta variação de cor. Em relação aos sintomas, temos: perda de peso, perda de sensibilidade no local afetado, sudorese e coceira em áreas mais específicas, como pescoço e cotovelos. Assim, podemos também classificar as lesões quanto ao número, onde até cinco lesões é caracterizado como Paucibacilar, e a partir de cinco lesões é caracterizado como Multibacilar (Monteiro *et al.*, 2020).

O tratamento dessa doença no hansenianos, tem que ser iniciado logo após o diagnóstico, e consiste em uma terapia medicamentosa, com o uso de dapsona, clofazimina e rifampicina, que podemos chamar de quimioterapia múltipla. Nesse processo, é muito importante que os profissionais de saúde que estejam acompanhando aquele paciente, estejam preparados para responder diversas questões, além de tranquilizá-los, explicando a importância de um tratamento efetivo para que seja obtida a cura (Monteiro *et al.*, 2020).

Assim, o objetivo do estudo foi descrever a percepção dos portadores de hanseníase sobre o estigma da doença, e suas consequências sobre o tratamento e bem-estar dos pacientes.

2. MÉTODOS

Este trabalho se enquadra em uma revisão integrativa, de perfil exploratório e perspectiva qualitativa, por ser um meio que permite procurar, avaliar e sintetizar indicativos sobre a temática escolhida. Assim, é possível analisar de forma aprofundada a construção

do conhecimento acerca do tema, observar falhas presentes e, também, facilitar a sinalização de questões que poderão contribuir para futuras pesquisas. Todo esse processo possibilita a implementação de ações na assistência à saúde.

Para a elaboração de uma revisão integrativa, é necessário que sejam construídas 6 etapas: definir o tema; procurar o modelo literário; determinar os parâmetros para classificar os estudos; observar os estudos presentes nos resultados; discuti-los e exibir a revisão integrativa.

Ao entender o conceito e a construção da revisão, a interrogação que foi estabelecida para nortear esta pesquisa foi: “Qual a percepção dos portadores de hanseníase sobre o estigma da doença?”. Está se baseou na estratégia PVO (quadro 1), que se refere à sigla que significa: População (P); Variáveis (V); Resultado/outcomes (O). No (quadro 1).

Quadro 1. Descrição da estratégia PVO

Acrônimo	Definição	Descrição
P	População	Portadores de hanseníase
V	Variável	Estigma da doença
O	Resultado (“outcomes”)	O impacto da percepção dos portadores de hanseníase

Fonte: Adaptado por Biruel, (2010)

Com base nesta pergunta, iniciou-se a investigação do trabalho, a busca de informações, tendo como princípio os parâmetros inclusivos e exclusivos. Foram incluídos neste estudo todos os indivíduos portadores de hanseníase, excluindo, assim, quem não se encaixa nesse critério, ou seja, quem nunca foi acometido pela doença. Os pontos-chaves destacados foram: hanseníase, estigma social e atenção, que contribuíram com a teorização acerca das questões encontradas e na elaboração da hipótese resolutiva.

A forma de registrar e guardar as informações foi feita através de fluxograma dos artigos selecionados e de um quadro organizado de acordo com o título do artigo, ano/país, base de dados, método/nível de evidência, amostra e resultados. Os materiais foram encontrados nas plataformas PubMed, Biblioteca Virtual da Saúde (BVS) e SciELO, que são ferramentas ricas em informações relevantes para o estudo. Essa divisão foi feita no intuito de observar crítica e minuciosamente os materiais utilizados.

Para analisar os dados encontrados, foi realizada uma abordagem crítica e discursiva, na intenção de assimilar a prática social dos pacientes, levando em consideração a vivência real e a historicidade da doença. As etapas para a compreensão dos dados foram baseadas em destacar uma questão social, reconhecer os desafios para superar o problema e como fazer isso, além de refletir sobre a investigação da hanseníase sobre seu estigma que existe há muitos anos na história

O método incluiu pesquisas baseadas em buscas em sites como PubMed e Scielo. A estratégia utilizou “hanseníase”, “estigma” e “atenção primária” como termos de busca.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com os descritores, foram encontrados, no total, 220 artigos. Dentro destes, 66 foram encontrados na base de dados da PubMed, 39 na Biblioteca virtual da saúde (BVS) e 115 publicações na SCIELO. Após a aplicação dos critérios de seleção, 10 artigos se

enquadraram dentro do tema proposto, sendo dois artigos da PubMed, três da BVS e cinco da SciELO, conforme representado no fluxograma (Figura 1).

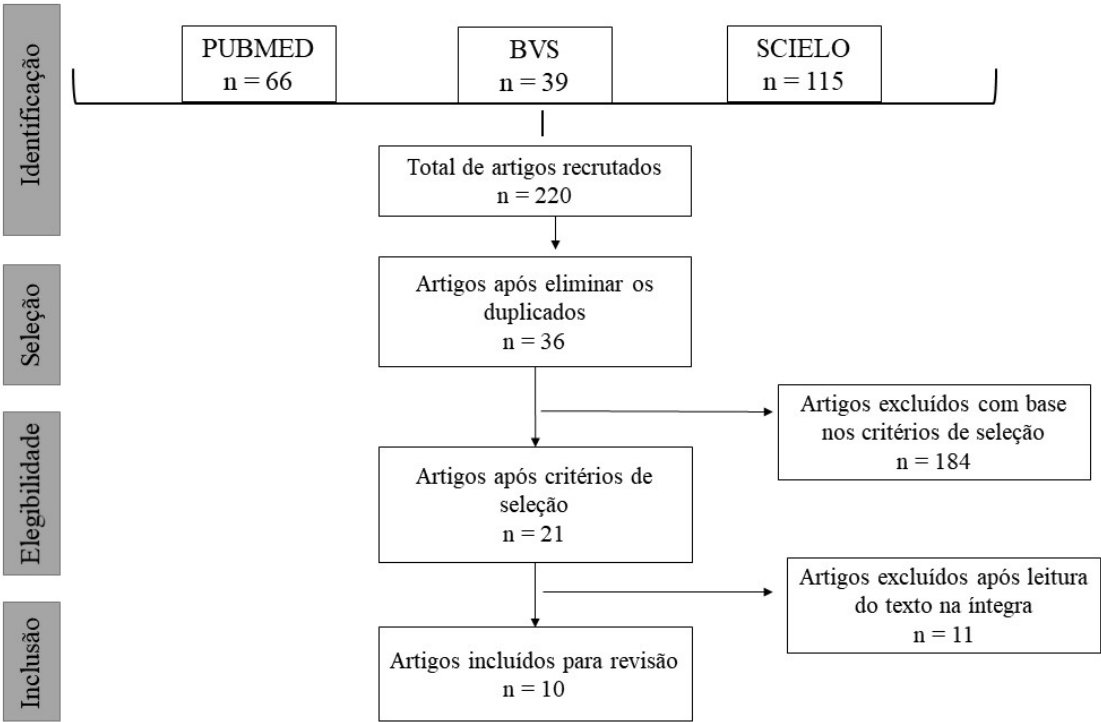


Figura 1. Título: Fluxograma dos artigos selecionados para revisão.
Fonte: Autores, 2023.

Por diante, os artigos foram analisados e organizados de acordo com o título, ano/ país, base de dados, método/nível de evidência, amostra e resultados. Conforme descrito no quadro 2 a artigos integrantes da amostra.

Quadro 2. Apresentação dos artigos integrantes da amostra .

	Título/ Autores/ ano	Amostra/ Local	Objetivo do estudo	Método/ nível de evidência	Principais resultados
Artigo 1	Educação em saúde: uma troca de saberes no combate ao estigma da hanseníase/ Lopes, Eli Fernanda Brandão, et al./ 2020	Brasil	Descrever a atividade de educação em saúde realizada através de uma roda de conversa sobre o tema hanseníase, com os cuidadores da Unidade em Cuidados Continuados Integrados-UCCI	Estudo descritivo, relato de experiência	A educação em saúde é uma ferramenta para a construção do saber compartilhado e de grande valia para o combate ao estigma da hanseníase.

Artigo 2	Convivendo com a Hanseníase: A percepção de pacientes sobre o estigma da doença/ Letícia George Camaliente, et al / 2022	53 homens e mulheres, com média de idade de 55,5 anos/ Brasil	Analisar a presença ou não do estigma relacionado à hanseníase a partir do relato de pacientes que estavam em seguimento ambulatorial e participaram de grupo de acolhimento para a doença. Também observou se a participação no grupo ajudou de alguma forma no tratamento.	Análise qualitativa exploratória e descritiva quantitativa	62,3% dos participantes relataram perceber sofrer preconceito e/ou afastamento de amizades desde que receberam o diagnóstico de hanseníase. Verificou-se relatos de diminuição da autoestima após sequelas da doença e de afastamento de conhecidos e familiares que tinham medo do contágio. A maioria (96,2%) dos participantes relataram que o grupo ajudou durante o tratamento da hanseníase. Grupos de acolhimento no formato de sala de espera em unidades de saúde podem auxiliar a melhorar a informação
Artigo 3	Círculo de cultura com agentes comunitários de saúde sobre (des)conhecimentos e estigma da hanseníase/ Doralene Maria Cardoso de Aquino, et al. / 2023	Brasil/ Realizado com 21 Agentes Comunitários de Saúde.	Descrever a construção sobre o (des) conhecimento e estigma da hanseníase pelos Agentes Comunitários de Saúde participantes do Círculo de Cultura	Estudo qualitativo	Os participantes possuíam conhecimento sobre a doença, mas verbalizaram a existência de desinformação das pessoas sobre a hanseníase, descrenças em relação à cura, além de situações de preconceito e estigma ainda presentes atualmente.
Artigo 4	Representações Sociais do Processo de Diagnóstico e Cura da Hanseníase/ Leonardo Oliveira Leão e Silva, et al./ 2020	Brasil	Identificar as representações sociais do processo de diagnóstico e cura da hanseníase em dois territórios com diferentes índices de detecção da doença.	Estudo descritivo do tipo transversal	Conclui-se que as representações sociais que os indivíduos têm em relação à hanseníase, quando envoltas em estigmas e preconceitos sobre a doença, retardam a busca por ajuda médica, ocasionando atraso do correto diagnóstico e início do tratamento.

Artigo 5	Hanseníase: educação em saúde frente ao preconceito e estigmas sociais/ Regiane Camarão Farias, et al./ 2020	Brasil	Relatar a experiência de acadêmicos de enfermagem em uma ação de educação em saúde sobre hanseníase, com idosos, numa Unidade Municipal de Saúde.	Estudo qualitativo com uma abordagem descritiva do tipo relato de experiência	O resultado se deu por meio da educação em saúde, sanando inúmeras dúvidas que os usuários apresentavam sobre hanseníase, contribuindo com a promoção e prevenção à saúde da população, possibilitando a execução de práticas preventivas e de adesão ao tratamento.
Artigo 6	A trajetória de uma vida marcada pelo preconceito e exclusão social em decorrência do estigma da hanseníase: relato de experiência/ Marinellva Monteiro Dantas, et al./ 2020	Brasil	Relatar uma experiência vivenciada durante o estágio acadêmico em um hospital de alta complexidade na cidade de Manaus, Amazonas	Relato de experiência	Espera-se uma reflexão diante da complexidade que envolve a enfermidade, visto que vai além do esquema terapêutico, uma vez que o preconceito e a exclusão social continuam incrustados na sociedade, devido à falta de conhecimento em relação à doença.
Artigo 7	Repercussões no cotidiano de crianças e adolescentes que viveram com hanseníase/ Michelle Christini Araújo Vieira, et al./ 2022	Brasil/ 14 participantes, sendo 9 crianças e 5 adolescentes tratados e curados da hanseníase	Compreender as repercussões da doença na vida cotidiana de crianças e adolescentes acometidos pela hanseníase	Pesquisa qualitativa	Conclui-se, de modo simbólico, que os participantes vivenciaram uma construção de vida social negativa em torno da hanseníase. O adoecimento interfere de modo direto no cotidiano e desenvolvimento dos participantes, repercutindo principalmente nas relações sociais.

Artigo 8	A estigmatização da Hanseníase: Vivências dos pacientes tratados em uma unidade básica de saúde/ Wennylo Camilo da Silva e Silva, et al./ 2020	Brasil/ entrevista 9 pacientes que estavam em tratamento de hanseníase no Centro de Saúde Pedro Cavalcant, de ambos os sexos, acima de 18 anos	Buscou identificar os estigmas sociais que os pacientes de hanseníase em tratamento no Centro de Saúde Pedro Cavalcante vivenciam ou vivenciaram e entender se a doença pode afetar sua socialização e sua autoestima	Estudo qualitativo	As entrevistas alertam que medidas ainda devem ser tomadas, visto que a perpetuação dos estigmas sociais envolvendo a doença continuam sendo observados na omissão que os pacientes fazem em relação ao seu quadro clínico, bem como nas repercussões negativas na autoestima desses indivíduos - uma vez que as manifestações clínicas e o tratamento da hanseníase afetam a estética dos seus pacientes.
Artigo 9	Perfil clínico-epidemiológico dos casos de hanseníase em menores de 15 anos com grau ii de incapacidade física no maranhão/ Josuel Carlos Oliveira/ 2021	Brasil	Descrever o perfil clínico e sociodemográfico da hanseníase em menores de 15 anos com grau II de incapacidade física.	Estudo descritivo com abordagem quantitativa	A hanseníase em menores de 15 anos, afetou predominantemente indivíduos do sexo masculino, de cor parda, com idade entre 10 a 15 anos, no ensino fundamental incompleto. 60,61% na forma clínica dimorfa, 96,97% na classificação operacional multibacilar. Grande percentual apresentando mais de uns episódios reacionais, não realizando baciloscopia, e no modo de detecção sendo por encaminhamento e modo de entrada por caso novo de hanseníase.

Artigo 10	Representações do estigma da hanseníase nas mulheres do Vale do Jequitinhonha-MG/ Ricardo Jardim Neiva, Marcia Grisotti/ 2018	Brasil/ 8 mulheres entrevistadas na faixa de 18 a 61 anos de idade que possuem o diagnóstico de hanseníase	Busca compreender as facetas do estigma da hanseníase em mulheres vivendo no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais.	Análise qualitativa	Reafirma-se o reforço do estigma relacionado na região a situações de pobreza e vulnerabilidade social, tal qual a sujeição das manifestações clínicas. Não há mais a morte social da Idade Média, mas no Vale ainda se reserva o direito de não se tocar no assunto publicamente. Difere-se, assim, das caracterizações do estigma em indivíduos institucionalizados apresentados em alguns trabalhos abordados que têm, além do embotamento da condição da hanseníase, a privação da vida social, na comunidade.
-----------	---	--	--	---------------------	--

Fonte: Autores (2023).

A hanseníase, também conhecida como “lepra” ou “mal de Lázaro” de forma errônea, é uma doença infectocontagiosa causada pela bactéria *Mycobacterium leprae*, podendo afetar qualquer pessoa, porém o Brasil é o segundo país mais afetado pela doença (Levantezi *et al.*, 2020). Caracteriza-se pela alteração, diminuição ou perda de sensibilidade térmica, dolorosa, tátil e força muscular podendo gerar incapacidades permanentes se não for tratado. O diagnóstico é o elemento mais importante para evitar transmissão, complicações e deficiências. Por suas alterações evidentes na pele, os portadores tendem a sofrer preconceito por pessoas que não entendem da doença, sendo assim a educação em saúde é o melhor meio para o combate ao estigma da hanseníase (Lopes *et al.*, 2020).

Por meio de análise documental, destaca-se que a doença quando acomete pessoas menores de 15 anos, afeta de forma predominante os indivíduos do sexo masculino, pardos com ensino fundamental incompleto (Oliveira *et al.*, 2021). Além disso, o preconceito pode ter impacto no próprio tratamento dos portadores, além do mental. O medo do julgamento e rejeição, afastam os pacientes dos profissionais de saúde, retardando o controle da doença (Leão e Silva *et al.*, 2020). O próprio diagnóstico pode trazer um peso para os acometidos e uma mudança em suas vidas, sendo uma das mais relatadas, o afastamento e isolamento social de pessoas próximas na vida destas, após receberem o diagnóstico (62,3%). O acolhimento dessas pessoas e apoio para continuarem com acompanhamento médico, é essencial. Existem grupos de acolhimento no formato de sala de espera em unidades de saúde, no qual trocam experiências e 96,2% dos pacientes relataram que se sentiram apoiados durante o tratamento (Camaliente *et al.*, 2022).

4. CONCLUSÃO

Esse estudo objetiva demonstrar o impacto do estigma acerca da hanseníase na vida dos portadores, incluindo as consequências no tratamento e na vida pessoal. Sob esta perspectiva, é importante ressaltar que o medo da rejeição e do preconceito, atrasa o diagnóstico (é de suma importância que seja precoce) e o tratamento. Se faz mais necessário a divulgação de mais informações sobre a doença, como forma de redução de dano para os pacientes, pois a população se tornando mais consciente sobre o assunto, desmistifica a fonte do preconceito acerca da doença. Também é importante o acolhimento desses pacientes em tratamento da doença, principalmente em forma de grupos de acolhimento e rodas de conversa para que possam trocar experiências com pessoas com vivências parecidas.

Referências

- ANDRADE, T. I. B. **Estigma relacionado à hanseníase em comunidades e pessoas acometidas em território hiperendêmico do Nordeste do Brasil**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/68865>.
- ANJOS, L. H. G.; CUNHA, S. M. da.; BATISTA, G. M.; HIGINO, T. M. M.; SOUZA, D. C. P. de.; ALIANÇA, A. S. dos S. **Perfil epidemiológico da Hanseníase no estado do Maranhão de 2018 a 2020**. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.] , v. 10, n. 15, pág. e272101523156, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i15.23156.
- BARBOSA, D. R.; ALMEIDA, M. G.; SANTOS, A. G. dos. **Características epidemiológicas e espaciais da hanseníase no Estado do Maranhão, Brasil, 2001-2012**. Medicina (Ribeirão Preto), [S. l.], v. 47, n. 4, p. 347-356, 2014. DOI: 10.11606/issn.2176-7262.v47i4p347-356.
- CAMALIONTE, L. G.; GASCÓN, M. R. P.; TRINDADE, M. A. B. **Convivendo com a Hanseníase: A percepção dos portadores sobre o estigma da doença**. Investigação, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.], v. 11, n. 8, pág. e59211831558, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i8.31558.
- DE GOUVÊA, A. R. et al. **Interrupção e abandono no tratamento da hanseníase / Interruption and abandonment in the treatment of leprosy**. Brazilian Journal of Health Review, [S. l.], v. 3, n. 4, p. 10591-10603, 2020. DOI: 10.34119/bjhrv3n4-273.
- IBEIRO, D. M.; LIMA, B. V. M.; MARCOS, E. A. C.; SANTOS, M. E. C. dos.; OLIVEIRA, D. V.; ARAÚJO, M. B. de.; SILVA, C. A. da. **Panorama epidemiológico da Hanseníase, doença tropical negligenciada que assola o nordeste brasileiro**. Investigação, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.], v. 11, n. 1, pág. E23111124884, 2022. DOI: 10.33448/rsd-v11i1.24884.
- PROPÉRCIO, ANA; OLIVEIRA, FA de; VALE, TN sim; BANDEIRA, DR; MARINHO, AM de S. O Tratamento da Hanseníase a partir de uma Revisão Integrativa/ **The Treatment of Hanseníase from an Integrative Review**. Revista Brasileira de Revista de Saúde, [S. l.], v. 4, n. 2, pág. 8076-8101, 2021. DOI: 10.34119/bjhrv4n2- 339.
- ROCHA, M. C. N.; Nobre, M. L.; Garcia, L. P. **Características epidemiológicas da hanseníase nos idosos e comparação com outros grupos etários, Brasil (2016- 2018)**. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, n. 9, p. e00048019, 2020.
- SARAIVA, E. R. et al. **Aspectos relacionados ao diagnóstico e tratamento da hanseníase: uma revisão sistemática**. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 12, n. 12, p. e4681, 31 dez. 2020.
- SILVA, M. L. F. I. da. et al. **Spatial patterns of new leprosy cases in a northeastern state of Brazil, 2011-2021**. Revista Brasileira de Epidemiologia [online]. v. 26, e230014. Available from: <<https://doi.org/10.1590/1980-549720230014>>.
- SILVA, P. S. R. DA; CUNHAM, G. T.; OLIVEIRA, L. S.; SANTOS, M. C. A. **Perfil clínico-epidemiológico de pacientes portadores de hanseníase em um município do Maranhão**. Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 12, n.8, p. e3468, 26 jun. 2020.

18

AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE ADULTOS ACERCA DOS MÉTODOS CONTRACEPTIVOS E INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

**ASSESSMENT OF ADULTS' KNOWLEDGE ABOUT CONTRACEPTIVE METHODS AND
SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS**

Beatriz Barrozo Gonzalez Oliveira¹

Bruna Gonçalves Dantas de Almeida¹

João Victor Lima dos Santos¹

Maria Eduarda Pereira Resplandes Coutinho¹

Maria Isabella Farias de Araujo¹

Mariana Silva Regatas¹

Mariane Rodrigues Carvalho¹

Flor de Maria Araújo Mendonça Silva²

Adriana Sousa Rêgo²

Janaina Maiana Abreu Barbosa²

¹ Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

² Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

O objetivo do estudo foi verificar o conhecimento de adultos acerca dos métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis. Trata-se de um estudo transversal, realizado em uma Unidade Básica de Saúde, no município de São José de Ribamar. Foram incluídos adultos de 20 a 59 anos, de ambos os sexos, com ou sem vida sexual ativa. Os dados foram analisados no programa Stata, versão 16.0 e apresentados em frequência absoluta e relativa. Dos 21 pacientes entrevistados, 80,95% eram do sexo feminino e 71,43% tinham idade de 20 a 29 anos. Em relação às IST's, a maioria dos pacientes não soube definir o que são, e um grande número acredita que elas possam aparecer em mais de um local no corpo. Os resultados alertam para a necessidade de implementação de medidas socioeducativas a respeito dos métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis a fim de promover uma maior adesão ao uso desses métodos e reduzir os percentuais de infecções sexualmente transmissíveis na população.

Palavras-chave: Contracepção; Prevenção; Práticas sexuais

Abstract

The objective of the study was to verify adults' knowledge about contraceptive methods and sexually transmitted infections. This is a cross-sectional study, carried out in a Basic Health Unit, in the municipality of São José de Ribamar. Adults aged 20 to 59 years old, of both sexes, with or without an active sexual life were included. The data were analyzed using the Stata program, version 16.0, and presented in absolute and relative frequency. Of the 21 patients interviewed, 80.95% were female and 71.43% were aged 20 to 29 years. Regarding STIs, most patients were unable to define what they are, and a large number believe that they can appear in more than one location on the body. The results highlight the need to implement socio-educational measures regarding contraceptive methods and sexually transmitted infections in order to promote greater adherence to the use of these methods and reduce the percentage of sexually transmitted infections in the population.

Keywords: Contraception; Prevention; Sexual activities



1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, com a evolução da tecnologia, houve o surgimento de uma diversidade de diferentes tipos de métodos contraceptivos. No Brasil, os métodos distribuídos no Sistema Único de Saúde (SUS) são os preservativos, a pílula anticoncepcional combinada, minipílula anticoncepcional, anticoncepcionais injetáveis, diafragma e dispositivo intrauterino (DIU). Cada método possui suas respectivas indicações e contraindicações e a sua escolha é acarretada de acordo com as necessidades, o gosto e o estado de saúde de cada mulher (Secretaria de Atenção Primária à Saúde, 2020).

Contraceptivo pode ser definido como medicamento, dispositivo ou método utilizado para evitar a fecundação, além disso, o preservativo tem a função secundária muito importante de impedir que o indivíduo seja infectado por alguma condição sexualmente transmissível. O método mais simples, mais antigo e mais utilizado disponibilizado pelo SUS é o preservativo. Ele é um método de barreira que quando usado durante as relações tem grandes chances de impedir que o espermatozoide chegue ao óvulo, além disso é o com a maior eficiência no quesito de proteção contra infecções sexualmente transmissíveis (IST) (Trindade *et al.*, 2021).

Outro método muito utilizado são os anticoncepcionais injetáveis, normalmente mensais ou trimestrais. Estes consistem em uma injeção com fórmulas de hormônios, sendo mais utilizados a progesterona e o estrógeno, para impedir que a mulher ovule. Mesmo sendo mais difícil que o preservativo para muitas pessoas o maior percentual de uso é justificado pela praticidade de ser apenas uma injeção que dura vários dias sendo mais prática para boa parte da população. Porém, é necessário ressaltar que ainda deixa uma grande exposição a IST, pois não se trata de um método de barreira (Trindade *et al.*, 2021).

A pílula anticoncepcional ou pílula contraceptiva oral combinada é um método projetado para supressão menstrual para ser utilizado de forma simples e com pouco desconforto para a usuária. Seu mecanismo de ação é similar ao dos anticoncepcionais injetáveis porém por ser por via oral é preferível para quem não se sente confortável com injeções. Sua utilização também não oferece proteção contra IST (Bittencourt, 2015).

A OMS afirmou que, entre 2009 e 2016, a estimativa de casos incidentes de IST curáveis foi de 376,4 milhões, tendo posições de destaque a clamídia, gonorreia, tricomoníase e sífilis. Sendo que, 2007 até junho de 2019 foram notificados no Brasil 300.496 casos de infecção pelo HIV (Vieira *et al.*, 2020).

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) apontam que aproximadamente 1 milhão de pessoas afirmaram ter diagnóstico médico de IST ao longo do ano, o que corresponde a 0,6% da população com 18 anos de idade ou mais. A PNS 2019 traz ainda outro dado quanto a este cenário das IST: entre os indivíduos com 18 anos ou mais de idade que tiveram relação sexual nos 12 meses anteriores à data da entrevista, apenas 22,8% (ou 26,6 milhões de pessoas) usaram preservativo em todas as relações sexuais, 17,1% dos entrevistados afirmaram usar às vezes, e 59,0% em nenhuma vez (Brasil, 2019).

Portanto, mostra-se necessário que seja avaliado o conhecimento de adultos acerca dos métodos contraceptivos oferecidos pelo SUS, prevenção de IST, além de suas consequências. Dessa forma, o objetivo desse estudo foi verificar o conhecimento de adultos acerca dos métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis.

2. METODOLOGIA

2.1 Tipo de Estudo

Foi realizada uma pesquisa de campo descritiva do tipo transversal.

2.2 Local de Estudo

A pesquisa foi realizada em uma Unidade Básica de Saúde localizada no município de São José de Ribamar no Estado do Maranhão.

2.3 Critérios de inclusão

Foram incluídos pacientes adultos de 20 a 59 anos, de ambos os sexos, com ou sem vida sexual ativa, usuários de uma Unidade Básica de Saúde no município de São José de Ribamar, no mês de abril de 2023.

2.4 Critérios de não inclusão

Não foram incluídos pacientes que se recusaram a participar da pesquisa, que não responderam o questionário e pessoas fora da faixa etária delimitada, como adolescentes e idosos.

2.5 Instrumento de coleta de dados

Os dados foram coletados por meio de questionários composto pelas seguintes variáveis: idade, gênero, cor/etnia, escolaridade, orientação sexual, religião, atividade sexual, se havia utilização de métodos contraceptivos e quais, exposição prévia a IST, e outros.

2.6 Comitê de Ética

Os participantes foram devidamente informados e esclarecidos quanto à importância e objetivo da pesquisa e havendo aceitação para sua participação, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foram garantidos a possibilidade de não participação na pesquisa ou desistência, a privacidade, confiabilidade e o anonimato dos participantes.

2.7 Análise de dados

Os dados foram analisados no programa Stata, versão 16.0 e apresentados em frequência absoluta e relativa.



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 21 pacientes entrevistados, a maioria era do sexo feminino, tinha idade de 20 a 29 anos e se consideravam pardos. Em relação a religião, a maioria é católica. Menos da metade possuía o ensino médio incompleto. E, em relação a renda familiar, a maior parte tinha renda de até 2 salários-mínimos. Por fim, em relação ao uso de substâncias, foi visto um pequeno consumo de álcool e de tabaco (Tabela 1).

Tabela 1. Características socioeconômicas, demográficas e estilo de vida de adultos acompanhados em uma Unidade Básica de Saúde. São José de Ribamar – MA, 2023

Variáveis	Quantidade	Percentual
Sexo		
Masculino	4	19,05
Feminino	17	80,95
Idade		
20 - 39	15	71,43
40 - 59	6	28,57
Etnia		
Branca	3	14,29
Preta	2	9,52
Parda	16	76,19
Religião		
Católico	13	61,9
Protestante	6	28,57
Espírita	0	0
Umbanda	0	0
Outra	2	9,52
Escolaridade		
Ensino superior	2	9,52
Ensino médio completo	5	23,81
Ensino médio incompleto	9	42,86
Ensino fundamental completo	1	4,76
Ensino fundamental incompleto	3	14,29
Ensino fundamental II incompleto	1	4,76
Renda familiar		
Até 2 salários mínimos	16	84,21
De 2 a 4 salários mínimos	3	15,79
Consumo de álcool		
Não	14	66,67
Sim	7	33,33
Tabagista		
Não	20	95,24
Sim	1	4,76
Total	21	100

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

No tocante aos dados sociodemográficos, dos 21 participantes, em relação ao gênero 80,95% eram do sexo feminino. Isso pode ser justificado pelo fato de que as mulheres têm demonstrado maior preocupação com sua saúde e bem estar. Segundo dados da Pesquisa Nacional de Saúde do ano de 2019, a proporção de mulheres que buscaram atendimento médico (82,3%) foi maior que a dos homens (69,4%). Portanto, majoritariamente o público predominante nas Unidades Básicas de Saúde são mulheres, além de que durante a aplicação do estudo, a maior parte dos homens presentes optaram por não responder a pesquisa. Em contrapartida, em um estudo realizado no Estado de Roraima pelo Instituto Saúde e Pesquisa no ano de 2021, foi perceptível um valor equivalente entre os participantes do sexo feminino e do sexo masculino (Silva *et al.*, 2021).

Além disso, 71,43% dos entrevistados faziam parte da faixa etária de 20 a 29 anos, diferentemente desse mesmo estudo no Estado de Roraima, em que a maioria se encontrava na faixa etária de 30 a 39 anos (REIS *et al.*, 2021). Já a distribuição de participantes que se autodeclararam pardos nos dois estudos foi igualitária, uma vez que de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD Contínua 2022, a maior parte da população brasileira se autodeclara parda (45,3%).

Quase metade dos entrevistados possuíam o ensino médio incompleto. Esse resultado é inferior se comparado a um estudo realizado pela Universidade Federal de Rondônia, no ano de 2021, no Estado de Rondônia, em que maioria possuía ensino médio completo. Além disso, a região das pesquisas de ambos os estados é mais distante da capital do país e de seus estados, evidenciando a dificuldade do acesso à educação nas zonas mais abastadas (Silva *et al.*, 2021).

Em relação a renda familiar dos entrevistados, mais da metade possuía renda de até dois salários mínimos, quantidade diferente do que foi apresentado em um estudo semelhante, feito na Unidade Básica de Rondônia, no qual a maior parte dos participantes afirmou ter renda familiar de até um salário mínimo (Silva *et al.*, 2021). Essa diferença pode ser explicada pela condição financeira da região Norte, cujo índice de renda é considerado o pior entre as regiões brasileiras, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Em relação ao conhecimento dos métodos contraceptivos, observou-se que um pouco mais da metade possuíam parceiro fixo, sendo que a maioria apresenta vida sexual ativa. No entanto, uma pequena porcentagem utilizava algum método contraceptivo, sendo a camisinha a mais utilizada. A maioria dos pacientes conheceu esses métodos por meio SUS, mas grande parte não sabia diferenciar método barreira de método contraceptivo. Um percentual expressivo acreditava que o objetivo dos métodos contraceptivos era para prevenir gravidez e IST.

Tabela 2. Conhecimento dos métodos contraceptivos por adultos acompanhados em uma Unidade Básica de Saúde. São José de Ribamar – MA, 2023

Variáveis	Quantidade	Percentual
Parceiro fixo		
Não	10	47,62
Sim	11	52,38
Vida Sexual		
Não	7	33,33
Sim	14	66,67
Método contraceptivo		
Não	16	76,19
Sim	5	23,81
Qual método		
Camisinha	6	66,67
Pílula	1	11,11
DIU	2	22,22
Modo de conhecimento		
SUS	7	58,33
Familiares	4	33,33
Amigos	1	8,33
Método de barreira e método contraceptivo		
Não	14	70,00
Sim	6	30,00
Método contraceptivo que impede IST		
Camisinha	16	80,00
Pílula	2	5,00
Coito interrompido	2	10,00
Outros	1	5,00
Importância do método contraceptivo		
Evitar gravidez	3	14,29
Proteger contra ISTs	5	23,81
Evitar gravidez e ISTs	14	61,9
Total	21	100

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Quanto ao uso de métodos contraceptivos, poucos entrevistados afirmaram usar algum método contraceptivo e, quando fazem uso, preferiam a camisinha. Essa informação coincide com o que foi obtido em um estudo realizado em uma cidade majoritariamente universitária no Sul do Brasil, Santa Maria - RS. De acordo com Paniz *et al.* (2005), nesse local, 59% dos entrevistados adultos afirmam o mesmo e isso pode ser justificado devido à grande popularização do método e da facilidade ao acesso do mesmo em vários estabelecimentos públicos, independente da localidade no país.

Em relação às IST, a maioria dos pacientes não soube definir o que são, e um percentual elevado acreditava que as IST possam aparecer em mais de um local no corpo. Em

relação aos testes rápidos, um pouco mais da metade já os realizaram. A grande maioria dos pacientes afirmava que nunca realizou nenhum tratamento para IST (Tabela 3).

Tabela 3. Avaliação do conhecimento sobre Infecção sexualmente transmissível por adultos acompanhados em uma Unidade Básica de Saúde. São José – MA, 2023

Variáveis	N	Percentual (%)
Definir ISTs		
Não	14	66,67
Sim	7	33,33
Locais de aparição		
Não	5	25,00
Sim	15	75,00
Teste rápido		
Não	11	52,38
Sim	10	47,62
Tratamento		
Não	19	90,48
Sim	2	9,52
Total	21	100

Fonte: Elaborado pelos autores (2023)

Em relação ao nível de conhecimento sobre IST, mais da metade das pessoas afirmaram não saber definir o que são essas infecções como um todo, ou seja, conhecem ou já ouviram falar de algumas, mas não possuíam um conhecimento geral sobre o que essas infecções envolvem. Estes dados são semelhantes aos encontrados em Rondônia segundo Silva et al. (2021) e em Santa Maria, segundo Paniz et al. (2005).

Por fim, após serem questionados acerca do fato de já terem realizado algum teste rápido para a detecção de IST, um pouco mais da metade dos entrevistados informou que já haviam sido testados, o mesmo aconteceu no estudo de Reis et al. (2021) realizado em Roraima, no qual 52,3% afirmaram já ter feito algum teste rápido para detecção dessas infecções e a combinação dessas informações podem ser justificadas devido ao protocolo das Unidades Básicas de Saúde, onde pessoas com vida sexual ativa que vão até as consultas de rotina passam por testagens no próprio estabelecimento.

4. CONCLUSÃO

Com base nos resultados deste estudo, conclui-se que o conhecimento acerca de métodos contraceptivos e de barreira ainda não são de conhecimento geral conforme esperado. A maioria dos participantes da pesquisa sabiam informações superficiais e por vezes, errôneas acerca da prevenção contra IST e contracepção.

Pelas características sociodemográficas, a maioria dos entrevistados eram do sexo feminino e possuíam ensino médio incompleto, além de estarem na faixa etária dos 20 aos 29 anos. Ademais, a maioria relata não fazer o uso de métodos contraceptivos, o que aumenta consideravelmente a quantidade de gestações nessa faixa etária. No entanto, ao fazer uso de método, a maioria relata usar o preservativo, que é o único que também possui a função de barreira.

Com base na análise da avaliação do conhecimento sobre os métodos, a maioria afirma ter conhecido por meio do SUS. Portanto, ratifica-se a importância que os profissionais da saúde têm em ampliar as orientações e promoverem campanhas acerca dos métodos contraceptivos e de barreira, já que a maioria não soube diferenciar um do outro. Quanto ao conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis, a maioria disse não saber definir o que são, porém afirmam saber os locais de aparição de lesões. Um pouco mais da metade afirma nunca ter feito teste rápido e nem tratamento para IST.

Portanto, este estudo destaca a importância das orientações em saúde, principalmente no âmbito das Unidades Básicas de Saúde, pois este é o principal local a ser realizada a promoção a saúde da população. Com mais acesso e clareza das informações, é alcançado o entendimento acerca da importância da prevenção da IST por meio de método de barreira e consegue-se diferenciar este dos métodos contraceptivos, que têm como principal função impedir a gestação. Destaca-se, ainda, a importância da implementação de políticas públicas e medidas socioeducativas voltadas para a promoção destas informações não apenas nas UBS, como também em escolas e diversos outros veículos, fazendo com que a população mais jovem, ainda no início da vida sexual, já saiba como se prevenir adequadamente e para que haja maior adesão ao uso dos métodos e por consequência, redução do número de IST na população.

Referências

- BITTENCOURT, C. **Conheça mais sobre os métodos contraceptivos distribuídos gratuitamente no SUS.** Unasus, Brasil, abr. 2015. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/conheca-mais-sobre-os-metodos-contraceptivosdistribuidos-gratuitamente-no-sus>. Acesso em: 28 maio 2022.
- BRITTO, A. M. A. et al. **Deteção de infecções sexualmente transmissíveis em um centro ginecológico brasileiro: alta prevalência de coinfeções.** Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial, 2018.
- CARCERERI, D. R. et al. **Atenção integral à saúde da mulher:** medicina Universidade Federal de Santa Catarina.. 3. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2016.
- CASTRO, A. T. V. et al. **O papel da atenção primária à saúde no controle de infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes.** Revista Eletrônica Acervo Saúde, v. 12, n. 12, p. e4908-e4908, 2020.
- CURITIBA. Secretaria Municipal de Saúde. **Protocolo de atenção à saúde do adolescente**, 2006.
- DEL BIANCO, A. A. M.; FERREIRA, M. Â. F. (Orient.). **Nas trilhas das DST e HIV com os adolescentes e jovens: um projeto de intervenção em educação e saúde em uma escola pública de ensino fundamental de Santana do Araguaia/PA.** Trabalho de Conclusão de Curso. (Especialização em Gestão da Política de DST, AIDS, Hepatites Virais e Tuberculose – Educação a Distância) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.
- GRECO, D. et al. **Prevalence of STIs among adolescent men who have sex with men (MSM) and transgender women (TGW) at high risk of HIV infection.** jul. 2020.
- FEBRASGO. **Reflexões sobre a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência 2021.** Febrago. jan. 2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Perfil socioeconômico da maternidade nos extremos do período produtivo.** Rio de Janeiro, 2015.
- MARTINS, L. B. M. et al. **Conhecimento sobre métodos anticoncepcionais por estudantes adolescentes.** Revista de Saúde Pública, [S.L.], v. 40, n. 1, p. 57-64, fev. 2006. FapUNIFESP.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE (BRASIL). IBGE. **Percepção do estado de saúde, estilos de vida, doenças crônicas e saúde bucal: Brasil e Grandes Regiões.** Pesquisa Nacional de Saúde 2019, [S. l.], p. 5-85, 4 set. 2020. Disponível em: <https://www.pns.icict.fiocruz.br/wp-content/uploads/2021/02/liv101764.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2023.
- NEVES, R. G. et al. **Simultaneidade de comportamentos de risco para infecções sexualmente transmissíveis em adolescentes brasileiros, 2012.** Epidemiol. Serv. Saude, 2017.

- PINTO, V. M. et al. **Fatores associados às infecções sexualmente transmissíveis: inquérito populacional no município de São Paulo, Brasil.** Ciência & Saúde Coletiva, 2018.
- RASMUSSEN, V. S. et al. **Conhecimento e uso prévio de métodos anticoncepcionais em gestantes adolescentes.** Revista Arquivos Catarinenses de Medicina, Criciúma, Santa Catarina, 2011.
- REIS, I. V. S. et al. **Infecções sexualmente transmissíveis na população residente no projeto de assentamento rural Nova Amazônia, Brasil.** Saúde e Pesquisa. v. 15, n. 2, p. 1-16, 29 abr. 2022. Centro Universitario de Maringa.
- SANTOS, B. R. et al. **Gravidez na Adolescência no Brasil - Vozes de Meninas e de Especialistas.** INDICA, p. 108, jun. 2017.
- SECRETARIA DE ATENÇÃO PRIMÁRIA A SAÚDE, **Principais ações em saúde para prevenção da gravidez na adolescência.** Fev. 2020. Disponível em: <https://aps.saude.gov.br/noticia/7196>. Acesso em: 27 maio 2022.
- SILVA, A. C. R. et al. **Análise de conhecimento sobre infecções sexualmente transmissíveis e uso de anti-concepcional por pacientes de uma Unidade Básica de Saúde da Capital do Estado de Rondônia.** Acervo+ index base, Revista Eletrônica Acervo Saúde, p. 1-9, 1 mar. 2021.
- TRINDADE, R. E. et al. **Uso de contracepção e desigualdades do planejamento reprodutivo das mulheres brasileiras.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 26, n. 2, p. 3493-3504, ago. 2021.
- VIEIRA, A. A. et al. **O uso de métodos contraceptivos por adolescentes: Conhecimento de estudantes do ensino médio.** Global Academic Nursing Journal, v. 1, n. 3, p. e37-e37, 2020.
- VIEIRA, K. J. et al. **Conhecimentos de adolescentes sobre métodos contraceptivos e infecções sexualmente transmissíveis.** Revista Baiana de Enfermagem, v. 35, 2021.



19

DIFICULDADE NA ADESÃO DO TRATAMENTO EM PACIENTES COM HIPERTENSÃO ARTERIAL SISTÊMICA

**DIFFICULTY IN ADHERING TO TREATMENT IN PATIENTS WITH SYSTEMIC ARTERIAL
HYPERTENSION**

Ádylla Wilenna Alves Dourado¹

Ana Tassia Queiroz Lopes¹

Carla Carolina Ferreira Dos Reis¹

Daniel Da Silva França Pinheiro¹

Leônidas Vaz De Souza¹

Lucas Casimiro Barreto¹

Eliana De Jesus Cabral Sá Ferraz²

Janaina Maiana Abreu Barbosa³

1 Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

2 Preceptora do Curso de Medicina da Universidade CEUMA, São Luís - MA

3 Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

A Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS), é uma das patologias mais frequentes no mundo. Um em cada cinco brasileiros possui a doença, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS). Assim, a pesquisa teve o objetivo de avaliar a dificuldade na adesão do tratamento em pacientes com hipertensão arterial sistêmica. O estudo foi realizado nos meses de agosto a outubro de 2022 em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) no município de São Luís - MA. A amostra foi do tipo não probabilística composta por pacientes com diagnóstico de hipertensão arterial sistêmica que estavam esperando o atendimento na UBS e a amostra, totalizando 22 pacientes. Os resultados demonstram que 90,91% dos participantes não possuíam hábito de consumir cigarro e 90,91% não consumiam bebida alcoólica, todos os entrevistados nunca deixaram de tomar o medicamento para HAS e 54,55% afirmaram tomavam o medicamento na hora certa. Dos pacientes que têm boa adesão ao tratamento, 54,55% reduziram pela metade o sal da alimentação após início do tratamento assim como 40,91% diminuíram a gordura da alimentação pela metade. Evidencia-se que, apesar de muitos pacientes mencionarem atitudes positivas em relação ao tratamento medicamentoso e demonstrarem bom nível de conhecimento sobre a doença e o tratamento, o controle da pressão arterial ainda não é satisfatório. Portanto, há a necessidade de medidas que visem melhorar o controle, tornando o tratamento um problema que deve ser enfrentado por todos.

Palavras-chave: Hipertensão Arterial Sistêmica, Adesão Do Tratamento, Dificuldades.

Abstract

Systemic Arterial Hypertension (SAH) is one of the most frequent pathologies in the world. One in five Brazilians has the disease, according to the World Health Organization (WHO). Thus, the research aimed to evaluate the difficulty in adherence to treatment in patients with systemic arterial hypertension. The study was carried out from August to October 2022 in a Basic Health Unit (UBS) in the city of São Luís - MA. The sample was of the non-probabilistic type, consisting of patients diagnosed with systemic arterial hypertension who were waiting for care at the UBS and the sample, totaling 22 patients. The results show that 90.91% of the participants did not have the habit of consuming cigarettes and 90.91% did not consume alcoholic beverages, all respondents never stopped taking the medication for SAH and 54.55% said they took the medication at the right time. Of the patients who adhered well to treatment, 54.55% reduced the amount of salt in their diets by half after starting treatment, as well as 40.91% reduced their dietary fat by half. It is evident that, although many patients mention positive attitudes towards drug treatment and demonstrate a good level of knowledge about the disease and treatment, blood pressure control is still not satisfactory. Therefore, there is a need for measures aimed at improving control, making treatment a problem that must be faced by everyone.

Key-words: Systemic Arterial Hypertension, Treatment Adherence, Difficulties.



1. INTRODUÇÃO

A hipertensão arterial sistêmica (HAS) é uma doença crônica e a principal causa de mortalidade no Brasil. É caracterizada pelo aumento da pressão que o sangue faz para movimentar-se na parede das artérias, diagnosticada quando os valores pressóricos se mantêm frequentemente acima de 140 por 90 mmHg (Schmidt *et al.*, 2009).

No Brasil, o indivíduo é diagnosticado como hipertenso quando sua pressão arterial atinge e se mantém a níveis iguais ou superiores a 140 (sistólica) e/ou 90 (diastólica) mmHg. A prevalência da HAS é uma variável resultante de fatores como: idade, sexo, raça, educação, dentre outros. Sua etiologia, em regra, é multifatorial e está associada à hereditariedade, estresse, fatores ambientais e nutricionais, sedentarismo, dentre outros (Hartwig; Sousa; Ignotti, 2018).

Essa patologia acomete a população brasileira de forma silenciosa, cerca de 30% da população não sabe que a possui ou não faz o tratamento corretamente. Estudos apontam que mais da metade dos pacientes com HAS não mantém seus níveis pressóricos dentro dos padrões devido ao tratamento medicamentoso incorreto (Brito *et al.*, 2008).

Embora sejam um problema comum, constitui um grave problema de saúde pública, responsável por milhares de mortes, além de acarretar altos custos no sistema de saúde afetando a economia brasileira e global, pois na maioria dos casos são precursoras de outras doenças crônicas, que aumentam o período e os custos com o tratamento (Malta *et al.*, 2017).

A prevenção, diagnóstico e o tratamento da HAS é um processo lento, pois é necessário ensinar a população a cuidar da saúde, enfatizando a mudança do estilo de vida em campanhas e ações educativas, aceitação e adesão ao tratamento, seja ele farmacológico ou não farmacológico. Essas ações podem ser individuais ou coletivas, buscando estratégias que alcancem a realidade da população (Palota, 2010).

Sabe-se que quando o tratamento é feito de forma correta, menores serão as complicações e maior será a qualidade de vida do paciente (Brito *et al.*, 2008). Melhorar a adesão ao tratamento não é fácil, e precisa de intervenções baseada nos recursos educativos, tecnológicos e comportamentais da população e do serviço de saúde. Desta forma, o Ministério da Saúde criou pela Portaria nº 371/GM de 4 de março de 2002, o Programa HiperDia, que tem como objetivo cadastrar no Ministério da Saúde portadores de hipertensão, a fim de estabelecer metas e diretrizes para ampliar ações de prevenção, diagnóstico, tratamento e controle dessas doenças.

Quanto a adesão ao tratamento medicamentoso dos pacientes com diagnóstico de hipertensão, pertencer a uma classe social mais baixa interfere diretamente na não adesão ao tratamento, pois este grupo possui menos acesso às informações sobre a patologia e acesso aos serviços de saúde, como por exemplo o desconhecimento sobre o programa HiperDia, que disponibiliza a medicação mais frequentemente usadas no tratamento da HAS sem custo aos pacientes, porém, ainda há certa quantidade de doentes que necessitam de uma terapia medicamentosa mais complexa, que não é oferecida de forma gratuita e portanto esses precisam arcar com a compra. Além disso, há também uma resistência por parte dos pacientes para iniciar o tratamento de uma doença que se instaura de forma assintomática, pois há a crença de que a falta de sintomas indica a cura da doença e retornam ao tratamento com o reaparecimento dos sintomas. Bem como a ampla gama de efeitos adversos que podem iniciar com a introdução da terapia medica-

mentos (Costa *et al.*, 2022).

No que diz respeito ao viés não medicamentoso, é possível encontrar ainda mais dificuldades na adesão a mudança de estilo de vida do que na manutenção da terapia com os fármacos. Esse fato tem sua origem na mudança multifatorial de hábitos consolidados ao longo de uma vida toda. A exemplo, pode-se citar a limitação radical de ingestão de bebidas alcoólicas, a interrupção do tabagismo, alteração da dieta quanto a quantidade de consumo de sódio, calorias e gorduras, diminuição da exposição a ambientes e situações de estresse e prática regular e constante de atividade física (Costa *et al.*, 2022).

Ademais, apesar de todas as dificuldades que podem surgir quanto a adesão ao tratamento do paciente hipertenso, é de suma importância que a equipe de saúde esteja disposta a conscientizar de forma eficaz, através de uma boa relação médico-paciente, onde haja possibilidade de estabelecer um vínculo firme e capaz de convencer o doente a aderir adequadamente às prescrições dada a ele (Pierin *et al.*, 2011).

O rastreamento dos pacientes com hipertensão arterial contribui imensamente para a redução dos fatores de risco para desenvolvimento de doenças cardiovasculares (Toscano, 2004). Dessa forma, reduz-se o espectro de doenças potenciais que estes pacientes carregarão. Essa medida também seria benéfica ao sistema de saúde como um todo visto que gastos relacionados à diabetes, hipertensão e obesidade alcançaram 3,45 bilhões de reais e 59% deste valor é dedicado ao tratamento da hipertensão (Pierin *et al.*, 2011). Tendo em vista a alta prevalência da HAS e a baixa adesão ao tratamento, observam-se nos atendimentos realizados na atenção primária complicações que poderiam ser evitadas ou amenizadas. Portanto, este estudo tem o objetivo de verificar a dificuldade na adesão do tratamento em pacientes com hipertensão arterial sistêmica.

2. METODOLOGIA

2.1 Tipo de estudo

Tratou-se de um estudo descritivo transversal, realizado nos meses de agosto a outubro de 2022 em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) no município de São Luís - MA. A população foi composta por pacientes com diagnóstico de hipertensão arterial sistêmica que estavam esperando o atendimento na UBS e a amostra foi do tipo não probabilística, totalizando 22 pacientes.

2.2 Critérios de Inclusão e Não Inclusão

Foram incluídos pacientes adultos e idosos, de ambos os sexos, com diagnóstico de hipertensão arterial sistêmica que estavam em acompanhamento na UBS selecionada e que aceitaram participar da pesquisa e assinando o termo de consentimento livre esclarecido (TCLE). Não foram incluídos crianças, adolescentes e gestantes, pacientes sem diagnóstico de hipertensão arterial sistêmica ou que não faziam tratamento na UBS selecionada, aqueles que se recusaram a assinar o TCLE e os pacientes com algum déficit cognitivo que tinham alguma incapacidade de responder o questionário.

2.3 Instrumento e Coleta de dados

Essa pesquisa foi realizada por acadêmicos do curso de medicina da universidade CEUMA. Foram utilizados questionários para avaliar a adesão do tratamento em pacientes com hipertensão arterial sistêmica e as características socioeconômicas, demográficas e clínicas.

Em um primeiro momento o paciente foi convidado a participar da pesquisa, assinando um TCLE, quando aceito. Após foi aplicado o questionário com variáveis socioeconômicas, demográficas e clínicas, no qual os pacientes foram interrogados sobre o sexo, faixa etária, estado civil, situação de moradia, ABEP, escolaridade, renda familiar, profissão ou atividade profissional, religião/crença, tempo de diagnóstico, como descobriu a doença, se recebe medicamento gratuito pelo SUS, se afere a PA periodicamente, presença de comorbidades, doenças crônicas, uso de drogas, índice de massa corporal e circunferência da cintura.

Logo em seguida, foi aplicado um questionário semiestruturado, Questionário de Adesão ao Tratamento da Hipertensão Arterial Sistêmica – QATHAS, que foi desenvolvido no Programa de Doutorado em Saúde Coletiva UECE/UFC/UNIFOR e validado pela Revista De Saúde Pública, da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, está disponível gratuitamente em (<http://www.qathas.com.br/>). O questionário considera as características farmacológicas e não farmacológicas inerentes ao tratamento anti-hipertensivo, além de abordar o comparecimento às consultas (Rodrigues; Moreira; Andrade, 2014).

Assim, o QATHAS é composto por 12 questões que possuem uma pontuação variando entre 0 a 4 sendo calculada a adesão em site próprio (<http://www.qathas.com.br/>) por seu cálculo considerar fórmula complexa. Os níveis de adesão variam entre 60 e 110 como mostrado na tabela 1, sendo que quanto maior a adesão maior é a pontuação; desse modo, os pacientes com maior adesão situam-se no nível 110, enquanto pessoas com menor adesão atingem 60 (Rodrigues; Moreira; Andrade, 2014).

Também foi aplicado a Escala de Conformidade de Pressão Arterial de “Hill Bone”, trata-se de um questionário de 14 questões que considera a realidade do tratamento do paciente em questão, abordando o uso de medicamentos, tipo de alimentação, frequência do acompanhamento médico e avaliação da pressão.

Quadro 1. Escala de adesão ao tratamento da hipertensão arterial sistêmica. Fortaleza, CE, 2012.

Nível da Escala	Descrição
60	Neste nível, os hipertensos não tomam o anti-hipertensivo, ao menos uma vez por semana. E também não o tomam na dose prescrita, ao menos uma vez por semana.
70	Os hipertensos posicionados neste nível deixam de tomar a medicação para hipertensão nos horários estabelecidos, ao menos uma vez por semana, e comparecem às consultas agendadas.
80	Ao atingirem este nível, os hipertensos deixam de tomar a medicação, conforme a dose prescrita, ao menos uma vez por mês, e fazem uso da medicação independentemente de apresentar algum sintoma, seguem o tratamento medicamentoso rotineiramente e reduzem a terça parte do sal, da gordura, e de doces e bebidas com açúcar.
90	Os hipertensos localizados neste nível deixam de tomar a medicação, nos horários estabelecidos, ao menos uma vez por mês; reduzem à metade o sal, gordura e doces, e bebidas com açúcar.

100	Neste nível, os hipertensos deixam de tomar a medicação para hipertensão, ao menos uma vez por ano, e praticamente não consomem gordura, doces e bebidas com açúcar
110	A partir deste nível, os hipertensos não deixam de tomar a medicação para hipertensão, comem praticamente sem sal e seguem o tratamento não medicamentoso rotineiramente.

Fonte: Adaptado de Rodrigues, Moreira e Andrade (2012)

2.4 Análise de dados

Após obtenção dos resultados, os dados foram agrupados em planilhas no programa Microsoft Office Excel®, versão 2011, e posteriormente analisados no programa Stata® versão 16.0. A análise descritiva das variáveis qualitativas foram descritas por frequências absolutas e relativas.

2.5 Aspectos éticos

O projeto faz parte de um projeto guarda-chuva intitulado “AVALIAÇÃO DA ADESAO AO TRATAMENTO DOS PACIENTES EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE” aprovado pelo Comitê de ética da Universidade CEUMA, sob parecer (nº 5.079.779). Todos os pacientes assinaram o TCLE antes da coleta de dados e ficaram cientes que poderiam se retirar a qualquer momento da pesquisa sem que isso lhe acarretasse qualquer dano.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa foi realizada com 22 pacientes, no qual 72,73% (n=16) eram do sexo feminino, 45,45% se auto declararam pardos e 68,68% eram idosos. Com relação ao estado civil, 50% eram Casado/União estável e 45,45% tinham ensino fundamental e ensino médio. No que diz respeito a renda familiar, 54,55% recebiam de 2 a 3 salários mínimos. Sobre a profissão ou atividade profissional, houve predominância dos aposentados com 45,45% (Tabela 1).

Tabela 1. Características socioeconômicas e demográficas de pacientes hipertensos acompanhados em uma Unidade Básica de Saúde. São Luís – 2022.

Gênero	n	%
Feminino	16	72,73
Masculino	6	27,27
Faixa etária		
De 20-59 anos	7	31,32
≥ 60 anos	15	68,68
Estado Civil		
Casado/União Estável	11	50,0
Divorciado	3	13,64
Solteiro	5	22,73
Viúvo	3	13,64

Escolaridade		
Analfabeto	1	4,55
Ensino Fundamental	10	45,45
Ensino Médio	10	45,45
Ensino Superior	1	4,55
Renda Familiar (Salário Mínimo)		
≤1 Salário Mínimo	9	40,91
2 a 3 Salário Mínimo	12	54,55
≥4 Salário Mínimo	1	4,55
Profissão ou Atividade Profissional		
Desempregado	2	9,09
Aposentado	10	45,45
Do lar	3	13,64
Comércio e Serviços	3	13,64
Outros	4	18,18
Raça		
Negro	7	31,32
Pardo	10	45,45
Branco	5	22,73

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Os resultados demonstram que houve uma participação predominante de pacientes do sexo feminino, com faixa etária igual ou maior que 60 anos, pardos, casados ou união estável, com ensino fundamental e a principal fonte de renda da maioria é o aposento. Os resultados da presente pesquisa são relevantes, pois a prevalência da HAS é uma variável resultante de fatores como idade, sexo, raça, educação, dentre outros. Sua etiologia, em regra, é multifatorial e está associada à hereditariedade, estresse, fatores ambientais e nutricionais, sedentarismo, dentre outros (HARTWIG; SOUSA; IGNOTTI, 2018). Ainda segundo os autores Hartwig, Sousa e Ignotti (2018), os cuidados para uma pessoa idosa devem visar à manutenção de seu estado de saúde, com uma expectativa de vida ativa máxima possível, junto aos seus familiares e à comunidade, com independência funcional e autonomia máximas possíveis.

A renda deste estudo que obteve maior número de resposta foram de 2 a 3 salários mínimos. Nesse sentido, dados semelhantes estudo de Matthes e Albus (2014) afirmam que a renda familiar e o nível socioeconômico foram descritos como fatores associados negativamente à adesão ao tratamento de doenças crônicas. Vários fatores dificultam o controle da pressão arterial, como o desconhecimento da condição de hipertensão; não adesão do paciente ao tratamento; não mudança no estilo de vida; não uso e/ou inadequação de medicamentos; tratamento inadequado para promover o controle da pressão arterial e custos econômicos associados com tratamento.

De acordo com os resultados da tabela 2, observa-se que 31,32% dos pacientes tinham diagnóstico de hipertensão a mais de cinco anos. Os exames de rotinas foram os principais responsáveis pela descoberta da doença segundo 54,55% dos entrevistados. Quando tratamento medicamentoso, 68,68% não receberam o medicamento de forma gratuita. Sobre o uso de medicamentos, 68,68% enfatizam que usavam periodicamente o remédio de pressão e 36,36% afirmaram que eram diabéticos. No que diz respeito ao hábito de aferir a pressão com frequência, 68,68% dizem que sim, tem esse cuidado.

Também foi investigado informações sobre o estilo de vida e características antropométricas. Em relação ao estilo de vida os participantes não possuíam hábito de consumir cigarro 90,91%, não consumiam bebida alcoólica 90,91% e quanto ao índice de massa muscular 54,55% estando com peso normal (Tabela 2).

Tabela 2. Características clínicas de pacientes hipertensos acompanhados em uma Unidade Básica de Saúde. São Luís – 2022.

Tempo de diagnóstico	n	%
< 1 ano	4	18,18
1 a 3 anos	6	27,27
3 a 5 anos	5	22,73
> 5 anos	7	31,32
Como descobriu a doença		
Exame de rotina	12	54,55
Apresentou sintomas	6	27,27
Após episódio agudo	4	18,18
Recebe o medicamento gratuitamente pelo SUS		
Sim	7	31,32
Não	15	68,68
Hábito de aferir a pressão periodicamente		
Sim	15	68,68
Não	7	31,32
Presença de outras comorbidades		
Diabetes	8	36,36
Não	7	31,32
Outras	7	31,32
Hábitos de consumir cigarro		
Sim	2	9,09
Não	20	90,91
Hábitos de consumir álcool		
Sim	2	9,09
Não	20	90,91
Índice de massa corporal (kg/m²)		
Eutrofia	12	54,55
Baixa obesidade	5	22,73
Média obesidade	2	9,09
Acima do peso	3	13,64

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

O tempo de diagnóstico da maioria dos entrevistados foi de um a três anos, no qual a maioria afirmou que teve diagnóstico por meio de exames de rotinas, o SUS não é o principal meio de aquisição de medicamento, grande parte dos pacientes demonstraram não receber medicamento pelo sistema. O hábito de aferir a pressão arterial já faz parte do dia a dia de grande parte desses pacientes, pois a maioria tem comorbidade como o diabetes. Quanto ao consumo de álcool e cigarro, a maioria não fazia uso.

Uma pesquisa desenvolvida pelo Ministério da Saúde em um centro de saúde exa-



minou a adesão ao tratamento anti-hipertensivo, detectando que entre os participantes, apenas 28% apresentaram adesão ao tratamento medicamentoso. Quando se refere à terapêutica não medicamentosa, colocam a alimentação e a nutrição ocupando um lugar de destaque na mudança de estilo e hábitos de vida dos indivíduos com HAS; a educação nutricional deve desenvolver-se rumo a estratégias mais saudáveis de viver, cuidar e ser, auxiliando esses indivíduos na superação de mitos e crenças, e no desenvolvimento de valores, percepções e atitudes ativas à saúde (Lima; Meiners, 2010).

Lima e Meiners (2010) afirmam quanto a adesão ao tratamento medicamentoso dos pacientes com diagnóstico de hipertensão, pertencer a uma classe social mais baixa interfere diretamente na não adesão ao tratamento, pois este grupo possui menos acesso as informações sobre a patologia e acesso aos serviços de saúde, como por exemplo o desconhecimento sobre o programa HiperDia, que disponibiliza as medicação mais frequentemente usadas no tratamento da HAS sem custo aos pacientes, porém, ainda há um quantitativo de pacientes que necessitam de uma terapia medicamentosa mais complexa, que não é oferecida de forma gratuita e portanto esses precisam arcar com a compra

Esses resultados podem ser enfatizados pois a prevenção, diagnóstico e o tratamento da HAS é um processo lento, pois é necessário ensinar a população a cuidar da saúde, enfatizando a mudança do estilo de vida em campanhas e ações educativas, aceitação e adesão ao tratamento, seja ele farmacológico ou não farmacológico. Essas ações podem ser individuais ou coletivas, buscando estratégias que alcancem a realidade da população (Palota, 2010).

Sendo assim, a tabela 3 apresenta os resultados sobre o uso do medicamento. Os participantes demonstram que 40.91% nunca deixaram de tomar o medicamento para HAS. Sobre o uso do medicamento como prescrito, 100% afirmaram que não esqueceram de tomar. Sobre o horário de ingerir o medicamento, 54.55% dos participantes nunca esqueceram do horário e tomam sempre na hora certa. A maioria dos pacientes (86,36%) afirma que segue o tratamento e faz o uso dos medicamentos como rotina de sua vida.

Tabela 3. Uso do medicamento

Alguma vez deixou de tomar sua medicação para has?	n	%
Sim, ao menos 1 vez ao dia	5	22,73
Sim, ao menos 1 vez por semana	5	22,73
Sim, ao menos 1 vez por mês	1	4,55
Sim, ao menos 1 vez por ano	2	9,09
Não	9	40,91
Alguma vez deixou de tomar sua medicação da HAS conforme a dose prescrita?		
Sim	0	0
Não	22	100
Alguma vez deixou de tomar sua medicação da has nos horários estabelecidos?		
Sim, ao menos 1 vez ao dia	5	22,73
Sim, ao menos 1 vez por semana	2	9,09
Sim, ao menos 1 vez por mês	2	9,09
Sim, ao menos 1 vez por ano	1	4,55
Não	12	54,55
Faz uso do medicamento para o tratamento da has somente quando apresenta algum sintoma?		
Sim	3	13,64

Não	19	86,36
Seguir o tratamento medicamentoso se da HAS tornou-se uma rotina em sua vida?		
Sim	19	86,36
Não	3	13,64

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Os resultados do presente estudo demonstram que a maioria dos pacientes não deixa de tomar o medicamento, assim como todos afirmaram que sempre tomam na hora prescrita. Os entrevistados relatam em sua maioria que sempre tomavam o medicamento mesmo não sentindo nada, afirmando que esse processo de tratamento já faz parte de sua vida. Desse modo, sabe-se que quando tratada com atenção a doença, as complicações são reduzidas e a qualidade de vida dos pacientes melhora (Brito, 2008). Melhorar a adesão ao tratamento não é fácil e requer intervenções baseadas em recursos educacionais, técnicos e comportamentais da população e dos serviços de saúde. Não há cura para a hipertensão arterial essencial, mas o tratamento pode prevenir complicações. O sucesso ou insucesso do tratamento depende da adesão, que é um grande desafio.

O acompanhamento da terapêutica medicamentosa é fundamental para a gestão partilhada da terapêutica entre profissionais e utentes, permitindo estratégias adaptadas às necessidades individuais específicas e envolvendo os utentes na gestão da sua saúde. Mais de 70% dos casos demonstram a necessidade de medicamentos para controlar e manter os níveis pressóricos normais, mas essa incidência também pode ser controlada sem medicamentos, ou seja, adotando um estilo de vida saudável (Carvalho Filha; Nogueira; Medina, 2014).

A tabela 4 apresenta os resultados sobre a adesão ao tratamento de pacientes hipertensos. Os pacientes têm uma boa adesão ao tratamento, no qual se identificou que 54,55% reduziram pela metade o sal da alimentação após início do tratamento. A gordura da alimentação foi diminuída pela metade segundo 40,91% dos pacientes após o início do tratamento. No que se refere ao consumo de carne branca, 36,36% afirmaram que consumiam carne branca quatro ou mais vezes na semana. Em relação ao uso de doce ou bebidas com açúcar após o início do tratamento, 36,36% afirmaram que reduziram pela metade. Sobre exercício físico (caminhada, natação, ciclismo) após o início do tratamento, 31,32% praticavam menos de 3 vezes por semana. Em relação assiduidade ao comparecimento das consultas agendadas para o tratamento, 100% dos participantes disseram comparecer.

Tabela 4. Adesão ao tratamento de pacientes hipertensos acompanhados em uma Unidade Básica de Saúde. São Luís – 2022

Ao iniciar o tratamento para HAS, diminuiu o sal da alimentação?	n	%
Sim, comecei praticamente a comer ensoso	6	27,27
Sim, reduzir a metade	10	54,55
Sim, reduzir a terça parte	3	13,64
Não	3	13,64
Ao iniciar o tratamento para HAS, diminuiu a gordura da alimentação?		
Sempre fiz uso de uma alimentação pobre em gordura	4	18,18
Sim, como praticamente sem gordura	4	18,18
Sim, reduzi à metade	9	40,91
Sim, reduzi à terça parte	3	13,64
Não	2	9,09

Ao iniciar o tratamento para HAS, passou a preferir o consumo de carnes brancas (aves, peixe)?		
Sempre consumi carnes brancas no mínimo 4 vezes por semana	6	27,27
Sim, consumo carne branca 04 ou mais vezes na semana	8	36,36
Sim, consumo carne branca até 03 vezes na semana	5	22,73
Não	3	13,64
Ao iniciar o tratamento para HAS, diminuiu o uso de doces e bebidas com açúcar?		
Sempre fiz uso de uma alimentação pobre em doces e bebidas com açúcar	3	13,64
Sim, como praticamente sem açúcar/doce	7	31,32
Sim, reduzi à metade	8	36,36
Sim, reduzi à terça parte	3	13,64
Não	1	4,55
Com o início do tratamento para a HAS, passou a realizar 30 minutos de exercício físico (caminhada, natação, ciclismo)		
Sim, mais de 5 vezes por semana	4	18,18
Sim, de 3 a 5 vezes por semana	4	18,18
Sim, menos de 3 vezes por semana	7	31,32
Não	7	31,32
Comparece às consultas agendadas para o tratamento da HAS?		
Sim	22	100
Não	0	0

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Mais da metade dos participantes, aderiram pela diminuição do sal na comida, houve também redução de gordura na comida por mais da metade, o consumo de carne branca derivada do peixe era consumido pelos pacientes pelo menos 4 vezes na semana. O consumo de açúcar e derivados deixou de ser consumido pela metade após o diagnóstico da HAS, o hábito de praticar exercício físico foi de pelo menos 3 vezes por semana segundo a maioria, os pacientes demonstraram que sempre compareciam as consultas. A adesão ao tratamento foi definida como o grau de concordância entre a prescrição e o comportamento do paciente. A não adesão ao tratamento anti-hipertensivo tem vários determinantes: falta de conhecimento sobre a doença ou falta de motivação para tratar doenças assintomáticas e crônicas; baixo nível socioeconômico, aspectos culturais e falsas crenças adquiridas pela doença no contexto familiar; e baixa auto-estima, relacionamento inadequado com a equipe de saúde; custo elevado dos medicamentos e ocorrência de efeitos colaterais indesejáveis; e polifarmácia (Palota, 2010)

A baixa adesão pode impactar negativamente na evolução clínica do paciente com consequências pessoais, sociais e econômicas. Múltiplos fatores afetam a adesão ao tratamento, incluindo: fatores inerentes ao paciente, fatores relacionados às características da doença e/ou do tratamento e fatores relacionados às interações entre pacientes e profissionais de saúde. Almeida, Paz e Silva (2013) afirmam que as mudanças mais comuns nos familiares incluem adaptação e participação na realização de atividades como cuidar dos medicamentos dos familiares, adaptação e adesão à dieta diária e atividade física e acompanhamento do paciente às consultas médicas. Seguidamente, buscou investigar sobre o uso do medicamento para pressão, os resultados são apresentados na tabela a seguir.

Com relação ao tratamento da doença com comida com controle do sal 68,68% nunca põe sal na comida, sobre o uso do medicamento algumas vezes, 72,73% dizem que nun-

ca fica sem o medicamento demonstrando que os pacientes estão atentos e tomando os cuidados na medida do possível nunca. Essa análise se observa, onde os fatores associados a frequência que esquece algumas vezes 72,73% afirmam que nunca esquece de tomar o medicamento, frequência que deixa de tomar os remédios da pressão nunca 68,68% nunca deixam de tomar, no que diz respeito, a frequência que come alimento salgado, 50,00% diz que come algumas vezes e a frequência de consumir comida feita rapidamente e servida em pouco tempo tem resultados satisfatório no qual 54,55% afirmam não consumir esse tipo de alimento, para as primeiras perguntas (Tabela 5).

No que diz respeito a frequência das consultas e uso de medicamentos, a pesquisa também se evidencia que estão otimistas com relação ao comportamento dos participantes. Desse modo, a frequência da ida na consulta e o comparecimento nas consultas agendadas demonstram de forma respectiva 81,82% todas as vezes e 68,68%. Sobre a frequência que encontra os medicamentos na farmácia 68,68% afirmam que nunca saem da farmácia sem o medicamento procurado.

Contudo sobre a frequência do uso dos medicamentos para o controle da pressão observa-se que em todos os aspectos os participantes da pesquisa estão atentos quanto aos cuidados. Dessa maneira, 72,73%, enfatizaram que nunca ficam sem o medicamento para pressão alta, 90,91% responderam que nunca deixam de tomar no intervalo de três dias os medicamentos. Os cuidados com a saúde são percebidos com mais ênfase, onde se identifica que 86,36% responderam que nunca deixam de tomar o medicamento mesmo estando se sentido bem, os mesmos percentuais de respondentes 86,36% disseram que nunca tomam medicamento de outra pessoa, reforçando ainda mais o cuidado de ter sempre o medicamento em casa e 63,64% dos participantes da pesquisa nunca deixam de tomar o medicamento por descuido.

Tabela 5. Uso do medicamento para pressão arterial em pacientes acompanhados em uma Unidade Básica de Saúde. São Luís – 2022.

Variável	Nunca	Algumas vezes	Muitas vezes	Todas as vezes
Com que frequência você se esquece de tomar o(s) seus remédios pressão alta?	45,45%	54,55%	%	%
Com que frequência você decide não tomar o(s) seus remédios pressão alta?	77,27%	13,64%	9,09%	%
Com que frequência você come alimentos salgados?	40,91%	50,00%	9,09%	%
Com que frequência você põe sal, ou aromáticos na sua comida antes de comer?	68,68%	22,73%	4,55%	4,55%
Com que frequência você come em “fast food (*) (*) entendido como comidas prontas (pizzas, lasanhas, batatas fritas, hambúrguer, coxinha, (*) Comida feita rapidamente e servida em pouco tempo?	54,55%	45,45%	%	%
Com que frequência você comparece às consultas?	%	4,55%	13,64%	81,82%
Com que frequência você falta à consulta agendada?	68,68%	27,27%	%	4,55%
Com que frequência você sai da farmácia sem obter seus remédios?	68,68%	31,32%	%	%

Com que frequência você fica sem os remédios para pressão alta?	72,73%	27,27%	%	%
Com que frequência você deixa de tomar os seus remédios para a pressão alta no intervalo de 1 a 3 dias antes de consultar com o médico?	90,91%	9,09%	%	%
Com que frequência você deixa de tomar os seus remédios para a pressão alta quando você está se sentindo bem?	86,36%	9,09%	4,55%	%
Com que frequência você toma os remédios de outra pessoa para a pressão alta?	86,36%	13,64%	%	%
Com que frequência você deixa de tomar os remédios para a pressão alta por descuido?	63,64%	36,36%	%	%

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Sobre o uso dos medicamentos, os pacientes em sua maioria disseram que sempre tomavam e não esqueciam da hora, eles também apontam que não consumiam comida salgada e não colocam sal antes de comer. Sobre os cuidados com as consultas, grande parte afirma que sempre compareciam, sobre os medicamentos a maioria diz que sempre tem o medicamento e que nunca sai da farmácia sem comprar o mesmo.

Com relação à não adesão, destacou-se que este é um ponto fundamental na abordagem do tratamento. Além disso, trata-se de um evento influenciado por múltiplos fatores, incluindo aqueles relacionados ao paciente, sistema e equipe de saúde, doença, tratamento e fatores socioeconômicos.

Em termos de tratamento não medicamentoso, a alimentação e a nutrição ocupam lugar de destaque na mudança de estilo e estilo de vida dos portadores de HAS; deve-se desenvolver educação nutricional voltada para uma vida mais saudável, cuidado e estratégias existenciais que ajudem esses indivíduos a superarem mitos e crenças e desenvolver valores, percepções e atitudes positivas em relação à saúde. O envolvimento da família nas mudanças do cotidiano do núcleo familiar, principalmente as relacionadas à alimentação, tem papel fundamental na viabilização da adesão ao tratamento não medicamentoso da HAS (Almeida; Paz; Silva, 2013).

4 CONCLUSÃO

Neste estudo, identificou-se fatores que contribuem para o absenteísmo no tratamento da HAS, fatores que dificultam o seu controle e fatores relacionados principalmente à falta de entendimento sobre o tema, tratamento, controles e complicações. Esses fatores são intrínsecos ao próprio titular, referindo-se ao seu jeito de ser e de se comportar.

Ao falarmos sobre adesão ao tratamento, devemos sempre considerar a subjetividade que faz que cada indivíduo, de acordo com as suas vivências, conhecimentos, crenças e valores, tenha um comportamento muito próprio em relação ao significado de “sentir-se doente”. Isso reflete na forma como esse indivíduo se manifesta quando abordamos essas questões.

Dessa maneira, também não podemos desconsiderar as crenças da equipe de saúde, as quais, muitas vezes, podem não coincidir com as crenças e os interesses do paciente. É imprescindível identificar as dificuldades com vistas a uma melhor adesão ao tratamento da hipertensão, bem como, das doenças crônicas associadas, reforçando a necessidade de se informar e discutir as condições observadas pelos membros da equipe de saúde.

Evidenciamos que, apesar de muitos pacientes mencionarem atitudes positivas em relação ao tratamento medicamentoso e demonstrarem bom nível de conhecimento sobre a doença e o tratamento, o controle da pressão arterial ainda não é satisfatório, caracterizando a necessidade de medidas que visem melhor o seu controle, tornando o tratamento um problema que deve ser enfrentado por todos: hipertenso, família, comunidade, instituições e equipe de saúde.

Espera-se, com este estudo, contribuir de alguma maneira para que os profissionais de saúde que lidam com pessoas portadoras de HAS consigam esclarecê-las, devidamente, sobre sua doença e tratamento, no intuito de diminuir o índice de alterações clínicas que ocorrem em decorrência da HAS. Além dos pacientes, cuidadores, familiares e membros da equipe de saúde, devem se sentir incluídos nesse processo de tratamento da hipertensão e da resolução dos problemas e dificuldades encontrados nesse sentido, pesquisadores, governo e sociedades médicas e de áreas afins, com o objetivo de aumentar a adesão ao tratamento e possibilitar um melhor controle da hipertensão.

Referências

- Almeida GBS, Paz EPA, Silva GA. Representações sociais de portadores de hipertensão arterial sobre a doença: o discurso do sujeito coletivo. *Rev Min Enferm.*, 2013; 17 (1): 46-53.
- Brito DMS, Araújo TLA, Galvão MTG, Moreira TMM, Lopes MVO. Qualidade de vida e percepção da doença entre portadores de hipertensão arterial. *Cad Saúde Pública.* 2008
- Carvalho filha FSS, Nogueira LT, Medina MG. Avaliação do controle de hipertensão e diabetes na Atenção Básica: perspectiva de profissionais e usuários. *Saúde Debate.*, 2014; 38: 265-278.
- Costa, M. E. S.; Braga, L. C.; Cardoso, L. R. .; Mokfa, G. V. .; Santos, F. R. principais fatores assinalados por pacientes hipertensos para não adesão ao tratamento e controle da pressão arterial. *Scientia Generalis*, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 206–214, 2022.
- Hartwig SV, Sousa Junior ALD, Ignotti E. Medications for hypertension of hemodialysis patients in Cáceres - Mato Grosso, Brazil. *O Mundo da Saúde.* 2018.
- Lima TM, Meiners MMMA, Soler O. Perfil de adesão ao tratamento de pacientes hipertensos atendidos na Unidade Municipal de Saúde de Fátima, em Belém, Pará, Amazônia, Brasil. *Rev Pan Amaz Saúde*, 2010; 1 (2): 113-120.
- Malta DC, Bernal RTI, Andrade SSCDA, da Silva MMA, Melendez GV. Prevalência e fatores associados com hipertensão arterial autorreferida em adultos brasileiros. *Rev. Saú. Púb.* 2017;
- Matthes, J, Albus, C. Improving adherence with medication: a selective literature review based on the example of hypertension treatment. *Dtsch Arztebl Int.* Cologne., 2014, 111 (4): 41-47.
- Ministério da Saúde (BR). Instituir o Programa Nacional de Assistência Farmacêutica para Hipertensão Arterial e Diabetes Mellitus. Portaria nº 371/GM [acesso 25 de abril de 2022].
- Nilson EAF, Andrade RCS, Brito DA, Oliveira ML. Custos atribuíveis a obesidade, hipertensão e diabetes no Sistema Único de Saúde, Brasil, 2018. *Rev Panam Salud Publica* 2020
- Palota L. Adesão ao tratamento da hipertensão arterial: estudo entre usuários cadastrados no Centro de Saúde de um município do interior paulista [dissertação de mestrado. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo; 2010
- Pelazza, B.B.; Filho, S.R.F. Comparison between Central and Brachial Blood Pressure in Hypertensive Elderly Women and Men. *International Journal of Hypertension.* 2017;
- Pierin, A.M.G. et al. Controle da hipertensão arterial e fatores associados na atenção primária em Unidades Básicas de Saúde localizadas na Região Oeste da cidade de São Paulo. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 16, p.1389-1400, 2011.
- Schmidt, M. I. et al. Prevalência de diabetes e hipertensão no Brasil baseada em inquérito de morbidade auto-referida, Brasil, 2006. *Rev Saúde Pública.* 2009.
- Toscano CM. As campanhas nacionais para detecção das doenças crônicas não-transmissíveis: diabetes e hipertensão arterial. *Cien Saude Colet.* 2004.



ANEXO – QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS

CARACTERÍSTICAS SOCIOECONÔMICAS E DEMOGRÁFICAS DE PACIENTES HIPERTENSOS ACOMPANHADOS EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE

Gênero

Feminino

Masculino

Faixa etária

De 20-59 anos

≥ 60 anos

Estado Civil

Casado/União Estável

Divorciado

Solteiro

Viúvo

Escolaridade

Analfabeto

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Ensino Superior

Renda Familiar (Salário Mínimo)

<1 Salário Mínimo

2 a 3 Salário Mínimo

>4 Salário Mínimo

Profissão ou Atividade Profissional

Desempregado

Aposentado

Do lar

Comércio e Serviços

Outros

Raça

Negro

Pardo

Branco

CARACTERÍSTICAS CLÍNICAS PACIENTES HIPERTENSOS ACOMPANHADOS EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE

Tempo de diagnóstico

< 1 ano

1 a 3 anos

3 a 5 anos

> 5 anos

Como descobriu a doença

Exame de rotina

Apresentou sintomas

Após episódio agudo

Recebe o medicamento gratuitamente pelo SUS

Sim

Não

Hábito de aferir a pressão periodicamente?

Sim

Não

Presença de outras comorbidades?

Diabetes

Não

Outras

Hábitos de consumir cigarro?

Sim

Não

Hábitos de consumir álcool

Sim

Não

Índice de massa corporal (kg/m²)

Eutrofia

Baixa obesidade

Média obesidade

Acima do peso



USO DO MEDICAMENTO

Alguma vez deixou de tomar sua medicação para has?

Sim, ao menos 1 vez ao dia

Sim, ao menos 1 vez por semana

Sim, ao menos 1 vez por mês

Sim, ao menos 1 vez por ano

Não

Alguma vez deixou de tomar sua medicação da HAS conforme a dose prescrita?

Sim

Não

Alguma vez deixou de tomar sua medicação da has nos horários estabelecidos?

Sim, ao menos 1 vez ao dia

Sim, ao menos 1 vez por semana

Sim, ao menos 1 vez por mês

Sim, ao menos 1 vez por ano

Não

Faz uso do medicamento para o tratamento da has somente quando apresenta algum sintoma?

Sim

Não

Seguir o tratamento medicamento só da has tornou-se uma rotina em sua vida?

Sim

Não

ADESÃO AO TRATAMENTO DE PACIENTES HIPERTENSOS ACOMPANHADOS EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE

Ao iniciar o tratamento para HAS, diminuiu o sal da alimentação?

Sim, comecei praticamente a comer ensoso

Sim, reduzir a metade

Sim, reduzir a terça parte

Não

Ao iniciar o tratamento para HAS, diminuiu a gordura da alimentação?

Sempre fiz uso de uma alimentação pobre em gordura

Sim, como praticamente sem gordura

Sim, reduzi à metade

Sim, reduzi à terça parte

Não

Ao iniciar o tratamento para HAS, passou a preferir o consumo de carnes brancas (aves, peixe)?

Sempre consumi carnes brancas no mínimo 4 vezes por semana

Sim, consumo carne branca 04 ou mais vezes na semana

Sim, consumo carne branca até 03 vezes na semana

Não

Ao iniciar o tratamento para HAS, diminuiu o uso de doces e bebidas com açúcar?

Sempre fiz uso de uma alimentação pobre em doces e bebidas com açúcar

Sim, como praticamente sem açúcar/doce

Sim, reduzi à metade

Sim, reduzi à terça parte

Não

Com o início do tratamento para a HAS, passou a realizar 30 minutos de exercício físico (caminhada, natação, ciclismo)

Sim, mais de 5 vezes por semana

Sim, de 3 a 5 vezes por semana

Sim, menos de 3 vezes por semana

Não

Comparece às consultas agendadas para o tratamento da HAS?

Sim

Não

USO DO MEDICAMENTO PARA PRESSÃO ARTERIAL EM PACIENTES ACOMPANHADOS EM UMA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE.

Com que frequência você se esquece de tomar o(s) seus remédios pressão alta?

Nunca

Algumas vezes

Muitas vezes

Todas as vezes

Com que frequência você decide não tomar o(s) seus remédios pressão alta?

Nunca

Algumas vezes

Muitas vezes

Todas as vezes

Com que frequência você come alimentos salgados?

Nunca

Algumas vezes



Muitas vezes

Todas as vezes

Com que frequência você põe sal, ou aromáticos na sua comida antes de comer?

Nunca

Algumas vezes

Muitas vezes

Todas as vezes

Com que frequência você come em “fast food (*) (*) entendido como comidas prontas (pizzas, lasanhas, batatas fritas, hambúrguer, coxinha, (*) Comida feita rapidamente e servida em pouco tempo?

Nunca

Algumas vezes

Muitas vezes

Todas as vezes

Com que frequência você comparece às consultas?

Nunca

Algumas vezes

Muitas vezes

Todas as vezes

Com que frequência você falta à consulta agendada?

Nunca

Algumas vezes

Muitas vezes

Todas as vezes

Com que frequência você sai da farmácia sem obter seus remédios?

Nunca

Algumas vezes

Muitas vezes

Todas as vezes

Com que frequência você fica sem os remédios para pressão alta?

Nunca

Algumas vezes

Muitas vezes

Todas as vezes

Com que frequência você deixa de tomar os seus remédios para a pressão alta no intervalo de 1 a 3 dias antes de consultar com o médico?

Nunca

Algumas vezes

Muitas vezes

Todas as vezes

Com que frequência você deixa de tomar os seus remédios para a pressão alta quando você está se sentindo bem?

Nunca

Algumas vezes

Muitas vezes

Todas as vezes

Com que frequência você toma os remédios de outra pessoa para a pressão alta?

Nunca

Algumas vezes

Muitas vezes

Todas as vezes

Com que frequência você deixa de tomar os remédios para a pressão alta por descuido?

Nunca

Algumas vezes

Muitas vezes

Todas as vezes



20

PREVALÊNCIA DE SÍNDROME METABÓLICA DE USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO DO HIPERTENSO E DIABÉTICO

**PREVALENCE OF METABOLIC SYNDROME IN USERS OF A HYPERTENSIVE AND
DIABETIC CARE CENTER**

Ana Paula Costa Linhares¹

Daniel Vitor dos Santos Rodrigues¹

Isac Sousa Nascimento¹

Isadora Marçal Barbosa Fernandes¹

Ivana Maria Batista Santos¹

Kauanna Layla Marques Cavalcante de Oliveira¹

Maria Fernanda Sousa Linhares¹

Sandara Cardoso Muniz¹

Vitor Castro dos Santos¹

Janaina Maiana Abreu Barbosa²

¹ Discente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

² Docente em Medicina, Universidade CEUMA, São Luís, MA

Resumo

A Síndrome Metabólica (SM) é conceituada como conjunto de distúrbios metabólicos que juntos podem favorecer maior risco cardiovascular. A estimativa da SM é de 30% para adultos brasileiros com tendência a aumento conforme envelhecimento. O objetivo desse estudo foi estimar a prevalência da síndrome metabólica de usuários em um Centro de Atenção ao Hipertenso e Diabético (CAHD). Trata-se de um estudo transversal realizado em um CAHD do estado do Maranhão no período de outubro a novembro de 2023 em indivíduos de 17 a 81 anos. Foi aplicado um questionário com variáveis socioeconômicas, critérios clínicos, estilo de vida, consumos alimentares e critérios do IDF para Síndrome Metabólica. Foram entrevistados 82 usuários e selecionados 56 para análise. Desses, 66,07% (n=37) eram do sexo feminino, 51,79% (n=29) tinham idade de 40 a 59 anos, 32,14% (n=18) fumavam, 48,21% (n=27) ingeriam bebida alcoólica, 62,5% (n=35) eram sedentários. A prevalência da síndrome metabólica foi de 21,43% (n=12) segundo critérios do IDF. A maioria dos critérios para síndrome metabólica não estavam alterados. O critério mais alterado foi a pressão arterial. Destacou-se a prevalência de casos com diabetes, hipertensão e sedentarismo.

Palavras-chave: Sistema Único de Saúde, Atenção Primária, Síndrome Metabólica.

Abstract

Metabolic Syndrome (MS) is conceptualized as a set of metabolic disorders that together can promote greater cardiovascular risk. The MS estimate is 30% for Brazilian adults, with a tendency to increase as people age. The objective of this study was to estimate the prevalence of metabolic syndrome in users at a Hypertensive and Diabetic Care Center (CAHD). This is a cross-sectional study carried out in a CAHD in the state of Maranhão from October to November 2023 on individuals aged 17 to 81 years. A questionnaire was applied with socioeconomic variables, clinical criteria, lifestyle, food consumption and IDF criteria for Metabolic Syndrome. 82 users were interviewed and 56 were selected for analysis. Of these, 66.07% (n=37) were female, 51.79% (n=29) were aged 40 to 59 years, 32.14% (n=18) smoked, 48.21% (n=27) drank alcohol, 62.5% (n=35) were sedentary. The prevalence of metabolic syndrome was 21.43% (n=12) according to IDF criteria. Most of the criteria for metabolic syndrome were not changed. The most changed criterion was blood pressure. The prevalence of cases with diabetes, hypertension and sedentary lifestyle was highlighted.

Keywords: Unified Health System, Primary Health Care, Metabolic Syndrome.



1. INTRODUÇÃO

A SM é caracterizada por um conjunto de condições de saúde, como a presença de hipertensão arterial sistêmica (HAS), obesidade abdominal, dislipidemias e resistência à insulina, ocasionando alterações metabólicas complexas no organismo, que aumentam o risco de desenvolvimento de Doenças Cardiovasculares (DCV), de Diabetes Mellitus tipo 2 (DM2) e de morte prematura (Lopes *et al.*, 2024).

Por se tratar de uma síndrome, compõe-se de fatores de risco que refletem a alteração da homeostase de diferentes sistemas orgânicos, cujos indicadores são utilizados como critérios, são eles: hipertensão arterial sistêmica, redução dos níveis de colesterol de alta densidade (HDL), aumento dos níveis de glicose sérica, hipertrigliceridemia e acúmulo de gordura visceral. É um estado orgânico inflamatório, caracterizado por resistência à insulina e, conseqüentemente, apresenta uma tríade complexa, sendo: aterosclerose; catarse de células pró-inflamatórias [ênfase para Interleucina-1 (IL-1), Interleucina-6 (IL-6), Fator de Necrose Tumoral- α (TNF- α) e Proteína C Reativa Ultrassensível (PCR-us)] e os próprios componentes da SM (Santana; Mercês; D'Oliveira Júnior, 2022).

Além dos fatores de risco que definem a SM outros fatores podem contribuir para desencadear a síndrome, como por exemplo a manutenção de um estilo de vida não saudável. A modificação do estilo de vida tem sido recomendada como medida terapêutica para indivíduos com SM. Trata-se de uma abordagem abrangente baseada em exercícios, alimentação, educação em saúde e farmacoterapia (Santos *et al.*, 2022). A prática regular de atividade pode reduzir em 31% a chance de desenvolver SM. Porém o aumento da inatividade física a partir dos 40 anos e a menor adesão a programas de incentivo à prática de atividade física entre idosos contribuem para a expansão da prevalência da SM nesse grupo (Costa; Duarte; Andrade, 2020).

Além de fatores relacionados ao estilo de vida, diferentes estudos têm demonstrado que a ocorrência da SM está associada a desigualdades socioeconômicas. Essas são caracterizadas pela maior prevalência da síndrome e de seus componentes entre os indivíduos pertencentes aos grupos de menor condição socioeconômica quando comparados àqueles de maior condição (Costa; Duarte; Andrade, 2020).

Não obstante, deve-se considerar a alta prevalência no Brasil e a demanda na saúde pública, principalmente, na Atenção Primária. Isso reforça a necessidade de investigar mais essa temática. Desse modo, o objetivo desse estudo foi estimar a prevalência da síndrome metabólica de usuário de um Centro de Atenção ao Hipertenso e Diabético.

2. MATERIAL E MÉTODOS

2.1 Tipos de Estudo

Foi realizado um estudo transversal quantitativo.

2.2 Período e Local de Estudo

A pesquisa foi realizada no período nos meses de outubro a novembro de 2023, no Centro de Atenção ao Hipertenso e Diabético (CAHD) no Estado do Maranhão.

2.3 População e Amostra

A população foi composta por usuários acompanhados no Centro de Atenção ao Hipertenso e Diabético no Estado do Maranhão e a amostra foi do tipo não probabilística. Foram entrevistados 82 usuários, sendo excluídos 26 dados e 56 analisados. Os critérios de inclusão foram usuários de ambos os sexos, com idade entre 17 a 81 anos. Os critérios de exclusão foram usuários que não apresentavam dados suficientes para análise dos critérios de síndrome metabólica ou usuários que tinham diagnósticos de doenças demenciais pela possibilidade de comprometer a qualidade das informações.

2.4 Instrumentos e Coleta de Dados

Os participantes foram devidamente informados e esclarecidos quanto à importância e objetivo da pesquisa e havendo aceitação para sua participação, assinaram concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Foi aplicado um questionário adaptado contendo variáveis como informações do perfil sociodemográfico, presença de doenças prévias, hábitos de vida, realização de exercício físico. Além disso, continha adaptação do questionário do SISVAN sobre consumos alimentares que avalia os principais alimentos ingeridos no dia anterior que compõem as refeições, com o objetivo de traçar o perfil alimentar do indivíduo. Outrossim, continha informações dos critérios diagnósticos para Síndrome Metabólica de acordo com o International Diabetes Federation (IDF).

Para aplicação dos critérios do IDF, foi realizada a aferição da circunferência abdominal dos usuários por meio de fita métrica. A coleta dos dados de glicemia, triglicerídeos e HDL foi obtida por meio de exames laboratoriais. Por fim, a pressão arterial foi fornecida após aferição por profissionais do CAHD que tem como protocolo de triagem aferir a pressão arterial dos seus usuários.

Segundo o IDF, considerou-se o usuário com síndrome metabólica caso possuísse circunferência abdominal alterada com dois ou mais dos seguintes critérios alterados, sendo: pressão arterial, glicemia, triglicerídeos e colesterol HDL. Teve-se como alteração da pressão arterial os casos em que há Pressão Arterial Sistólica (PAS) ≥ 130 mmHg ou Pressão Arterial Diastólica (PAD) ≥ 85 mmHg ou tratamento para Hipertensão Arterial Sistêmica (HAS). A circunferência abdominal foi considerada alterada caso fosse ≥ 94 cm em homens e ≥ 80 cm em mulheres, enquanto a glicemia alterada foi quando estava ≥ 100 mg/dL ou usuários com diagnóstico de diabetes. Em relação ao perfil lipídico, a alteração dos triglicerídeos foi quando seu valor era ≥ 150 mg/dL ou quando havia tratamento para dislipidemia. Por fim, o HDL alterado caso fosse <40 mg/dL em homens ou <50 mg/dL em mulheres ou usuários em tratamento para dislipidemia.

2.5 Análise Estatística

Foi realizada uma análise descritiva utilizando o software Microsoft Excel. As variáveis quantitativas foram descritas por média e desvio padrão (média $\pm$ DP). As variáveis qualitativas foram apresentadas por meio de frequências absolutas e percentuais.

A análise comparativa foi por meio de realização de teste binomial utilizando o Bioestat 5.0 em que foi considerado resultado significativo se $p < 0.05$.



2.6 Aspectos Éticos

Esta pesquisa faz parte de um projeto guarda-chuva intitulado “Qualidade de vida e prevalência de síndrome metabólica em uma unidade básica de saúde” que foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa do Centro Universitário do Maranhão – UNICEUMA sob número do parecer 5.330.886.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Características Sociodemográficas, Clínicas e Estilo de Vida

A seguir, a tabela 1 detalha acerca das características sociodemográficas, clínica e estilo de vida dos usuários entrevistados. Em relação ao perfil sociodemográfico, foi verificado que 68,07% (n=37) eram do sexo feminino e 51,79% (n=29) tinham idade de 40 a 59 anos. Além disso, 46,43% (n=26) eram pardos, assim como possuíam ensino médio completo ou incompleto. Outrossim, 64,29% (n=36) obtinha como renda salarial até 1 salário-mínimo por mês, o que equivale a R\$1.320 (um mil, trezentos e vinte reais).

Além disso, foi investigado a relação entre essas variáveis e a presença de Síndrome Metabólica. Houve significância para sexo feminino ($p < 0.0001$), idade na faixa etária de 17-19 anos ($p = 0.0006$) e de 40-59 anos ($p = 0.0004$), raça/cor pardo ($p = 0.0026$) e albina, amarelo e indígena todos com $p = 0.0006$. Também obteve significância o grau de escolaridade analfabeto ou nunca estudou ($p = 0.0006$), ensino médio ($p = 0.0026$) e renda até 1 salário-mínimo ($p < 0.0001$).

Em relação aos antecedentes mórbidos pessoais e o estilo de vida dos entrevistados, foi avaliado se possuíam doenças prévias, consumiam tabaco, álcool e realizavam exercício físico. Quanto ao diagnóstico prévio de doenças, a maioria possuía pelo menos algum tipo, correspondendo a 55,36% (n=31) dos casos. Com isso, 39,29% (n=22) eram diabéticos, 35,71% (n=20) eram hipertensos e 32,14% (n=18) possuíam gastrite ou refluxo. Ao analisar os hábitos de vida, 32,14% (n=18) fumavam, 48,21% (n=27) ingeriam bebida alcoólica, 62,5% (n=35) eram sedentários. Outrossim, 32,14% (n=18) foi a frequência de pessoas que realizavam exercício físico a partir de três vezes na semana e exercícios do tipo aeróbico foram os mais comuns, realizados por 26,79% (n=15).

Ademais, foi verificado significância nos casos em que havia o diagnóstico de doenças prévias ($p = 0.0001$), principalmente hipertensão ($p = 0.0471$), diabetes ($p = 0.0199$), Síndrome dos Ovários Policísticos ($p = 0.0006$) e esteatose hepática ($p = 0.0006$). Também houve nos casos de outras doenças cardíacas não especificadas ($p = 0.0154$), doenças reumatológicas ($p = 0.0063$), doenças endócrinas ($p = 0.0063$), doenças urogenitais ($p = 0.0021$), câncer ($p = 0.0154$), Acidente Vascular Encefálico prévio ($p = 0.0154$), ansiedade e depressão ($p = 0.0006$) e rinite alérgica ($p = 0.0006$). Por fim, teve significância o consumo de bebida alcoólica ($p = 0.0015$), sedentarismo ($p < 0.0001$), realizar exercício físico < 3 vezes semanal ($p = 0.0326$) e não houve significância o consumo de tabaco ($p = 0.1002$) (Tabela 1).

Tabela 1. Características sociodemográficas, clínicas e estilo de vida de usuários em uma CAHD do Maranhão, 2023.

Variáveis	n	%	p
Sexo			
Feminino	37	66,07	0.0001
Masculino	19	33,93	0.0697

Idade			
17-19	1	1,79	0.0006
20-39	11	19,64	0.4075
40-59	29	51,79	0.0004
60-81	15	26,79	0.2538
Raça/Cor			
Pardo	26	46,43	0.0026
Preto	19	33,93	0.0697
Branco	8	14,29	0.1619
Albina	1	1,79	0.0006
Indígena	1	1,79	0.0006
Amarelo	1	1,79	0.0006
Escolaridade			
Ensino médio	26	46,43	0.0026
Ensino superior	16	28,57	0.1914
Ensino fundamental	13	23,21	0.4102
Analfabeto ou nunca estudou	1	1,79	0.0006
Renda			
Até 1 salário-mínimo (R\$ 1.320)	36	64,29	<0.0001
Até 2 salários-mínimos (R\$ 2.640)	14	25	0.3272
Maior ou igual 3 salários-mínimos (R\$3.960)	6	10,71	0.0613
Possui doenças prévias			
Sim	31	55,36	0.0001
Não	24	42,36	-
Tipo de doença prévia			
Diabetes	22	39,29	0.0199
Hipertensão	20	35,71	0.0471
Gastrite ou refluxo	18	32,14	0.1002
Câncer	4	7,14	0.0154
Acidente Vascular Encefálico Prévio	4	7,14	0.0154
Doenças cardíacas	4	7,14	0.0154
Doenças endócrinas	4	7,14	0.0154
Doenças reumatológicas	3	5,36	0.0063
Doenças urogenitais	2	3,57	0.0021
Ansiedade e depressão	1	1,79	0.0006
Síndrome dos Ovários Policísticos	1	1,79	0.0006
Esteatose hepática	1	1,79	0.0006
Rinite	1	1,79	0.0006
Tabagista ou ex-tabagista			
Sim	18	32,14	0.1002
Não	37	66,07	-
Ingere bebida alcoólica			
Sim	27	48,21	0.0015

Não	28	50	-
Exercício Físico			
Sim	21	37,50	-
Não	35	62,50	<0.0001
Frequência do Exercício Físico			
<3 vezes	5	8,93	0.0326
≥3 vezes	18	32,14	-
Qual exercício físico			
Treino de força	8	14,29	0.1619
Aeróbico	15	26,79	0.2538

Fonte: O autor (2023)

3.2 Consumo Alimentar

Além disso, investigou-se os consumos alimentares desses usuários, os quais estão descritos na tabela 2. Com isso, verificou-se que 80,36% (n=45) comeu frutas, verduras e/ou legumes, 12,5% (n=49) ingeriram hambúrguer e/ou embutidos, 48,21% (n=27) consumiram bebidas adoçadas. Quanto ao consumo de industrializados, cerca de 35,71% (n=20) consumiram macarrão instantâneo, salgadinho de pacote ou biscoitos salgados e 10,71% (n=6) consumiram biscoito recheado, doces ou guloseimas.

Também foi avaliada a relação entre o consumo alimentar e a presença de Síndrome Metabólica. Dessa forma, obteve-se significância nos casos de consumo de macarrão instantâneo, salgadinho de pacote ou biscoitos salgados ($p=0.0471$) e no consumo de bebidas adoçadas ($p=0.0015$). Não houve significância para o não consumo de verduras e/ou legumes ($p=0.4075$), para o consumo de hambúrguer e/ou embutidos ($p=0.1040$) e consumo de biscoito recheado, doces ou guloseimas ($p=0.0613$) (Tabela 2).

Tabela 2. Consumo alimentar de usuários em uma CAHD do Maranhão, 2023.

Variáveis	n	%	p
Verduras e/ou legumes, frutas			
Sim	45	80,36	-
Não	11	19,64	0.4075
Hambúrguer e/ou embutidos			
Sim	7	87,50	0.1040
Não	49	12,50	-
Macarrão instantâneo, salgadinho de pacote ou biscoitos salgados			
Sim	20	35,71	0.0471
Não	36	64,29	-
Bebidas adoçadas			
Sim	27	48,21	0.0015
Não	29	51,79	-
Biscoito recheado, doces ou guloseimas			
Sim	6	10,71	0.0613
Não	50	89,29	-

Fonte: O autor

3.3 Medidas Antropométricas, Alterações Laboratoriais e Prevalência da Síndrome Metabólica

Foi realizada análise da média e do desvio padrão ($\pm$), descritos na tabela 4. Em relação aos valores de pressão arterial, verificou-se que a média da pressão arterial sistólica foi de $123,5 \pm 14,94$ mmHg, enquanto a diastólica obteve $78 \pm 9,66$ mmHg de média. A circunferência abdominal obteve média total de $89,49 \pm 12,96$ cm. Além disso, a média da glicemia foi $133,7 \pm 48,48$ mg/dL, enquanto dos triglicerídeos foi média de $127,28 \pm 31,38$ mg/dL e HDL média de $40 \pm 10,55$ mg/dL (Tabela 3).

Tabela 3. Medidas antropométricas e alterações laboratoriais em uma CAHD do Maranhão, 2023.

Variáveis	Média	Desvio Padrão
Pressão arterial sistólica (mmHg)	123,5	14,94
Pressão arterial diastólica (mmHg)	78	9,66
Circunferência abdominal (cm)	89,42	12,96
Sexo Feminino	89,05	12,08
Sexo Masculino	90,15	14,84
Glicemia (mg/dL)	133,7	48,48
Triglicerídeos(mg/dL)	127,28	31,38
Colesterol HDL (mg/dL)	40	10,55
Sexo Feminino	50,5	10,21
Sexo Masculino	37	0

Fonte: O autor

Ademais, a tabela 4 descreve a análise quanto aos critérios de síndrome metabólica pelo IDF. Constatou-se que cerca de 55,36% (n=31) dos usuários tinham pressão alterada, 39,29% (n=34) possuíam circunferência alterada e 36,59% (n=30) dos casos estavam com alteração da glicemia. Houve alteração dos triglicerídeos em 3,57% (n=2), 7,14 (n=4) do HDL e 21,43% (n=12) possuíam síndrome metabólica.

Por fim, foi estudada a relação entre os critérios com alteração e a SM. A circunferência abdominal alterada obteve $p < 0.0001$, os triglicerídeos alterados com $p = 0.0021$, HDL alterado com $p = 0.0154$, pressão arterial alterada com $p = 0.0045$ e glicemia alterada com $p = 0.0076$. Com isso, todos os critérios tiveram significância ao comparar com a prevalência de Síndrome Metabólica (Tabela 4).

Tabela 4. Critérios diagnósticos do IDF para Síndrome Metabólica em uma CAHD do Maranhão, 2023.

Variáveis	n	%	p
Pressão alterada			
Sim	31	55,36	0.0045
Não	25	44,64	-
Circunferência alterada			
Sim	34	39,29	<0.0001
Não	22	60,71	-
Glicemia alterada			
Sim	30	36,59	0.0076



Não	51	62,20	-
Triglicerídeos alterados			
Sim	2	3,57	0.0021
Não	5	8,93	-
HDL alterado			
Sim	4	7,14	0.0154
Não	5	8,93	-
Tem síndrome metabólica de acordo com IDF			
Sim	12	21,43	-
Não	44	78,57	-

Fonte: O autor

Neste estudo houve uma prevalência de Síndrome Metabólica no sexo feminino, sendo comparativo a outra pesquisa, em que a SM foi maior entre mulheres (41,8%), apesar de suas divergências quanto aos critérios diagnósticos utilizados, tais como o uso da hemoglobina glicada $\geq 5,6$ mmol/L e do valor de colesterol total ≥ 200 mg/dl, no lugar da glicemia em jejum e dos triglicerídeos (Oliveira *et al.*, 2020). Contudo, em comparação a um estudo transversal com participantes acima de 18 anos, apesar da prevalência da SM no sexo feminino (41,67%), não houve diferença estatística significativa ($p < 0,23$) entre os sexos, sendo que este considerou a circunferência abdominal ≥ 88 cm na mulher e ≥ 102 cm no homem como critérios diagnósticos (Fonseca *et al.*, 2012).

Em relação à faixa etária, este estudo mostrou uma maior prevalência da SM, em indivíduos com idade entre 40-59 anos, corroborada por outra pesquisa que constatou que os pacientes com idade de 50-59 anos, tinham mais chances do diagnóstico (OR = 7,779; $p < 0,001$) (Leitão; Martins, 2012). Em outro estudo, a prevalência foi constatada em pacientes > 60 anos. Tal divergência pode ser justificada pela diferença nos critérios de SM, visto que utilizavam diagnóstico autorreferido de diabetes e autorreferido de hipercolesterolemia (Ramires *et al.*, 2018).

Considerando a cor de pele, houve maior prevalência em indivíduos que se autodeclararam pardos, condizendo com outro estudo em que 73,7% dos entrevistados eram pardos (LIMA; SOUSA, 2016). Já em relação a presença de SM, um estudo não diferiu entre brancos (23,3%), pardos (23,3%) e negros (23,4%). Esse cenário pode estar relacionado com a região em que foi realizada a pesquisa, não podendo confirmar se há uma relação definitiva entre cor de pele e SM (Barbosa *et al.*, 2010).

Na renda familiar e escolaridade, este estudo constatou que a presença de SM é inversamente proporcional a renda e ao grau de escolaridade, estando de acordo com outra pesquisa a qual consta, que mulheres de baixa renda, tinham maior prevalência para SM (38,7%), enquanto homens, tinham percentual de 25,3%, reforçando a relação da renda com os hábitos de vida saudáveis como atividade física e alimentação balanceada (Salaroli *et al.*, 2007). Outro estudo similar no resultado da escolaridade, também constatou que indivíduos de menor escolaridade apresentaram maior prevalência de SM (47,5%), demonstrando que a falta de informação dificulta a manutenção de práticas saudáveis (Oliveira *et al.*, 2020).

Em relação as comorbidades, neste estudo observou-se que a grande maioria dos entrevistados apresentava a diabetes como fator associado à síndrome metabólica. De maneira análoga, foi verificada em uma pesquisa de 110 prontuários analisados, 85,4% ($n=94$) apresentaram diagnóstico de diabetes mellitus tipo 2, 4,5% ($n=5$) com diabetes mellitus tipo 1, 60,9% ($n= 67$) apresentaram diabetes mellitus tipo 2 e síndrome metabólica associa-

da, o que reforça a relação da SM com a resistência à insulina (De Jesus *et al.*, 2021).

Ademais, a hipertensão arterial também se apresentou como a segunda doença mais relevante, com dominância de 35,71% (n=20) (De Jesus *et al.*, 2021). Paralelamente, segundo outro artigo, em que mais de um terço dos adultos e jovens hipertensos apresentam síndrome metabólica, independentemente dos critérios utilizados (Campo Giménez *et al.*, 2020).

Eventos macrovasculares, como acidente vascular encefálico, e outras doenças cardíacas também estiveram presentes nos indivíduos com SM desta pesquisa. Semelhante a esse cenário, ocorreu em um estudo realizado com 228 prontuários de pacientes com acidente vascular cerebral que mostrou 20,2% dos pacientes diagnosticados previamente com diabetes mellitus tipo 2, reforçando a relação da SM com aumento do risco cardiovascular (De Jesus *et al.*, 2021).

A adoção de uma alimentação saudável é tida como um dos principais fatores protetores para síndrome metabólica, bem como um dos pilares do tratamento. Em uma análise isolada do presente estudo em relação ao hábito alimentar, o não consumo de verduras e/ou legumes e frutas não apresentou impacto significativo como prevenção/risco de síndrome metabólica, bem como o consumo de hambúrguer e/ou embutidos e doces industrializados. Um estudo realizado com uma amostra de 1.112 pessoas, de ambos os sexos, com idade ≥ 20 anos, demonstrou que uma reduzida porcentagem (9,5%) consumia adequadamente frutas e hortaliças (≥ 5 vezes/dia), ao passo que o consumo de bebidas adoçadas foi de 40-50%. Apesar disso, comparando os sujeitos que consomem frutas e hortaliças corretamente e aqueles com consumo médio de 1-4 vezes/semana, foi observado um aumento em cerca de duas vezes no risco para desenvolvimento de SM nos últimos. Em relação a ingestão de alimentos com alto teor de gorduras foi encontrado um risco elevado proporcional ao consumo, aqueles que consomem com frequência maior ou igual a 5 vezes na semana, dobram o risco (Martini *et al.*, 2014).

De maneira semelhante, dados coletados em uma amostra de 636 indivíduos, demonstrou efeito protetor da SM no consumo adequado de frutas. Porém, ao analisar o consumo de verduras e legumes não foi encontrado a mesma associação. O efeito protetor conferido ao consumo de hortaliças só é obtido quando ingerido adequadamente (≥ 5 vezes/dia). A principal limitação do presente estudo em relação a análise dos hábitos alimentares, é referente ao questionário aplicado, o qual obtém informações alimentares relacionadas somente ao dia anterior ao da coleta (Castanho *et al.*, 2018).

Em relação a prática de atividades físicas, o presente trabalho mostrou significância na realização de exercícios quando realizadas mais de três vezes na semana. Em um estudo realizado com uma amostra de 818 indivíduos, maiores de 20 anos, em Florianópolis-SC, avaliando o nível de atividade física em 2009 e novamente em 2014, demonstrou a importância do exercício físico como fator protetor da SM. O trabalho estratificou os indivíduos entre os que permaneceram ativos e os tornaram-se ativos nesse intervalo, e aqueles que continuaram inativos e os que se tornaram inativos. Os sujeitos que permaneceram sem praticar exercícios e os que deixaram de praticar possuem 108 e 124% maiores chances de desenvolver SM, respectivamente. Os resultados encontrados contribuem para confirmar a relação benéfica da prática de atividade física (Santos *et al.*, 2020).

O consumo elevado de frutose associado a ingesta de bebidas alcoólicas está intimamente relacionado a elevação dos triglicerídeos, aumento de peso, aumento de gordura visceral e resistência insulínica (Ferreira *et al.*, 2018). O presente trabalho apontou uma relação direta entre o consumo de álcool e SM. Ademais, em um estudo isolado acerca da relação álcool e SM, com 1.333 indivíduos adultos maiores de 20 anos, de ambos os se-

xos, em Salvador, observou que 288 mulheres bebem de leve a moderadamente e 15,6% delas possuem SM, ao passo que 390 bebem excessivamente e 23,6% possuem a síndrome. Quanto aos homens, 243 bebem moderadamente e 20,6% possuem SM, e 171 bebem excessivamente sendo que 24,6% preenchem os critérios para diagnóstico. Diante disso, mediante aos resultados, foi obtida significância estatística quando relaciona a síndrome metabólica e os extremos do consumo alcoólico, tanto em homens quanto em mulheres (Magalhães *et al.*, 2020).

A nicotina está diretamente relacionada a hipertensão arterial, uma vez que, a sua presença provoca a liberação de catecolaminas responsáveis pela elevação da PA (Chillce *et al.*, 2020). Em relação ao consumo de tabaco, o presente estudo não observou relação entre tabagismo prévio ou atual e síndrome metabólica. Por outro lado, em um estudo realizado com 175 indivíduos no Norte do Brasil, foi observado que cerca de 31,9% possuíam a SM, sendo que entre os principais achados do trabalho estabelece uma relação entre o tabaco e o nível socioeconômico como um dos principais fatores de risco. A amostra desse estudo são pescadores em estado de vulnerabilidade afetados pela construção da Usina Hidroelétrica Luís Eduardo Magalhães (Rodrigues *et al.*, 2021).

O resultado obtido pelo presente trabalho, não significância do tabagismo, pode ter tido como limitação o número inferior da amostra. Em outro estudo, realizado em duas Unidades de Saúde (UBS1 e UBS2) de São Paulo com indivíduos maiores de 20 anos, totalizando uma amostra de 592 pessoas, 342 da área 1 e 250 da área 2. Na análise, foi observado que 17,7% e 18,2% fumam, da UBS1 e UBS2, respectivamente. Ao total, foi detectado a presença de Síndrome metabólica em 214 pessoas. Estabelecendo uma relação entre aqueles que consomem tabaco ou não, foi estabelecido uma chance quatro vezes maior de possuir SM entre os fumantes (Leitão; Martins, 2012).

Os resultados deste estudo alinham-se com pesquisas anteriores, destacando a prevalência significativa da síndrome metabólica em diversas populações. Em outro trabalho houve o mesmo resultado, tendo associação ao sexo feminino e a presença de SM. A análise comparativa da prevalência da síndrome metabólica em diferentes estudos revela uma notável variabilidade nos resultados, ressaltando a complexidade dessa condição (Oliveira *et al.*, 2020). Outro estudo relatam taxas mais elevadas, apresentando números significativamente superiores. Essa disparidade pode ser atribuída a diferenças metodológicas, critérios de diagnóstico e características demográficas das populações investigadas (Oliveira; Souza; Lima, 2006).

A heterogeneidade nos métodos de avaliação dos componentes da síndrome metabólica, incluindo critérios de obesidade abdominal, pressão arterial e níveis de glicose, destaca a necessidade de padronização para permitir comparações mais robustas entre estudos. Portanto, ao interpretar e comparar estudos sobre a prevalência da síndrome metabólica, é crucial considerar as variáveis metodológicas e demográficas para extrair conclusões mais precisas e informar estratégias de prevenção e tratamento adaptadas a contextos específicos. Além disso, fatores socioeconômicos e culturais podem influenciar as taxas de prevalência, como análise de um estudo em uma área rural. Portanto, ao interpretar e comparar estudos sobre a prevalência da síndrome metabólica, é crucial considerar as variáveis metodológicas e demográficas para extrair conclusões mais precisas e informar estratégias de prevenção e tratamento adaptadas a contextos específicos (Haab; Benvegnú; Fischer, 2012).

4. CONCLUSÃO

Observa-se que a maioria eram do sexo feminino, tinham idade de 40 a 59 anos. Em relação ao diagnóstico clínico prévio de doenças, a maioria eram diabéticos e hipertensos. Ao analisar os hábitos de vida, a minoria fumava, porém, a maioria ingeria bebida alcoólica e eram sedentários.

Em relação aos critérios de síndrome metabólica, foi visto que a maioria dos usuários analisados não possuíam alterações. Contudo, verificou-se um índice elevado de casos com pressão arterial alterada. A prevalência para síndrome metabólica foi de 21,43% dos casos.

Referências

- BARBOSA, P.J.B. et al. Influência da Cor de Pele Auto-Referida na Prevalência da Síndrome Metabólica numa População Urbana do Brasil. **Arq. Bras. Cardiol**, v. 94, n. 1, p. 34-40, 2010.
- CAMPO GIMÉNEZ, M. et al. Síndrome metabólico y otros modificadores de riesgo cardiovascular en adultos hipertensos de 65 o menos años de edad. **Revista Clínica de Medicina de Familia**, v. 13, n. 3, p. 180-189, 2020.
- CASTANHO, G.K.F. et al. Consumo de frutas, verduras e legumes associados à Síndrome Metabólica e seus componentes em amostra populacional adulta. **Ciê. Saúde coletiva**. 2018. Disponível em < <https://doi.org/10.1590/S1413-81232013000200010>>. Acesso em: 13 nov. 2023.
- CHILLCCE, K.A.S. et al. Síndrome metabólica em paciente atendidos em um ambulatório de cardiologia em boa vista-RR. **Revista brasileira de obesidade, nutrição e emagrecimento**, v. 14, n. 90, p. 1130-1138, 2020.
- COSTA, A. C. O.; DUARTE, Y. A. O.; ANDRADE, F. B.. **Síndrome metabólica: inatividade física e desigualdades socioeconômicas entre idosos brasileiros não institucionalizados**. **Revista Brasileira de Epidemiologia** [online]. v. 23, e200046, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-549720200046>> Acesso em: 28 mai. 2024.
- DE JESUS, G.M. et al. Avaliação de Prevalência de doenças cardiovasculares em pacientes Diabéticos e Síndrome Metabólica. **Diálogos Interdisciplinares**, v. 10, n. 1, p. 293-301, 2021.
- FERREIRA, D.S. et al. Metabolismo da frutose e sua relação com a síndrome metabólica e esteatose hepática não alcoólica. **Revista Saúde UniToledo**, v. 2, n. 1, p. 93-103, 2018.
- FONSECA, G.A.A. et al. Prevalência de Síndrome Metabólica em pacientes atendidos na Estratégia de Saúde da Família de Barra do Garças, MT. **Revista De Ciências Médicas E Biológicas**, v. 11, n. 3, p. 290-295, 2012.
- HAAB, R.S.; BENVEGNÚ, L.A.; FISCHER, E.V. Prevalência de Síndrome Metabólica em uma área rural de Santa Rosa. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 23, p. 90-99, 2012.
- LEITÃO, M.P.C.; MARTINS, I.S. Prevalência e fatores associados à síndrome metabólica em usuários de Unidades Básicas de Saúde em São Paulo – SP. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 58, n. 1, p. 60-69, 2012.
- LIMA, R.O; SOUSA, J.W.P. Perfil epidemiológico de pacientes com fatores de risco para a síndrome metabólica em uma unidade básica de saúde de Teresina-PI. **Revista Interdisciplinar**, v. 9, n. 1. p-97-106, 2016.
- LOPES, L. S. N. et al.. METABOLIC SYNDROME: EXPERIENCES IN RELATION TO HEALTHCARE. **Texto & Contexto - Enfermagem**, v. 33, p. e20230190, 2024. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2023-0190pt>> Acesso em: 28 mai. 2024.
- MAGALHÃES, L.B.N.C. et al. Álcool e Síndrome metabólica: aplicação de um novo critério de definição para a população brasileira. **Research, Society na Development**, v. 9, n. 9, e920997471, 2020.
- MARTINI, F.A.N. et al. Hábito alimentar e síndrome metabólica em uma amostra de adultos brasileiros. **ALAN**, v. 6, n. 3, 2014.
- OLIVEIRA, E.P.; SOUZA, M.L.A.; LIMA, M.D.A. Prevalência de síndrome metabólica e uma área rural do semi-árido baiano. **Arq. Bras. Endocrinol. Metab.**, v. 50, p. 456-465, 2006.
- OLIVEIRA, L.V.A. et al. Prevalência da Síndrome Metabólica e seus componentes na população adulta brasileira. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 4269-4280, 2020.

RAMIRES, E.K.N.M. et al. Prevalência e Fatores Associados com a Síndrome Metabólica na População Adulta Brasileira: Pesquisa Nacional de Saúde – 2013. **Arq. Bras. Cardiol.**, v. 110, n. 5, p. 455-466, 2018.

RODRIGUES, M.C.R. et al. Prevalência e fatores associados à síndrome metabólica em população vulnerável do norte do Brasil: um estudo transversal. **J Hum growth Dev.**, v. 31, n. 2, p. 291-301, 2021.

SALAROLI, L.B. et al. Prevalência de Síndrome Metabólica em Estudo de Base Populacional, Vitória, ES – Brasil. **Arq. Bras. Endocrinol. Metab.**, v. 51, n. 7, p. 1143-1152, 2007.

SANTANA, A. I. C.; MERCES, M. C. DAS.; D'OLIVEIRA JÚNIOR, A.. Associação entre síndrome metabólica e categoria profissional: estudo transversal com profissionais de Enfermagem. **Revista Latino-Americana de Enfermagem** [online], v. 30, p. e3579, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1518-8345.5758.3579>> Acesso em: 28 mai. 2024.

SANTOS, F.A.A. et al. Nível de atividade física de lazer e sua associação com a prevalência de síndrome metabólica em adultos: estudo de base populacional. **Rev. Bras. Epidemiol.** 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1980-549720200070>>. Acesso em: 13 nov. 2023.

SANTOS, I. S. C. et al.. Intervenção educativa na qualidade de vida e conhecimento da síndrome metabólica. **Acta Paulista de Enfermagem** [online], v. 35, p. eAPE02982, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.37689/acta-ape/2022AO02982>> Acesso em: 28 mai. 2024.

SANTOS, I.S.C. et al. Intervenção educativa na qualidade de vida e conhecimento da síndrome metabólica. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 35, eAPE02982, 2022.

ANEXO I

QUESTIONÁRIO

Nome:

1. Sexo: () Masculino () Feminino

2. Idade :

3. Raça/Cor: () Branco () Preto () Amarelo () Pardo () Indígena () Outro

4. Escolaridade: () Analfabeto e/ou nunca estudou () Ensino fundamental incompleto () Ensino fundamental completo () Ensino médio incompleto () Ensino médio completo () Ensino superior incompleto () Ensino superior completo

5. Renda: () Até 1 salário-mínimo (R\$1.320) () Até 2 salários-mínimos (R\$ 2.640) () Maior ou igual a 3 salários-mínimos (R\$3.960)

6. Possui doenças prévias? () Sim () Não

6.1. Qual (is) doença(s) prévia(s)?

Diabetes: () Sim () Não

Hipertensão arterial: () Sim () Não

Cardiomiopatia não especificada: () Sim () Não

Câncer: () Sim () Não

Gastrite ou refluxo: () Sim () Não

AVE prévio: () Sim () Não

Síndrome dos Ovários Policísticos (SOP): () Sim () Não

Outras doenças:

7. Você fuma ou fumou? () Sim () Não

8. Você ingere bebida alcoólica () Sim () Não

9. Você faz exercício físico? () Sim () Não

9.1 Com qual frequência na semana você faz exercício físico?

() 1 vez () 2 vezes () 3 vezes () 4 vezes () 5 vezes () 6 vezes () 7 vezes

9.2 Qual tipo de exercício físico?

10. Ontem você consumiu verduras e/ou legumes? (não considerar batata, mandioca,aipim, macaxeira, cará e inhame) () Sim () Não

11. Ontem você consumiu hambúrguer e/ ou embutidos (presunto, mortadela, salame, linguiça, salsicha) ? () Sim () Não

12. Ontem você consumiu bebidas adoçadas (refrigerante, suco de caixinha, suco em pó, água de coco de caixinha, xaropes de guaraná/groselha, suco de fruta com adição de açúcar)?

() Sim () Não

13. Ontem você consumiu macarrão instantâneo, salgadinho de pacote ou biscoitos salgados?

() Sim () Não



14. Ontem você consumiu biscoito recheado, doces ou guloseimas (balas, pirulitos, chiclete, caramelo, gelatina) ? () Sim () Não
15. Pressão arterial em mmHg:
16. Circunferência abdominal em cm:
17. Glicemia de jejum em mg/dL:
18. Triglicerídeos em mg/dL:
19. Colesterol HDL em mg/dL:

ANEXO II

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Ceuma
Rua Josué Montello, nº01, Renascença II
São Luís - MA

PREVALÊNCIA DE SÍNDROME METABÓLICA DE USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO DO HIPERTENSO E DIABÉTICO

Você está sendo convidado a participar de um estudo de pesquisa que se destina a avaliar a prevalência e fatores associados à síndrome metabólica em adultos. A pesquisa é muito importante, pois tem objetivo de avaliar a prevalência e fatores associados à síndrome metabólica em adultos por meio da análise da prática de atividade física e hábitos alimentares.

A pesquisa será de natureza do tipo transversal quantitativa e será feita da seguinte maneira: será realizado uma avaliação através da utilização de um questionário para avaliar. Você contará com a assistência do pesquisador se necessário, em todas as etapas de sua participação na pesquisa.

Posteriormente será feito uma análise dos dados obtidos e estes serão expostos em gráficos e tabelas com legendas descritivas para uma melhor interpretação dos mesmos.

A pesquisa poderá oferecer riscos mínimos tais como cansaço ou constrangimento ao responder as perguntas. A coleta será realizada por profissionais habilitados e com os materiais necessários para a sua segurança. Ao aceitar participar da pesquisa, ainda que de maneira indireta: você estará contribuindo para a área da medicina, fornecendo dados científicos para áreas de saúde gerando avaliações e conhecimento acerca de compreensão em síndrome metabólica.

Sempre que você desejar serão fornecidos esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. A qualquer momento, você poderá recusar a continuar participando do estudo e, também, poderá retirar seu consentimento. Será garantido o sigilo quanto a sua identificação e das informações obtidas pela sua participação, exceto aos responsáveis pelo estudo, a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Você não será identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo.

Assinatura do(a) voluntário(a): _____

O objetivo desta obra é divulgar a Pesquisa em saúde e meio ambiente: uma perspectiva em atenção primária de saúde. Trata de diversas situações de conhecimentos dos profissionais da saúde em abordagens da saúde situada em unidade básica de saúde do Maranhão, que passa por áreas como perfil clínico, tratamento de hanseníase, anemia gestacional de gestantes, polifarmácia, caracterizado pelo uso excessivo de medicamentos educação de preventivo nas escola, dermatite atópica (DA) em crianças e ansiedade e, idosos, alimentação equilibrada e saudável ao convívio social para contribuir para bancos de dados do Estado do Maranhão.

Profa. Dra. Maria Raimunda Chagas Silva

